



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ANA PAULA PEREIRA

**A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E A NECESSIDADE
DE PERTENCIMENTO DAS MÃES DE PESSOAS COM
SURDEZ**

Londrina
2024

ANA PAULA PEREIRA

A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E A NECESSIDADE DE PERTENCIMENTO DAS MÃES DE PESSOAS COM SURDEZ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência em Informação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Compartilhamento da Informação e do Conhecimento.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Rosecler Alcará.

Financiamento: Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA).



Londrina
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

P436c Pereira, Ana Paula .

A competência em informação e a necessidade de pertencimento das mães de pessoas com surdez / Ana Paula Pereira. - Londrina, 2024.
300 f. : il.

Orientador: Adriana Rosecler Alcará.

Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Competência em informação - Tese. 2. Necessidade de pertencer - Tese. 3. Mães de pessoas com surdez - Tese. 4. Surdez - Tese. I. Alcará, Adriana Rosecler. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

CDU 02

ANA PAULA PEREIRA

A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E A NECESSIDADE DE PERTENCIMENTO DAS MÃES DE PESSOAS COM SURDEZ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência em Informação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

BANCA EXAMINADORA **Membros Titulares**

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Rosecler Alcará
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Prof. Dr. André Luís Onório Coneglian
Prefeitura do Município de Londrina

Profa. Dra. Marise Teles Condurú
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Profa. Dra. Sueli Bortolin
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Profa. Dra. Ilemar Christina Lansoni Wey Berti
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Membros Suplentes

Profa. Dra. Juliana Cardoso dos Santos
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Prof. Dr. João Arlindo dos Santos Neto
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof. Dr. Rovilson José da Silva
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Londrina, 13 de dezembro de 2024.

Para as mães (surdas e ouvintes) de pessoas com surdez.

AGRADECIMENTOS PESSOAIS E CIENTÍFICOS

“Até aqui nos ajudou o Senhor” (1 Samuel 7:12)

Primeiramente agradeço a Deus Pai que pode tudo, tudo, tudo. E até aqui nos ajudou. À Jesus Cristo, São José e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro por sua bondade, bênçãos e misericórdia infinitas. Gostaria de externar meus agradecimentos:

À minha família: meu pai Paulinho e minha mãe Márcia. Agradeço meu pai pelas infinitas vezes que me buscava na UEL quando eu estava cansada e minha mãe que com o “Sistema Márcia de Ensino” me apoiou para que eu não desistisse, principalmente com seus bilhetes motivacionais todos os dias. Muito obrigada pai e mãe por me acompanharem nesta aventura e pela companhia na viagem “inté” a Biblioteca Pública do Paraná (Curitiba).

Agradeço meus avós Jerônimo e dona Délia pelos ensinamentos de vida e meus avós Auta e Nelson pelas orações constantes. Minha avó Auta sempre encaminhava mensagens de fé e de esperança, com as melhores figurinhas no Whatsapp.

Agradeço minhas tias (tios, primas e primos) pelas risadas, pães e conversas no Whatsapp (na pandemia). Sair da rotina de estudos tornou-se um momento importante para descansar.

Não tenho palavras para agradecer a minha orientadora Professora Adriana Alcará por não desistir desta pesquisa e de mim com uma orientação cuidadosa, paciente e materna. Ela foi muito além das questões e relações profissionais, ensinando-me a ser uma pessoa mais humana e compreensiva e por todas as oportunidades de aprendizado que me ofereceu nestes quatro anos.

Agradeço de coração a banca examinadora pelas sugestões preciosas na qualificação, avaliação na defesa e correções elaboradas cuidadosamente e mais que pertinentes (professor André e professoras Marise, Sueli e Christina Berti).

Agradeço o professor André Coneglian por ser minha referência na área da surdez, pela motivação para continuar estudando e por ser uma inspiração para todos nós. À professora Marise Condurú pelas grandes reflexões promovidas na fase

final. À professora Sueli Bortolin por me acompanhar desde a graduação até aqui, tornando-se uma amiga que sempre tinha as melhores indicações de leitura e literatura infantil, parceira em artigos e outros textos, conversas no Whatsapp e por compartilhar seu amor pelos livros sem palavras. À professora Christina Berti pela sua própria experiência de mãe e também pelas suas pesquisas, especialmente sua dissertação servindo como base para nossos estudos. Agradeço também os membros suplentes pelo aceite: professora Juliana Cardoso dos Santos, professor João Arlindo (com dicas importantes na disciplina de Seminários Avançados) e professor Rovilson José da Silva.

Ao grupo de pesquisa Competência em Informação e Sociedade pelas reflexões e discussões levantadas no âmbito das deficiências, inclusão, acessibilidade e da competência em informação, fortalecendo nosso pertencimento científico e aprendizado.

Aos estudantes da minha turma de doutorado (Turma 2021) pelos conhecimentos compartilhados.

À Ana Maria Mendes Miranda pelas sugestões sempre criteriosas.

Aos estudantes de iniciação científica que coorientei: Andie Silveira da Silva, Nicole Zen Alves e Patrícia dos Santos Silva por entenderem e compreenderem minha falta de experiência e de conhecimento. Aprendi muito com vocês e com as suas pesquisas.

Agradeço imensamente a Zoraide Aparecida Gasparini pela parceria nos trabalhos das disciplinas, amizade e por me receber em sua casa de modo tão acolhedor em plena pandemia oferecendo seus recursos tecnológicos, café da tarde e carona até Ibiporã, entre outros. E também a Clarice Luzia Casoni pela amizade e por sempre se preocupar com minha saúde física e mental de uma forma carinhosa. Não posso deixar de agradecer-las por nos presentear com um café da manhã mais que incrível e lindo no dia da defesa.

Agradeço imensamente a Aurea Celeste Pires de Souza (Aurinha) e a Sandra Sanches da Cunha (parceiras e auxiliares desta pesquisa) pela amizade e auxílio na coleta dos dados das entrevistas com as mães: os dados mais relevantes são provenientes de suas inferências.

Também agradeço a Sandra Sanches pelas conversas sobre a Turma da Mônica entre outros pontos que temos em comum e a Aurinha pelas risadas no ônibus,

companhia quando trabalhei nas revistas, parceria em publicações, escuta sensível, orações constantes e por me emprestar seu computador na qualificação e na defesa entre outros tantos sinais de sua amizade.

Ao intérprete de Libras Erick pela mediação e sugestões na entrevista com a mãe surda.

À Márcia Crispim pela amizade desde a graduação em Biblioteconomia, conversas, apoio no processo seletivo para o Doutorado, por me ouvir e aconselhar, quando estava angustiada ou com medo.

Aos profissionais das instituições e a diretora pela abertura, acolhida e aceite em participar e contribuir com esta pesquisa e a Secretaria Municipal de Educação por nos conceder a autorização necessária para coleta dos dados.

Às duas mães (surda e ouvinte) que aceitaram participar das entrevistas e questionário, dividindo conosco suas histórias de luta e de vida. Agradeço a mãe ouvinte por compartilhar o desenho do Mr. Bean produzido por seu filho surdo.

À minha prima Débora pela mediação com a instituição especializada. A conexão que ela estabeleceu foi imprescindível.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UEL), professores (as) e a Universidade Estadual de Londrina.

À Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA) pela bolsa concedida que me permitiu estudar de uma forma mais confortável e realizar esta pesquisa.

Aos colegas e professores (Rogério e Brígida) que compõem e atuam nas revistas Informação & Informação e Informação @ Profissões, pela oportunidade de aprendizado e trabalho.

Quero estender meus agradecimentos aos meus médicos e enfermeiras da Unidade Básica de Saúde (UBS) do Jardim San Rafael por cuidarem da minha saúde.

Ao padre Luiz Senigalia do Programa Hoje é dia de Recomeçar (Rádio Alvorada) com quem rezava o Terço da Batalha e ao padre Marcelo Rossi e Dunga pelas orações nas segundas-feiras (Programa Batismo de Fogo da Rede Vida).

Meus cachorros Gina e Gino e minhas gatas Bebê e Chitara. Por me acompanharem em dias de alegria e tristeza.

Agradeço a todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa. Deus lhes abençoe grandemente!



Fonte Imagem: Pinterest.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Mônica abraçando o Cebolinha fortemente.

Com o objetivo de tornar a leitura mais acessível para pessoas com outros tipos de deficiências, apresentamos o recurso de Audiodescrição com a descrição das figuras presentes nesta pesquisa. A audiodescrição é útil para pessoas com deficiência visual, por exemplo. As descrições foram elaboradas pela proponente desta pesquisa sem o uso de Inteligência Artificial.

*A maior força do mundo
é o amor que uma mãe sente
A força de quem sorri
mesmo quando quer chorar.
Que escolhe se machucar
pro mundo não nos ferir.
Que nem pensa em desistir
não importa o que se enfrente*

(trecho de "A força de uma mãe" por Braúlio Bessa)

PEREIRA, Ana Paula. **A competência em informação e a necessidade de pertencimento das mães de pessoas com surdez**. 2024. 300 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

RESUMO

Discute a competência em informação e o aprendizado das mães de pessoas com surdez como fator de apoio para a necessidade de pertencimento, a partir da Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas, que integra a Teoria da Autodeterminação. Parte da hipótese de que a competência em informação é influenciada pela necessidade de pertencimento assim como o pertencimento também pode ser impactado pela competência em informação. Tem como objetivo analisar as relações entre a competência em informação e a necessidade de pertencimento das mães de pessoas com surdez. Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, com base em uma pesquisa de campo realizada com mães de pessoas com surdez e profissionais vinculados à uma instituição especializada na área da surdez e uma Associação de Pais e Amigos dos Surdos de um município localizado no norte do Paraná/BR. As técnicas de coleta de dados utilizadas foram: a entrevista semiestruturada e o questionário com questões abertas aplicado às mães surda e ouvinte, a entrevista gerativa de narrativa com uma questão gerativa de narrativa para os profissionais da instituição especializada e da Associação de Pais e a observação do evento comemorativo do Dia Nacional dos Surdos promovido pela instituição especializada, Associação de Pais e Secretaria da Educação. A técnica de análise dos dados adotada foi a análise categorial da análise de conteúdo de Bardin. Dentre os resultados constatou-se que as principais habilidades para a formação e o desenvolvimento da competência em informação das mães são: aprender e saber buscar e localizar informações sobre a surdez e outras questões (educação, direitos), aprender e saber lidar com necessidades e fontes informacionais, aprender e saber buscar o apoio de instituições especializadas na área da surdez, aprender a Língua Brasileira de Sinais em família e outras formas de comunicação e com isso fortalecer ainda mais o pertencimento. As principais variáveis identificadas que implicam no sentimento de pertencimento das mães surda e ouvinte estão: o estado emocional e psicológico, as experiências profissionais e de vida (ser surdo, ser mãe ouvinte ou surda, ter familiar surdo, atuar em uma instituição especializada), convivência com pessoas surdas, saber criar e manter laços afetivos, frequência, participação e envolvimento nas ações promovidas pela instituição. As variáveis do pertencimento influenciam a formação da competência em informação das mães quando apresentam dificuldades para lidar com o diagnóstico e com a surdez; necessidades informacionais e outras dificuldades que elas possuem; motivação para não desistir; contexto (entorno) em que as mães estão inseridas e suas condições econômicas; ambientes acolhedores e receptivos; oportunidades de compartilhar informações e experiências positivas e negativas; barreira comunicacional e barreira atitudinal; habilidade para manter relações saudáveis com os profissionais e outros familiares. Assim, com os resultados das quatro fontes de evidência e apoiando-se na fundamentação teórica, propõem-se 15 princípios para o desenvolvimento da competência em informação de mães surdas e ouvintes. Conclui-se que mães sem um sentido de pertencimento estabelecido terão mais dificuldades para estabelecer propósitos e objetivos ao longo da vida, já mães com sentimento de pertença fortalecido estarão mais inclinadas para o aprendizado e, por consequência, à desenvolver as habilidades da competência em informação.

Palavras-chave: Competência em informação. Necessidade de pertencer. Surdez. Mães de pessoas com surdez.

PEREIRA, Ana Paula. **Information literacy and the need for belonging among mothers of people with deafness**. 2024. 300 p. Thesis (Doctorate in Information Science) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

ABSTRACT

This study discusses information literacy and the learning of mothers of deaf people as a supporting factor for the need to belong, based on the Theory of Basic Psychological Needs, which is part of the Theory of Self-Determination. It is based on the hypothesis that information literacy is influenced by the need to belong, just as belonging can also be impacted by information literacy. Its objective is to analyze the relationships between information literacy and the need to belong of mothers of deaf people. This is a descriptive study with a qualitative approach, based on field research conducted with mothers of deaf people and professionals linked to an institution specialized in the area of deafness and an Association of Parents and Friends of the Deaf in a city located in northern Paraná/BR. The data collection techniques used were: semi-structured interviews and questionnaires with open questions applied to deaf and hearing mothers, generative narrative interviews with one generative narrative question for professionals from the specialized institution and the Parents' Association, and observation of the event commemorating National Day of the Deaf promoted by the specialized institution, the Parents' Association, and the Department of Education. The data analysis technique adopted was Bardin's categorical content analysis. Among the results, it was found that the main skills for the formation and development of mothers' information literacy are: learning and knowing how to search for and locate information about deafness and other issues (education, rights), learning and knowing how to deal with information needs and sources, learning and knowing how to seek support from specialized institutions in the area of deafness, learn Brazilian Sign Language as a family and other forms of communication, and thus further strengthening belonging. The main variables identified that affect the feeling of belonging of deaf and hearing mothers are: emotional and psychological state, professional and life experiences (being deaf, being a hearing or deaf mother, having a deaf family member, working in a specialized institution), coexistence with deaf people, knowing how to create and maintain emotional bonds, attendance, participation and involvement in the actions promoted by the institution. The variables of belonging influence the formation of information competence in mothers when they have difficulties in dealing with the diagnosis and deafness; information needs and other difficulties they have; motivation to not give up; context (environment) in which the mothers are inserted and their economic conditions; welcoming and receptive environments; opportunities to share information and positive and negative experiences; communication barriers and attitudinal barriers; ability to maintain healthy relationships with professionals and other family members. Thus, with the results of the four sources of evidence and supported by the theoretical foundation, 15 principles are proposed for the development of information competence in deaf and hearing mothers. It is concluded that mothers without an established sense of belonging will have more difficulty establishing purposes and objectives throughout life, while mothers with a strengthened sense of belonging will be more inclined to learn and, consequently, to develop information literacy skills.

Keywords: Information literacy. Need to belong. Deafness. Mothers of deaf people.

PEREIRA, Ana Paula. **Alfabetización informacional y necesidad de pertenencia entre madres de personas con sordera**. 2024. 300 p. Tesis (Doctorado en Ciencias de la Información) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

RESÚMEN

Se discute la alfabetización informacional y el aprendizaje de las madres de personas con sordera como factor de apoyo a la necesidad de pertenencia, sustentado en la Teoría de las Necesidades Psicológicas Básicas, la cual forma parte de la Teoría de la Autodeterminación. Se basa en la hipótesis de que la alfabetización informacional está influenciada por la necesidad de pertenencia, así como la pertenencia también puede verse afectada por la alfabetización informacional. Su objetivo es analizar las relaciones entre la alfabetización informacional y la necesidad de pertenencia entre madres de personas con sordera. Se trata de un estudio descriptivo con enfoque cualitativo, basado en una investigación de campo realizada con madres de personas sordas y profesionales vinculados a una institución especializada en el área de sordera y una Asociación de Padres y Amigos de Sordos de un municipio ubicado en norte de Paraná/BR. Las técnicas de recolección de datos utilizadas fueron: entrevistas semiestructuradas y cuestionarios con preguntas abiertas aplicadas a madres sordas y oyentes, entrevistas narrativas generativas con una pregunta narrativa generativa para profesionales de la institución especializada y la Asociación de Padres de Familia, y observación del evento conmemorativo Día Nacional del Sordo promovido por la institución especializada, Asociación de Padres de Familia y Secretaría de Educación. La técnica de análisis de datos adoptada fue el análisis categórico del análisis de contenido de Bardin. Entre los resultados se encontró que las principales habilidades para la formación y desarrollo de la alfabetización informacional de las madres son: aprender y saber buscar y localizar información sobre sordera y otros temas (educación, derechos), aprender y saber abordar con necesidades y fuentes de información, aprender y saber buscar apoyo en instituciones especializadas en el área de la sordera, aprender Lengua de Signos Brasileña en familia y otras formas de comunicación y así fortalecer aún más la pertenencia. Las principales variables identificadas que implican el sentimiento de pertenencia de las madres sordas y oyentes son: el estado emocional y psicológico, las experiencias profesionales y de vida (ser sordo, ser madre oyente o sorda, tener un familiar sordo, trabajar en una institución especializada), convivencia con personas sordas, saber crear y mantener vínculos afectivos, asistencia, participación e implicación en acciones promovidas por la institución. Las variables de pertenencia influyen en la formación de la alfabetización informacional de las madres cuando presentan dificultades para afrontar el diagnóstico y la sordera; necesidades de información y otras dificultades que tengan; motivación para no rendirse; contexto (entorno) en el que se insertan las madres y sus condiciones económicas; ambientes acogedores y receptivos; oportunidades para compartir información y experiencias positivas y negativas; barrera de comunicación y barrera actitudinal; capacidad de mantener relaciones saludables con profesionales y otros miembros de la familia. Así, con los resultados de las cuatro fuentes de evidencia y apoyados en la fundamentación teórica, se proponen 15 principios para el desarrollo de la alfabetización informacional en madres sordas y oyentes. Se concluye que las madres sin un sentido de pertenencia establecido tendrán más dificultades para establecer propósitos y objetivos a lo largo de la vida, mientras que las madres con un sentido de pertenencia fortalecido estarán más inclinadas a aprender y, en consecuencia, a desarrollar habilidades de alfabetización informacional.

Palabras-clave: Alfabetización informacional. Necesidad de pertenecer. Sordera. Madres de personas sordas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Proposta de interdisciplinaridade da CI nesta pesquisa.....	39
Figura 2 – Bases do conceito de informação.....	46
Figura 3 – Tirinha: Se alimentando de informação.....	50
Figura 4 – Genealogia da competência em informação.....	50
Figura 5 – Tirinha: Quantidade X Qualidade de informações.....	53
Figura 6 – Conceito de competência em informação.....	60
Figura 7 - Diagrama de Venn com o conceito CHAVE de competência em informação.....	62
Figura 8 – Fórmula da competência em informação.....	63
Figura 9 – Camadas da competência em informação.....	64
Figura 10 – Competência em informação: uma super-heroína?.....	65
Figura 11 – Patchwork das dimensões da competência em informação.....	71
Figura 12 – Presença da “micro dimensão inclusiva” nas quatro dimensões de Vitorino e Piantola.....	73
Figura 13 – Competência em informação, aprendizagem e responsabilidade social das mães de pessoas com surdez.....	74
Figura 14 – Os papéis das mulheres-mães.....	82
Figura 15 – Possíveis conflitos informacionais das mães de pessoas com surdez.....	83
Figura 16 – Identidade, Cultura, Comunidade e Povo Surdos.....	90
Figura 17 - Cece e a mãe.....	95
Figura 18 – Exemplos de objetos etiquetados em casa.....	96
Figura 19 – Os sete verbos dos papéis do bibliotecário multiplicador.....	109
Figura 20 – Conflitos do (a) bibliotecário (a) quando precisa lidar com a surdez....	111
Figura 21 – Habilidades técnicas e operacionais para a inserção do bibliotecário no contexto das mães de pessoas com surdez.....	114
Figura 22 – Habilidades cognitivas para a inserção do bibliotecário no contexto das mães de pessoas com surdez.....	119
Figura 23 – Habilidades comunicacionais, sociais e afetivas para a inserção do bibliotecário no contexto das mães de pessoas com surdez.....	121

Figura 24 – Deci e Ryan: proponentes da Teoria da Autodeterminação.....	139
Figura 25 – Modelo da Teoria da Autodeterminação.....	141
Figura 26 – As necessidades psicológicas básicas no contexto das mães de pessoas com surdez.....	143
Figura 27 – Buscando fortalecer o pertencimento.....	145
Figura 28 – Pertencimento das mães de pessoas com surdez: com quem e onde elas precisam criar laços?.....	150
Figura 29 – Bilhete (convite para entrevista com as mães).....	161
Figura 30 – Dois ângulos da mesa do café da manhã para as mães no dia da entrevista.....	162
Figura 31 – Lembrancinhas para as mães: porta-moedas.....	162
Figura 32 – Lembrancinhas para os participantes da questão gerativa de narrativa: Lápis, borracha e caderneta.....	165
Figura 33 – Lembrancinhas para os participantes da questão gerativa de narrativa: Lápis, borracha e caderneta.....	165
Figura 34 – Convite do Dia Nacional dos Surdos (instituição especializada em surdez, Associação de Pais e familiares de surdos e Secretaria Municipal de Educação.....	173
Figura 35 – Programação do Dia Nacional dos Surdos (Instituição especializada em surdez, Associação de Pais e familiares de surdos e Secretaria Municipal de Educação.....	173
Figura 36 – Apresentação dos professores (turma dos servidores).....	175
Figura 37 – Apresentação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) da turma da criança surda (filha surda da participante 1).....	179
Figura 38 – Exemplos de ações para desenvolver com as mães e filhos surdos na biblioteca.....	183
Figura 39 – Principais habilidades das mães de pessoas com surdez (mães surda e ouvinte participantes da pesquisa).....	188
Figura 40 – Questões emocionais e afetivas com o diagnóstico da surdez.....	192
Figura 41 – Objetos etiquetados da instituição especializada.....	185
Figura 42 – Laço azul e marca-página: lembranças do Dia Nacional dos Surdos realizado pela instituição especializada, Associação de Pais e Secretaria Municipal de	

Educação.....	195
Figura 43 – Jogos da memória para o filho surdo.....	205
Figura 44 – Jogo Quebra-cabeça para o filho surdo.....	205
Figura 45 – Boneca Mônica e bolsinha para a filha surda.....	206
Figura 46 – Presentes para a instituição: Livros sem palavras.....	207
Figura 47 – Presente para a instituição: jogo da memória com personagens com deficiência.....	208
Figura 48 – Mr. Bean desenhado pelo filho surdo.....	209
Figura 49 - Relações de pertença das mães ouvinte e surda.....	212
Figura 50 – Principais variáveis que influenciam a competência em informação das mães.....	227
Figura 51 – Cena da Peça de teatro: “A árvore surda” produzida e adaptada pela instituição especializada e a Associação de Pais.....	232
Figura 52 – Principais ações desenvolvidas pela instituição especializada e a Associação de Pais.....	232
Figura 53 – Apresentação final do Dia dos Surdos.....	233
Figura 54 – Habilidades para competência em informação que as mães estão desenvolvendo.....	238

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Elementos do Sociocognitismo e do Pertencimento.....	37
Quadro 2 – Aspectos da perspectiva sociocultural da competência em informação...	53
Quadro 3 – Habilidades técnicas e operacionais.....	99
Quadro 4 – Habilidades cognitivas.....	101
Quadro 5 – Habilidades comunicacionais, sociais e afetivas	104
Quadro 6 – Ações e práticas desenvolvidas pelas bibliotecas brasileiras no contexto da surdez.....	126
Quadro 7 – Estrutura de análise das entrevistas com as mães.....	167
Quadro 8 – Estrutura de análise das narrativas dos profissionais das instituições...	168

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AAI	Associação do Amor Inclusivo
ABA	Análise do Comportamento Aplicada
ABACI	Associação Baiana para Cultura e Inclusão
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACRL	Association of College and Research Libraries
AEE	Atendimento Educacional Especializado
ALA	American Library Association
Ateal	Associação Terapêutica de Estimulação Auditiva e de Linguagem
BERA	Brainstem Auditory Evoked Response
BPC	Benefício de Prestação Continuada
BPP	Biblioteca Pública do Paraná
CAE-DA	Centro de Atendimento Especializado na Área da Deficiência Auditiva
CAES-DA	Centro de Atendimento Especializado na Área da Surdez e Deficiência Auditiva
CHA	Conhecimentos, Habilidades e Atitudes
CHAVE	Conhecimentos, Habilidades, Atitudes, Valores e Entorno
CHAVES	Conhecimentos, Habilidades, Atitudes, Valores, Entorno e Sujeito
CI	Ciência da Informação
CoInfo	Competência em Informação
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
FUNDACC	Fundação Educacional e Cultural de Caraguatatuba
GAS	Grupo de Ação Social
Gedef	Grupo de Atuação Especial em Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência
HQ	História em Quadrinhos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
Libras	Língua Brasileira de Sinais
MP	Ministério Público

ODS	Objetivo de Desenvolvimento Sustentável
PcD	Pessoa com Deficiência
Secult	Secretaria de Cultura
SEDPD	Secretaria Especial dos Direitos da Pessoa com Deficiência
SEED	Secretaria de Estado da Educação
SJCDH	Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos
SM	Sujeitos multiplicadores da competência em informação
SMC	Secretaria Municipal de Cultura
SUS	Sistema Único de Saúde
TAD	Teoria da Autodeterminação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

ALGUMAS PALAVRAS ANTES DE INICIAR... COMO E POR QUE CHEGAMOS ATÉ AQUI?	22
1 INTRODUÇÃO	29
1.1 OBJETIVOS	42
1.1.1 Objetivo Geral.....	42
1.1.2 Objetivos Específicos.....	43
2 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO	44
2.1 CONCEITUAÇÃO E HISTÓRICO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	44
2.2 CONCEITUAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO	55
2.2.1 Competência em informação: em busca de Significados.....	57
3 HABILIDADES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E AÇÕES DOS SUJEITOS	77
3.1 A MATERNIDADE E A SURDEZ	78
3. 1. 1 Possíveis Necessidades e Conflitos Informativos das Mães de Pessoas com Surdez.....	82
3.2 HABILIDADES DAS MÃES DE PESSOAS COM SURDEZ	98
3.3 HABILIDADES E AÇÕES DO BIBLIOTECÁRIO	106
3.3.1 As Habilidades e ações do Bibliotecário na atuação com Mães de Pessoas com Surdez.....	113
3.3.2 Ações/práticas desenvolvidas em bibliotecas brasileiras no contexto da surdez.....	125
4 A MOTIVAÇÃO E A NECESSIDADE DE PERTENCIMENTO DAS MÃES DE PESSOAS COM SURDEZ	138
4.1 A TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO (TAD)	139
4.2 A NECESSIDADE DE PERTENCER E AS MÃES	146

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	155
5.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA E <i>LÓCUS</i> DA PESQUISA.....	155
5.2 TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS.....	159
5.3 TÉCNICA E ESTRATÉGIA PARA A ANÁLISE DOS DADOS.....	166
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	170
6.1 HABILIDADES INFORMACIONAIS DAS MÃES DE PESSOAS COM SURDEZ EM RELAÇÃO À COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO.....	170
6.1.1 Dificuldades para lidar com a informação.....	175
6.1.2 Compartilhamento de informações e habilidades das mães.....	181
6.2 VARIÁVEIS QUE IMPLICAM NA SATISFAÇÃO DA NECESSIDADE DE PERTENCIMENTO DAS MÃES DE PESSOAS COM SURDEZ.....	189
6.2.1 Sentimentos das mães e necessidade de pertencimento.....	189
6.2.2 Língua de Sinais e outras formas de comunicação e o pertencimento.....	193
6.2.3 Convivência e o pertencimento.....	197
6.3 RELAÇÃO DAS VARIÁVEIS DO PERTENCIMENTO COM A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DAS MÃES DE PESSOAS COM SURDEZ.....	202
6.3.1 Necessidades de informação e habilidades em situações cotidianas.....	203
6.3.2 Fontes de informação e pessoas da rede de apoio.....	212
6.3.3 Pessoas multiplicadoras da competência em informação no contexto da surdez.....	225
6.4 AÇÕES E PRINCÍPIOS PARA PROMOÇÃO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E DO PERTENCIMENTO DAS MÃES DE PESSOAS COM SURDEZ.....	228
6.4.1 Princípios para competência em informação das mães de pessoas com surdez.....	234
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	240
REFERÊNCIAS.....	249
APÊNDICES.....	282
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	284

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ENTREVISTA.....	289
Apêndice C – QUESTIONÁRIOS COMPLEMENTARES PARA AS MÃES SURDA E OUVINTE.....	290
Apêndice D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – QUESTIONÁRIO.....	294
APÊNDICE E – QUESTÃO GERATIVA DE NARRATIVA.....	296
Apêndice F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – QUESTÃO GERATIVA DE NARRATIVA.....	298
APÊNDICE G – ROTEIRO DA OBSERVAÇÃO DO DIA NACIONAL DOS SURDOS.....	300

ALGUMAS PALAVRAS ANTES DE INICIAR... COMO E POR QUE CHEGAMOS ATÉ AQUI?

(Peço licença a ABNT¹, pois nesta parte do trabalho optei por não seguir as normas rigorosamente: as figuras/ilustrações não estão numeradas). Uma pergunta ou curiosidade em relação à pesquisa é a escolha do tema. O motivo, seja de que ordem for, que nos levou a decidir pela nossa temática. Antes de tudo preciso dizer que não sou uma pessoa com deficiência (PcD), não sou uma pessoa surda (sou ouvinte²) e não sou mãe. Entretanto, a opção por este estudo faz parte de minha trajetória acadêmica e de experiências pessoais e reais. Isso me permitiu adentrar, conhecer e aprender um pouco mais sobre a surdez. E tentar compreendê-la sob diferentes contextos e perspectivas. Vou contar as principais aqui.

Tudo começou na graduação em Biblioteconomia na UEL quando decidi juntamente com minha orientadora Sueli Bortolin investigar a relação da leitura dos livros de imagem ou livros sem palavras para crianças surdas, dando ênfase no mediador e na mediação da literatura. Algum tempo depois optei por continuar pesquisando a surdez. Como no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) focamos mais na criança surda, pensei que poderia ampliar para outros contextos e ao me deparar com a dissertação de Berti (2014) intitulada: "Comportamento informacional de pais de crianças com Síndrome de Down", pensei em propor já no Mestrado em Ciência da Informação também na UEL o projeto: "Comportamento informacional de pais de crianças e adolescentes surdos". Posteriormente, em uma orientação, conversando com minha orientadora Adriana Rosecler Alcará, resolvemos pesquisar não mais o comportamento informacional e sim a competência em informação dos pais de surdos.

Nos resultados da dissertação, foi possível observar que algumas discussões poderiam ser mais exploradas, especialmente em relação ao pertencimento e à motivação, e por isso no doutorado escolhi focar nas mães e após alguns rascunhos desenhamos algo em torno das contribuições da necessidade de pertencimento para a competência em informação das mães de pessoas com surdez.

¹ Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)

² "O termo 'ouvinte' refere-se a todos aqueles que não compartilham as experiências visuais enquanto surdos." (Skliar; Quadros, 2000, p. 43). Os autores destacam que "[...] o termo 'ouvinte' em oposição a 'surdo' foi uma dicotomia criada pela própria comunidade surda." (Skliar; Quadros, 2000, p. 44).

Preciso voltar no tempo para contar outras experiências. Ainda na graduação, na disciplina de Libras ministrada pelo professor André Luís Onório Coneglian, assistimos o filme “E seu nome é Jonas”.

Foto do personagem Jonas (filme E seu nome é Jonas)



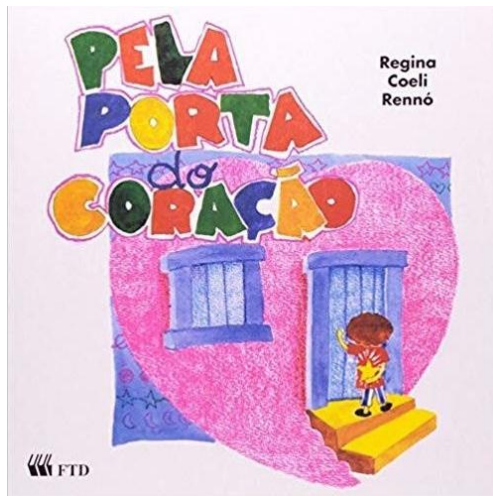
Fonte: Google Imagens.

Audiodescrição³ (Descrição da imagem): Protagonista do filme *E seu nome é Jonas*. Ele é um menino ruivo e está andando de bicicleta. Veste agasalho verde e azul com listras brancas e calça jeans e a bicicleta é azul. Possui o título do filme em inglês com letras verdes: *And your name is Jonah*.

Confesso que naquele momento não tinha a maturidade suficiente para entender os debates profundos que essa narrativa fílmica apresenta. Mas de certa forma, ela também contribuiu para o tema deste estudo, somado aos relatos da dissertação. Em determinado momento de “E seu nome é Jonas”, a personagem Jenny, mãe de um menino surdo, fica entre a cruz e a espada, é como se tivesse que escolher entre Jonas, o filho surdo, e o marido. Ela não pensa duas vezes e fica com o filho. O marido vai embora.

³ É preciso salientar que apresentamos o recurso de Audiodescrição com a descrição das figuras desta pesquisa com o objetivo de tornar a leitura mais acessível para pessoas com outros tipos de deficiências. A Audiodescrição é um recurso de acessibilidade para pessoas com deficiência visual por exemplo.

Capa do livro "Pela Porta do Coração"



Fonte: Rennó (1999).

Foi também nesta disciplina que tive a oportunidade de contar, em Libras, a história do livro sem palavras "Pela Porta do Coração" (da autora Regina Rennó). Foi uma experiência muito enriquecedora, mas devo confessar que sinalizar não é fácil. É preciso combinar as expressões faciais/corporais com os sinais, além de interpretar para que a *performance* seja coerente.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Capa do livro *Pela porta do Coração*. No canto esquerdo apresenta o título com letras coloridas, no canto direito o nome da autora: Regina Coeli Rennó. Mais ao centro: o desenho de um coração com janela e porta azuis e escada amarela onde está um menino batendo na porta com uma das mãos e na outra mão ele segura uma estrela amarela. Está vestindo camiseta vermelha e calça listrada. No canto esquerdo inferior está a editora: FTD.

Antes de ingressar no mestrado, tive o privilégio de assistir ao espetáculo "Metamorfose das borboletas", realizado no dia 26 de setembro⁴ de 2016 encerrando as atividades do VII Encontro Surdez e Cidadania em Ibiporã. Foi possível notar que esta peça, além de propiciar a inclusão de crianças e adolescentes surdos, com autismo, cadeirantes e ouvintes, buscou a participação efetiva com sua atuação e protagonismo. Não se tratou de um teatro realizado por ouvintes para pessoas surdas, por exemplo, mas um trabalho com atores surdos para familiares, professores, entre outros. Na foto a seguir podemos observar o contentamento na performance da atriz cadeirante.

⁴ Comemora-se o Dia Nacional dos Surdos em 26 de setembro porque esta é a data da Fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) (Coneglian, 2024).

Cena do Espetáculo "Metamorfose das borboletas"



Fonte: Encontro Surdez e Cidadania (2016)⁵.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Cena da peça teatral Metamorfose das Borboletas. Apresenta a representação de casulos gigantes e coloridos na parte superior. Na cena uma jovem cadeirante que veste vestido preto e tecido representando asas é empurrada por dois bailarinos com figurino cinza. Ao fundo um menino com asas está sentado.

Tocou-me bastante a reação do público aplaudindo de pé e o choro de uma mãe por estar feliz com a participação da filha que queria muito atuar. Esse relato ficou marcado na minha memória.

Também foi importante ter participado da Oficina "Contaço em Libras" em 2018 ministrada pelo grupo Mãos de Fadas. Outras atividades que gostaria de destacar foram as Oficinas de leitura inclusiva promovidas pela Fundação Dorina Nowill no Seminário de Ciência da Informação (SECIN) em 2022 e em 2024, na Biblioteca Pública de Londrina em 2023, sempre nos levando a refletir e ouvir a própria pessoa com deficiência.

Já no doutorado foi um divisor de águas o Curso "A Docência e a Libras no contexto inclusivo" (2022), ministrado pela professora Silvana Araújo que integra o

⁵ Foto do espetáculo apresentado no "Encontro Surdez e Cidadania" em 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=1810771415863938&set=a.1810768122530934>. Acesso em: 25 abr. 2024.

Núcleo de Acessibilidade (NAC) da UEL, especificamente pela professora apresentar toda sua vasta experiência com a surdez.

Mais recentemente tive a oportunidade de ser co-orientadora de iniciação científica em parceria com minha orientadora professora Adriana Alcará dos trabalhos intitulados: "Competência em informação para pessoas com deficiência em bibliotecas públicas da região Sul do Brasil" (2023-2024) e "Competência em informação para pessoas com deficiência auditiva: em foco os serviços informacionais inclusivos das bibliotecas universitárias" (2022-2023) ambos de Patricia dos Santos Silva.

Outros estudos que tive a oportunidade de coorientar com a profa Adriana foram: "Ações e práticas inclusivas do bibliotecário multiplicadores da competência em informação" (2021-2022) de Andie Silveira da Silva e "Habilidades do bibliotecário multiplicador da competência em informação para atuar em contextos inclusivos" (2021-2022) de Nicole Zen Alves. Todos no âmbito das deficiências e da competência em informação. Foi muito enriquecedor para meu aprendizado.

Em 2024, destaco a palestra promovida pela Secretaria de Educação de Ibiporã, intitulada: "Você está de olho no seu filho (a)? A importância da identificação dos sinais de alerta do TEA" ministrada pela professora Dra. Silvia Murari e pelo psicólogo especialista Leonardo Martins. A experiência de profissionais de outra área, no caso a Psicologia, agrega e muito, porque são outras formas de percepção, embora com ênfase no Transtorno do Espectro Autista. Neste caso, as orientações dadas aos familiares são importantes, principalmente quando o psicólogo enfatizou que a luta dos pais, é uma luta política.

Também em 2024, ao participar da 2ª edição do Projeto "Livro Aberto⁶: convite para ler pessoas" na Biblioteca Pública Municipal Professor Pedro Viriato Parigot de Souza de Londrina, pude conhecer a história real do livro humano "Essa sou eu", no caso, a história de vida da Alessandra, mãe da Isadora, uma adolescente com deficiência intelectual, me fez perceber que em vários pontos os desafios de mães de pessoas com deficiência são similares, principalmente quando ela ressaltou a importância de fortalecer o sentimento de pertencimento. A 3ª edição deste projeto aconteceu na Biblioteca Pública Lupércio Luppi (localizada na zona norte de Londrina) e na ocasião ouvi o relato do livro humano "Casa de autistas" em que Sayd Caetê

⁶ Instagram: @Livroaberto.Londrina. Disponível em: <https://www.instagram.com/livroaberto.londrina/>.

conta suas experiências de pai de autistas. Percebi que muitos dos desafios de pais e mães atípicos se assemelham.

Considero necessário destacar o programa “Falas de Acesso” exibido pela Rede Globo no dia 23 de setembro de 2024 que foi produzido com base no lema “Nada sobre nós sem nós”. Já nos “quarenta e seis do segundo tempo”, complementei essa “bagagem” visitando a Biblioteca Pública do Paraná (BPP), que fica localizada em Curitiba. Esta instituição é considerada referência em termos de acessibilidade. Fui conhecer a atividade desenvolvida em comemoração ao Dia Nacional do Surdos. Para minha surpresa, a BPP possui uma profissional surda que atua na Seção Braille. Conversamos um pouco, pois ela é oralizada e foi muito gentil comigo.

Foto do Painel da Exposição em Comemoração ao Dia Nacional do Surdo na Biblioteca Pública do Paraná



Fonte: Arquivo pessoal da proponente da pesquisa (2024).

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Foto do painel com as atividades do Dia Nacional do Surdos realizado na Biblioteca Pública do Paraná.

Gostaria de finalizar com uma obra da artista surda Nancy Rourke intitulada “LOVE ASL Butterfly”, e dizer que influenciamos e somos influenciados (as) por diferentes pesquisas e pessoas, mas, principalmente, pelas experiências que nos permitimos viver. É com essa bagagem que chegamos aqui para estudar três temas base: a competência em informação, a necessidade de pertencer e as mães de pessoas com surdez.

Obra "LOVE ASL Butterfly"



Fonte: Nancy Rourke, artista surda⁷

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Obra da artista surda Nancy Rourke, intitulada LOVE ASL Butterfly. Representa uma borboleta colorida nas cores azul, vermelho, branco, amarelo e preto. Nas asas da borboleta estão desenhos de mãos que sinalizam em Língua de Sinais e alguns olhos.

⁷ Disponível em: <https://www.nancyrourke.com/paintings/deaf/loveaslbutterfly.jpg>

1 INTRODUÇÃO

A competência em informação (CoInfo) pode ser vista como um processo de aprendizagem contínuo (De Lucca, 2019; Nascimento; Mata, 2021), a ser desenvolvido pelos sujeitos de modo reflexivo, criativo, autônomo e independente, mas que também pode ser produto da interação com a informação na coletividade. Ela representa um conjunto de habilidades para lidar com a informação (ACRL, 2016), construído ao longo da vida e que pode ser desenvolvido e fortalecido por práticas educativas e na partilha com outras pessoas.

Quando nos referimos às mães de pessoas com surdez⁸, por exemplo, elas tendem a aprender se relacionando com outras mães que estão passando por situações semelhantes, além do que, há de se ressaltar a importância dos profissionais da saúde, educação, informação, entre outros, desde o momento do diagnóstico da surdez, sendo necessário que esses profissionais saibam como prepará-las, assim como ofereçam apoio, orientação e informação.

Como já constatado em pesquisa anterior (Pereira, 2020), os pais e mães podem e precisam aprender e ensinar. Como? Compartilhando informação, conhecimento e experiências em relação à surdez junto com outros pais, com outras mães, com os filhos surdos e em parceria com a escola. Tal criação de vínculos pode ser associada à necessidade de pertencer, que, resumidamente, consiste na criação de laços entre as pessoas. Assim sendo, ao constituir relacionamentos elas tendem a se sentir parte de um grupo e isso pode promover atitudes para buscar, compartilhar, usar e se apropriar da informação, impulsionando-as a aprender e, conseqüentemente, formar e desenvolver as habilidades para a competência em informação.

O estudo de Pereira (2020) também identificou que no papel de usuários

⁸ Neste estudo adotamos a expressão pessoa com surdez ao invés de utilizar o termo surdo (sozinho), porque aprendemos com a professora Faria (2020) na Live: "A biblioteca e a pessoa com deficiência" que a pessoa vem antes da deficiência (Webconceb, 2020; Convenção da Pessoa com Deficiência, 2006 citado por Resende, 2008), neste caso a pessoa precede a surdez. Porém, é importante ressaltar que existe uma diferença entre a surdez e a deficiência auditiva. No Curso "A docência e a Libras no contexto inclusivo", aprendemos que basicamente a diferença entre uma pessoa surda e uma pessoa com deficiência auditiva (para além do grau da surdez) está na forma como elas mesmas se percebem e se identificam. As pessoas surdas são um grupo linguístico e possuem uma cultura visual. Elas se aceitam e se reconhecem como membros da cultura surda. As pessoas com deficiência auditiva são oralizadas, geralmente não gostam de usar a Língua de Sinais e não se identificam como sendo surdas (Silva S., 2022).

da informação, os pais e mães utilizam a informação para aprender sobre a surdez e para tal precisam saber mobilizar habilidades da competência em informação, e assim ter condições de estreitar os vínculos com outros sujeitos. Segundo Dulzaides Iglesias e Molina Gómez (2007, p. 68, tradução nossa) o “[...] indivíduo competente em informação é aquele que aprendeu a aprender, é aquele que sabe como aprender, sabe como a informação se organiza, como encontrar e utilizar a informação de modo que outros possam aprender com ele.” Nesse sentido, ao lidar com a informação para aprender sobre a surdez, as mães podem desenvolver novas habilidades e, por consequência, multiplicá-las com outros indivíduos.

Desse modo, elas precisam acreditar nas suas habilidades informacionais e com isso estabelecer objetivos de vida, pois, conforme demonstra a Teoria da Autodeterminação (TAD), proposta por Deci e Ryan, “[...] o processo e conteúdo de busca de metas faz a diferença para o desempenho e bem-estar” do indivíduo (Deci; Ryan, 2000, p. 247, tradução nossa). Nesse aspecto, a busca por informação e a aprendizagem podem gerar bem-estar e ser satisfatório para a qualidade de vida das pessoas.

A Teoria da Autodeterminação dá base para uma compreensão tanto da motivação intrínseca quanto da motivação extrínseca, impactando as ações e as relações dos indivíduos. Na perspectiva dessa teoria as pessoas buscam objetivos e relacionamentos para sanar suas necessidades psicológicas básicas e o sucesso nesta busca será benéfico para o seu bem-estar psicológico (Deci; Ryan, 2000). Mais especificamente a Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas, que integra a TAD, pode contribuir para a compreensão de aspectos que influenciam no pertencimento e na competência em informação, pois ambas estão associadas. Por exemplo, as mães precisam sentir o desejo de continuar aprendendo uma nova Língua (a Língua de Sinais) ou um outro modo de comunicação, aprender sobre leis e direitos dos filhos surdos, se identificar com o papel de mãe de uma pessoa com surdez, enfim, aprender que a informação tende a levá-las a saída da situação de vulnerabilidade informacional. Este tipo de vulnerabilidade geralmente ocorre por falta ou excesso de informações, desconhecimento ou sentimentos conflituosos e por vezes paralisantes.

Nessa linha de pensamento, Santos, Lima e Freire (2019, p. 131) explicam que “[...] a falta de informação, ou mesmo a disseminação de informações

errôneas, favorece a ignorância, o preconceito, a aversão e a negação do que é diferente”. O contato com uma quantidade excessiva de informações ou a existência de informações incorretas pode levar as mães a negarem as condições físicas, cognitivas e/ou sensoriais dos seus filhos.

Entendemos que tanto as mães quanto seus filhos surdos precisam de informação, cuidado e acolhimento, fatores primordiais para o despertar da necessidade de pertencer e da vontade de aprender. Considerando que a competência em informação é um conjunto de habilidades, que somadas, abarcam desde a reflexão sobre a informação até o seu uso para criar novos conhecimentos e participar de redes de aprendizagem (ACRL, 2016).

Nosso foco volta-se para a proposta da ACRL (2016) e também do *Chartered Institute of Library and Information Professionals* (CILIP, 2020) ao considerar que:

A competência em informação permite que os indivíduos adquiram e desenvolvam a sua compreensão do mundo que lhes rodeia; que conheçam pontos de vista fundamentados; que, quando se apropriam da informação, desafiam de forma credível e embasada suposições e crenças (incluindo as suas próprias) e até mesmo autoridade; que reconheçam preconceitos e desinformação; e que, desta forma, sejam cidadãos comprometidos, para participar plenamente na vida e na sociedade democráticas. (CILIP, 2020, p. 2, tradução nossa).

Fazendo um *link* com nosso tema, se considerarmos as mães de pessoas com surdez, por exemplo, nesta perspectiva da CILIP (2020), conforme elas potencializam suas habilidades informacionais, ampliam-se as condições de compreender o mundo e a própria surdez, conhecer e respeitar diferentes pontos de vista e ter argumentos para questioná-los, saber como lidar com preconceitos e *fake news* para ter condições de conduzir suas próprias vidas e, por decorrência, a vida de seus filhos.

No decorrer desta pesquisa, trataremos vários conceitos da competência em informação. Porém, para este estudo assumimos três abordagens conceituais: 1) competência em informação como um conjunto de habilidades que requer reflexão e ética (ACRL, 2016); 2) competência em informação como um processo de desenvolvimento humano (Vitorino, 2022) e 3) competência em informação como um processo de aprendizagem (Uribe Tirado, 2009).

Acreditamos que a forma como as mães se relacionam com a informação, o que elas sabem ou não e o sentimento de pertencimento, precisam ser estudados, explorados e fundamentados de modo mais aprofundado, e nesse sentido, esta pesquisa pode contribuir ao discutir a competência em informação como um processo que proporcionará o aprendizado contínuo das mães e o próprio pertencer. Além disso, elas podem formar um conjunto de habilidades e neste processo se desenvolver.

Discutir a surdez no âmbito da família, é tratar de situação muitas vezes delicada e complexa, principalmente no primeiro momento, isto é, no diagnóstico. As mães ouvintes, na maioria das vezes, não possuem informações sobre o mundo das pessoas surdas e isso intensifica a sensação de medo e insegurança diante do desconhecido. É comum que elas precisem seguir sozinhas, pois em alguns casos os pais abandonam a família. Soma-se a isso o fato de que vivemos em uma sociedade patriarcal⁹, que potencializa a ideia de que: é a mulher que cuida, é a mulher que alimenta, é a mulher que se responsabiliza, é a mulher que acompanha, é a mulher que é a “culpada” pela deficiência da criança.

Na história da humanidade a classe feminina sempre teve o papel fundamental na estrutura da família, como cuidadoras dos componentes, principalmente das crianças. Hoje mesmo com a emancipação da mulher, em termos de trabalho e todos os direitos adquiridos, ainda assim assumem uma posição de liderança no tocante a cuidados, proteção e tudo o que envolve seu lar. Quando uma situação compromete o equilíbrio de sua criança, ela se desdobra para manter tudo o que conquistou e ainda dar atenção necessária ao problema e quando não é suficiente, a mãe deixa as conquistas pessoais, para se dedicar inteiramente aos seus filhos. (Silveira, 2015, p. 31).

Isso também ocorre no contexto da surdez. É uma dedicação quase que exclusiva para o filho surdo, ao mesmo tempo em que a mãe precisa amparar os outros filhos, cuidar dos afazeres domésticos, entre muitos outros. Assim, para que tenham mais independência e condições de lidar e aprender sobre a surdez, precisarão se sentirem motivadas a buscar informações, dialogar com outras mães e persistir mesmo diante das dificuldades no aprendizado de uma nova Língua (a Língua de Sinais), ao mesmo tempo em que cada informação nova gera a necessidade por mais

⁹ Em poucas palavras a sociedade é patriarcal porque no capitalismo existe uma relação desigual na distribuição dos papéis entre homens e mulheres. O fato de ser mulher já a coloca uma situação de desvantagem (Miranda, 2024).

informações.

Concordamos com Vitorino e Piantola (2009, p. 137) quando defendem que a competência em informação é produto

[...] de uma relação muito mais complexa com a informação do que aquela proposta pelas normas e modelos tradicionais, que envolveria aspectos objetivos, ligados às habilidades técnicas e à competência crítica, e aspectos subjetivos, os quais abrangem fatores como experiência pessoal, inspiração, criatividade e motivação, sem os quais as práticas de aprendizado ao longo da vida dificilmente podem ser vislumbradas.

Conforme as autoras, para a aprendizagem acontecer durante a vida da pessoa são necessários elementos como a experiência de vida, a inspiração, a criatividade, a motivação, e a necessidade de pertencer e não é tão simples quanto parece. Considerando o fator motivacional, como já dito, nos apoiamos na Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas, uma microteoria que compõe a Teoria da Autodeterminação (TAD). Alcará (2011) resumiu as três necessidades psicológicas básicas da teoria de Deci e Ryan: autonomia, competência e pertencimento e que impactam a motivação:

a) *Necessidade de autonomia* (as pessoas acreditam naturalmente que são capazes de realizar uma atividade por vontade própria e não por pressões externas); b) *necessidade de competência* (capacidade da pessoa interagir satisfatoriamente com o seu meio); c) *necessidade de pertencer ou de estabelecer vínculos* (percepção de pertencer ou de fazer parte) (Alcará, 2011, p. 20).

No contexto da surdez, entendemos que as necessidades psicológicas de autonomia, competência e pertencimento de algum modo influenciam a competência em informação, quando as mães acreditam que podem buscar uma informação e aprender por sua própria vontade de forma natural mesmo sem influências externas, que podem interagir com a informação de maneira satisfatória ao se apropriarem, compartilhando-a com outras pessoas.

Concordamos com Crisostomo, Grossi e Souza (2019) quando afirmam que é importante entender como as mães lidam com a aceitação da surdez e as dificuldades que enfrentam. Nesse sentido, lidar com a informação é um destes desafios enfrentados por elas. Assim, o processo da competência em informação pode ser favorável desde a aceitação, na lida com os desafios e na própria aprendizagem, o que está diretamente atrelado à forma como elas conseguem se relacionar com a

informação, com os profissionais (neste caso o bibliotecário), com as ambiências informacionais (considerando aqui a biblioteca, a escola, o museu, entre outras), com as fontes de informação produzidas por grupos de mães presenciais e virtuais e os coletivos que tem um papel primordial na sociedade.

Em relação aos coletivos de mães, podemos citar como exemplo a atuação do coletivo “Mães eficientes somos nós” do Estado do Espírito Santo (Brasil):

O coletivo de mães surgiu no ano de 2016, como reflexo da pouca estrutura oferecida aos estudantes [...] a princípio reivindicavam a contratação de estagiários/apoios, com o tempo, a atuação do coletivo se ampliou, mobilizando a sociedade e a opinião pública em prol dos direitos dos estudantes [...] em todo Estado. (Pantaleão; Emílio, 2023, local. 2)

Os coletivos de mães são essenciais porque podem promover o sentimento de pertencimento. Entendemos que as mães de pessoas com surdez precisam se sentir integradas, aceitas e incluídas para que tenham condições de motivar outras mães, para juntas poderem multiplicar o conhecimento obtido nos ambientes: real ou virtual, configurando-se como uma “comunidade de aprendizagem” que pode contar com o trabalho e as habilidades de profissionais das instituições especializadas na área da surdez e associações de pais ou até mesmo do bibliotecário. Dessa maneira, este estudo irá focar predominantemente na necessidade psicológica básica de pertencimento, que tende a impactar na motivação e na competência em informação das mães e de profissionais. Assim, a questão que norteou nossa pesquisa está centrada na seguinte pergunta: **Como ocorre a influência do pertencimento na competência em informação das mães de pessoas com surdez?**

Com base nisso, temos como **pressupostos** que: 1) pessoas que são motivadas para aprendizagem tendem a não desistir facilmente diante das dificuldades, se envolvendo nas atividades ao mesmo tempo em que cada informação satisfaz parcialmente ou gera a necessidade por mais informações; 2) quanto mais as pessoas (mães surdas ou ouvintes) têm sua necessidade de pertencimento satisfeita, mais elas tendem a desenvolver a competência em informação, tornando-se mais reflexivas e conscientes sobre sua própria aprendizagem, levando-as à buscar informação em qualquer circunstância e partilhar na coletividade. Assim também mães que têm a sensação de pertença satisfeita podem formar e desenvolver a competência em informação. Dessa maneira, elas podem “[...] lidar de forma inteligente com a

informação; [...] aplicar a informação em situações pessoais ou profissionais do seu dia a dia; e [...] saber como aplicar a informação para solucionar problemas ou para ampliar os seus conhecimentos” (Gama, 2013, p. 90), tornando-se aprendizes, ao longo da vida. Considerando portanto que:

a) A competência em informação pode se constituir como um processo de aprendizagem contínuo e coletivo entre as mães de pessoas com surdez e os diferentes atores sociais e, a partir da formação de suas habilidades informacionais, elas tendem a multiplicar e compartilhar experiências e vivências¹⁰ de informação e conhecimento, mais próximas da inclusão e mais distantes do medo e do preconceito;

b) Quanto mais as mães se sentem pertencentes e integradas, maiores as chances para aprender e desenvolver habilidades. Assim também, quanto mais elas vão constituindo habilidades, aumentam as possibilidades de satisfazer a necessidade de pertencimento, o que tende a fortalecer a competência em informação.

c) As mães utilizam a informação para aprender e esse aprendizado deve ser contínuo de modo que atenda suas necessidades pessoais, psicológicas, informacionais e as necessidades dos filhos surdos. Acreditamos também que em determinados contextos as mães têm habilidades para lidar com a informação, mas não se sentem pertencentes à comunidade surda ou motivadas a compartilhar a informação com outras mães e isso pode se refletir na multiplicação de conhecimento de modo que sem o compartilhamento o ciclo informacional não se completa e

d) Diversos profissionais podem auxiliar na formação da competência em informação das mães surdas e ouvintes. Podemos citar como exemplo o bibliotecário quando desenvolve ações com os familiares de pessoas com surdez ou aqueles que integram instituições especializadas (centros e associações de pais) e se relacionam cotidianamente com as mães. Estas pessoas também estão fortalecendo o pertencimento e desenvolvendo habilidades ao lidar tanto com as mães quanto com os filhos.

¹⁰ Segundo Graneiro (2021, local. parágrafos 1 e 2): “Apesar de serem confundidas, vivência e experiência são coisas distintas. Para começar, a experiência é sempre individual, mas a vivência pode ser coletiva. Um grupo de pessoas pode ter a mesma vivência, mas cada um pode ter experiências completamente diferentes. A vivência é cognitiva, já a experiência é psicológica. Assistir um filme no cinema e entender o seu enredo é uma vivência coletiva e cognitiva, já os sentidos dados ao filme e sensações vividas enquanto o assistia são parte do campo da experiência.”

Estabelecemos uma **hipótese** para esta pesquisa: A competência em informação é influenciada pela necessidade de pertencimento assim como o pertencimento também pode ser impactado pela competência em informação e essa relação tende a fortalecer o aprofundamento teórico de ambas. Nesse contexto, entender como a necessidade de pertencimento influencia a competência em informação e vice-versa nos permitiu elencar as habilidades, ações e princípios que possam impulsionar tal processo, o que possibilitou entender melhor a própria competência em informação.

Vale ressaltar que, para além da formação das habilidades da competência em informação, a pessoa precisa se sentir pertencente a determinado grupo ou ambiente, pois isso reflete-se na sua motivação, de modo que seja influenciada por tal sentimento. (Pereira, 2020; Pereira; Alcará, 2019; 2020; 2021).

Entendemos que esta hipótese é também uma hipótese teórica para a Ciência da Informação (CI), uma vez que, conforme as mães se sentem pertencentes, tendem a se aproximar da informação com mais facilidade, podendo aprender, se fortalecer e assim ensinar outras mães de pessoas com surdez ou outras pessoas. Com isso, a Ciência da Informação pode ser favorecida ao compreender as relações afetivas e emocionais que impactam tanto a competência em informação, quanto a aprendizagem. Isso possibilita a práxis e nos leva à reflexão sobre a teorização da competência em informação.

Com vistas a contextualizar a situação da surdez no Brasil, observamos, com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que

[...] 5% da população brasileira é composta de pessoas que apresentam alguma deficiência auditiva. Essa porcentagem significa que mais de 10 milhões de cidadãos apresentam a deficiência e 2,7 milhões têm surdez profunda, ou seja, não escutam nada (Lemos, 2023, local. 1).

Estes números indicam que, somente no Brasil, existe um significativo número pessoas surdas e com deficiência auditiva. Os casos de surdez genética/hereditária estão entre 5 a 10% dos casos de surdez. Os autores classificam a surdez em pré-natal (antes do nascimento); peri-natal (durante o parto, exemplo: algum trauma) e pós-natal (após o nascimento). Ou seja, a pessoa poderá nascer com surdez ou ficar surda ao longo da vida. Dependendo da idade, ela precisará contar com o apoio de familiares, principalmente das mães. Quando isso acontece, as mães

de pessoas com surdez precisam se sentir aptas para continuar aprendendo a partir da informação e assim formar e desenvolver as habilidades informacionais.

Ainda que se encontrem em situação de vulnerabilidade informacional (quando a informação se torna uma dificuldade na vida das pessoas, deixando-as fragilizadas) elas podem atuar como consumidoras e produtoras de informação, isto é, “prosumidoras” (Borges, 2018), tornando-se multiplicadoras de informação e conhecimento. Vale ressaltar que indivíduos desmotivados tendem a desistir de seus propósitos e isso pode prejudicar a apropriação da informação¹¹. O fator “psicológico” é preponderante e deve ser considerado na competência em informação.

É preciso salientar que nesta pesquisa adotamos o paradigma social da Ciência da Informação, cujo foco é

[...] a investigação da complexidade da informação para as pessoas, entendendo que elas sofrem influências da dinâmica social, dos momentos históricos, das comunidades, organizações e culturas em que estão incluídas e também imprimem suas marcações nos diferentes contextos, constituindo-se elementos intervenientes do comportamento humano (Berti, 2014, p. 43).

Considerando a proposta de Berti (2014) de que as pessoas são influenciadas, acreditamos que elas também podem influenciar com base nas informações que recebem, possuem e disseminam. No Quadro 1, apresentamos algumas características do Sociocognitismo e do Pertencimento Social que nortearam o presente estudo.

Quadro 1 – Elementos do Sociocognitismo e do Pertencimento

	Sociocognitismo	Pertencimento
O que é	É uma abordagem segundo a qual “[...] os seres humanos desenvolvem seus critérios de seleção e relevância das informações socialmente, em conjunto com outros e não isoladamente” (Araújo, 2010, p. 05)	As pessoas têm a necessidade de estarem vinculadas umas às outras. É uma necessidade existencial e traz benefícios para saúde.
Principais autores/teóricos	Capurro; Frohmann; Hjørland e Albrechtsen	Deci e Ryan

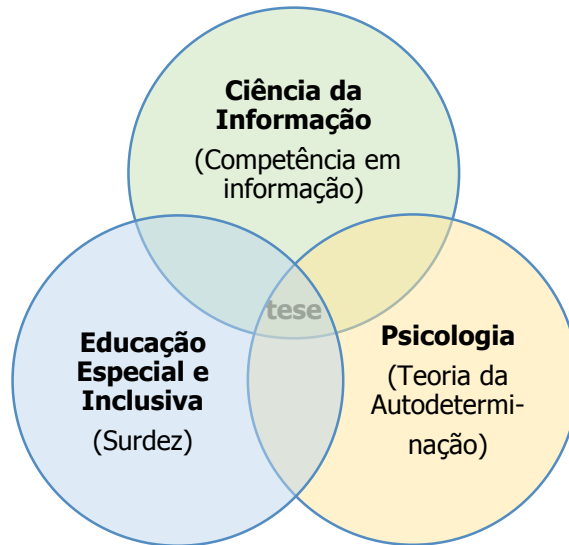
¹¹ A apropriação da informação é a ação de “[...] apoderar-se e atribuir significados aos conteúdos nos mais variados ambientes e suportes, com o intuito de suprir necessidades simples ou complexas, de cunho profissional, educacional, psicológica e cultural, podendo repercutir em uma alteração no arcabouço cognitivo do cidadão, bem como na produção de sentidos” (Santos Neto; Bortolin; Almeida Júnior, 2017, p. [14]).

<p>Características</p>	<p>assume que “[...] o conhecimento resulta da interação do homem como o meio sociocultural circundante [...]” (Manhique; Casarin, 2019, p. 164)</p> <p>denominada <i>domain analysis</i> “[...] propõe que os estudos dos campos devem estar sempre relacionados às práticas específicas das comunidades discursivas [...]” (Manhique; Casarin, 2019, p. 165),</p> <p>“No domínio analítico e perspectiva sócio-cognitiva as necessidades de informação são causadas por fatores sociais e culturais” (Hjørland, 2002, p. 263, tradução nossa).</p> <p>Considera as “[...] questões psicológicas (para ver o conhecimento individual em uma perspectiva histórica, cultural e social) (Hjørland, 2002, p. 268, tradução nossa).</p> <p>“Um tema central em uma perspectiva sociocultural é como o desenvolvimento coletivo do conhecimento em diferentes práticas sociais define os pré-requisitos para a aprendizagem individual (Sundin; Johannisson, 2005, p. 35).</p>	<p>Tem como princípio a Psicologia Social Crítica segundo a qual é “[...] condição básica de todos os sujeitos a sua inclusão em um grupo, a sua valorização, os desejos e os sentimentos que cada um traz ao ficar impossibilitado de participação na sociedade [...]” (Tavares; 2014, p. 181)</p>
<p>Competência em informação</p>	<p>“[...] as bases teóricas e o âmbito de aplicação da competência informacional devem ser ajustados às dinâmicas do contexto socioeconômico e político, de forma que a aprendizagem fomentada contribua para potencializar a consciência crítica” (Manhique; Casarin, 2019, p. 165).</p>	<p>Quanto maior o pertencimento, maior será a chance de desenvolver novas habilidades informacionais</p>
<p>Surdez</p>	<p>A comunidade surda pode ser concebida como uma comunidade</p>	<p>As mães precisam criar laços e se relacionar com outras pessoas</p>

Fonte: Elaborado com base em pesquisas anteriores.

Este estudo também advém de uma relação tríade que estabelecemos entre a Ciência da Informação (e em nível específico a competência em informação), a Psicologia (e neste aspecto temos como base a Teoria da Autodeterminação) e, finalmente, a Educação Especial e Inclusiva (com os estudos sobre as pessoas com deficiência, pessoas com surdez e a própria surdez) (Figura 1).

Figura 1 – Proposta de interdisciplinaridade da CI nesta pesquisa



Fonte: Elaborada com base na proposta da Tese e recursos do Word.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Diagrama de Venn composto por três círculos. No círculo superior na cor verde lê-se Ciência da Informação (Competência em informação), no círculo inferior a esquerda em azul lê-se Educação (Surdez) e no círculo inferior a direita em amarelo lê-se: Psicologia (Teoria da Autodeterminação). No ponto de intersecção dos três conjuntos, a palavra Tese.

A tese, portanto, se encontra na intersecção entre essas três áreas do conhecimento. O aspecto interdisciplinar da Ciência da Informação é uma de nossas justificativas científicas porque permitirá a criação de conexões com a Psicologia e a Educação.

Um outro fator que justifica este estudo é identificar se as mães refletem sobre suas próprias habilidades, pois esta reflexão conduziria a avaliação e monitoramento das habilidades informacionais, no sentido de potencializá-las. Dito isto, consideramos que a

[...] Ciência da Informação precisa voltar-se para a sociedade, e especificamente as minorias sociais, aqueles grupos marginalizados quanto ao acesso à informação, que se impõe como um direito fundamental para a inclusão e o exercício da cidadania. Nesse campo científico, a competência em informação pode estabelecer-se como

norteadora de ações que combatam o preconceito e a desinformação e promovam a diversidade (Santos; Lima; Freire, 2019, p. 139).

Nesse sentido, a **contribuição científica** com o estudo das populações em situação de vulnerabilidade, à exemplo das mães de pessoas com surdez, é ampliar as discussões na Ciência da Informação e no campo da competência em informação, dando a oportunidade de ouvir vozes silenciadas há séculos, não somente no sentido da empatia, mas da alteridade¹² e assim a Ciência da Informação estaria cumprindo sua responsabilidade social com este grupo de mulheres-mães.

Considerando estes fatores, acreditamos que com esta pesquisa é possível ampliar o conhecimento em relação a vivência de um grupo específico – mães de pessoas com surdez que necessitam de informações e precisam desenvolver habilidades informacionais no seu dia a dia para poder lidar com a informação e, conseqüentemente, com as características e condições de seus filhos.

Nos últimos anos é perceptível um aumento de pesquisas voltadas para populações excluídas, marginalizadas e informacionalmente vulneráveis no campo da competência em informação (apenas para citar como exemplos, as pesquisas de Righetto (2018) com as pessoas trans, De Lucca (2019) e Gardin (2023) com os idosos, Pereira (2020) com os pais de surdos, Spudeit (2021) com a população em situação de rua, Pellegrini (2022) com as mulheres rurais, Miranda (2024) com as mulheres, entre outras). Em relação às pessoas com deficiência também houve um aumento de pesquisas na Ciência da Informação, onde se destaca o Grupo de Trabalho "Acessibilidade em Bibliotecas" (GT-Access¹³) da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB), e mais recentemente pesquisas no âmbito da competência em informação e as deficiências, contudo ainda faltam mais estudos sobre os familiares de PcDs. No Brasil, o documento Carta de Marília (2014, local. 2) já indicava a relevância da competência em informação e "[...] a necessidade de compartilhamento de experiências e vivências aplicáveis à

¹² Para Frei Betto (2014, local. parágrafo 1) alteridade "É ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem." Rosa (2009, p. 78) completa dizendo que a alteridade está "[...] vinculada em compreender o outro para compreender a si mesmo."

¹³ <https://febab.org/category/gt-access/>

realidade brasileira, para o enfrentamento de desafios que exigem e implicam na redução das iniquidades sociais e desigualdades [...].”

Para elucidar essas questões, no cenário nacional, segundo Santos e Cavalcante (2023, p. 2) ainda faltam estudos na Ciência da Informação sobre a surdez: “Na Ciência da Informação (CI), poucos pesquisadores focam no tema da surdez, sendo que a maioria dos autores que têm esse tema como foco de estudo é da área da educação”. Com base nesta constatação das autoras, faltam estudos que busquem compreender com mais profundidade as relações das mães de pessoas com surdez com a informação. E aqui podemos incluir as mães de pessoas com surdez. Igualmente, “Os conhecimentos sobre a pessoa com deficiência [...] ainda se mostram incipientes e precisam contar com o usuário para a construção de um ambiente mais acessível [...]” (Wellichan, 2022, p. 135) tanto para o usuário com deficiência, quanto para seus familiares que também necessitam de informação (Gualda; Borges; Cia, 2013). Cardoso (2014, p. 16) evidencia que

[...] dentre os tipos de deficiência (física, visual, auditiva e mental) a deficiência auditiva pode ser considerada como a que, socialmente, possui a menor "visibilidade" o que poderia, epistemologicamente, corresponder a uma menor produção enunciativa do problema da surdez em algumas áreas.

Assim, outra **contribuição científica** está na possibilidade de explorar uma temática ainda em fase inicial, isto é, são poucos os estudos da competência em informação e pertencimento no âmbito das famílias de pessoas surdas (Pereira, 2020; Pereira; Alcará, 2020). Do mesmo modo, segundo Alcará (2021) ainda são incipientes as pesquisas brasileiras da competência em informação na perspectiva do pertencimento e da motivação. Schwartz (2014, local. p. [12]) analisando o contexto escolar explica que

As relações evidenciadas entre os fenômenos motivacionais e as conquistas acadêmicas sinalizam para a necessidade de aprofundamento dos estudos sobre a motivação humana e suas articulações com a aprendizagem, pois a curiosidade e o desejo de aprender podem ou não ser ativados através das interações com a realidade.

É possível estabelecer uma conexão com a surdez, no sentido de explorar a relação do pertencimento das mães com a competência em informação, em que a necessidade e a vontade de aprender podem ser impulsionadas na relação e

experiência da informação sobre a surdez e o quanto as mães se sentem vinculadas a este universo. Nesse sentido, o aporte da Teoria da Autodeterminação e da Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas podem nos trazer subsídios para o aprofundamento dessas conexões/relações.

Resumindo, as principais contribuições esperadas para este estudo são:

- Para **Ciência da Informação**: possibilidade de compreender as relações afetivas e emocionais que influenciam tanto a competência em informação e a aprendizagem, quanto a necessidade de pertencer, as quais estão imbricadas nos grupos vulneráveis. Os aspectos afetivos da competência em informação ainda são pouco estudados em pesquisas brasileiras como indicaram Fazzioni, Vianna e Vitorino (2018);
- Para a **Sociedade**: conhecer e identificar as necessidades informacionais dos grupos em situação de vulnerabilidade informacional, à exemplo das mães de pessoas com surdez, tende a contribuir para a perspectiva social da competência em informação, especialmente para fundamentar e contextualizar as práticas formativas.
- Para o **Grupo de Pesquisa (Competência em informação e Sociedade)**¹⁴: identificar as habilidades informacionais das mães de pessoas com surdez e as relações com a Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas no contexto das deficiências e investigar se as mães se sentem pertencentes e se isso leva ao desenvolvimento de diferentes habilidades informacionais, e sua potencialização, pode trazer subsídios para ações realizadas no contexto do grupo.

1. 1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

- Analisar as relações entre a competência em informação e a necessidade de pertencimento das mães de pessoas com surdez.

¹⁴ Endereço para acessar o **Grupo de Pesquisa Competência em Informação e Sociedade**: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8785596429519631. A proponente deste estudo integra o referido grupo.

1.1.2 Objetivos Específicos

- a) Caracterizar as habilidades informacionais das mães de pessoas com surdez em relação à competência em informação;
- b) Identificar as variáveis que implicam na satisfação da necessidade pertencimento das mães de pessoas com surdez;
- c) Verificar a relação dessas variáveis com a competência em informação das mães de pessoas com surdez;
- d) Propor princípios para promoção da competência em informação e do pertencimento das mães de pessoas com surdez.

Considerando todos estes elementos, a fundamentação teórica inicia-se na seção 2 “A Ciência da Informação e a competência em informação”, em que buscamos situar a proposta da pesquisa no contexto da Ciência da Informação, adentrando no campo da competência em informação, seus conceitos e características.

Na seção 3: “Habilidades informacionais e ações dos sujeitos”, procuramos discorrer sobre o ser mulher e mãe de uma pessoa com surdez, elencando o papel da informação em suas vidas e destacando as habilidades que elas podem desenvolver. Abordamos também o papel do bibliotecário no contexto das práticas inclusivas e das mães, elencando as próprias habilidades que este profissional precisa desenvolver para ter condições de atendê-las. Assim como elencamos algumas ações/práticas desenvolvidas em bibliotecas brasileiras no contexto da surdez.

Na seção 4 que denominamos de “A motivação e a necessidade de pertencimento das mães de pessoas com surdez”, discorreremos sobre o pertencer, uma necessidade psicológica básica que é imprescindível para as mães se sentirem integradas, aceitas e vinculadas à outras pessoas especialmente no contexto da surdez.

Na sequência apresentamos os procedimentos metodológicos (seção 5), seguido da análise e discussão dos resultados (seção 6), considerações finais (seção 7), referências e apêndices.

2 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

“[...] a informação é o conjunto de representações mentais codificadas e socialmente contextualizadas que podem ser comunicadas, estando, portanto, indissociadas da comunicação” (Dudziak, 2003, p. 24).

Iniciamos esta seção com o intuito de refletirmos sobre a importância de compreender a informação numa perspectiva situacional como mencionou Smit (2012), ou seja, aquela que está vinculada ao sujeito e o contexto. Entretanto, o que é informação para um pode não ser para o outro. Isso vai depender de cada pessoa, de suas experiências, relações, cognições e o contexto.

De fato a informação pode ser ato ou potência. Por isso nesta seção nos propomos a discutir sobre a Ciência da Informação no que tange aos seus aspectos históricos, conceituais e embrionários, perpassando pelos seus fundamentos e objeto de estudo. Com isso buscamos apresentar os seus paradigmas e relações interdisciplinares para destacar o diálogo com outras áreas e finalmente evidenciar a competência em informação como um de seus campos de estudo.

Assim sendo, aqui percorreremos o caminho que vai desde o surgimento da Ciência da Informação, seus fundamentos estruturais e basilares, áreas que dialogam e seus campos de estudo com foco na competência em informação. Com isso, nosso intuito é demonstrar que a competência em informação se estabelece na Ciência da Informação e com ela atravessa pelos diferentes paradigmas, especialmente o paradigma social nos estudos atuais para entendermos os seus novos entrelaçamentos.

No próximo tópico buscamos explicar a o que é informação e o que é a Ciência da Informação. Nesse sentido, apresentaremos alguns conceitos de informação, para posteriormente adentrar nos elementos constituintes da Ciência da Informação e da competência em informação.

2.1 CONCEITUAÇÃO E HISTÓRICO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Em nossa perspectiva a Ciência da Informação estuda o fenômeno informacional, e nesse sentido Almeida Júnior (2019) explica que a informação

[...] é uma construção, elaborada em um processo, constituída de ações, interferências, situações, interesses, embates e memórias, gerada pela explicitação de segmentos de conhecimentos e que, em um continuum, durante seu ciclo de vida, recebe significados e tende a criar conflitos nos conhecimentos e certezas supostamente constituídos. (Almeida Júnior, 2019, grifo do autor, local. 10).

Chama a atenção nesta definição proposta por Almeida Júnior (2019) que a informação é construída socialmente por sujeitos somada a significados e geradora de conflitos e incertezas. Neste aspecto, concordamos com o autor tendo em vista que a informação pode reduzir ou aumentar as dúvidas e incertezas, produzir novos conflitos antes inexistentes e abalar estruturas, sejam elas cognitivas, emocionais, situacionais, contextuais, históricas, psicológicas, afetivas, entre outras.

Outro fator a ser considerado é a neutralidade. Será que a informação é neutra, imparcial e isenta de posicionamentos? Vejamos o que nos diz Vitorino e Piantola (2020):

[...] a informação nunca é neutra, pois encerra sempre componentes pessoais, sociais, culturais e/ou ideológicos, os quais precisam ser adequadamente identificados e interpretados, a fim de que a partir dela se possa produzir conhecimento e benefícios aos indivíduos e à sociedade (Vitorino; Piantola, 2020, p. 91).

É ilusório crer que há total neutralidade ou imparcialidade na informação. Ela sempre representará uma perspectiva, um posicionamento, uma ideia, uma camada da sociedade ainda que isso não seja totalmente explícito. Complementar ao conceito, Ishikawa e Belluzzo (2013, p. 153-154) resumem a informação com base em quatro aspectos, representados na Figura 2.

Figura 2 – Bases do conceito de informação



Fonte: Elaborada com base em Ishikawa e Belluzzo (2013, p. 153-154) e recursos do Word.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Ciclo composto por um círculo central e quatro círculos externos interligados por uma linha azul. No círculo central azul lê-se: a informação é. Os quatro anéis externos de círculos também possuem textos. No círculo verde lê-se: elemento vital para a criatividade e a inovação, no círculo roxo, lê-se recurso fundamental para a aprendizagem e o pensamento humano, no círculo laranja: recurso chave para a criação de cidadãos melhor informados e no círculo rosa: fator que permite aos cidadãos a obtenção de melhores resultados em suas vidas acadêmicas, em relação com a saúde e o trabalho.

Considerando e concordando que a informação é o objeto de estudo da Ciência da Informação (Corradi, 2011), no entender de De Lucca (2019, p. 137) a Ciência da Informação é

[...] uma ciência social, originada para propor elementos de organização, mediação e comunicação da informação e do conhecimento que são úteis para auxiliar o sujeito a construir seu espaço na esfera social e conectar-se com o seu próprio self, ou 'eu individual'. O foco, nesse sentido, é o sujeito, que, por diversas razões

pode sofrer os efeitos da exclusão e as experiências informacionais positivas podem consolidar-se como uma forma de enfrentar e vencer tal situação.

Concordamos com De Lucca (2019) e acrescentamos que a Ciência da Informação é uma ciência que explora aspectos da representação, organização, tratamento, acesso, compartilhamento, uso e apropriação da informação e do conhecimento, tanto em nível individual (sujeito), quanto coletivo (grupo ou sociedade), sendo que o ponto de partida para o enfrentamento é a própria condição excludente. Da mesma forma, esperamos que a relação informacional impacte positivamente, pois situações negativas podem afetar e prejudicar a experiência dos sujeitos.

Rozados (2003, p. 81) ressalta que

A Ciência da Informação não foge ao contexto atual das ciências emergentes ou das ciências recentes. Traz com ela as características de uma nova era na qual a mudança é a única constante e a interdisciplinaridade, o elemento que permeia a formação dos novos campos de saber.

A Ciência da Informação pode ser entendida sob o foco de três momentos ou paradigmas. O primeiro momento ou paradigma físico da informação “[...] defende que há uma mensagem passível de mensuração a qual é transmitida de um emissor a um receptor com a menor interferência possível” (Carneiro *et al.*, 2018, p. 37). De Lucca e Vitorino (2020, p. 27-28) completam dizendo que no paradigma físico atribui-se “[...] à informação o objeto que um emissor transmite a um receptor. A teoria que ofereceu subsídios para a criação dessa abordagem é denominada teoria matemática da informação, e foi estruturada por Shannon e Weaver, em 1949”.

Smit (2012, p. 88) explica que no paradigma físico o conhecimento

[...] é objetivo, especializado e independe do sujeito cognoscitivo. Engenheiros, matemáticos e físicos concebem um tratamento da informação mais detalhado, mais voltado às suas necessidades informacionais, mas concebem este tratamento num enfoque que poderia ser chamado “tecno-centrista” e pelo qual o processo de busca da informação é determinista, não dinâmico e tampouco interativo, não sofrendo intervenção de elementos psicológicos e físicos. A relevância da informação recuperada é objetiva, podendo ser medida.

Do mesmo modo, neste paradigma a informação é concebida como algo passível de ser mensurada e analisada objetivamente, descontextualizada e sem

receber influências externas. A segunda etapa ou paradigma cognitivo da informação está estruturado “[...] na relação entre informação e conhecimento. Nela, a informação tem o objetivo de gerar conhecimento a partir das realidades dos sujeitos que dela se apropriam” (Carneiro *et al.*, 2018, p. 37). Aqui

A noção de sujeito é resgatada, na condição de agente transformador da informação em conhecimento. Instaure-se uma epistemologia individualista, trazendo consigo a consciência que a realidade do mundo material sempre é uma construção mental. A produção do conhecimento depende da mente humana, conceito-chave deste momento. Pode-se considerar este momento ‘centrado-no-usuário’, mas sempre um usuário individual, isolado, não inserido numa dimensão coletiva (Smit, 2012, p. 89).

O paradigma cognitivo, portanto, retoma o papel do sujeito que é responsável por transformar a informação em conhecimento (ou o conhecimento em informação). Os processos cognitivos são realizados pela mente humana, ainda em um viés individualista. Entretanto, como assinala Berti (2014), com o desenvolvimento da Ciência da Informação depreendeu-se que

[...] a informação não é somente determinada por um fator externo que se ajusta perfeitamente às necessidades, mas há um conjunto de fatores humanos, pessoais, individuais, coletivos que determinam sua aderência, de maneira que suas características são microsociológicas [...] (Berti, 2014, p. 50).

Tais fatores se aproximam de outro paradigma, o social, que “[...] representa a informação como conhecimento em ação, ligado a maneira como as pessoas compartilham sua realidade uma com as outras” (Berti, 2014, p. 43). O paradigma social

[...] surge nas décadas mais recentes como uma crítica aos modelos físico e cognitivo utilizados até então na Ciência da Informação, tendo em vista principalmente o fato de que esses dois últimos paradigmas extraem os sujeitos e os processos informacionais (como produção, circulação e uso da informação) da estrutura sociocultural no qual estão inseridos (Silva; Nunes; Teixeira, 2020, p. 191).

Em tal perspectiva, passa-se a levar em conta não mais a pessoa deslocada e descontextualizada, mas aquela que se relaciona e está vinculada a algo ou alguém. Isso significa que no paradigma social o sujeito interage

[...] com a informação de forma sempre contextualizada, já que o mesmo procura e entende a informação em função tanto de suas redes semânticas individuais, mas também do contexto no qual vive, dos

valores que o movem e de acordo com a necessidade informacional determinada pelo mesmo contexto (Smit, 2012, p. 89).

Concordamos com a autora quando explica que o sujeito se conecta com a informação modo relacional, baseado na suas cognições e influências que recebe do meio, por sua realidade e pelo grupo ao qual pertence. Tais fatores impactam nas necessidades de informação apresentadas e será o contexto que as direcionará.

Segundo Rozados (2003, p. 81) “[...] a Comunicação, a Epistemologia, a Sociologia, a Sociolinguística, a Psicolinguística, a Teoria da Informação, a Matemática, a Ciência da Computação e a Psicologia foram, e são, disciplinas que influenciaram e ainda influenciam a Ciência da Informação.” Isso significa que a Ciência da Informação ao manter debates e dialogar com distintos campos, pode ser considerada uma ciência interdisciplinar.

Freire (2006, p. 228) reflete que

[...] um dos objetivos da ciência da informação seria o de contribuir para a informação se tornar, cada vez mais, um elemento de inclusão social, oferecendo oportunidades de desenvolvimento para pessoas, grupos e nações. Dessa forma, haveria uma ‘responsabilidade social’ como fundamento para este campo científico, definindo sua atuação na sociedade.

Podemos inferir que um dos intuitos da Ciência da Informação é fazer com que a informação se torne um fator de inclusão, ou seja, que a própria informação oportunize a inclusão social e informacional das pessoas, dos grupos em situação de vulnerabilidade que também dela necessitam. Aqui inserimos as pessoas com deficiência e seus familiares (no caso desta pesquisa, as mães) no escopo da responsabilidade social da Ciência da Informação. É preciso salientar que

O processo de inclusão e das práticas inclusivas, a exemplo do acesso à informação na perspectiva da educação especial, bem como a garantia dos direitos constitucionais é responsabilidade também da Ciência da Informação (CI) que tem como objeto de estudos a informação, elemento essencial para o desenvolvimento da sociedade da informação e inclusiva (Silva, 2019, p. 23).

Fazendo uma analogia com a alimentação, é de responsabilidade da Ciência da Informação, que as pessoas tenham acesso a uma variedade/quantidade de informações (como se fosse uma variedade de alimentos) e que estes alimentos ou informações tenham uma qualidade nutricional (ou informacional) (Figura 3).

Figura 3 – Tirinha: Se alimentando de informação

Fonte: Armandinho (Pinterest).

Audiodescrição (Descrição da Imagem): um menino de camiseta laranja e bermuda vermelha está segurando um balde de pipoca. Ele olha para cima. Um homem adulto onde só aparece suas pernas diz: "Comer muito é uma coisa...". Na sequência o menino caminha e um sapo verde observa-o. Onde lê-se: "...estar bem alimentado é outra...". No último quadrinho o homem adulto diz: com informação também é assim! O menino olha para o sapo e este sorri.

A Ciência da Informação é como se fosse uma mãe. Suas três filhas biológicas são: a Biblioteconomia, a Museologia e a Arquivologia. Na Figura 4 podemos notar os integrantes da "árvore genealógica" da Ciência da Informação até chegar na competência em informação (falando metaforicamente: sua "bisneta"). Destacamos a afirmação de Mata e Alcará (2016, p. 285) quando dizem que: "A educação de usuários é considerada como uma precursora [dos estudos] da Competência em informação, introduzindo questões acerca da aprendizagem para o uso dos recursos informacionais presentes nas unidades de informação".

Figura 4 - Genealogia da competência em informação

Fonte: Elaborada com base em Mata e Alcará (2016) e recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Mapa conceitual da Ciência da Informação até chegar na competência em informação. Da palavra Ciência da informação em lilás desmembram-se três outras: Arquivologia em azul, Biblioteconomia em verde e Museologia em roxo. Da Biblioteconomia, Educação de usuários em laranja onde advém o termo competência em informação em amarelo. Circundando a imagem, figuras que representam: um documento, livros, uma menina cadeirante lendo, um busto e peças de arte para indicar o museu e uma mulher com uma lupa na mão usando calça rosa e camiseta amarela.

Cabe salientar que comportamento informacional e competência em informação são processos distintos. Para Nascimento e Mata (2021, p. 10):

Enquanto os estudos de competência em informação preconizam as características para o desenvolvimento de aprendizado ligados ao universo da informação e suas complexidades, o comportamento informacional representa um diagnóstico das etapas do processo de busca da informação, diante das variáveis intervenientes, dos mecanismos de ativação, das ações e do uso da informação.

Em outras palavras, a competência em informação engloba um processo maior como explanaremos mais adiante. Costa (2017) em sua tese intitulada “A competência em informação (CoInfo) na perspectiva da educação inclusiva”, defende que “Tanto Educação quanto Ciência da Informação trazem, no bojo de seus eixos epistemológicos, um engajamento intrínseco relacionado a responsabilidade social, no que tange ao comprometimento de ambas com os Direitos Humanos” (Costa, 2017, p. 43). Nessa perspectiva

O processo de inclusão das práticas inclusivas, a exemplo do acesso à informação na perspectiva da educação especial, bem como a garantia dos direitos constitucionais é responsabilidade também da Ciência da Informação (CI) que tem como objeto de estudos a informação, elemento essencial para o desenvolvimento da sociedade (Silva; Spudeit, 2020, p. 26).

Assim como a Ciência da Informação, a Competência em Informação dialoga com outras áreas, dentre as quais Hatschbach e Olinto (2008, p. 21) destacam: “[...] a educação, as ciências sociais, a psicologia cognitiva, a comunicação, o marketing, o direito e a informática”, entre outras. Especificamente neste estudo, buscamos subsídios nas áreas da Educação e da Psicologia.

Competência em informação e CI também têm características comuns quanto à gênese: ambos os movimentos têm sua origem relacionada à sobrecarga informacional, um atributo da revolução tecnológica. A ciência e o objeto desenvolveram-se concomitantemente, e, por essa razão, as pesquisas sobre competência em informação, durante grande parte do desenvolvimento científico do movimento, sofreram influências teórico-epistemológicas da CI, que a partir de sua origem

transcorreram-se por um processo de expansão das fronteiras teóricas, metodológicas e epistemológicas (De Lucca; Vitorino, 2020, p. 24-25).

As autoras destacam que, tanto a Ciência da Informação quanto a competência em informação eclodem do acúmulo informacional o qual gerou a necessidade pelo estudo da informação. Inclusive a competência em informação, em razão da quantidade de informações produzidas, gerou a necessidade pelo estudo do gerenciamento da informação e de seu fluxo: gerar, armazenar, recuperar, usar, compartilhar etc.

De Lucca e Vitorino (2020) evidenciam que “[...] a gênese da competência em informação está ancorada no paradigma cognitivo da CI, que atribui à informação a característica de possuir capacidade de modificar um estado de conhecimento” (De Lucca; Vitorino, 2020, p. 32).

A informação e o conhecimento favorecem o empoderamento e são compreendidos como bens sociais de intervenção da realidade e transformação social quando inseridos na abordagem da Competência em Informação (CoInfo), uma vez que ela consiste num processo que visa desenvolver, aprimorar e gerenciar capacidades, competências, habilidades e atitudes que tornam os indivíduos capazes de aplicar a informação na prática para compreender fenômenos, atualizar saberes, resolver problemas e tomar decisões com o objetivo de gerar e construir conhecimento nos campos pessoal, educacional e profissional (Santos, 2017, p. 19).

Segundo a autora, a informação e o conhecimento são insumos sociais (e humanos) que podem empoderar os sujeitos, ao mesmo tempo em que eles intervêm na realidade provocando transformações. Isso se torna possível através de um processo mais amplo, a competência em informação, isto, é, um fenômeno que permite a formação, desenvolvimento, aprimoramento e gerenciamento de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e entorno (CHAVE) (Belluzzo, 2021¹⁵) (conceito que será detalhado mais adiante) para diversas situações da vida sendo que nem sempre a quantidade supera a qualidade das informações conforme ilustrado na tirinha a seguir (Figura 5).

¹⁵ Conceito apresentado pela Profa. Dra. Regina Celia Baptista Belluzzo na Live “Competência em informação: um olhar para o seu protagonismo no mundo contemporâneo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GdHKGWXMb7Q&t=168s>. Acesso em: 13 mar. 2022.

Figura 5 – Tirinha: Quantidade X Qualidade de informações



Fonte: Armandinho.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Tirinha. Uma menina negra com mochila verde vestindo camiseta branca e bermuda azul diz: “Quantidade não é qualidade, meu amigo” enquanto um menino branco de cabelo azul segurando um livro laranja a observa. No próximo quadrinho a menina diz: “A gente pode comer muito, e estar mal alimentado...” e o menino observando. No último quadrinho ela diz: “...ter muita informação...e estar mal informado!”. O menino olha para o livro.

Santos (2019) em sua dissertação “Inclusão Digital na Biblioteca Universitária: desenvolvimento de competência informacional nos usuários cegos e com baixa visão do Espaço Acessibilidade da BICEN” argumenta que a competência em informação preconiza “[...] a construção de uma consciência cidadã que realmente garanta ao indivíduo autonomia: livre pensar e livre agir” (Santos, 2019, p. 19). Desse modo, ela

[...] não propõe ser um fim em si mesma, busca compreender de forma genuína a formação contínua dos indivíduos, valoriza a progressão do aprendizado a partir da informação e infere a construção de conhecimento prático, objetivo e construtivo imbricado à realidade social e cultural vivida, incluindo suas contingências (Santos, 2019, p. 27).

Julgamos importante antecipar e trazer nesta seção as variáveis, pilares, características e dimensões histórias da competência em informação com base em Chacón, Vivas e Peña (2015), elencadas no Quadro 2 que estabelece relação com o paradigma assumido para a tese.

Quadro 2 – Aspectos da perspectiva sociocultural da competência em informação

Aspectos relevantes da perspectiva sociocultural da competência em informação	
Variáveis	<ul style="list-style-type: none"> • A cultura é inseparável da forma como os sujeitos pensam e aprendem.

	<ul style="list-style-type: none"> • A atividade humana está situada em um contexto de interação social e cultural. • A interação com os outros é mediadora da construção do conhecimento. • As diferenças culturais e contextuais são a base da configuração de ideias e práticas cotidianas.
Pilares	<ul style="list-style-type: none"> • A incidência de fatores socioculturais na evolução das competências. • A mediação da cultura na forma como os sujeitos constroem significados a partir da informação e de sua forma de atuar. • A flexibilidade ou dinamismo da competência em informação. • Reconhece a autoridade dos indivíduos e as comunidades ao criar, avaliar e usar a informação e não somente a autoridade das fontes validadas pelas comunidades científicas. • Entende-se que toda informação tem vieses, portanto, o indivíduo ao se fazer competente informacionalmente supõe desenvolver a habilidade para identificá-la. • A informação não existe como uma realidade objetiva, mas é construída pelos indivíduos dentro de um contexto sociocultural e ela continuamente se transforma e é transformada pela realidade. É um instrumento de criação de conhecimento influenciado por fatores culturais relacionados à forma como a informação é criada nas comunidades, à forma como é transmitida e ao contexto em que é utilizada.
Características da competência em informação como prática com dimensão social e cultural	<ul style="list-style-type: none"> • Pressupõe a existência de um elo entre seu desenvolvimento e a formação de um sujeito social, capaz de assumir, crítica e eticamente, a diversidade de fatores culturais que medeiam o acesso à informação.
Dimensão histórica da competência em informação	<ul style="list-style-type: none"> • O usuário da informação é um sujeito dinâmico e mutável. • A história do sujeito torna-se fonte de memória e esquecimento, e estabelece continuidades e descontinuidades, aliás, associadas à forma de acessar, avaliar, usar e apropriar-se da informação. • São relevantes os instrumentos e práticas emergentes das interações nas comunidades de referência dos usuários da informação, que afetam crenças e práticas. • As interações configuram-se como instrumento de construção de significados e se expressam nas formas usuais de se relacionar com as informações em contextos específicos.

	<ul style="list-style-type: none"> • A apropriação da informação, em contextos culturais específicos, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de competências e capital social.
--	---

Fonte: Adaptado de Chacón, Vivas e Peña (2015, p. 53-54, tradução nossa).

Todos estes aspectos nos permitem compreender melhor os fenômenos aqui apresentados, ainda que brevemente. Considerando estas relações existentes entre a informação, a Ciência da Informação e a competência em informação, no próximo tópico trazemos de forma mais aprofundada as definições e as características da competência em informação.

2. 2 CONCEITUAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

"A Competência em Informação deve ser compreendida como um direito fundamental da pessoa humana, intrínseco ao seu próprio ser, sendo essencial à sua sobrevivência." (Manifesto de Florianópolis sobre a competência em informação e as populações vulneráveis e minorias, 2013)

Não é nosso objetivo nesta seção historiar minuciosamente a competência em informação porque vários estudos que nos precederam já realizaram este feito com detalhamento teórico. Seu idealizador Paul Zurkowski, é a "semente do projeto" que no transcorrer de quase cinco décadas foi mudando e incluindo novas perspectivas.

Aqui o objetivo é, ao analisar os diferentes conceitos, identificar suas características para então estabelecer uma conexão com a perspectiva social da competência em informação atrelada aos aspectos de inclusão e acessibilidade. Tomamos como base autores nacionais e internacionais, cujas propostas conceituais elencam os aspectos constituintes da competência em informação.

Desde o surgimento da competência em informação com seu proponente Paul Zurkowski em 1974 nos Estados Unidos (Nascimento; Perrotti, 2017), os estudos pouco inovaram "[...] em termos de ações e práticas voltadas às necessidades de informação das pessoas comuns [...]" (Vitorino, 2022, p. 9). Fazendo uma síntese histórica, no princípio, as pesquisas estavam mais direcionadas para o comportamento informacional de pesquisadores e estudantes em nível acadêmico, desconsiderando, portanto, as gentes (que existem fora das universidades).

No Brasil, os estudos de competência em informação têm início nos anos 2000, sendo que as abordagens e reflexões dos autores brasileiros muito se assemelhavam aos modelos e práticas estadunidenses. As primeiras pesquisadoras brasileiras “[...] que abordaram essa temática foram Caregnato (2000), Dudziak (2001), Belluzzo (2001), Hatschbach (2002) e Campello (2003), as quais usavam o termo original em inglês *information literacy* para designar as habilidades informacionais” (Spudeit, 2021, p. 98).

Mas é só a partir de 2011 que começam algumas mudanças no campo, trazendo a proposta para a realidade do nosso país, com a criação de documentos elaborados por instituições, pesquisadores e bibliotecários em eventos de importância e que se constituem como marcos para a competência em informação brasileira. Os referidos documentos brasileiros são: a “Declaração de Maceió sobre a Competência em Informação” (2011), o “Manifesto de Florianópolis sobre a Competência em Informação e as Populações Vulneráveis e Minorias” (2013), a “Carta de Marília” (2014) e o “Manifesto Político sobre Competência em Informação (CoInfo) - 2022 - Bibliotecário: Profissional Luz”.

O primeiro documento foi a **Declaração de Maceió** proclamada em 2011 e nela elencam-se eixos importantes para a sociedade voltados a melhoria do aprendizado, estabelecimento de parcerias entre as bibliotecas e outras instituições, integração da competência em informação nos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação, formação continuada e estabelecimento de relações para desenvolver ações conjuntamente. Notamos aqui uma primeira mobilização e movimento em torno da aplicabilidade da competência em informação em diferentes circunstâncias (Declaração [...], 2011).

O segundo documento elaborado foi o **Manifesto de Florianópolis sobre a Competência em Informação e as populações vulneráveis e minorias** em 2013. Novamente contando com o apoio de instituições e profissionais cujo tema geral estava centrado na seguinte pergunta: “Competência em Informação e as Populações Vulneráveis: de quem é a Responsabilidade?” Para respondê-la foram listadas as responsabilidades e respectivas ações dos profissionais, do movimento associativo/órgãos representativos de classe, das instituições públicas/governamentais e das instituições privadas considerando que todos têm um compromisso com as

populações informacionalmente vulneráveis do Brasil (Manifesto [...], 2013).

Em 2014, os profissionais e instituições lançam a **Carta de Marília** reafirmando a relevância da competência em informação para o Brasil pensando na nossa realidade na tentativa de reduzir desigualdades e contribuir para inclusão social com ênfase na democracia e direitos humanos, na aprendizagem, nos centros de formação, no compartilhamento do conhecimento sobre a competência em informação, na mediação da informação e na disseminação de ações realizadas (Carta [...], 2014).

Mais recentemente, em 2022, foi publicado o **Manifesto Político sobre Competência em Informação (CoInfo) - 2022 - Bibliotecário: Profissional Luz**, voltado mais especificamente para a Competência em Informação e Agenda 2030 no combate à desinformação e às *fake news* com o intuito de promover sociedades inclusivas, pacíficas e justas. Este Manifesto foi organizado em dois eixos: Atuação do bibliotecário com base na Competência em Informação e na Agenda 2030 e Parcerias, produtos e serviços que o bibliotecário pode ofertar com base na Competência em Informação e na Agenda 2030 (Manifesto [...], 2022). Neste documento defende-se que o profissional promove a competência em informação para que as pessoas tenham condições de utilizar as informações de forma crítica, responsável e ética com o propósito de se compreenderem “[...] como sujeitos históricos no mundo e, assim, possam exercer a cidadania, engajar-se civicamente, empoderar-se, tomar decisões, aprender a aprender e aprender ao longo da vida.” (Manifesto [...], 2022, p. [2].).

De forma geral, podemos interpretar esses documentos como parte da base para a reflexão nos estudos da competência em informação, assim como os bibliotecários e demais profissionais da informação também podem utilizá-los como norteadores no planejamento de práticas e ações educativas para a competência em informação.

2.2.1 Competência em Informação: em busca de Significados

Para iniciar a discussão conceitual, trazemos a proposta de uma instituição de grande relevância para o campo, isto é, a *Association of College and*

Research Libraries (ACRL), que no documento *Framework for Information Literacy for Higher Education* de 2016 define a competência em informação como sendo

[...] o conjunto de habilidades integradas que abrangem a descoberta reflexiva de informações, a compreensão de como a informação é produzida e valorizada e o uso da informação na criação de novos conhecimentos e na participação ética em comunidades de aprendizagem (ACRL, 2016, p. 8).

Nos amparando nesta definição da ACRL (2016) temos um conceito de competência em informação que é entendida como o agrupamento de diferentes habilidades informacionais somadas e interligadas, uma complementando a outra, para constituir o todo. É possível notar ações relacionadas, tais como, refletir, compreender e usar a informação, criar novos conhecimentos e participar de grupos de aprendizagem. Este último é importante ao enfatizar a competência em informação como algo coletivo e socialmente compartilhado, e não acontecendo de modo isolado por um indivíduo sozinho. E isso inclui “[...] pensamento crítico e consciência crítica, bem como compreensão dos aspectos éticos e políticos relacionados ao uso da informação” (CILIP, 2020, p. 2, tradução nossa).

A competência em informação nos desafia a todo momento. Porque é quase impossível desenvolver todas as habilidades necessárias para lidar com as informações (e com as pessoas também). Vitorino e Pinho Neto (2023, p. 3) explicam que a competência em informação “[...] considerada como um fenômeno, é complexa e depende de contextos e de pessoas, mas também pode ser desenvolvida, num cenário propício e estrutura adequada à educação para a informação e, também, com mecanismos para monitorá-la e avaliá-la.”

Vale destacar que a competência em informação não pode ser concebida

[...] como se fosse algum assunto técnico misterioso que uma pessoa aprende e depois esquece. E, ainda, não deve ser vista como um ponto alto em uma escala de aprendizado que pode ser alcançado, ‘como subir uma escada’, e então sentir que um objetivo pessoal foi alcançado (Vitorino; Pinho Neto, 2023, p. 5).

Nesse sentido, concordando com os autores, acreditamos que a competência em informação quando desenvolvida não “cai no esquecimento”, mas deve ser lembrada para que as habilidades das pessoas possam ser aplicadas em diferentes situações. Além disso, por ser um processo contínuo e complexo não se assemelha a metas ou objetivos que são alcançados garantindo que todas as etapas

foram concluídas e se chegou ao fim. Sempre haverá algo ou uma habilidade a ser aprendida e para conhecer ou desenvolver outros caminhos e estratégias.

Em 2009, Uribe Tirado fez um estudo de diferentes conceitos de competência em informação em nível internacional e ao final propôs uma macro definição. Para ele a competência em informação é:

O processo de ensino-aprendizagem que busca que um indivíduo e um grupo, graças ao apoio de um profissional e de uma instituição educacional ou bibliotecária, utilizando diferentes estratégias didáticas e ambientes de aprendizagem (modalidade presencial, virtual ou mista), alcance as competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) tecnológicas, comunicacionais e informacionais, que lhes permitam, identificar as suas necessidades de informação, e utilizando diferentes formatos, meios e recursos físicos, eletrônicos ou digitais, conseguir localizar, selecionar, recuperar, organizar, avaliar, produzir, compartilhar e divulgar (comportamento informacional) de forma adequada e eficiente essa informação, com posicionamento crítico e ético, baseado em suas potencialidades (cognitivo, práticas e afetivas) e conhecimentos prévios (outros letramentos), e conseguir uma interação apropriada com outros indivíduos e grupos (prática cultural-inclusão social), de acordo com os diferentes papéis e contextos que assume (níveis educacionais, investigação, desempenho profissional ou no trabalho), para finalmente, com todo este processo, alcançar e compartilhar novos conhecimentos e ter as bases da aprendizagem ao longo da vida para benefício pessoal, organizacional, comunitário e social face às exigências da atual sociedade da informação (Uribe Tirado, 2009, p. 14-15, tradução nossa).

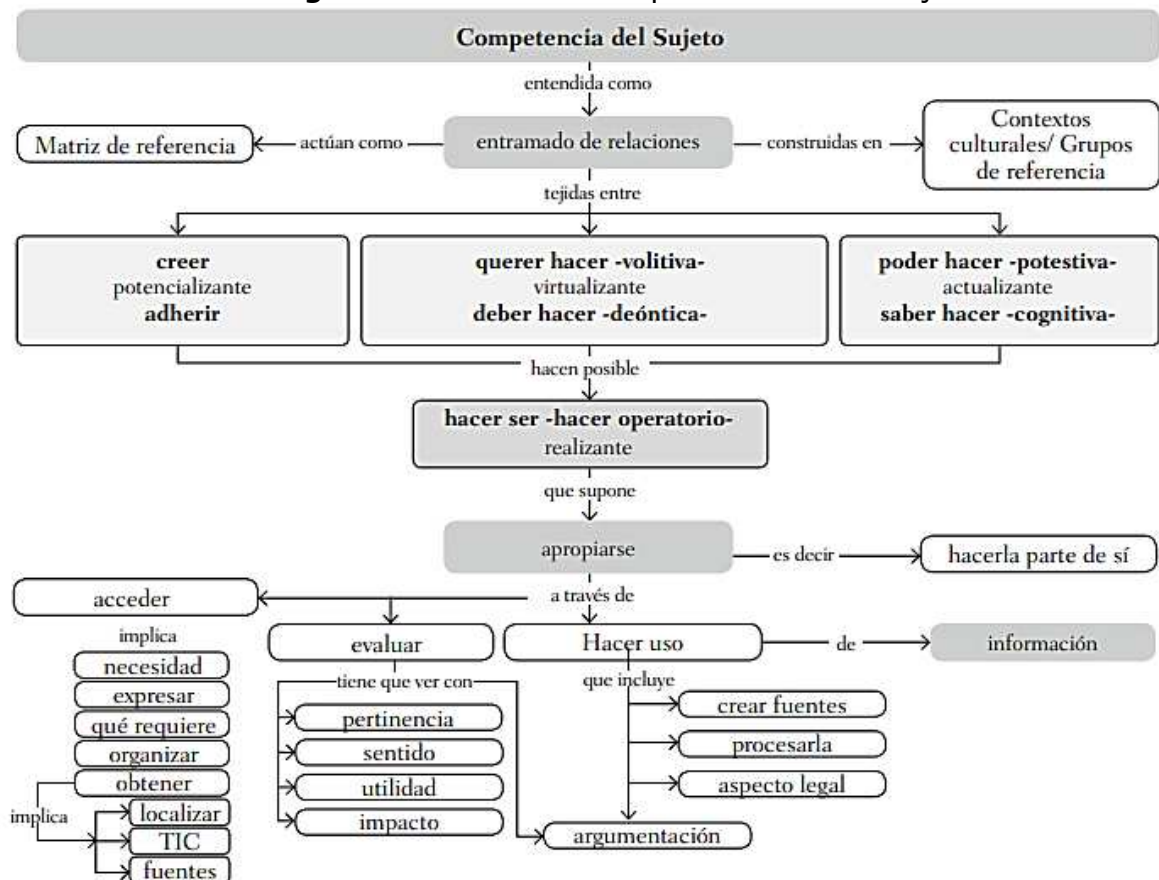
Esta ampla proposta conceitual de Uribe Tirado revela variadas características da competência em informação dentre as quais destacamos a aprendizagem em nível individual e/ou coletivo, os conhecimentos, habilidades e atitudes para que a pessoa consiga identificar suas próprias necessidades de informação, para além das relações cognitivas, incluindo a afetividade, ou seja, os fatores emocionais influenciando esse processo e finalmente o compartilhamento de conhecimentos novos para aprender durante todas as fases da vida.

Já Chacón *et al.* (2010, p. 137, tradução nossa) compreendem a competência em informação

[...] como as relações entre as adesões e crenças, motivações e aptidões do sujeito epistêmico, construída ao longo de sua história em contextos de aprendizagem situados, formais e não formais. Tal rede de relacionamentos funciona como uma matriz de referência para as formas de apropriação da informação, que acontecem por meio do acesso, avaliação e uso dela, e que expressam os contextos culturais em que foram construídos.

Na definição dos autores é perceptível que a competência em informação é fruto das relações estabelecidas pelo sujeito, cujo contexto cultural e de aprendizagem reflete e é refletido pela apropriação, acesso, avaliação e uso da informação. Na Figura 6, a seguir, os autores, por meio de um mapa conceitual, expressam os fatores característicos do conceito de competência em informação.

Figura 6 – Conceito de competência em informação



Fonte: Chacón *et al.* (2010, p. 137).

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Mapa conceitual da competencia del sujeto.

Com base nesta rede de relacionamentos, Chacón *et al.* (2010) enfatizam que é preciso **crer**, **querer** e **poder fazer** para que assim as demais ações sejam possíveis de se realizar. Em outra perspectiva, a competência em informação era entendida como a somatória de três fundamentos básicos: conhecimentos (C), habilidades (H) e atitudes (A) (Uribe-Tirado, 2009; Teixeira; Santos; Mata, 2023) representada pela sigla CHA. De maneira conceitual a competência em informação

[...] visa que os indivíduos desenvolvam um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes voltadas para o universo

informacional, como identificar suas necessidades informacionais, buscar, avaliar, usar e comunicar a informação de maneira ética. Ressalta-se que está relacionada ao uso das TIC e ao aprendizado ao longo da vida (Teixeira; Santos; Mata, 2023, p. 5).

Posteriormente, a estes atributos (conhecimentos, habilidades e atitudes) foram acrescentados mais dois componentes: valores (V) e entorno (E) ou vontade e expressão na proposta de Macarenco e Damião (2010), e a competência em informação passou a indicar um conjunto formado por cinco elementos: a CHAVE. Em palestra proferida por Belluzzo (2020, p. 17) a pesquisadora explicou que a competência em informação se constitui

[...] como uma prática transdisciplinar com ênfase e abrangência em fontes de informação disponíveis em diversos suportes e armazenadas em ambientes de natureza vária, com foco em conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e entorno que as pessoas adquirem para usar a informação de modo inteligente e construir conhecimento aplicável à realidade onde se inserem.

A autora ressalta que o conhecimento construído pelos indivíduos deve se aplicar ao contexto em que estão inseridos e não estar desconectado dele. Isso significa que a conjunção de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e o entorno precisa ser útil e coerente com as suas vivências. No entender de Spudeit (2021, p. 97, grifo nosso)

[...] a proposta da CHAVE acrescenta uma transformação ampliando a percepção do cenário em que cada indivíduo está inserido e os valores pessoais que movem cada um. Acredita-se que dessa forma seja possível equilibrar e harmonizar a competência conciliando os **processos emocionais e racionais**. Percebe-se que a competência é uma construção social porque consiste na percepção do que os outros têm sobre suas ações, sendo que isso nunca termina pois é um processo dinâmico e complexo de contínua transformação.

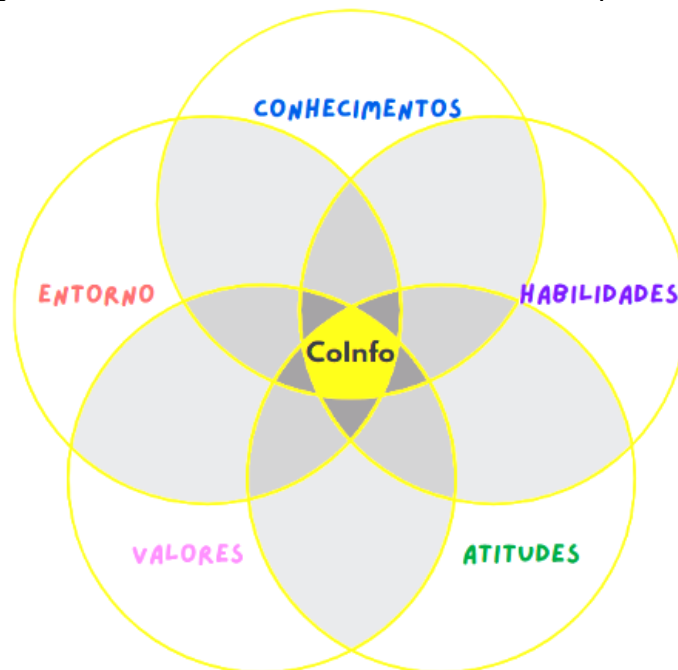
Para Vitorino e Pinho Neto (2023, p. 3) a competência em informação é um processo de desenvolvimento humano “[...] que ocorre por meio da educação para a informação. Portanto, depende de conhecimentos, comportamentos, valores, habilidades, atitudes e de outras características pessoais necessários à compreensão do universo informacional.” Maia e Santos (2022, p. 2) explicam que a competência em informação se refere

[...] aos conhecimentos, habilidades, atitudes, capacidades e valores que os indivíduos devem se apropriar e internalizar para buscar, recuperar, avaliar, produzir, comunicar e utilizar a informação de

maneira inteligente, responsável e ética para entenderem seu papel na e para a sociedade.

As autoras destacam que a apropriação e a internalização de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores favorecem a compreensão do papel que os indivíduos exercem na sociedade. Neste ponto a competência em informação se dá no agrupamento e intersecção de elementos de fato relevantes (Figura 7).

Figura 7 - Diagrama de Venn com o conceito CHAVE de competência em informação



Fonte: Elaborada com base em Coneglian (2013), Belluzzo (2020) e recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Diagrama de Venn composto por cinco círculos com contorno amarelo. Em um círculo se lê conhecimentos na cor azul, no outro círculo habilidades na cor roxa, no próximo círculo atitudes na cor verde, em outro habilidades na cor rosa, e por fim entorno na cor salmão. Na parte da intersecção está a palavra CoInfo na cor preta com fundo amarelo.

Como podemos notar a competência em informação se dá na intersecção desses cinco conjuntos. À sigla CHAVE sugerimos inserir a letra S de sujeitos/seres humanos, pois compreendemos que sem a sua presença, desenvolver (e multiplicar) a competência em informação não faria sentido algum. Temos assim: CHAVES, com seis elementos da competência em informação. Fazendo uma comparação, podemos dizer que as “chaves” acionam a fechadura da porta simbolizada pela competência em informação.

Entendemos que são sujeitos multiplicadores porque não ocorre uma

diminuição ou divisão da CHAVE entre os envolvidos, mas sim um aumento exponencial de informação e conhecimento. Assim propomos uma fórmula (Figura 8) para ilustrar essa relação:

Figura 8 - Fórmula da competência em informação

$sm \times (c+h+a+v+e) = CoInfo$
<p>Onde: c: conhecimentos h: habilidades a: atitudes v: valores e: entorno sm: sujeitos multiplicadores da competência em informação CoInfo: competência em informação</p>

Fonte: Elaborada pela proponente da pesquisa.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Fórmula da competência em informação: $sm \times (c+h+a+v+e) = CoInfo$. Onde a letra c equivale aos conhecimentos, a letra h de habilidades, a de atitudes, v de valores e de entorno. Sm é uma sigla para sujeitos multiplicadores da competência em informação e CoInfo é a sigla da competência em informação.

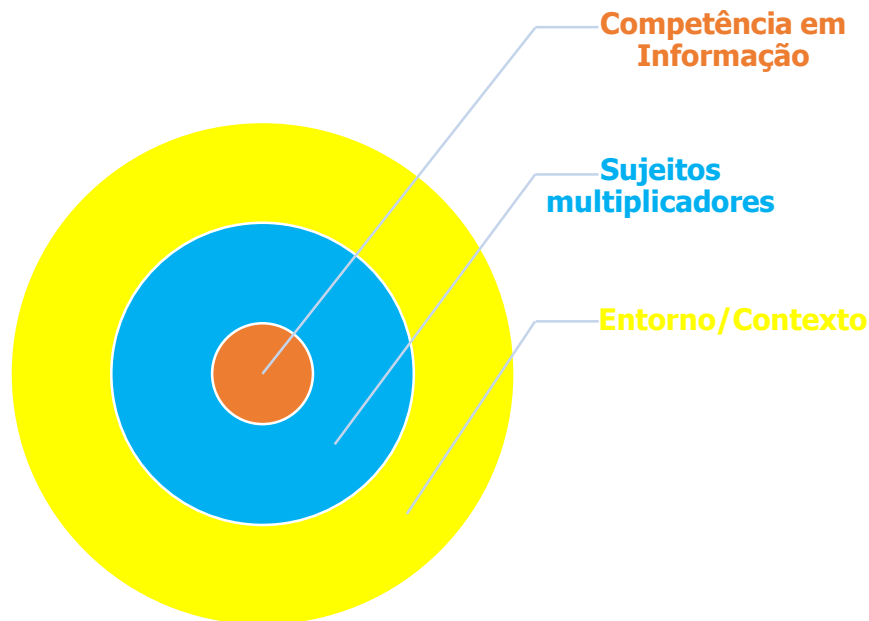
Dito de outra forma, **sm** são os sujeitos multiplicadores/seres humanos potencializando seus próprios **conhecimentos, habilidades, atitudes e valores** dentro e fora de seu **entorno**, influenciando e sendo influenciados pelo seu contexto, assim também multiplicando a competência em informação com outras pessoas. Concordamos com Belluzzo (2007) quando afirma que

[...] a competência acha-se situada na esfera de um comportamento harmônico que não permite à pessoa ser competente só e isolada. Os meios mobilizáveis pelas pessoas destinadas a aquisição de suas competências não se traduzem apenas aos saberes constantes de sua individualidade (saber-saber, saber-fazer e saber-ser). Acham-se também fora das próprias pessoas, inseridos em diferentes ambientes onde se encontram socialmente (Belluzzo, 2007, p. 20).

Vale complementar que os sujeitos/seres humanos são o fundamento todas as ações que se almeja elaborar e propor. A Figura 9 representa essa relação e foi elaborada com base nas três camadas que compõem o planeta Terra: crosta terrestre, manto e núcleo.¹⁶

¹⁶ Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/as-camadas-terra.htm>. Acesso em: 24 out. 2022.

Figura 9 - Camadas da competência em informação



Fonte: Elaborada com recursos do Word.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Figura de um alvo. Mostra as relações de gradação entre três círculos. No círculo maior em amarelo se lê em letras amarelas: entorno/contexto. No círculo azul intermediário se lê em letras azuis o termo sujeitos multiplicadores e no círculo do centro em laranja a competência em informação.

A camada externa ou crosta terrestre representa o entorno ou contexto. O manto ou camada intermediária representa os sujeitos multiplicadores e a camada interna ou núcleo representa a competência em informação.

Destacamos que os sujeitos não são tábulas rasas, ou seja, cada indivíduo geralmente já possui uma determinada habilidade informacional que tende a ser potencializada e aquelas que desconhecer ou não possuir poderão ser formadas e desenvolvidas para que ao final ele venha a constituir sua competência em informação. Sobre torna-se competente, Miranda (2020, p. 65-66) nos diz que

[...] ser competente em informação não significa que o sujeito já aprendeu tudo o que precisa, pelo contrário, significa que ele desenvolveu habilidades necessárias para reconhecer o que não sabe, para questionar o que sabe, e para reconhecer como obter, avaliar e usar as informações adequadas aos seus questionamentos.

Vale salientar que as ações informacionais *per si* equivalem ao comportamento informacional, que segundo Oliveira e Santos Neto (2022, p. 6) “[...] pode ser tido como toda ação do usuário no processo de necessidade, busca e uso da informação.” Já a competência em informação para além das atitudes de saber

identificar uma necessidade de informação, buscar, selecionar, avaliar, usar, se apropriar, entre outras, representa o saber desempenhar cada uma destas etapas envolvendo segundo Vitorino e Piantola (2011) aspectos técnicos, estéticos, políticos e éticos. Em outras palavras, o sujeito pode executar determinadas ações informacionais (as vezes até automaticamente), agora quando ele sabe como fazer, tem domínio, está consciente, ele saberá também criar novas estratégias, alterar o percurso, refletir, aprender e ensinar. Nesta perspectiva, o desenvolvimento da competência em informação é um processo de aprendizagem (De Lucca, 2019).

[...] a competência em informação, está correlacionada a ações referentes a um processo de aprendizado direcionado ao universo da informação e suas complexidades, de modo a propiciar ao sujeito um fazer e um agir com respaldo informacional, responsabilidade e ética nos ambientes em que esteja inserido (Nascimento; Mata, 2021, p. 3).

Mas Coneglian (2013, p. 73) nos faz uma ressalva “[...] é preciso ter muito cuidado com o tom messiânico da Competência em Informação, como se ela apenas fosse capaz de resolver todos os problemas da contemporaneidade, relacionado ao fluxo exponencial de informação.” Neste aspecto, concordamos com o autor, pois acreditamos que sozinha, a competência em informação não pode solucionar todos os desafios informacionais. Além disso, corremos o risco de abordá-la de modo panfletário. A Figura 10 apresenta a ideia de uma “Super CoInfo” fazendo uma analogia ao argumento de Coneglian (2013).

Figura 10 - Competência em informação: uma super-heroína?



Fonte: Elaborada com base em Coneglian (2013) e recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): No primeiro quadrinho na parte superior está o planeta Terra interconectado. Na parte inferior está escrito em letras na cor preta: O excesso

de informações ameaça a vida na Terra. No segundo quadrinho na parte superior está escrito na cor preta: Mas sozinha a "Super Coinfo não pode salvá-la. Na parte inferior está uma mulher com as mãos na cintura e com trajes de super-heroína na cor rosa.

De forma metafórica, podemos dizer que a competência em informação não pode ser entendida como uma "heroína solitária, que com seus superpoderes vai livrar o planeta Terra de todo mal". Embora não se possa negar seu potencial transformador, é preciso que coexista um grupo de fatores favoráveis para o seu desenvolvimento, o que engloba também no entender de Dulzaides Iglesias e Molina Gómez (2007) a vontade e o querer dos indivíduos. Isso nos faz lembrar Paulo Freire quando nos diz que "Se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda" (Freire, 2000, p. [31]). Parafraseando o autor e trazendo para o contexto deste estudo, é possível afirmar que se a competência em informação por si só, não altera a sociedade, sem ela, as probabilidades de mudança diminuem. Inclusive para as populações mais vulneráveis, marginalizadas e excluídas. Aquelas que

[...] se encontram em situações de discriminação, intolerância e fragilidade e que estão em desigualdade e desvantagem na sociedade atual, principalmente, em relação às questões que envolvem o acesso e uso da informação para a construção de conhecimento, identidade e autonomia [...] (Manifesto [...], 2013, local. 2).

Neste contexto, a competência em informação pode ajudar a combater a exclusão informacional, cognitiva e "[...] social, proporcionando aos grupos desfavorecidos ou marginalizados os meios para compreenderem o mundo que os rodeia e participarem da sociedade" (CILIP, 2020, p. 2, tradução nossa). É válido enfatizar que a competência em informação está diretamente vinculada

[...] ao processo de aprendizagem e interação dos indivíduos com relação ao universo informacional. Tal processo necessita do desenvolvimento das habilidades informacionais [...] que, por sua vez, promovem as capacidades de produção e uso da informação no âmbito acadêmico, profissional, social e/ou político dos indivíduos (Teixeira; Santos; Mata, 2023, p. 6).

Por ser um processo de desenvolvimento humano (Vitorino, 2022), e de práticas de aprendizagem (Pellegrini; Vitorino; Herrera, 2021), a competência em informação não acontece de uma hora para outra, ou seja, é algo paulatino e "[...] contínuo que se estende ao longo da vida e cujas características se voltam à melhoria da ação, da sensibilidade, dos aspectos coletivos e éticos" (Vitorino, 2022, p. 14).

Salientamos que a competência em informação

[...] consiste em um processo de desenvolvimento/aprimoramento de conhecimentos, habilidades, atitudes, capacidades e valores relacionados à busca, à recuperação, à avaliação, à produção, à comunicação, à disseminação e ao uso crítico, ético e responsável das informações (meta-uso) para a construção de conhecimento, o empoderamento, o exercício da cidadania, a compreensão da realidade, a tomada de decisão, entre outros. (Maia; Santos, 2022, p. 4).

Podemos concluir que seu intuito é promover condições para melhorar a vida das pessoas, entre elas, estão as mães de pessoas com surdez. Assim, a perspectiva de competência em informação que utilizamos neste estudo é aquela “[...] que revela o momento no qual uma pessoa consegue alcançar o domínio sobre os seus conhecimentos para lidar com informações” (Gama, 2013, p. 90) sem desistir, apesar das dificuldades e desafios existentes. Desse modo, mesmo estando diante de dificuldades, neste processo de aprendizagem é necessário persistir, prosseguir e perseverar.

Dulzaides Iglesias e Molina Gómez (2007, p. 68, tradução nossa) defendem que “[...] A competência em informação é um processo que compreende outros processos, dentre os quais se destacam a atenção, a percepção, a memória, o raciocínio, a imaginação, a tomada de decisões, o pensamento, e a linguagem.” Aqui podemos incluir a motivação (que será discutida mais adiante), para que tais processos mencionados pelas autoras se consolidem a longo prazo e assim também a metacognição, que incluiria a reflexão sobre seus próprios processos cognitivos e sobre o próprio aprendizado. No entender de Dudziak (2013, p. [03])

[...] a competência em informação é um direito humano básico relacionado ao exercício pleno da cidadania, ao aprender a aprender e à aprendizagem ao longo da vida. Mais do que representar um conjunto de habilidades, [...] engloba a consciência da necessidade informacional e a capacidade para identificar, localizar, obter, avaliar criticamente, organizar e utilizar informações de maneira eficaz, a fim de resolver problemas, preencher lacunas de conhecimento ou criar novos conhecimentos, modificando situações e implementando mudanças.

Nesta pesquisa teremos o intuito de estudar a competência em informação a partir das dimensões propostas por Vitorino e Piantola (2009, 2011) (que apresentaremos na sequência) e com isso, considerando o contexto da surdez,

pretendemos abordá-la na perspectiva de uma *Deafliteracy* ou *Surdoliteracy* (competência em informação para pessoas surdas) que incluiria tanto indivíduos surdos quanto ouvintes pertencentes a este universo. Sabemos que para lidar com a informação de modo crítico, reflexivo, criativo, político, ético e coletivo, os indivíduos precisam formar e desenvolver as habilidades informacionais da competência em informação, sejam eles profissionais da saúde, educação, informação, família, especialmente as mães (foco deste estudo), visto que elas são responsáveis pela motivação, tanto em nível pessoal/individual quanto coletivo, isto é, impulsionando o aprendizado e a competência em informação dos próprios filhos surdos e de outras mães. Em outras palavras

A competência em informação inclui um conjunto de competências e habilidades que todos nós precisamos para realizar tarefas relacionadas à informação: por exemplo, como descobri-la, acessá-la, interpretá-la, analisá-la, gerenciá-la, criá-la, comunicá-la, armazená-la e compartilhá-la. Mas é muito mais do que isso: refere-se à aplicação das habilidades, qualidades e confiança necessárias para utilizar a informação da melhor forma possível e interpretá-la criteriosamente (CILIP, 2020, p. 2, tradução nossa).

Novamente nos reportando às mães, o desenvolvimento da competência em informação é importante para que elas tenham condições de realizar desde atividades informacionais mais simples, até as mais complexas. E isso significa saber como lidar com a informação, desde a busca até o uso, entre outras ações. Principalmente utilizar a informação e aplicá-la no seu cotidiano.

No contexto internacional, com o plano de ação, Agenda 2030 (ONU, 2015) foram estabelecidos metas e objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) relacionados às pessoas com deficiência que ressaltam a necessidade de os países promoverem condições para o desenvolvimento das PcDs.

Na Agenda 2030 enfatiza-se que é responsabilidade do Estado

[...] respeitar, proteger e promover os direitos humanos e as liberdades fundamentais para todos, sem distinção de qualquer tipo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou outra opinião, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, deficiência ou qualquer outra condição (ONU, 2015, p. 7).

Além disso, a Agenda 2030 defende que as pessoas mais vulneráveis precisam ser empoderadas. Quem são estas pessoas? “[...] todas as crianças, jovens, pessoas com deficiência (das quais mais de 80% vivem na pobreza), as pessoas que

vivem com HIV/AIDS, idosos, povos indígenas, refugiados, pessoas deslocadas internamente e migrantes (ONU, 2015, p. 8). Acreditamos que o desenvolvimento da competência em informação é uma forma de empoderamento. Há um comprometimento em propiciar uma

[...] educação inclusiva e equitativa de qualidade em todos os níveis – na primeira infância, no primário e nos ensinos secundário, superior, técnico e profissional. Todas as pessoas, independentemente do sexo, idade, raça, etnia, e pessoas com deficiência, migrantes, povos indígenas, crianças e jovens, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade, devem ter acesso a oportunidades de aprendizagem ao longo da vida que os ajudem a adquirir os conhecimentos e habilidades necessários para explorar oportunidades e participar plenamente da sociedade (ONU, 2015, p. 9).

A Agenda 2030 reitera que a aprendizagem ao longo da vida é para todas as pessoas sendo imprescindível conhecimentos e habilidades. Dentre eles, é possível incluir os conhecimentos e habilidades da competência em informação. Vale pontuar que os principais objetivos (e respectivas metas) que julgamos se referirem as pessoas com deficiência são: ODS 4, 8, 10, 11, 16 e 17.

O **ODS 4** pretende **Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos**. Dentre suas metas, destacamos a **4.5** que busca: “[...] garantir a igualdade de acesso a todos os níveis de educação e formação profissional para os mais vulneráveis, incluindo as pessoas com deficiência, povos indígenas e as crianças em situação de vulnerabilidade” (ONU, 2015, p. 23). E a meta **4.a** “Construir e melhorar instalações físicas para educação, apropriadas para crianças e sensíveis às deficiências e ao gênero, e que proporcionem ambientes de aprendizagem seguros e não violentos, inclusivos e eficazes para todos” (ONU, 2015, p. 23).

Com o **ODS 8** pretende-se **Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos**. Nesta meta elencamos a **8.5** “[...] alcançar o emprego pleno e produtivo e trabalho decente [para] todas as mulheres e homens, inclusive para os jovens e as pessoas com deficiência, e remuneração igual para trabalho de igual valor” (ONU, 2015, p. 27).

O **ODS 10** tem o intuito de **Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles**. Em se tratando das deficiências, elencamos a meta **10.2** “Até

2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra” (ONU, 2015, p. 29). E **10.3** “Garantir a igualdade de oportunidades e reduzir as desigualdades de resultados, inclusive por meio da eliminação de leis, políticas e práticas discriminatórias e da promoção de legislação, políticas e ações adequadas a este respeito” (ONU, 2015, p. 29).

No **ODS 11** que visa **Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis**, ressaltamos a meta **11.2** “[...] proporcionar o acesso a sistemas de transporte seguros, acessíveis, sustentáveis e a preço acessível para todos, [...] com especial atenção para as necessidades das pessoas em situação de vulnerabilidade, mulheres, crianças, pessoas com deficiência e idosos (ONU, 2015, p. 30), assim também a meta **11.7** “Até 2030, proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, particularmente para as mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência” (ONU, 2015, p. 30).

O **ODS 16** almeja **Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis**, o que se dará por meio da meta **16.7** “Garantir a tomada de decisão responsiva, inclusiva, participativa e representativa em todos os níveis” (ONU, 2015, p. 26).

Por fim, o **ODS 17 Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável com a meta 17.17** “Incentivar e promover parcerias públicas, público-privadas e com a sociedade civil eficazes, a partir da experiência das estratégias de mobilização de recursos dessas parcerias” (ONU, 2015, p. 39).

Retomando a discussão, dada a complexidade do conceito e por ser multidimensional, a competência em informação segundo a proposta de Vitorino e Piantola (2009) pode ser vista sob o prisma das dimensões: técnica, estética, ética e política. Para as autoras uma dimensão pode ser entendida

[...] como uma face, uma parte de um todo que não se mantém sozinha ou sobrevive sem a outra face ou as outras partes – as outras dimensões. É uma espécie de ‘retalho’ de um patchwork complexo e

colorido, onde partes se unem para um propósito, uma finalidade: a competência [em informação] (Vitorino; Piantola, 2011, p. 102).

Para ilustrar essa explanação das autoras, buscamos representar este *patchwork* onde cada retalho representa uma dimensão. As cores e os posicionamentos das dimensões foram escolhidas de modo aleatório. Outra forma de ilustrar é comparando a competência em informação com um tabuleiro de xadrez multicolorido (Figura 11):

Figura 11 – Patchwork das dimensões da competência em informação

dimensão técnica	dimensão estética	dimensão política	dimensão ética
dimensão estética	dimensão política	dimensão ética	dimensão técnica
dimensão política	dimensão ética	dimensão técnica	dimensão estética
dimensão ética	dimensão técnica	dimensão estética	dimensão política

Fonte: Elaborada com base em Vitorino e Piantola (2011) e recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Xadrez colorido das dimensões da competência em informação nas cores verde, azul, rosa, vermelho e amarelo. Em cada quadrado lê-se uma das dimensões: dimensão técnica, dimensão estética, dimensão política ou dimensão ética.

O todo (competência em informação) é constituído por quatro partes/faces ou nuances que nos permitem conhecer o processo sob fatores técnicos, estéticos, políticos e éticos. Assim, segundo Vitorino e Piantola (2011) a **dimensão técnica** como o próprio nome sugere é a dimensão da competência em informação que requer habilidades técnicas (e por vezes tecnológicas) e instrumentos para desempenhar uma ação ou atividade informacional. É uma dimensão mais prática. A **dimensão estética** é a dimensão relacionada para a “[...] experiência interior, individual e única do sujeito ao lidar com os conteúdos de informação e a sua maneira de expressá-la e agir sobre ela no âmbito coletivo.” (Vitorino; Piantola, 2011, p. 103-104). É a dimensão da imaginação, da sensibilidade e da criatividade expressa quando o sujeito consegue criar novas informações e tem prazer em aprender. A **dimensão**

ética é a dimensão em que o sujeito se volta para o uso ético e responsável da informação avaliando sempre o bem-comum (Vitorino; Piantola, 2011). É uma dimensão mais reflexiva, pois toda e qualquer ação é realizada pensando não na individualidade, mas na coletividade. A **dimensão política** é a dimensão da atuação do sujeito na sociedade, consciente de seus direitos e deveres, aquele que participa, que sabe trilhar seu próprio caminho (Vitorino; Piantola, 2011) porque sabe e está preparado para compreender a realidade. É uma dimensão em que o sujeito é concebido de modo mais crítico e atuante na sua relação com a informação.

Em artigo intitulado "Mulheres-mães de surdos na Agenda 2030: contribuições da competência em informação" propomos uma quinta dimensão para competência em informação: a dimensão inclusiva (Pereira; Miranda; Alcará, 2022). Contudo, ao reavaliar a proposta inicial entendemos que ela poderia ser uma micro dimensão, existente nas quatro macro dimensões já consolidadas por Vitorino e Piantola (2009, 2011). Percebemos que a dimensão inclusiva pode estar presente nas quatro dimensões não se configurando como uma dimensão nova ou inédita, mas já estaria diretamente associada às outras quatro dimensões. Ou seja, significa pensar nos elementos relativos às deficiências, inclusão e acessibilidade que possuem fatores éticos, políticos, estéticos e técnicos. Para exemplificar, na Figura 12 buscamos relacionar os aspectos inclusivos e às mães de pessoas com surdez, dentro de cada dimensão da competência em informação, quais sejam: dimensão técnica, dimensão estética, dimensão política e dimensão ética.

Figura 12 - Presença da “micro dimensão inclusiva” nas quatro dimensões de Vitorino e Piantola



Fonte: Elaborada com base em Pereira, Miranda e Alcará (2022) e recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Dimensões da competência em informação divididas em forma quadricular. No primeiro quadro em verde, a dimensão técnica acompanhada da figura de uma mulher digitando no notebook, no segundo quadro em laranja a dimensão estética com a figura de um homem desenhando no terceiro quadrante a dimensão política com a figura de três mulheres e no último a dimensão ética com a figura de duas mulheres carregando o mundo.

Para além desses aspectos, podemos pensar também na competência em informação das mães, relacionada à aprendizagem independente e a responsabilidade social que elas têm para consigo mesmas, com os filhos surdos e com a sociedade (Figura 13).

Figura 13 - Competência em informação, aprendizagem e responsabilidade social das mães de pessoas com surdez



Fonte: Elaborada com base na American Library Association (ALA, 1998) citado e traduzido por Campello (2003) e recursos do Word.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Lista trapezoide em três partes. Na primeiro trapézio em contorno laranja característica da competência em informação relacionada as mães onde se lê: A mãe que está desenvolvendo a competência em informação: sabe como buscar e acessar uma informação com eficiência e eficácia, sabe avaliar uma informação de modo crítico e consciente e sabe usar uma informação de forma precisa, ética e criativa. No segundo trapézio com contorno azul se lê: Aprendizagem independente. A mãe forma a competência em informação quando: desenvolve as habilidades do aprender a aprender e da aprendizagem ao longo da vida. Ela sabe localizar a informação que está concatenada com suas necessidades informacionais de forma persistente; desenvolve as habilidades de aprender com independência e autonomia. Ela sabe como se apropriar da literatura, da cultura, da arte e de outras manifestações criativas da informação e ela se torna autônoma

informacionalmente quando aprende de maneira independente e alimenta sua própria motivação, esforçando-se para buscar informações novas e produzir conhecimento. No terceiro trapézio com contorno verde se lê: Responsabilidade social. A mãe colabora de forma positiva para comunidade surda e de mães, sabe valorizar a informação no contexto da sociedade inclusiva, a mãe favorece o grupo de aprendizagem e exercita ações éticas diante da informação e dos recursos tecnológicos e a mãe coopera de forma positiva com o aprendiz do grupo e com a sociedade ao exercer seu pertencimento com a comunidade, ao buscar, compartilhar e produzir informações.

Assim também as mães de pessoas com surdez ao formar as habilidades da competência em informação podem produzir e compartilhar informações associando-as aos seus conhecimentos e experiências, sem, contudo, perder a motivação, mas despertando-a para novos conhecimentos de modo que saibam como motivar outras mães na mesma condição. Em pesquisa intitulada "Fatores que influenciam o compartilhamento da informação e do conhecimento", Alcará *et al.* (2009, p. 180) identificaram que aspectos como "[...] a confiança, a amizade, a afinidade, a harmonia e a doação podem ser consideradas elementos que promovem comportamentos motivados e influenciam positivamente o compartilhamento da informação e do conhecimento."

Considerando, portanto, que a aprendizagem contínua é um dos pilares para a competência em informação, estabelecemos com base nas dimensões da competência em informação de Dulzaides Iglesias e Molina Gómez (2007) as dimensões do aprender a aprender: querer aprender, poder aprender e saber aprender. Em resumo, acreditamos que as mães de pessoas com surdez precisam desses três fatores impulsionando o aprendiz a partir da informação (querer, poder e saber).

O aprender a aprender é um conceito "[...] que se acha diretamente relacionado com as questões de autonomia das pessoas para tomar decisões a respeito do que se deve *Ser, Conhecer e Fazer* na Sociedade da Informação, o que implica no desenvolvimento de novas competências" (Belluzzo, 2007, p. 26).

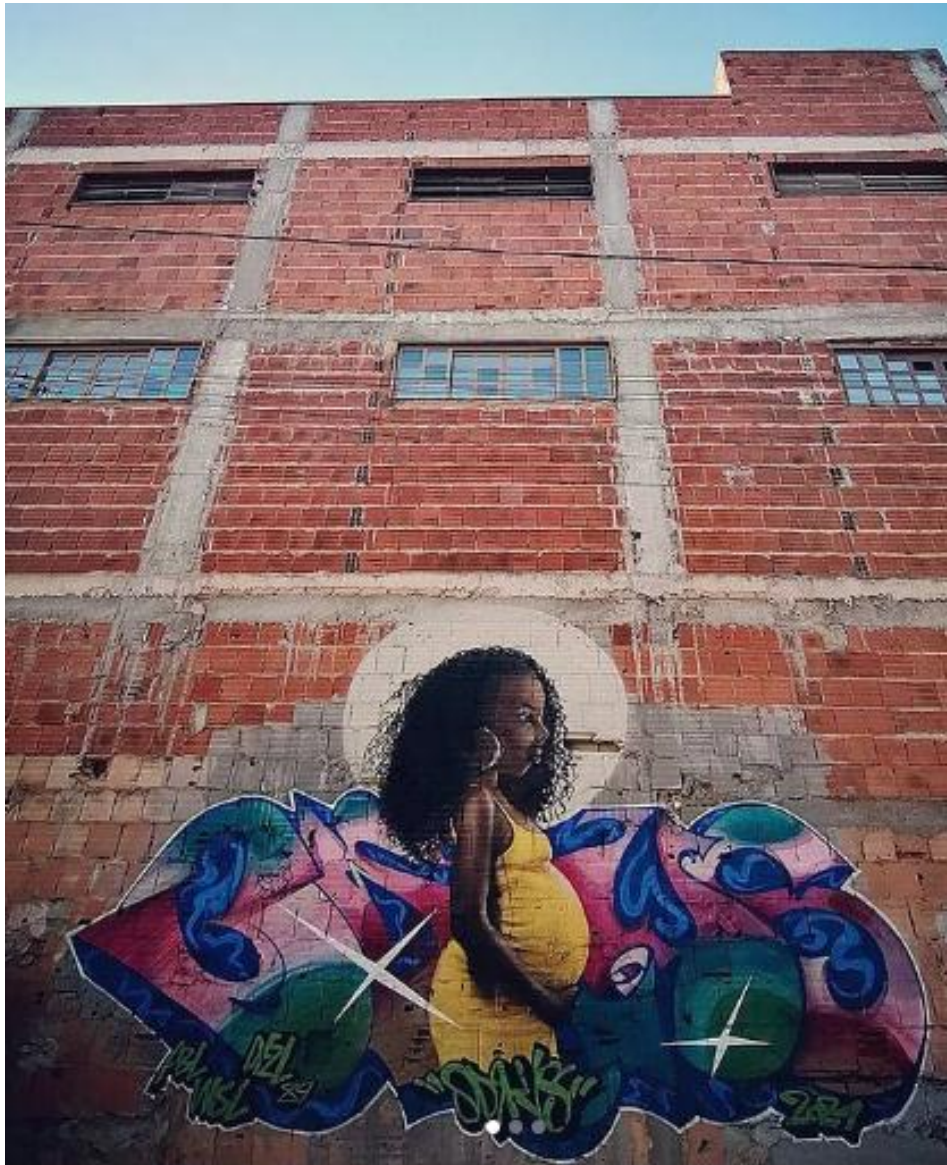
Gama (2013, p. 112) explica que "A expressão aprendizagem ao longo da vida pressupõe o aprendiz que o indivíduo realiza continuamente durante a sua vida. É um processo em que os indivíduos estão comprometidos com o permanente aprendiz de forma independente" ao mesmo tempo em que se sentem motivados a continuar aprendendo.

No cenário da surdez, a consciência e atuação a partir da informação

estão vinculadas à motivação e a competência em informação de modo que as mães para além da busca e consequente apropriação tenham condições de produzir informações conectadas com sua realidade, vivências e experiências. Quanto mais elas participarem e se sentirem seguras neste processo maior será a **oportunidade de desenvolver habilidades**, o gosto informacional e o gosto pela aprendizagem o que poderá contribuir para competência em informação.

3 HABILIDADES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E AÇÕES DOS SUJEITOS

"A família de Daniel não era rica. Logo depois que ele ficou surdo, a mãe passou alguns anos sem trabalhar para cuidar do menino. No período em que ele esteve doente, eram frequentes as idas ao médico. A escola especial era gratuita, mantida por uma organização sem fins lucrativos. Mas era preciso levá-lo, esperar e trazê-lo de volta para casa. E isso tomava todo o tempo da mãe." (Carrasco, 2011, p. [8]. *In: Daniel no mundo do silêncio*).



Fonte: Instagram (Odrus, 2021 grafiteiro surdo)¹⁷.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): No muro de uma casa, um grafite representando uma mulher negra grávida. Ela está de perfil, brinco de argola, vestido amarelo e segurando a barriga. Atrás da mulher tem uma palavra estilizada em estilo grafite.

¹⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSAnrhtnigt/>.

Na seção anterior discorreremos sobre a competência em informação, seus conceitos e características. Nesta seção, portanto, iremos discorrer ainda mais sobre mães de pessoas surdas. A relação de familiares de pessoas com deficiência com a informação tem sido investigada na Ciência da Informação (Berti, 2014; Condurú; Maués, 2019; Pereira, 2020; Ribeiro; Marteleto, 2022). Especificamente aqui, objetivamos discutir sobre as mães e o maternar uma pessoa com surdez (que pode ser considerada como uma maternidade atípica¹⁸), considerando os fatores emocionais, afetivos e informacionais que permeiam esta relação. A começar pelo diagnóstico da surdez e, por consequência, os conflitos experienciados pelas mulheres-mães.

3.1 A MATERNIDADE E A SURDEZ

Neste tópico trataremos uma discussão a respeito das mães de pessoas com surdez, que com suas necessidades fazem parte e integram os processos informacionais, conforme notar-se-á a seguir.

É comum que toda mãe espere o nascimento de um filho sem deficiência. Mas quando a realidade difere das expectativas, surgem diversos sentimentos e emoções na mulher. Palamin *et al.* (2014, p. 570) explicam que “Os sentimentos gerados pela condição inesperada do filho oscilam entre polaridades: amor e ódio, alegria e sofrimento, aceitação e rejeição e euforia e depressão”. É um misto de dores, solidão, traumas, medos, angústias, desespero e luto pela perda do filho perfeito.

Furtado (2008, p. 24-25) explica que “Por serem completamente diferentes uns dos outros, os seres humanos reagem de diferentes formas, mesmo que as situações sejam semelhantes. Isso significa que cada casal, ao ser surpreendido com a chegada de um bebê surdo, assumirá uma postura.” A autora complementa dizendo que “Para cada casal, o período de duração do luto será diferente, para uns acabará bem rápido, para outros será mais demorado” (Furtado, 2008, p. 25). Nas

¹⁸ Segundo Almeida (2021, p. 73): “Na maternidade atípica a mãe relaciona-se e materna uma criança com alguma deficiência, que é entendida pela sociedade como um problema, como um sujeito que não se encaixa, um custo adicional já que se deve pensar em incluir essa pessoa. O problema fica direcionado para o filho dessa mãe, mas a localização do problema é a estrutura social, que espera padrões típicos e exige que os sujeitos se encaixem e vivam de acordo com o típico, e não a pessoa em sua ampla complexidade de ser um humano”.

famílias surdas, a chegada de um filho surdo não gera estranhamento, ao contrário, muitos ficam felizes com o diagnóstico. Em geral, o processo do luto é mais frequente e intenso nas famílias ouvintes.

A pesquisadora surda Emiliana Faria Rosa em sua dissertação intitulada “Olhares sobre si: a busca pelo fortalecimento das identidades surdas”, salienta que a reação inicial é choque do diagnóstico:

De primeiro impacto, o choque. Um membro familiar surdo não é comum – a não ser em famílias que já possuam casos semelhantes. Uma família que possua surdos em seu núcleo vai tratar o surdo da mesma forma que os outros surdos. Já uma família que não tenha e/ou não conviva com surdos, terá um processo de aceitação totalmente diferente (Rosa, 2009, p. 62).

Aquilo que lhes parece novo e inesperado, assusta, paralisa. Ter um surdo na família, pode fazer com que a aceitação por parte dos pais seja mais rápida, ou mais lenta para aqueles que desconhecem a surdez. Complementarmente, Barcellos (2011, p. 27) explica que o choque do diagnóstico desencadeia

[...] uma estagnação de ações, sentimentos confusos, intensos e contraditórios por não saber ao certo o que é a surdez, mas por já saber que o filho é surdo. Por isso, a família experimenta uma série de sentimentos como a ansiedade, a raiva, a superproteção, a rejeição, a negação, a culpa, o preconceito, a vergonha e a depressão.

“O período pré-natal sempre gera expectativas para os pais, principalmente para a mãe que vivencia momentos de medos, angústias e dúvidas a espera de seu filho, pois, para ela a criança é responsável por dar continuidade aos laços familiares” (Borges; Campos, 2015, p. 2). E geralmente,

Quando os pais são informados, no momento do nascimento, que a criança tem algum tipo de problema ou deficiência, o nascimento passa a representar um momento de tristeza, desespero, confusão e medo. Grande parte da reação dos pais é determinada pelo tipo de informação fornecida [...] (Yamada *et al.*, 2014, p. 467).

A forma como os pais reagem está condicionada às informações que recebem neste momento. Berti (2014, p. 13) ao se reportar ao diagnóstico da Síndrome de Down explica que os pais “[...] nem sempre recebem a notícia transmitida de forma correta ou acolhedora e amável”. Complementar a isso, advém o sentimento de ter que lidar com o inesperado, lembrando que a deficiência pode aparecer em qualquer fase da vida da criança, não somente no nascimento. Além disso,

entendemos que a deficiência não é um problema, mas uma condição. Pensar na deficiência como um problema é ter uma concepção capacitista e reduzida.

No blog “Crônicas da Surdez” (2021) (seção experiência dos leitores) uma mãe relata:

Um grande orgulho para qualquer mãe é exibir seus filhos, de qualquer idade. Quando, por algum motivo, esse filho tem alguma deficiência, é comum que a família tenha uma reação de negação. **Aconteceu comigo.**

Via fotos, lia textos e repetia: eles estão enganados, minha filha não tem isso.

Confesso que chorei. De medo. Pensava em como seria a vida dela, como seria a minha vida. Fiquei atônita. Mas todo esse susto levou apenas alguns dias. É preciso maturidade emocional e muita autoconfiança, para não se deixar abalar de ser um centro de olhares alheios inconvenientes. (Jannayna *apud* Moreira, 2021, local. 14, grifo da autora).

Na surdez, precisamos considerar que “A família que tem entre seus membros uma pessoa surda atravessa momentos difíceis no decorrer das várias fases de seu ciclo vital e requer acompanhamento, orientação e ajuda em cada etapa” (Lima; Frederico, 2013, p. 91) além de informações específicas e precisas, de tal forma que as mães tenham condições de desenvolver habilidades para lidar com tais informações. O desenvolvimento de habilidades para lidar com o universo informacional da surdez aflui para a competência em informação.

Em sua pesquisa intitulada “As representações sociais da maternidade para mães de filhos/as com deficiência”, Crisostomo, Grossi e Souza (2019, p. 93) puderam constatar que nenhuma das mães participantes do estudo “[...] esperava um/a filho/a com deficiência”. As autoras entendem que “[...] socialmente espera-se um/a filho/a saudável e sem imperfeições, devido a tudo que sai dos padrões de normalidade ser discriminado, causando comportamentos e sentimentos disfuncionais ao lidar com um diagnóstico de uma deficiência” (Crisostomo; Grossi; Souza, 2019, p. 93).

Além das pressões internas de familiares, ocorre a necessidade de lidar com pressões sociais externas. A sociedade em que vivemos demonstra dificuldade para conviver com diferenças. Essa dificuldade de convívio ocorre também em relação à pessoa com [surdez], o que acaba por se estender sobre toda a família e sobre a relação desta com o membro [com deficiência] (Boscolo; Santos, 2005, p. 70).

Segundo as autoras, os pais terão de lidar com pressões da própria família e do mundo exterior, isto é, da sociedade. Concordamos que a nossa sociedade ainda tem dificuldades de viver com pessoas que apresentam condições diferentes e isso reflete na família. Em se tratando da surdez

A identificação da perda auditiva no filho impacta nos pais e traz necessidades, alterando a dinâmica familiar, abrangendo desde a aceitação da deficiência, o entendimento a respeito da condição da criança, das suas possibilidades de desenvolvimento de linguagem e global, bem como dos recursos terapêuticos disponíveis, gerando ansiedade (Palamin *et al.*, 2014, p. 572).

Por ter que lidar com questões muito específicas da surdez, os pais e as mães se sentem perdidas diante dessa nova realidade que se instaura. Tudo lhes parece caótico. “A pequena criança deixa de ser a desejada, ela é estranha, estrangeira, em uma família que agora está pouco confiante. Os pais, principalmente a mãe, já não confiam na própria capacidade de orientá-la, sendo ela tão ‘diferente’” (Campos, 2012, p. 42).

Para Souza, Santos e Malvasi (2022, p. 46) “[...] a notícia da surdez de um filho é um divisor de águas para grande parte das famílias. Trata-se de uma notícia trágica. A falta de informação sobre as reais possibilidades de sua criança traz insegurança em relação ao futuro”. A presença da surdez é como se fosse um terremoto abalando as estruturas de suas vidas. Agora, as mães assumem outros papéis: além de serem mulheres, são mães, sendo mães de uma pessoa com deficiência (PcD) e também mãe de uma pessoa com surdez conforme ilustrado na Figura 14.

Figura 14 - Os papéis das mulheres-mães



Fonte: Elaborada com recursos do Word.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Quatro círculos empilhados mostrando as relações de sobreposição dos papéis exercidos pelas mães na sociedade. No círculo maior amarelo lê-se mulher. Na sequência dentro do círculo amarelo, há um círculo laranja onde se lê Mãe. Dentro do círculo laranja, está um círculo verde onde se lê: mãe de uma pessoa com deficiência. No último círculo na cor azul que está dentro do círculo verde, se lê: mãe de uma pessoa com surdez.

Na concepção de Matos (2019, p. 48) o “[...] nascimento e diagnóstico de um filho com deficiência adensa a questão da maternidade, ou seja, não se trata de uma outra forma de ser mãe, mas de lidar com a maternidade a partir dos imperativos culturais impostos e do imaginário social sobre a deficiência”. Em outras palavras, a maternidade é a mesma, o que muda são as perspectivas culturais e sociais a respeito da deficiência do filho. Por outro lado, as necessidades informacionais destas mães serão diferenciadas, conforme evidenciamos a seguir.

3. 1. 1 Possíveis Necessidades e Conflitos Informacionais das Mães de Pessoas com Surdez

Geralmente junto com o diagnóstico, originam-se necessidades e conflitos (Matos, 2019; Rocha, 2018) informacionais que desafiam a própria maternidade, como está demonstrado na Figura 15. No entanto, as necessidades informacionais das mães surdas “[...] nem sempre são as mesmas de mães ouvintes”

(Santos; Cavalcante, 2023, p. 21).

Figura 15 - Possíveis conflitos informacionais das mães de pessoas com surdez



Fonte: Elaborada com base em Pereira (2020) e nas evidências e dados da fundamentação teórica com recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Uma mulher com calça amarela e camiseta rosa está triste agachada e abraçando as pernas. No balão de pensamento: Meu filho é surdo e agora? Na próxima imagem, uma mulher de blusa verde com os três balões de fala: sendo o primeiro: O que eu preciso saber sobre a surdez?, o segundo balão: o que eu sei e o que eu não sei sobre a surdez? E o terceiro balão com a frase: O que eu preciso aprender sobre a surdez? Acompanha a figura da mulher, uma mão sinalizando e uma orelha azul e branco, símbolo da surdez. Na parte inferior o desenho de uma mulher com camiseta azul sentada diante de um computador com o balão de fala: Onde posso encontrar informações sobre a surdez e livros. Na última figura, mulheres conversando e o balão de pensamento: Quem pode me ajudar nas minhas necessidades de informação?

Na concepção de Berti (2014, p. 13) "Saber como lidar com as necessidades de informação nos diferentes contextos constitui um desafio para cada pessoa." Considerando tal afirmação, buscaremos pensar sobre cada um dos questionamentos das mães de pessoas com surdez elencados na Figura 15, nos tópicos a seguir:

- **"Meu filho é surdo ou meu filho ficou surdo, e agora? Por onde começar?"**

É um dos primeiros conflitos das mães logo após o diagnóstico da surdez que vem acompanhado dos questionamentos: "Como criar, cuidar e educar uma

pessoa com surdez?”, em outras palavras, “Como maternar uma pessoa com surdez?”. No trabalho de Souza, Santos e Malavasi (2022, p. 49), uma das autoras que é mãe de uma pessoa com surdez relata: “Hoje estou convicta de que a primeira providência é buscar ajuda médica, terapêutica e conhecer a surdez, suas implicações para poder, de fato, aproximar-se daquele filho que com certeza está distante, está sozinho, incomunicável”.

Quando você se descobre mãe de uma criança com deficiência, suas emoções oscilam. Em alguns momentos você se sente forte, capaz de suprir todas as necessidades daquele ser indefeso, totalmente dependente. Se sente a supermãe, toda poderosa, supridora e protetora. Em seus braços, nada poderá atingi-lo. Seus braços são, na verdade, a extensão do seu útero, onde ele está envolto em uma bolha protetora. Totalmente isolado das intempéries do mundo externo. Em outros momentos é tomada pela consciência da própria limitação, da incapacidade de reproduzir externamente o ambiente protetor que seu corpo proporcionava. Que mundo o espera? Ele não viverá para sempre sob minhas asas. Que escola frequentará? Que amigos conquistará? Como lidará com as frustrações de ser rejeitado, d[i]scriminado, já que foge dos padrões de normalidade pré-concebidos pela sociedade? (Rocha, 2018, local. 3 e 4).

O que angustia as mães é a perspectiva de futuro que está atrelada às suas ações do presente. Pensar e projetar os acontecimentos, como serão ou e se acontecer isso ou aquilo juntamente com uma carga emocional das responsabilidades como mãe é muito complexo. Para Silva, C.¹⁹ (2022, local. 8) “São muitas as implicações e é enorme o misto de emoções vivenciadas por essas mães, especialmente por desconhecerem como funciona a vida de quem não escuta”. Elas podem ter a sensação de caos instaurado.

Segundo Berti (2014, p. 13) a vida toma outro rumo e pode levar à compreensão da “[...] informação e do conhecimento para conduzir a inesperada situação de viver o presente, presente”. Embora a autora esteja se referindo à Síndrome de Down, algumas situações são comuns entre as mães de pessoas com outras deficiências, o que nos leva a entender, como elas vão reagir, em relação à questão da presença e da ausência na vida dos filhos. Para continuar, elas terão que se refazer emocionalmente o que é doloroso e trabalhoso, pois “Quando a questão é o nascimento de uma criança com deficiência, a intensidade da situação envolve uma

¹⁹ No Blog SignumWeb. Disponível em: <https://blog.signumweb.com.br/curiosidades/maes-surdas-e-ouvintes-varias-possibilidades/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

repercussão complexa e imprevisível no contexto familiar” (Falkenbach; Drexler; Werler, 2008, p. 2066).

Este é o momento de refletir, reorganizar os sentimentos e decidir entre o “**luto** eterno e a **luta** contínua”. Essa foi uma das reflexões elencadas por uma mãe no curso “A Docência e a Libras no contexto inclusivo” que foi promovido pelo Núcleo de Acessibilidade (NAC) da Universidade Estadual de Londrina (UEL, 2022) e ministrado pela professora Silvana Araújo Silva. Foi possível constatar na fala desta mãe que possui um filho com autismo, os dois momentos existentes: o luto que pode permanecer por toda vida ou ser apenas uma fase e a luta que será constante.

Quando a mulher-mãe opta pela luta, advém uma série de desafios a todo momento e para ter condições de lutar e permanecer lutando ela terá de saber mais, aprender mais, conhecer mais, estudar mais, se envolver mais, entre outras ações. O que demanda tempo, espera, paciência, motivação. No caso do autismo, os familiares podem até se organizar em grupos para reivindicar os “[...] direitos, acesso a tratamentos e inclusão social das pessoas autistas” (Ribeiro; Marteleto, 2022, p. [2]). Cabe pontuar que o surgimento de associações de familiares de autistas (inclusive na região de Londrina) permitiu “[...] o compartilhamento de diversas informações e tratamentos, trazendo inclusive o acesso a teorias e práticas já conhecidas fora do Brasil que fossem relevantes para a formação de profissionais capacitados.” (Teixeira, 2024, p. 43).

Ao refletir sobre sua própria experiência como mãe, Simone (2022, local. 3) relata: “Eu tinha duas opções: **chorar ou aprender a lidar com a surdez**, até então totalmente desconhecida. De fato, não é simples, fácil ou rápido, mas é possível. Escolhi a segunda opção!”. No entender de Barcellos (2011, p. 27)

Assim que a família começa a enxergar a surdez por meio de um novo olhar, pois já receberam maiores informações e foram esclarecidos sobre a surdez pelos profissionais (médicos, fonoaudiólogos, professores, entre outros) e até por outros pais, já podem encarar a surdez do filho como algo real. Podem trocar os sentimentos negativos por positivos. Inicia-se, então, a fase de *adaptação* em que os pais começam a buscar mais informações sobre o filho e como lidar com a surdez da criança.

Reforçamos que isso implica em ressignificar a maternidade, dando-lhe um novo sentido. Muitas vezes (mesmo já na fase da adaptação) a mulher-mãe se

sentirá fragilizada e vulnerável pois não sabe quais rumos dar a sua própria vida e a vida de seu filho surdo. Isso porque

Maternar um/a filho/a com deficiência se expressa de forma singular na vida das mulheres mães, haja vista as necessidades próprias de cada sujeito. Além do mais, pode se tornar mais complexo e difícil a depender também dos comportamentos e práticas sociais com as quais esbarram nos espaços de sociabilidade (Marques, 2019, p. 27).

No plano ideal, a mãe se prepara para maternar uma criança ouvinte. Ao se “descobrir” como mãe de uma pessoa com surdez ela terá de reprogramar a rota anteriormente planejada. Neste aspecto o profissional que acompanha a família é responsável por

[...] fazer com que a mãe possa “reinvestir” seu filho, perceber sua beleza, suas qualidades, suas conquistas, para que ela possa olhá-lo com vistas para o futuro, seus primeiros passos, ainda que trôpegos, poderão ser apontados, para serem comemorados, seus primeiros sinais serão significados e compartilhados, suas tentativas interativas valorizadas (Campos, 2012, p. 42).

De fato, ser mãe de uma pessoa com deficiência é complexo e desafiador e lidar com a surdez vai exigir das mães uma habilidade de ser flexível e se adaptar (resiliência) para que consigam avançar para a etapa da identificação de suas próprias necessidades informacionais. Que podem ser muito específicas e individuais ou parecidas com os conflitos de outras mães.

É válido enfatizar que as mães são mais propensas a buscar informações do que os pais (Allen; Rainie, 2002 *apud* Porter; Edirippulige, 2007, p. 520, tradução nossa). E “São as mães que buscam conciliar as tarefas de dona de casa e cuidadora, que mantêm a ordem familiar e zelam pelo filho surdo e suas demandas” (Batista, 2006, p. 48). Posteriormente as mães podem se questionar:

- **“O que eu sei e o que eu não sei sobre a surdez?”**

Momento de identificar as necessidades informacionais. A mãe precisará descobrir e redescobrir a surdez entre suas concepções, senso comum, conhecimentos prévios e conhecimentos fundamentais para lidar melhor com o filho surdo e com isso criar perspectivas de futuro.

Entretanto, identificar as próprias necessidades de informação é um desafio. Condurú e Maués (2019, p. 160) em estudo sobre pais de crianças com Distúrbio de Processamento Auditivo Central (DPAC) afirmam que “[...] mesmo

sabendo o diagnóstico do filho, não é tarefa fácil pesquisar e encontrar informações que possam dirimir todas suas dúvidas e incertezas diante da situação”. Pesquisar e encontrar informações é de fato um desafio. Inclusive as referidas autoras constataram que a ausência de informação “[...] ainda é o motivo de muitas dúvidas para os pais com relação ao desenvolvimento dos filhos nos variados aspectos da vida. Todos têm necessidade de informação, mas nem todos têm acesso e sabem buscá-la adequadamente.” (Condurú; Maués, 2019, p. 176).

Isso aflui para a percepção sobre:

- **“O que eu preciso saber sobre a surdez?”**

Momento de ampliar horizontes e de saber que lidar com a surdez não é fácil, mas é possível. Como todo processo de aprendizagem demandará da mãe tempo, envolvimento e motivação para continuar aprendendo e persistir mesmo diante das dificuldades. Resende (2008, p. 43) no documento “A Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência Comentada” afirma que “Quando nasce uma criança com deficiência é preciso coragem para continuar e são vários os relatos de pais que tiveram contato primeiro com a deficiência antes mesmo de terem contato com seus filhos”.

No caso da surdez, inicialmente a mãe precisa saber sobre as formas de comunicação, educação, pontos positivos e negativos do Implante Coclear (IC), suas responsabilidades como mãe de uma criança surda, direitos das pessoas surdas, direitos das mães, entre outros aspectos. Em um nível mais aprofundado é preciso compreender que o

[...] povo surdo é composto por uma pluralidade de pessoas, que se diferenciam em seus corpos, línguas, identidades e culturas, mesmo fazendo parte de um mesmo grupo. Essas diferenças são conectadas por uma percepção de mundo visual, e que não está ligada ou, que necessariamente, dependem do uso da oralidade para seu desenvolvimento cognitivo ou vivência em sociedade. (Santos; Valério, 2021, p. 2).

Também é muito importante que as mães saibam como o filho se sente sendo surdo. Na orelha do livro “A surda absurda”, a autora Cece Bell que é surda diz:

Eu era uma criança surda cercada por crianças que podiam ouvir. Eu me sentia diferente e, em minha mente, ser diferente não era uma coisa boa. Em segredo, e abertamente, acreditei que minha surdez, ao me tornar tão diferente, era uma deficiência. E sentia vergonha (Bell, 2019).

É com base nas experiências de vida de outros surdos e dos próprios filhos que as mães podem buscar compreender a surdez e auxiliá-los nas suas necessidades pessoais, nos seus conflitos. Quando isso acontece, ocorre um exercício de empatia por parte das mães, pois para além das suas próprias dificuldades no papel de mãe existem os desafios de ser surdo num mundo majoritariamente ouvinte.

No estudo intitulado: "Famílias de crianças com necessidades educacionais especiais: recursos e necessidades de apoio" Gualda, Borges e Cia (2013) identificaram que as necessidades de informação mais incidentes entre os familiares, participantes da pesquisa foram: necessidade de maior informação sobre os serviços e os apoios de que o filho poderá se beneficiar no futuro; necessidade de maior informação sobre a maneira de ensinar o filho; necessidade de maior informação sobre os serviços e os apoios que frequentemente estão mais indicados para o filho e necessidade de informação sobre a maneira de falar com o filho. Dentre as necessidades de informação com menor incidência estão: necessidade de maior informação sobre a deficiência e as necessidades específicas do filho; necessidade de maior informação sobre a maneira de lidar com o filho e necessidade de maior informação sobre a maneira que a criança cresce e se desenvolve (Gualda; Borges; Cia, 2013, p. 320).

Estes são alguns exemplos identificados na referida pesquisa, mas podem existir outras necessidades informacionais a depender de cada familiar. E "Mesmo nas famílias com acesso mais rápido às informações e ao diagnóstico, podem-se encontrar outros problemas decorrentes de uma visão preconceituosa, que coloca a surdez como um "déficit" que necessita de cura" (Guarinello; Lacerda, 2007, p. 107).

Geralmente ao identificar a necessidade, se avalia:

- **"O que eu preciso aprender sobre a surdez?"**

Nesta etapa a mãe estabelecerá seu próprio processo de aprendizagem, conhecer o desconhecido, informar-se. Antes, durante e após o diagnóstico da surdez que se estenderá ao longo da vida da mãe, ela percebe que necessita aprender para entender, aprender para conhecer. A surdez "[...] pode ser considerada algo além de um fenômeno físico, como uma construção cultural." (Corradi, 2011, p. 40). Por ser uma condição repleta de elementos culturais, históricos e sociais, as mães podem aprender sobre várias questões, como por exemplo: aprender sobre as formas de

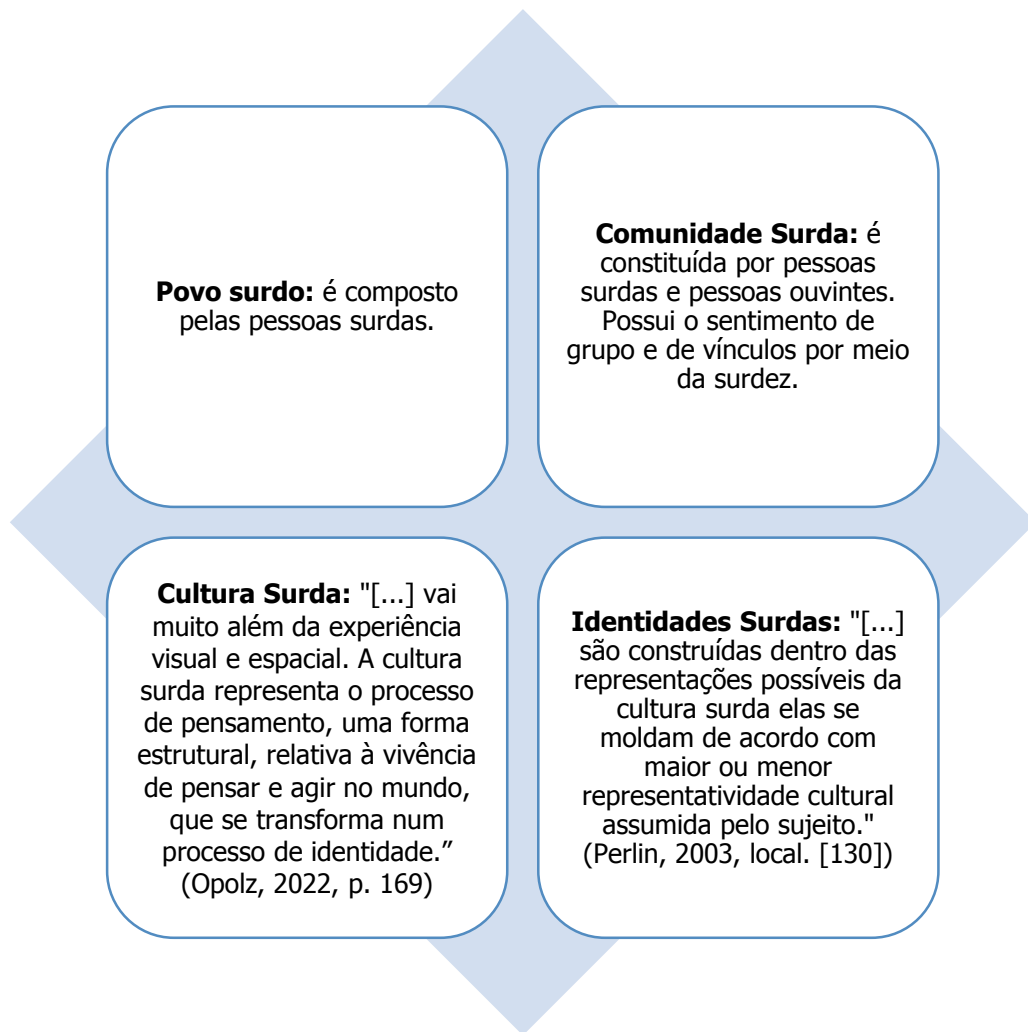
comunicação (Língua de Sinais, Oralismo, Bilinguismo, entre outros). Skliar e Quadros (2000, p. 49) salientam que

As línguas de sinais, entre elas, a língua de sinais brasileira, são naturais e representam uma forma completa de comunicação das histórias surdas. Cada comunidade surda tem sua própria língua de sinais com suas peculiaridades gramaticais.

Importante frisar que “Ao buscar a língua de sinais, os pais mostram sua disponibilidade de estar com a criança, estar na língua de sinais, estar no mundo com o seu filho surdo.” (Campos, 2012, p. 42-43).

Também podem aprender e conhecer onde estão as pessoas surdas de seu município, instituições especializadas e Associação de Pais, aprender sobre identidade e cultura surdas, comunidade surda e povo surdo (pois ambos são diferentes) (Figura 16). A cultura surda, por exemplo, “[...] é a maneira em que pessoas surdas entendem e modificam o mundo, para torná-lo acessível e habitável” (Santos; Valério, 2021, p. 2), e demais elementos, de tal modo que se tornem ao longo de sua trajetória, eternas aprendizes.

Figura 16 – Identidade, Cultura, Comunidade e Povo surdos



Fonte: Elaborada com base em reflexões de Opolz (2022), Perlin (2003), do curso "A Docência e a Libras no contexto inclusivo" (NAC/UEL, 2022) e recursos do Word.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Figura composta por um losango azul ao fundo e quatro quadrantes/quadros. No primeiro quadrante está escrito: Povo surdo: é composto pelas pessoas surdas. No segundo quadrante está escrito: Comunidade Surda: é constituída por pessoas surdas e pessoas ouvintes. Possui o sentimento de grupo e de vínculos por meio da surdez. No terceiro quadrante: Cultura Surda: "[...] vai muito além da experiência visual e espacial. A cultura surda representa o processo de pensamento, uma forma estrutural, relativa à vivência de pensar e agir no mundo, que se transforma num processo de identidade." (Opolz, 2022, p. 169). No quarto quadro Identidades Surdas: "[...] são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda elas se moldam de acordo com maior ou menor representatividade cultural assumida pelo sujeito." (Perlin, 2003, local. [130]).

É importante compreender as diferenças entre estes termos. Gesueli (2006, p. 289) reforça que "Assumir a identidade surda é ainda um processo complexo para muitos surdos pois isso significa assumir a própria condição de surdez e o compromisso de pertencer a um grupo [...] muito discriminado." Então se a mãe identifica em si uma vontade de aprender, ela precisa saber:

- **“Onde encontrar informações sobre a surdez?”**

Momento de aprender para saber como buscar e onde encontrar as informações em diferentes fontes de informação impressas ou digitais. Dentre as tipologias de fontes de informação que podem apoiar o aprendizado das mães existem as publicações científicas (artigos, livros, teses, dissertações etc.), instituições especializadas e de ensino, profissionais ou outros pais e mães de pessoas com surdez, redes sociais (blogs, Facebook, Instagram, Whatsapp) (Pereira; Alcará, 2022).

Segundo o *World Report on Hearing* (2021, p. 48, tradução nossa) “[...] a informação, orientação e apoio aos pais de crianças com perda auditiva são cruciais, mas nem sempre estão disponíveis.” Este relatório destaca que “Em algumas partes do mundo, existem grupos organizados de pais de crianças surdas e com deficiência auditiva, como o “Hands and Voices”. (World [...], 2021, p. 48). Nesse sentido, é preciso enfatizar dentre as tipologias de fontes, os próprios familiares. Guarinello e Lacerda (2007, p. 109) ressaltam a importância dos encontros promovidos com grupos de familiares de pessoas surdas para compartilhar experiências e informações.

Em tais encontros, as mães (porque, em geral, são elas que comparecem) percebem que as próprias dificuldades e lutas podem ser ressignificadas, já que o grupo é um lugar onde são ouvidas e podem conversar sobre questões difíceis, preconceitos, além de terem a possibilidade de se apoiar nas experiências de outras mães. Portanto, o grupo constitui um espaço onde é possível existir troca de experiências entre os integrantes, sendo importante para o desenvolvimento familiar como um todo, porque a mãe, ao voltar para casa, leva consigo novos modos de significar a vivência que está enfrentando.

Porter e Edirippulige (2007) no estudo “Parents of deaf children seeking hearing loss-related information on the internet: the Australian experience” constataram que os familiares já utilizavam a Internet como fonte de informação. Os autores identificaram que “Embora as vias tradicionais de informação permaneçam, famílias estão recorrendo à Internet para acessar informações sobre perda auditiva e criação de uma criança surda” (Porter; Edirippulige, 2007, p. 518, tradução nossa).

Essas mesmas fontes de informação também foram identificadas por Smith *et al.* (2020) em estudo realizado sobre a experiência de pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na busca de informação e tomada de decisão em relação à tratamento. Essas autoras constataram que

As principais fontes de informação relatadas pelos pais [...] incluíram: livros, internet, profissionais de saúde complementares e outros pais de crianças com TEA. Além disso, os pais comentaram sobre o tempo significativo que gastam em busca de informações na internet e a necessidade de mais informações sobre medicina alternativa e complementar. A tomada de decisões sobre medicina complementar era muitas vezes complexa, devido às evidências frequentemente incertas e limitadas disponíveis para os pais (Smith *et al.*, 2020, p. 2, tradução nossa).

Segundo as autoras, a relação dos pais com a(s) informação(ões) sobre medicina alternativa abrange a busca e o uso de diferentes fontes informacionais, o que inclui outros familiares e o desejo de obter mais informações. Para os participantes do estudo é complexo tomar decisões em relação à medicina quando há incerteza (Smith *et al.*, 2020, p. 2).

Outro momento é refletir sobre:

- **Quem pode ajudar nas minhas necessidades de informação?**

Ou seja, averiguar os atores ou recursos que podem corroborar com sua aprendizagem e reduzir suas necessidades informacionais em situações formais e informais. Podem ser pessoas (outras mães, bibliotecários, profissionais da educação e da saúde, pessoas surdas, entre outros) ou lugares (escola, instituições especializadas, biblioteca, posto de saúde, Associação de Pais etc).

Para Furtado (2008, p. 31) “[...] os pais de crianças surdas necessitam ser orientados até que tenham condições de ‘caminharem sozinhos’”. A autora se reporta aos pais, entretanto acreditamos que a orientação e apoio deve ser dada aquela pessoa que é responsável por cuidar da pessoa com surdez, que pode ser os pais, as mães, outro membro da família ou outra pessoa. É preciso que isso aconteça

[...] até que possam perceber que através de situações simples, como o brincar poderão contribuir e muito para o desenvolvimento de seu filho surdo. Até que sejam capazes também, de compreender a surdez de seu filho, como uma diferença, como uma limitação auditiva, e não como uma doença, um déficit, algo que o torne inferior às crianças, ouvintes ou, que o coloque em desvantagem em relação a elas (Furtado, 2008, p. 31).

Em relação ao grupo de mães como uma comunidade de aprendizagem, no estudo “Ser mãe de pessoa com deficiência: do isolamento à participação social”, Soares e Carvalho (2017, p. 9) explicam

[...] ter a oportunidade de encontrar outras mães e de ouvir sobre suas próprias experiências por meio de outras vozes as retira do isolamento e as coloca em um universo de relações grupais que começam a fortalecê-las, porque encontram nas outras mães uma parceira de dor e de luta.

O lugar de fala de outra mãe é insubstituível. Só sendo uma mãe de uma pessoa com deficiência para sentir as mesmas dores, só sendo uma mãe de uma pessoa com surdez para conseguir externar o que é viver essa experiência, para compartilhar seus avanços e sofrimentos, conhecimentos tácito e explícito adquiridos nesta jornada de relacionamento com a surdez.

Como dito, as mães também podem e precisam trocar informações com médicos e outros profissionais da saúde (enfermeiros (as), terapeutas, psicólogos etc). Nesse caso, eles também atuariam como fonte de informação. Um desses profissionais da saúde que trabalha com as pessoas surdas é o fonoaudiólogo. Ele realiza

[...] desde a detecção da surdez até o tratamento; diante disso, orienta as famílias a partir do momento em que a surdez é descoberta, com relação à indicação de próteses auditivas, à escolha de metodologias educacionais para a criança e ao tratamento clínico fonoaudiológico. (Guarinello; Lacerda, 2007, p. 108).

Reportando-se aos fonoaudiólogos, Boscolo e Santos (2005) salientam que eles precisam

[...] ouvir esses pais e assim conhecer um pouco mais sobre essa família, sobre seus sentimentos, suas necessidades, e o que desejam de informação. Os pais precisam ser ouvidos e compreendidos, a fim de que obtenham respostas para suas dúvidas, para que encontrem suporte e forças para falar sobre seus sentimentos e superar suas dificuldades iniciais ante a [surdez] de seu filho (Boscolo; Santos, 2005, p. 70).

É um exercício de empatia: de ouvir, compreender, dar voz, de dar abertura, enfim algo que precisa ser tomado como exemplo por outros profissionais. Em relação ao lugar, Ribeiro, Yamada e Tavano (2007) observaram mães de crianças com deficiência auditiva compartilhando informações entre si na sala de espera, ao esperar o atendimento da equipe interdisciplinar de um hospital.

As autoras constataram que a convivência entre as mães “[...] possibilitou contar muitas histórias, trocar experiências, fazer amizades e ter conversas informais sobre temas diversos [...]” (Ribeiro; Yamada; Tavano, 2007, p. 95). Muitas vezes, conversas informais são mais produtivas que momentos de formalidade.

Retomando o filme *E seu nome é Jonas*²⁰ (1979), é na sala de espera que Jenny (mãe de Jonas, uma criança surda) observa uma família surda conversando em Língua de Sinais e este momento lhe desperta um desejo de dialogar com essa família para obter mais informações.

Numa das sessões de oralização a que submetiam o menino, a mãe, à espera do filho, numa espécie de sala de estar, presencia um casal de surdos sinalizando e mantendo uma comunicação perfeitamente inteligível aos dois e ao filho, que estava participando das aulas de oralização, embora fosse sinalizador (Oliveira *et al.*, 2016, p. 347).

Ressaltamos que a troca, a partilha de informações pode se dar em qualquer ambiente tal qual evidenciados na pesquisa de Ribeiro, Yamada e Tavano (2007) e no filme *E seu nome é Jonas* (1979).

Para além das questões (Figuras 15 e 16) refletimos: **O que as mães podem fazer no dia a dia com os filhos surdos?** Segundo Batista (2006) elas têm um papel fundamental. Para a autora é a mãe

[...] quem faz a ponte com o mundo ouvinte para o filho surdo, pois é para ela que são dadas as orientações, é ela quem participa das sessões terapêuticas, quem assume a responsabilidade de aprender a Língua de Sinais e quem enfrenta no ônibus, na escola, na rua, na sociedade as dificuldades de ter um filho surdo [...] (Batista, 2006, p. 18).

É importante destacar que nesta pesquisa enfatizamos o papel da mulher-mãe. Porém, existem casos em que é o pai (homem) que desempenha a função de maternar.

Na História em Quadrinhos (HQ) "Surda absurda" (Bell, 2019) é a mãe que está ao lado de Cece (sua filha surda) a todo momento, como podemos notar na Figura 17 extraída do livro que sinaliza a saída do hospital após o diagnóstico e recuperação da personagem.

²⁰ O filme "*E seu nome é Jonas* conta a história de um menino surdo que encontra muita dificuldade no convívio social. Inicialmente, por um erro de diagnóstico, ele é internado em uma instituição para crianças [com deficiência intelectual]. Lá, permanece por três anos. Ao descobrirem o erro médico, seus pais o levam para casa. O sentimento de culpa, então, passa a permear a relação dos pais" (Oliveira *et al.*, 2016, p. 346).

Figura 17 – Cece e a mãe

Fonte: Bell (2019, p. 9).

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Na parte superior do quadrinho está escrito com letras na cor preta: “Finalmente...finalmente!...posso sair do hospital...” Na parte central uma coelha com características humanoides adulta está com vestido lilás. Em uma das mãos segura uma mala. Está de mãos dadas com uma coelha humanoide criança com biquíni segurando um boneco de coelho. Elas caminham em direção a uma porta de vidro. Há um caso na parte superior esquerda.

A autora teve a sensibilidade de demonstrar que não é um momento fácil. A mãe foi retratada de modo triste pois o diagnóstico é sempre doloroso especialmente quando a criança nasceu ouvinte. As páginas iniciais indicam a angústia da família pois tudo acontece de forma inesperada, “da noite para o dia”.

Também encontramos respostas no curso “A Docência e a Libras no contexto inclusivo” (NAC/UEL, 2022) já mencionado. Ressaltamos o fato de ter sido ministrado pela professora Silvana Araújo Silva que possui vasta experiência com a surdez e convive com pessoas surdas. Isso nos possibilitou conhecer a realidade dos familiares que em muitos casos acabam relegando as responsabilidades para a escola. Também foi possível perceber que falta informação tanto para as pessoas surdas quanto para a família.

Consideramos que Bernard-Wesson (2020) acerta quando diz que

O apoio familiar pode vir de várias formas: fornecendo recursos de saúde mental, facilitando o desenvolvimento da linguagem, apoio ao indivíduo surdo, envolvimento na comunidade surda, e talvez desenvolvendo uma melhor compreensão de como a surdez afeta as crianças (Bernard-Wesson, 2020, p. 35, tradução nossa).

Tanto a família quanto a escola tem suas responsabilidades e precisa haver um equilíbrio nestes papéis para que uma possa corroborar com o outra em prol do desenvolvimento da criança surda.

É importante que os pais tenham consciência de que seu filho pertence à outra comunidade e assumam o seu papel, isto é, de ser pai e mãe dessa criança. Como é ser pai e mãe de uma criança que não fala a mesma língua que seus pais? Esse tipo de pergunta e muitas outras surgirão, a escola deverá estar preparada para dar orientação aos pais. Sempre será difícil para os pais entenderem e admitirem ter um filho diferente. A escola deve compreender essas dificuldades e procurar dar a orientação adequada para os pais (Alves, 2001, p. 195-196).

Então, em termos práticos, **o que mais poderia ser feito?** Uma ação imprescindível segundo Silva, S.²¹ (2022) é inserir o filho surdo nas atividades cotidianas, como por exemplo, ensiná-lo a fazer compras no mercado, ou ainda, nomear e etiquetar os objetos em casa (Figura 18) para que ele aprenda a Língua Portuguesa, entre outros.

Figura 18 – Exemplos de objetos etiquetados em casa



Fonte: Elaborada com base nas reflexões do curso "A docência e a Libras no contexto inclusivo" e recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Balde rosa com uma etiqueta escrito balde na cor preta. Liquidificador salmão e laranja com uma etiqueta escrito liquidificador. Geladeira aberta com uma etiqueta escrito geladeira. Na frente da geladeira está uma mulher sentada com uma sacola verde cheia de leguminosas e um menino tocando os legumes. O menino está sentado e tem um boné azul na cabeça.

²¹ Discussões do curso "A Docência e a Libras no contexto inclusivo" (NAC/UUEL, 2022).

“A partir do momento que a criança com deficiência auditiva/surdez percebe que cada coisa ou pessoa tem um nome, seu progresso se torna mais rápido” (Honora; Frizanco, 2008, p. 58). As autoras defendem que “Faz-se cada vez mais urgente que a criança com deficiência auditiva/surdez aprenda a se comunicar de alguma forma estruturante o quanto antes. [...] seja essa forma oral ou a língua de sinais” (Honora; Frizanco, 2008, p. 58) e nisso a família pode contribuir.

Os lares podem se constituir como ambiente de formação para a pessoa com surdez.

Quando a criança come, lava-se, veste-se ou passeia pela rua, oferecem-se ótimas ocasiões para falar com ela a respeito das coisas que estão vendo, de como as pessoas estão agindo, das sensações dela e das nossas. E não deve ser por falta de língua oral que não devemos passar essas informações para a criança surda. Se não soubermos ainda a língua de sinais ou a criança também não, devemos usar de outros recursos para isso, podendo ser feitos gestos espontâneos, mímicas e até desenhos (Honora; Frizanco, 2008, p. 57).

É na vivência, na experiência com o mundo que a criança vai aprender. Como diz o ditado: “Vivendo e aprendendo”. Comprar um sorvete pode parecer algo simples e sem importância para quem é ouvinte, entretanto, executar esta ação exige conhecimentos. Em uma situação real, a proponente desta pesquisa presenciou uma mulher (que pode ser a mãe) ensinando uma adolescente surda a comprar e pagar um sorvete com um cartão. Ela pediu calma para o vendedor pois naquele momento estava ensinando a pessoa com surdez a ser independente, ter autonomia. Todas saíram satisfeitas, e comentando que a pessoa com surdez estava feliz: “Você viu a felicidade dela?!”, de fato ela estava com um sorriso de “orelha a orelha”. Isso exemplifica que qualquer situação por mais simples que possa parecer, é um momento oportuno de aprendizado.

Vale destacar que segundo a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência):

É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros [...] (Brasil, 2015, cap. II, art. 8º).

A família (junto com o Estado e a sociedade) também é responsável por todas estas questões elencadas na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015), que engloba desde aspectos da vida pessoal da PcD e no caso deste estudo, da pessoa com surdez, até a sua inserção na coletividade, com destaque para o direito à informação. Fato é que em vários momentos as mães precisam fazer escolhas e, posteriormente, terão que lidar com as consequências das mesmas, o que é muita de responsabilidade principalmente quando não se tem informações para tomar decisões difíceis.

Não podemos deixar de considerar os conflitos informacionais das mães e pensar que ao menos no plano ideal elas poderiam encontrar as respostas para suas necessidades de informação em quaisquer tipologias de bibliotecas, seja na biblioteca escolar, infantil, pública, comunitária, universitária ou especializada. Quanto a esta última, acreditamos que a existência de *surdotecas* (Surdo+biblioteca) poderia fazer a diferença na vida dos sujeitos surdos e dos ouvintes (a exemplo das mães) com amplo acervo sobre a surdez, além de produtos e serviços (tecnologias assistivas) para todos os usuários interessados.

Encerramos esta seção pensando no seguinte questionamento: **Como as mães podem promover suas próprias habilidades ou as habilidades de outras mães?** Para que a mãe consiga lidar com a informação, o desenvolvimento da competência em informação se faz necessário. A seguir discutiremos sobre a relação das habilidades com a competência em informação das mães de pessoas com surdez.

3.2 HABILIDADES DAS MÃES DE PESSOAS COM SURDEZ

Considerando os fatores anteriormente apresentados, no Quadro 3, sinalizamos alguns exemplos de habilidades técnicas e operacionais (voltadas aos recursos tecnológicos e informacionais) que as mães de pessoas com surdez podem desenvolver para formação da competência em informação. A primeira versão da proposta desse conjunto de habilidades descritas nos Quadros 3, 4 e 5 foi com foco no bibliotecário multiplicador (Coneglian *et al.*, 2021). Refletindo e buscando aprimorar esta proposta inicial, elaboramos no estudo de Pereira, Miranda e Alcará (2021) as habilidades para pais de surdos e mais recentemente tais habilidades foram elencadas

em outro estudo já com foco nas mães de pessoas surdas e na Agenda 2030 (Pereira; Miranda; Alcará, 2022).

Quadro 3 - Habilidades técnicas e operacionais

Habilidades que as mães de pessoas com surdez podem desenvolver	
Habilidades técnicas e operacionais (recursos tecnológicos e informacionais)	Aprender a lidar com recursos informacionais técnicos e tecnológicos
	Conhecer o acervo físico e digital sobre a surdez disponível nas bibliotecas
	Saber localizar/encontrar e usar uma informação e em diferentes fontes de informação
	Saber acessar os recursos informacionais e quando necessário compartilhar informações com outras mães nas redes sociais
	Saber localizar os materiais no acervo da biblioteca e em demais ambientes informacionais e saber a origem e o contexto em que a informação foi criada, para discernir se a informação é falsa ou verdadeira
	Participar das atividades de mediação promovidas pela biblioteca com vistas a reflexão e apropriação da informação, da leitura, da literatura e a criação de laços entre mães e filhos surdos
	Aprender a Língua de Sinais ou outras formas de comunicação com a pessoa com surdez
	Saber como buscar atendimento e frequentar as instituições especializadas na área da surdez, núcleos de atendimento, grupos de estudos, grupos de mães, entre outros

Fonte: Elaborado com base em Coneglian *et al.* (2021); Pereira, Miranda e Alcará (2021); Pereira, Miranda e Alcará (2022).

Para Cananéa, Rocha e Targino (2018, p. 32) as “[...] mulheres-mães, em busca de sua competência em informação (CoInfo) frente a princípios básicos da CI, defrontam-se com um universo de informações, nem sempre úteis ou adequadas.” Em outras palavras, a pertinência de uma informação vai variar conforme a necessidade informacional de cada mãe. Isso significa que elas podem classificar certas informações como inúteis e inadequadas. Além disso, sem nos aprofundarmos no debate conceitual, vale salientar que, o que é informação para uma, pode ser um dado para outra e vice-versa, porque depende do repertório e da experiência de vida de cada pessoa, que às vezes é única e individual. Daí a importância de compreender suas próprias demandas, entender o que eu mãe necessito e também o que não preciso para realizar uma busca mais acertada. Quando for possível auxiliar e orientar outras pessoas que podem promover cursos e palestras com dicas e sugestões.

Ressaltamos a relação das mães com as redes sociais acreditando que podem propiciar a “[...] interação dos seus atores / sujeitos, visando à troca e o compartilhamento de informações e conhecimentos, que promoverão um processo de

aprendizagem, rumo à construção de novos conhecimentos” (Alcará, 2011, p. 22). Considerando que as mães podem nas redes sociais, interagir com outras mães, familiares, pessoas surdas, profissionais e, conseqüentemente, aprender.

Okada e Alcará (2021, p. 800) mencionam o projeto “Mamães Girassol” destinado às mães com bebês na faixa etária de 0 aos 2 anos. Essa iniciativa tinha o intuito de aproximar e criar vínculos entre as mães e seus bebês, a biblioteca e a comunidade.

Os encontros eram realizados uma vez ao mês e conduzidos pela bibliotecária e voluntários. Realizava-se sempre uma contação de histórias a fim de incentivar o contato e o hábito da leitura desde cedo e um tema era escolhido para uma roda de conversa, entre os temas tratados estavam: aleitamento materno, nutrição na infância, qualidade da relação entre mães e filhos, entre outros. A divulgação do projeto ocorria por meio de redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, além de “panfletagem” (Okada; Alcará, 2021, p. 800).

Uma atividade similar poderia ser desenvolvida com as mães de bebês ou de crianças com surdez nas bibliotecas. Além de ser uma ocasião para compartilhar informações e de socialização entre as mães, cria-se a oportunidade de estabelecer laços entre mães e filhos surdos, entre mães e mães, mães e bibliotecários e mães e bibliotecas.

Silva, C. (2022, local. 15) explica que por vivenciarem preconceitos e barreiras as mães e os filhos surdos “[...] necessitam (e não podem mesmo renunciar) de uma rede de apoio. Uma rede composta por médicos, fonoaudiólogos, psicólogos, psicopedagogos e intérpretes de Libras, entre outros.” Aqui podemos incluir professores, outras mães e por que não dizer os bibliotecários. Sobre as redes ou grupos de mães, Gama (2019, p. 38) avalia que

Essas redes servem, então, para essas mulheres, como ponto de apoio, de identificação e pertencimento, representando, ainda um ponto de equilíbrio na maternidade. A existência de redes sociais de apoio feminino com o envolvimento centrado apenas em mães que vivenciam a mesma realidade representa não somente uma questão identitária em nível psicológico, enquanto suporte emocional, mas um movimento político de conscientização e ampliação dos debates das ideias de inclusão de pessoas com deficiência na sociedade.

A criação de redes de mães permite que as mulheres-mães se apoiem, se identifiquem e se sintam pertencentes, pois é a maternidade atípica que as conecta. Só quem vive ou viveu a mesma dor, passou pelos mesmos desafios, conhece essa

realidade de perto, pode dizer com propriedade aquilo que sente e experiencia no dia a dia. Barcellos (2011, p. 27) coaduna com tal pensamento dizendo que “É necessário, que os pais [...] partilhem suas inquietações e dúvidas com outras pessoas que também passam pelas mesmas fases.”

Analisando o Quadro 3, quando se trata da formação e desenvolvimento das habilidades técnicas e operacionais, as **ações que podem ser realizadas para promovê-las** são: grupos de estudo sobre tipologias de informações e de fontes: técnicas, científicas e legislação; palestras; capacitações; formações; visitas à ambientes informacionais; cursos; oficinas e a criação de coletivos de mães de pessoas com deficiência e participação em redes e comunidades de aprendizagem entre mulheres-mães de pessoas com surdez.

No entender de Gama (2013, p. 115) “As habilidades cognitivas são aquelas que se relacionam com o processo de conhecer alguma coisa e envolve além da percepção, o raciocínio, a análise, a interpretação, o entendimento etc., que se materializam como um novo conhecimento.” No Quadro 4 elencamos exemplos de habilidades cognitivas (conhecimentos técnicos e científicos) que mães surdas e ouvintes podem desenvolver.

Quadro 4 - Habilidades cognitivas

Habilidades que as mães de pessoas com surdez podem desenvolver	
Habilidades cognitivas (conhecimentos técnicos e científicos)	Buscar conhecimento científico, histórico e cultural e local sobre a surdez
	Conhecer e buscar se relacionar com outras mães de pessoas com surdez; ter acesso à estudiosos, especialistas e profissionais na área da surdez; manter contato com a comunidade surda
	Conhecer as leis para compreender os direitos dos filhos surdos
	Buscar formação e capacitação continuamente promovendo a motivação, sua identidade, o próprio aprendizado e o aprendizado de seus filhos surdos
	Compreender, relacionar, compartilhar e multiplicar as informações e o conhecimento sobre a surdez com seu filho surdo, demais familiares, com a comunidade surda e grupo de mães
	Saber lutar e exigir que as instituições atendam as Leis da Acessibilidade e Inclusão
	Buscar e participar de palestras, atividades, encontros e eventos sobre a surdez
	Criar parcerias, fortalecer os laços e o pertencimento com as demais mães, pessoas surdas, profissionais e instituições (biblioteca, escola, associação de pais, entre outras)
	Buscar atualizar-se para compreender e saber lidar com suas próprias necessidades informacionais e necessidades de outras mães

Fonte: Elaborado com base em Coneglian *et al.* (2021); Pereira, Miranda e Alcará (2021); Pereira, Miranda e Alcará (2022).

No Quadro 4 damos ênfase a proximidade das mães com a comunidade surda como sendo uma habilidade cognitiva. Segundo Alves (2001, p. 192) “A comunidade surda apresenta uma cultura própria que deve ser respeitada e cultivada.” Como as mães podem fazer isso? Buscando conhecer a cultura surda, as pessoas que dela fazem parte, se apropriar, participar das atividades realizadas pela comunidade, entre outros. Cabe pontuar que “A cultura surda é o elo entre os sujeitos surdos e o mundo em que se vive; sendo formada pela língua, identidade e contextos sociais diários do surdo” (Rosa, 2009, p. 17).

Em capítulo intitulado “Leitura universal, interpretações singulares: relato de experiência de uma mãe com uma filha com deficiência”, Mariana Rosa nos conta como foi experimentando diferentes recursos para tornar a experiência de leitura da filha com paralisia cerebral mais acolhedora, agradável e possível:

[...] Pouco a pouco, compreendi que a principal barreira para a realização plena do momento do ler não residia nas características de minha filha, mas no meu restrito repertório de iniciativas ou, por assim dizer, na minha apequenada interpretação das viabilidades. (Rosa, 2022, p. 226).

A depender da situação, cada mãe, na mediação da leitura terá que descobrir qual estratégia é mais apropriada para seu filho. No caso de Rosa foi muito mais o contato corpo a corpo com a filha que surtiu o efeito desejado, para além do próprio objeto livro. Por isso acreditamos que o colo materno e o aconchego são indispensáveis nesse momento: “[...] a pretexto de conhecer uma história que se nos apresenta interessante e prazerosa, é preciso aprofundamos o vínculo que nos dá condição de ler e aprender mais e mais. Tanto mais histórias conhecemos, mais sabemos sobre nós mesmas” (Rosa, 2022, p. 227).

Em casa, a mediação da leitura pode ser um momento de partilha de textos. Mães e filhos podem ler juntos materiais mais visuais como por exemplo a HQ *A surda absurda* (2019):

[...] uma narrativa contada em quadrinhos, escrita e desenhada por Cece Bell (2019), autora surda norte-americana. *A surda absurda* é uma história autobiográfica, em que narra experiências de Cece, após ter sido acometida por uma doença chamada meningite e ter ficado surda aos 4 anos de idade. Desde então, a garotinha passa por situações, na escola, com a família, como os/as amigos/as que a fazem

[...] refletir a todo tempo sobre a sua condição de ser surda (Campos, 2021, p. 127).

Em relação aos jogos e brincadeiras os pais podem desenvolver atividades “[...] que estimulem a interação com a criança, mantendo sua atenção e ajudando-a a se expressar por meio de gestos, sinais, atitudes corporais e linguagem oral” (Honora; Frizanco, 2008, p. 57-58). As autoras salientam que se a criança com deficiência auditiva/ surdez

[...] gosta de carros, de moto ou de bonecas, seu brinquedo predileto pode servir de motivação para a aprendizagem. Ela irá se interessar por saber seus nomes, reproduzir o ruído que fazem, sentir as vibrações dos veículos que passam pelas rua, observar as cores das diferentes motos ou reproduzir, com suas bonecas, os cuidados maternos, dando nome aos sentimentos: “eu gosto”, “eu choro”, “eu estou triste”, etc (Honora; Frizanco, 2008, p. 58).

As brincadeiras podem ocorrer dentro e fora de casa ou no espaço da biblioteca. Conforme defendem as autoras, o objeto brinquedo é muito significativo e não pode ser deixado de lado. Segundo Furtado (2008, p. 29) “Pesquisas comprovam que o brincar, entre mães ouvintes e crianças surdas, favorece a comunicação e as trocas afetivas, além de possibilitar à mãe maior conhecimento das [condições] de seu filho para melhor orientá-lo.”

Em sua dissertação intitulada “O uso de jogos educacionais em crianças com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH): desafios da competência informacional”, Torquato (2020, p. 105) defende que os jogos ao propiciarem o desenvolvimento de “[...] habilidades como criatividade, desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento do raciocínio, interpretação, autonomia, interação social e comunicação” podem contribuir para que o estudante desenvolva a competência em informação. E acrescenta que: “A utilização de jogos nesse processo seria um recurso informacional onde o aluno se desenvolveria no aspecto cognitivo demonstrando suas habilidades e atitudes visando uma aprendizagem independente” (Torquato, 2020, p. 106).

A formação das habilidades cognitivas (Quadro 4) **pode ser realizada com as seguintes ações:** mediação da leitura e da literatura (literatura surda), contação de história em Libras, dança, teatro (sombras), poesia, sarau, clube de leitura literária, concurso literário, concurso de desenho, jogos e brincadeiras.

No conjunto de habilidades que as mães podem desenvolver, propomos incluir as habilidades comunicacionais, sociais e afetivas (Quadro 5). Não são habilidades de cunho mais técnico-prático ou teórico, mas estariam voltadas para ações, atitudes e comportamentos ou seja, o agir.

Quadro 5 - Habilidades comunicacionais, sociais e afetivas

Habilidades que as mães de pessoas com surdez podem desenvolver	
Habilidades comunicacionais, sociais e afetivas	Estar disponível, saber respeitar e acolher as experiências (positivas e negativas) das outras mães
	Saber ouvir e ser solidária com outras mães
	Conhecer estratégias para motivar sua própria aprendizagem e motivar outras mães a não desistir; Saber compartilhar suas experiências com outras mães, em grupos de apoio e demais ambientes
	Fortalecer o próprio sentimento de pertencimento à biblioteca, à escola, à comunidade surda, à associação de pais e grupos de mães
	Criar um ambiente familiar alteritário e usar a informação para auxiliar e para participar da vida dos filhos surdos
	Conhecer outras mães e pessoas surdas, fortalecer o sentimento de pertencimento à comunidade surda
	Estar aberta e saber respeitar e valorizar a diferença; viver a experiência visual com seus filhos surdos
	Frequentar e participar das atividades promovidas pelas instituições especializadas na área da surdez, pela comunidade surda e pela Associação de Pais de Surdos
	Buscar incluir o filho surdo na própria família
	Dialogar com diferentes profissionais, combater a discriminação e o preconceito (Capacitismo ²²) que envolvem a surdez

Fonte: Elaborado com base em Coneglian *et al.* (2021); Pereira, Miranda e Alcará (2021); Pereira, Miranda e Alcará (2022).

Retomando a narrativa fílmica *E seu nome é Jonas* (1979):

A mãe, então, busca ajuda de todas as maneiras possíveis, visando beneficiar o filho surdo e a família. Tenta muitas formas de se comunicar com o menino e, a cada dia, enfrenta a resistência do marido em manter o filho em casa. Para ele, Jonas deveria permanecer internado. Não aguenta a pressão social de ter um filho com deficiência e abandona o lar. As limitações comunicativas impostas pela surdez são cada vez mais percebidas pela família. Ele, o pai, declara sua incapacidade de se comunicar com o filho e, em um momento de

²² O capacitismo “[...] situa as pessoas com deficiência como hierarquicamente menos capazes e corrobora a manutenção de espaços que não acolhem a diversidade humana. Muitas são as barreiras encontradas, desde atitudes preconceituosas, ambientes inacessíveis, ausência de comunicação alternativa, entre outras tantas para o simples viver de alguém com deficiência, que encara cotidianamente os olhares que, com base em um padrão ideal de sujeito, deslegitima a existência de corpos que dele se distanciam” (Paiva; Silveira; Luz, 2020, p. 103-104).

reflexão provocado pelo sofrimento, compara-se a Jonas, afirmando que, assim como o filho, não encontra palavras para dizer o que sente (Oliveira *et al.*, 2016, p. 347).

Ao adentrar em uma biblioteca ou outro espaço informacional as mães de pessoas com surdez podem perceber que: “Nossa, mas não tem nada pra mim aqui!” Isso pode ocorrer quando não há atividades ou acervos disponíveis e planejados de acordo com suas necessidades. É como entrar em uma loja de calçados precisando de um tênis para fazer caminhada, gostar de um determinado modelo e a sua numeração estar esgotada. Para “não perder a viagem” e a venda, a vendedora lhe oferece outros produtos, como por exemplo uma sandália meia pata. A pessoa não vai conseguir percorrer longas distâncias com uma sandália, não é o que ela quer e precisa.

Assim acontece com as mães. É frustrante não encontrar o tênis, assim como é frustrante não encontrar materiais sobre a surdez. Isso dá a sensação de exclusão. Mas ao contrário, quando se encontra o tênis de sua preferência e este “cai como uma luva”, o cliente sai satisfeito, consegue fazer seus exercícios, melhora a saúde, baixa os níveis de LDL (colesterol “ruim”), entre outros. Elogia a vendedora, recomenda a loja e volta para comprar outros itens. Em *live*²³ de 2021, Belluzzo menciona o exemplo do cliente satisfeito na loja, que ao encontrar o que precisa tem sua necessidade atendida. No caso das mães, ainda que minimamente elas podem reduzir a impressão inicial dizendo: “Nossa, encontrei livros que precisava aqui!” ou então “Posso contar com o bibliotecário, ele vai me ajudar!” Esse pode ser o princípio de uma relação e uma forma de promover o pertencimento das mães à biblioteca. De acordo com Santos e Valério (2021, p. 1):

A biblioteca como um ambiente informacional vai além do armazenamento e organização de materiais para pesquisa, leitura e estudo. Entendemos esse espaço como uma instituição pedagógica que circula todo tipo de informação, possibilitando a produção de novos saberes. Transitam por ela, sujeitos sociais que possuem identidades, interesses e necessidades informacionais específicas, como por exemplo, as pessoas surdas.

Pensamos que a biblioteca pode ser um dos ambientes informacionais

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GdHKGWXMb7Q&t=168s>

que pode acolher as mães e conjuntamente promover as habilidades da competência em informação. Apesar de ser um processo complexo e que envolve muitas etapas e, conseqüentemente, diversas habilidades, a competência em informação não é um “bicho de sete cabeças”. No contexto das mães, acreditamos que o bibliotecário tem um importante papel:

Hoje, na sociedade contemporânea, composta por um complexo universo informacional, que vai além das paredes das bibliotecas, os esforços dos bibliotecários devem voltar-se para o desenvolvimento de habilidades informacionais dos indivíduos, em sua formação como cidadãos críticos e com capacidade de aprender a aprender (Mata; Alcará, 2016, p. 284).

Como vimos, para auxiliar a si mesma e contribuir na aprendizagem de seus filhos surdos, as mães precisam aprender a aprender e com isso constituir suas próprias habilidades, **o que pode ocorrer por meio** de exibição de filmes sobre a surdez, curta-metragem, roda de conversa, bate papo, mesa redonda, entre outras atividades. Nos apropriando da fala de Mata e Alcará (2016), acreditamos que atualmente os bibliotecários devem incluir em seu fazer diferentes populações, e assim favorecer também o desenvolvimento da competência em informação das mães de pessoas com surdez. Então no âmbito das bibliotecas, **O que os bibliotecários podem fazer com vistas a promover para além de suas próprias habilidades e aptidões, as habilidades técnicas, cognitivas, comunicacionais, sociais e afetivas das mães e das pessoas surdas?** Buscaremos responder esta pergunta a seguir.

3.3 HABILIDADES E AÇÕES DO BIBLIOTECÁRIO

"[...] é na convivência e no atendimento propriamente dito que os caminhos devem ser traçados, aproximando a biblioteca e usuário".
(Wellichan; Manzini, 2023, p. 3)

O objetivo desta seção é refletir sobre as possíveis habilidades e ações do bibliotecário para multiplicar a competência em informação juntamente com as mães de pessoas com surdez. Partimos da compreensão de que quando os bibliotecários desenvolvem suas próprias habilidades podem impulsionar e formar as habilidades de outras pessoas, e, no caso desta pesquisa, das mães de pessoas com

surdez. Embora não seja nosso foco, nos aprofundamos sobre o bibliotecário e as bibliotecas aqui no referencial teórico, porque as mães poderiam conhecer/conviver com este profissional e se apropriar desse espaço para sanar suas necessidades de informação e de pertencimento, visto que ele oferece muitas possibilidades para tal.

Assim, pretendemos discutir sobre as relações da competência em informação, do bibliotecário e as mães. Mas antes precisamos compreender que as bibliotecas precisam ser acessíveis e inclusivas. Acessibilidade e inclusão são conceitos diferentes, mas complementares. As vezes uma instituição pode ser acessível e não ser inclusiva, assim como poderá ser inclusiva sem ser acessível. Então "Dizer que uma biblioteca é acessível e inclusiva significa afirmar que ela está preparada para atender, prestar serviços e realizar atividades para pessoas com diferentes perfis demográficos, etários, sociais, educacionais e culturais" (Fortalecimento [...], 2016, p. 25).

Podemos dizer que é uma relação de causa-efeito, em que para ser inclusiva, a biblioteca precisa implementar os requisitos de acessibilidade. Lembrando que ela não é o único fator que garante a inclusão (Fortalecimento [...], 2016). É necessário um conjunto de fatores para tal. Entretanto, "Entender a biblioteca como um espaço diverso e que pode e deve tornar sua estrutura, acervo e atividades disponíveis a todas as pessoas, é o primeiro passo nesse sentido" (Fortalecimento [...], 2016, p. 25).

Retomando o contexto desta pesquisa, pessoas ouvintes e pessoas surdas precisam de informação para compreender o mundo e a própria surdez. Isso é fato.

É um fato que existem pessoas surdacegas, existem pessoas cegas, existem pessoas surdas. Se é um fato, eu avanço e tenho de saber o que eu faço com esse fato. Preciso do conhecimento, da prática, da experiência de vida da própria pessoa, como ela percebe o mundo, o que ela sente e o que precisa ser mudado e o que a gente vai [fazer] para estes avanços. Entre avanços e retrocessos, especialmente no Brasil, a luta é constante (Coneglian, 2020 *apud* Bortolin, 2020).

Mas refletindo especificamente sobre as mães e sua relação com as bibliotecas, acreditamos que a primeira questão que o bibliotecário precisa saber é que elas, assim como todo usuário, possuem necessidades informacionais. Se as mães apresentam necessidades de informação, onde elas buscam essas informações? E assim advém a segunda questão: **"Existem mães de pessoas com deficiência (e**

mães de pessoas com surdez) que frequentam a minha biblioteca? Quem são elas?” E depois: “O que eu posso fazer se eu receber uma mãe de uma pessoa com surdez?”

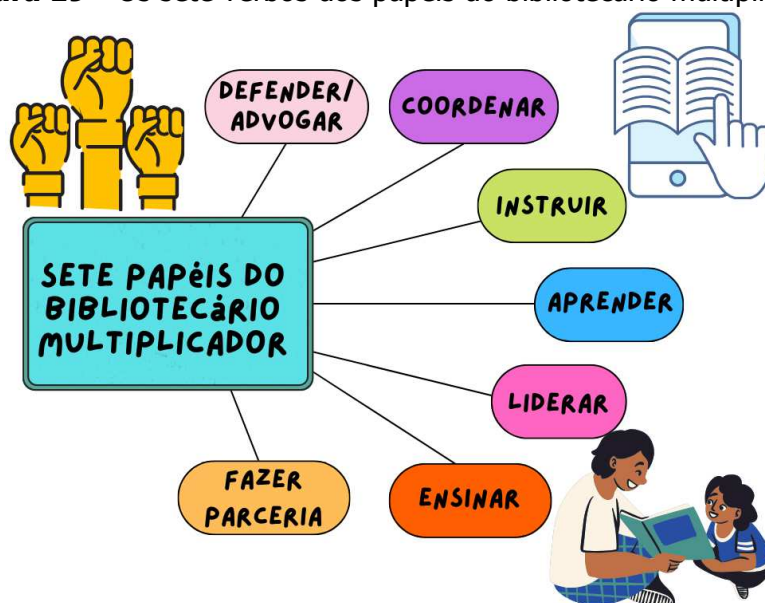
Wellichan e Manzini (2021) ao refletirem sobre os usuários com deficiência, dizem que cabe ao bibliotecário

[...] buscar atualizações constantes, desenvolver e/ou aprimorar competências profissionais, propor capacitações frequentes para suas equipes, aproveitar materiais adaptados e especiais em atividades que as bibliotecas já oferecem, como a hora do conto, rodas de conversa, orientações de pesquisa e consulta, eventos comemorativos, exposições, levantamento bibliográfico, alertas, etc (Wellichan; Manzini, 2021, p. 193).

Os autores exemplificam ações para serem desenvolvidas com as pessoas com deficiência, mas seus familiares também podem ser inseridos nestes momentos. Inclusive com ações específicas para eles, já que as necessidades informacionais tendem a variar entre uma pessoa com deficiência e um familiar sem deficiência.

A ACRL (2017, local. 11, tradução nossa) apresenta no documento “*Roles and Strengths of Teaching Librarians*” os papéis e pontos fortes da atuação de bibliotecários: “[...] defensor, coordenador, designer instrucional, aprendiz ao longo da vida, líder, professor e parceiro de ensino”. São sete funções abordadas no contexto acadêmico, sendo neste estudo representadas por verbos conforme a Figura 19. Vale ressaltar que tais papéis são favoráveis ao desenvolvimento da competência em informação em diferentes ambientes de atuação do bibliotecário.

Figura 19 - Os sete verbos dos papéis do bibliotecário multiplicador



Fonte: Elaborada com base na ACRL (2017) e recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): No quadro azul está escrito: Sete papéis do bibliotecário multiplicador. Vinculado a ele por linhas, as palavras: defender/advogar, coordenar, instruir, aprender, liderar, ensinar e fazer parceria. Compõe a imagem: mãos com punho cerrado em amarelo, uma tela de smartphone com um livro aberto e um homem sentado que segura e mostra um livro aberto para uma criança.

Vamos exemplificar com a situação das mães. Para contribuir com seu aprendizado, o bibliotecário precisará **defender** e advogar em favor das mães e das pessoas surdas, **coordenar** atividades que corroborem com seus conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e seu entorno, **instruir** sua equipe e usuários sobre as questões da surdez, **aprender** e fomentar seus próprios saberes, além de **ensinar** (sempre refletindo e motivando os demais), **liderar** equipes na biblioteca e **fazer parcerias** com outros profissionais (surdos e ouvintes), instituições e, naturalmente, as próprias mães. Tomamos os sete papéis como base no cenário da surdez, pois consideramos que eles “[...] também se destinam a ajudar a nomear e situar algumas das situações mais abstratas e únicas em que os bibliotecários se encontram.” (ACRL, 2017, local. 12, tradução nossa).

É importante assinalar que ensinar e aprender seriam vias de mão dupla. Isso porque o bibliotecário ao exercer a função de educador quando está ensinando também pode aprender com as habilidades que seu usuário já possui. Algo até então desconhecido para ele. Ou seja, ele não é somente educador, mas também aprendiz. Isso novamente nos remete às mães de pessoas com surdez que com suas próprias

experiências de vida tem muito a ensinar aos bibliotecários. É um processo de ensino-aprendizagem que vai e vem sendo ambos beneficiados por ele.

É possível afirmar que lidar com as deficiências, e neste caso, com a surdez, está entre essas situações complexas com as quais o bibliotecário se depara. Em geral, o profissional se sente despreparado: “[...] não raramente o que falta é capacitação para atender e trabalhar com usuários de grupos específicos, como idosos, crianças com transtornos ou deficiências (independente da faixa etária)” (Wellichan; Manzini, 2021, p. 174).

O bibliotecário pode dizer: “Mas eu não tenho habilidades para lidar com as deficiências!” Ao alegar não ter recebido orientações para lidar com alguns públicos na sua formação, estaria buscando extrair sua responsabilidade social sob o argumento de imperícia. Podemos dizer que isso explica certos comportamentos, mas não justifica, pois quando ele não trata de tais questões está sendo negligente: “O fato de existir uma lacuna na formação não pode ser justificativa para a falta de ação diante das responsabilidades com a sociedade e com a diversidade de usuários” (Wellichan; Manzini, 2021, p. 193). Na Figura 20, a seguir, buscamos evidenciar alguns conflitos do (a) bibliotecário (a) no seu dia a dia.

Figura 20 – Conflitos do (a) bibliotecário (a) quando precisa lidar com a surdez



Fonte: Elaborada com recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): No primeiro quadrinho no canto esquerdo está escrito: Uma mãe que precisa de informação vai na biblioteca... Ao centro uma mulher com camisa na cor salmão segura uma criança vestindo macacão no colo. Uma orelha símbolo da surdez completa a figura. Um balão de fala com a frase: Oi sou mãe de uma criança surda e gostaria de saber se você tem algum material sobre a surdez? No segundo quadrinho o desenho de uma mão sinalizando e uma mulher com camisa cinza acompanhada de um ponto de interrogação está com balão de pensamento: E agora? Durante a graduação não estudamos sobre a surdez. Será que consigo lidar com essa situação? Como poderia atender essa mãe? No terceiro quadrinho uma mulher negra com blusa amarela está com uma mão segurando um carrinho organizador de livros e a outra mão colocando um livro na estante. No canto uma criança com um andador. E a frase: Ao fazer uma pesquisa, a bibliotecária percebe que o acervo não tem quase nada sobre a surdez e outras deficiências. O que fazer então? No último quadrinho: uma mulher lendo um livro de capa rosa de um lado e do outro um homem e uma criança sentados ao redor de uma mesa conversam em Língua de Sinais com uma mulher que está em pé. E a frase: A bibliotecária decide aprender sobre a surdez e desenvolver novas habilidades para auxiliar as mães.

Nesta Figura 20, apresentamos uma situação hipotética de uma bibliotecária recebendo uma mãe de uma criança surda na sua instituição. Ocorre que ao lidar com uma circunstância inesperada (a presença da mãe na sua biblioteca), a profissional precisa compreender seus próprios conflitos e necessidades

informacionais. Após uma crise existencial ela decide agir, isto é, aprender. Este é um dos princípios da competência em informação: ao identificar uma necessidade, buscar formas para saber como resolver as questões que a vida lhes apresenta. E isso significa aprender para saber e desenvolver suas próprias habilidades.

Silva e Spudeit (2020, p. 20) defendem que “[...] o bibliotecário precisa buscar conhecimento e qualificar-se para atender as necessidades informacionais de todos desenvolvendo cada vez mais sua responsabilidade social”. Sentir-se despreparado não é uma sensação ilusória, de fato os bibliotecários carecem de capacitação para lidar com a surdez, por exemplo. Consequência de uma lacuna nos cursos de graduação, mas que não pode ser impedimento para atender essa população e seus familiares.

Costa e Pajeú (2022, p. 300) reforçam que na formação do bibliotecário é possível “[...] alcançar essas mudanças por meio das disciplinas já existentes que reforçam nossas bases e estruturas quanto ao graduar-se bibliotecário e os produtos e serviços que implicam no seu papel em lidar com àqueles que precisam de informação”. Ou seja, pode-se discutir a inclusão/acessibilidade nas disciplinas que já estão presentes nas matrizes curriculares ou criar uma nova disciplina específica para debater as questões das deficiências. Em ambos os casos, é preciso analisar e estudar estes conteúdos de forma transversal, contextualizada, aprofundada e abrangente em relação às demais disciplinas. Nas palavras de Corradi (2011, p. 21): “Há um abismo informacional e atitudinal entre ouvintes e surdos, o qual ultrapassa o despreparo diante do desconhecido, para a omissão e o descaso diante da invisibilidade da diferença sensorial auditiva em relação à condição ouvinte majoritária.”

Entretanto, se mesmo com suas dificuldades, o bibliotecário almeja tornar sua biblioteca mais inclusiva, um dos primeiros passos é considerar como desenvolver as habilidades técnicas e operacionais (o fazer), as habilidades cognitivas (o ter) e as habilidades comunicacionais, sociais e afetivas (o ser). A formação desses três conjuntos de habilidades requer o desenvolvimento de ações conforme discutiremos no próximo tópico (3.3.1). Assim, tanto o bibliotecário quanto as mães de pessoas com surdez se tornarão multiplicadores da competência em informação e, por consequência, das questões da surdez.

É quase um conflito existencial por parte dos profissionais: **Ser para**

fazer ou fazer para ser? As duas possibilidades estão corretas. O bibliotecário precisa ter habilidades (ser) para executar ações, mas também ao desenvolver ações e atividades (fazer) estará aprendendo novas habilidades para se tornar um sujeito mais preparado. Assim também as mulheres-mães: podem aprender fazendo e ser, sendo mães. Neste contexto, apresentaremos algumas habilidades (reunidas em três grupos) e possíveis atividades promovidas por bibliotecários ao atuar com mães de pessoas com surdez.

3.3.1 As Habilidades e ações do Bibliotecário na atuação com Mães de Pessoas com Surdez

Como dito anteriormente, quando o bibliotecário quer trazer subsídios para mães de pessoas com surdez, precisa percorrer o caminho do desenvolvimento da competência em informação. Mas como? Reconhecemos que não se trata de algo simples com receitas prontas, mas as habilidades informacionais se constituem na base das ações formativas. Miranda (2020) explica que a competência em informação é resultante

[...] do desenvolvimento de diversas habilidades, voltadas para ação no ambiente informacional e que, portanto, não basta que apenas um grupo de habilidades esteja bem desenvolvido, é necessário que estas habilidades se complementem de forma que sejam potencializadas umas pelas outras (Miranda, 2020, p. 38).

Neste estudo, considerando o contexto e as necessidades de informação das mães, apresentamos uma proposta de três conjuntos de habilidades: habilidades técnicas e operacionais (Figura 21); habilidades cognitivas (Figura 22); e habilidades comunicacionais, sociais e afetivas (Figura 23) em que elencamos exemplos de ações a serem desenvolvidas por bibliotecários multiplicadores da competência em informação.

Concordamos com Miranda (2020) ao afirmar que as habilidades são complementares, mas para fins didáticos elas foram separadas, sem, contudo, ignorar sua interconexão e interdependência. Na Figura 21 listamos as habilidades técnicas e operacionais:

Figura 21 - Habilidades técnicas e operacionais para a inserção do bibliotecário no contexto das mães de pessoas com surdez



Fonte: Elaborada com base em Coneglian *et al.* (2021); Pereira, Miranda e Alcará (2021); Pereira, Miranda e Alcará (2022) e recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): (Em sentido anti-horário). Na parte superior a frase: O que o bibliotecário multiplicador da competência em informação pode fazer? No centro se lê: habilidades técnicas (recursos tecnológicos e informacionais). Em forma circular oito figuras: a primeira figura representa um balão de fala com emoji de joinha e outro com um coração com a frase em letras azuis: aprender e ensinar sobre os recursos informacionais e tecnológicos com as mães de pessoas com surdez. A segunda uma pilha de livros com a frase em letras pretas: conhecer e ampliar a coleção que a sua biblioteca possui sobre a surdez e formar um acervo físico e digital sobre a surdez e fazer a curadoria de materiais de acesso livre. Na terceira duas mulheres escrevendo no celular e a frase em letras azuis: ensinar as mães a utilizar o acervo da biblioteca e as redes sociais e instruir as mães a selecionar e avaliar as fontes de informação. Na quarta uma mulher lendo para uma criança seguida da frase em letras pretas: coordenar atividades de mediação da leitura e da literatura para as mães e filhos surdos. Na quinta uma mulher digitando e um homem lendo e a frase em letras azuis: fazer parcerias com outras bibliotecas e outros bibliotecários. Conhecer bibliotecários surdos. Na sexta um homem e duas mulheres conversando em Língua de Sinais e a frase em letras azuis: fazer parcerias com instituições especializadas na área da surdez, núcleos de atendimento, órgãos governamentais e não-governamentais, profissionais especializados e profissionais surdos. Na sétima uma mão sinalizando e a frase: Conhecer e aprender a Língua de Sinais e demais formas de comunicação com as pessoas surdas. Na oitava figura duas mulheres sentadas conversando acompanhadas da frase: Buscar atualização, capacitação e qualificação para se contextualizar, conhecer e saber dialogar e corroborar nas necessidades informacionais e dificuldades das mães.

Pensando na mediação da leitura, nos apropriamos de um trecho do

capítulo “O direito das pessoas com deficiência à leitura e aos bens culturais” de Carla Mauch que ao se referir a cegueira, defende

[...] quando somos mediadores de leitura, não precisamos ser especialistas em deficiência visual. O que eu preciso é conhecer as especificidades, as singularidades e, mais que tudo, os recursos e as estratégias para que eu faça uma mediação para grupos diferentes. Se eu sou uma mediadora de leitura, muito mais que saber sobre a deficiência visual, suas causas e sintomas, eu preciso conhecer sobre mediação de leitura diversificada, para acolher todas as pessoas. Preciso criar mediações e modos de ser hospitaleira, formas de tirar a hostilidade que está posta, muitas vezes, nessa relação (Mauch, 2022, p. 106).

O mesmo argumento pode ser utilizado no caso da surdez. No papel de mediador da leitura e multiplicador da competência em informação, o bibliotecário não precisa se atentar para questões minuciosas e médicas (porque é humanamente impossível saber tudo sobre todas as deficiências). O mais importante é saber desenvolver ações no âmbito da sua profissão e de seus usuários. Ou seja, o que eu bibliotecário posso fazer ou preciso aprender para atender uma pessoa com deficiência e seus familiares de maneira respeitosa, acolhedora e acessível? Como posso diminuir as barreiras existentes na minha unidade informacional? São questões em que o bibliotecário pode começar a pensar e planejar ações exequíveis a curto e longo prazo.

O aspecto social da profissão bibliotecária configura-se na possibilidade de promover a diminuição de barreiras no acesso à informação. Por isso, espera-se que em ambiente informacional, as/os usuárias/os surdas/os sejam percebidas/os, bem como, possam utilizar dos recursos, acervos e serviços de modo a atender suas necessidades de informação e formação (Costa; Valério, 2023, p. 3).

Em relação ao fator “Conhecer e ampliar a coleção que a sua biblioteca possui sobre a surdez” as Diretrizes para Serviços de biblioteca para pessoas surdas da *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA, 2000, p. 18, tradução nossa) sinalizam que:

O principal objetivo de qualquer programa de prestação de serviços a pessoas surdas será a incorporação de pessoas surdas à clientela geral da biblioteca, fazendo uso de todas as suas coleções, programas e serviços. No entanto, as bibliotecas também devem coletar materiais de interesse especial para pessoas surdas e pessoas ouvintes que precisarão de informações ou terão um interesse geral na surdez. Estes incluiriam materiais atuais e históricos relacionados a surdez, trabalhos de e sobre artistas surdos e outros surdos famosos, materiais relacionados às Línguas de Sinais e outros modos de comunicação, documentos governamentais, materiais legais e periódicos

relacionados à surdez, entre outros. Porque toda a gama de recursos deve estar aberta aos surdos da biblioteca [...]

Obras de autoras e autores surdos em Língua Portuguesa (Madeira, 2022) ou em Língua de Sinais constituem a denominada Literatura Surda, sendo sua presença na biblioteca imprescindível. A esse respeito, faz-se necessária a formação e o desenvolvimento de um acervo (coleção) especializado ou que contemple as questões das deficiências e da surdez desde o documento Política de Desenvolvimento de Coleção, pois entendemos que ele subsidia a aquisição de obras também de autores com deficiência e para esta temática, conforme defendem Araújo e Machado (2022):

[...] é importante que o acervo que se proponha inclusive tenha livros dos mais variados assuntos, mas também com autores diversos. Para que não se torne diminuto o campo de atuação e saber da pessoa com deficiência. Do contrário, a proposta de igualdade ao acesso à informação não estará sendo cumprida (Araújo; Machado, 2022, p. [9]).

Melhor ainda quando tal iniciativa é realizada por parte dos bibliotecários e vai ao encontro do “[...] lema do movimento internacional das pessoas com deficiência *Nothing About Us, Without Us*, traduzido para o português como ‘Nada sobre Nós sem Nós’” (Paiva; Chalhub; Benchimol, 2019, p. [2]). Segundo os autores, nada que seja pensado, planejado ou produzido poderá ser feito sem a presença de pessoas com deficiência, inclusive é imprescindível que elas integrem as equipes. Nada poderá ser elaborado PARA elas, mas sim COM elas, dentro da proposta: “Conosco e não para nós”.

Feher-Prout (1996, p. 157, tradução nossa) em sua pesquisa intitulada *Stress and Coping in Families with Deaf Children* destaca que: “Informações confusas e opiniões contraditórias sobrecarregam os pais que estão tentando avaliar o impacto da surdez e a adequação de várias estratégias de enfrentamento”. Nesse âmbito, o bibliotecário precisa ter o cuidado de não pecar nem pelo excesso nem pela falta de informação para não atarefar as mães em demasia e gerar uma sensação de desconforto e de indecisão.

Para compreender as necessidades informacionais de um público é necessário que se conheça, para além das classificações dadas a este grupo, a sua história, a sua cultura e como acontece a sua percepção de mundo, e conseqüentemente, como esses indivíduos recebem e utilizam a informação (Santos; Valério, 2021, p. 2).

O ideal é buscar identificar as informações úteis e inúteis, como se diz: sem “chover no molhado”. No contexto da competência em informação, o bibliotecário

[...] ativa suas funções educadora, mediadoras e gestoras, pois estabelece parcerias com vários profissionais, elabora estratégias formativas, educativas e informacionais para mapear e desenvolver/aprimorar a [competência em informação] dos profissionais que atuam em sua instituição e a de sua comunidade (Maia; Santos, 2022, p. 6).

Levando isso em consideração, ele poderá promover as habilidades técnicas com as seguintes **ações multiplicadoras**: formação de grupos de estudo e grupos de pesquisa sobre informações técnicas, científicas, culturais e legislação; eventos como palestras, encontros e debates sobre acessibilidade e inclusão; capacitações sobre tipos de barreiras existentes, direitos da pessoa com deficiência, direitos da família e da mulher-mãe, inclusão e capacitismo, cursos e oficinas com mães influenciadoras nas redes sociais, grupos de acolhimento ou coletivos, entre outros temas e visitação em unidades de informação. Importante lembrar que o

Capacitismo é a discriminação ou violências praticadas contra as pessoas com deficiência. É a atitude preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação de seus corpos a um ideal de beleza e capacidade funcional. Com base no capacitismo, discriminam-se pessoas com deficiência. Trata-se de uma categoria que define a forma como pessoas com deficiência são tratadas como incapazes (incapazes de trabalhar, de frequentar uma escola de ensino regular, de cursar uma universidade, de amar, de sentir desejo, de ter relações sexuais etc.) [...] (Mello, 2016, *online*).

Silva e Abreu (2014) apoiados em Martins e Klein (2012) afirmam que “O *audism* (traduzido em Português por ouvintismo), termo cunhado nos Estados Unidos, por Tom L. Humphries, em 1975, denuncia os preconceitos e as formas de opressão vividas pelos surdos a partir do contato desigual com a comunidade ouvinte [...]” (Silva; Abreu, 2014, p. 336).

Cabe pontuar que o pesquisador brasileiro Carlos Skliar “[...] no lugar de ableism (que pode ser traduzido como “capacitismo”) criou o termo “ouvintismo”. O ouvintismo é uma forma de capacitismo em relação a pessoa com surdez, pois se trata de “[...] um conjunto de representações dos ouvintes a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte.” (Skliar, 1998 citado por Bentes, 2012, local. [4]). Perlin (2003, local. [35]) complementa dizendo que o ouvintismo engloba “As práticas do colonialismo que levaram os surdos narrar-se como

ouvintes [...]”.

Uma biblioteca capacitista não considera a pessoa com deficiência e seus familiares nem como usuários potenciais nem reais. E isso precisa ser mudado. Demais ações para serem realizadas com as mães são: capacitações sobre o uso de fontes de informação, uso de redes sociais; visitas à ambientes informacionais: bibliotecas públicas, escolares, universitárias; museus, sebos; cursos; oficinas e a criação de redes e comunidades de aprendizagem entre as mães de pessoas com surdez (grupos no *Whatsapp, Facebook, Instagram* etc).

No contexto escolar, Alcará (2011, p. 22) pontua que a sala de aula poderia “[...] funcionar como uma rede social, voltada para um objetivo comum, que é a aprendizagem, possibilitada pela interação entre professor e aluno, aluno e aluno, conhecimento teórico e tácito, contexto escolar e contexto histórico-social do aluno etc.” Em outras palavras, a própria sala de aula é uma rede de sociabilidade.

Parafraseando a autora e trazendo para o contexto da surdez e dos ambientes informacionais, podemos inferir que a biblioteca, assim como a sala de aula, também poderia operar como uma rede social com o intuito de promover o aprendizado coletivamente, na relação entre o bibliotecário e as mães, mães e mães, bibliotecário e as pessoas surdas, mães e pessoas surdas, conhecimentos tácito e explícito, contexto informacional e contexto de vida das mães, dos filhos, dentre outros.

Especialmente no mês de setembro de cada ano a biblioteca poderia promover eventos comemorativos por se tratar do mês da surdez, conhecido como Setembro Azul ou Setembro Surdo que se iniciou em 2011.

Marcado por um mês de luta, conscientização e divulgação da cultura e comunidade Surda, o Setembro Azul é um mês muito importante no calendário e é uma data que celebra e comemora os grandes feitos da comunidade Surda até os dias de hoje. O mês de setembro, portanto, representa as conquistas, realizações e história de uma comunidade que durante muitos anos, vem lutando contra os preconceitos e barreiras e que, ainda hoje, busca espaço, acesso e representatividade (Silva *et al.* [201?], local. 8).

O bibliotecário poderá realizar ações direcionadas a este período por se tratar de uma data significativa. Citamos como exemplo a Biblioteca Pública Eugênia Monfrinati (localizada na região sul do município de Londrina) que realizou em 2022 o Workshop “Conhecer para incluir – vamos falar sobre o autismo” conduzido por uma

mãe de uma criança autista²⁴ e o Bate Papo Transtorno do Espectro Autista: conhecer para incluir, este último em abril, mês do autismo. Isso é importante porque dá voz para essas mulheres. Além de valorizar e potencializar sua experiência como mãe, traz para o ambiente da biblioteca um relato com significado, pois parte da vivência, da experiência que supera a própria ciência.

Para além desse conjunto de habilidades mencionadas relativas aos recursos tecnológicos e informacionais, apresentamos na Figura 22 as habilidades cognitivas que se referem ao conjunto de conhecimentos técnicos, científicos e culturais.

Figura 22 - Habilidades cognitivas para a inserção do bibliotecário no contexto das mães de pessoas com surdez



Fonte: Elaborada com base em Coneglian *et al.* (2021); Pereira, Miranda e Alcará (2021); Pereira, Miranda e Alcará (2022) e recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Na parte superior a pergunta: O que o bibliotecário multiplicador da competência em informação pode fazer? No centro amarelo está um círculo onde se lê habilidades cognitivas (conhecimentos técnicos, científicos e culturais). No entorno: Em letras azuis: Saber quais são os estudiosos e especialistas nas questões da surdez; ser parceiro dos profissionais surdos e das mães; conhecer e participar de grupos relacionados à surdez. Em letras pretas: Buscar conhecimentos científicos, históricos, sociais

²⁴ Disponível em: <https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=142467>. Acesso em: 02 jan. 2025.

e culturais sobre a surdez. Em letras azuis: aprender sobre a legislação e possibilitar seu acesso às mães, para promover os direitos das pessoas surdas e de suas famílias. Em letras pretas: Buscar formação e capacitação na área da surdez de forma contínua para aprender e acompanhar os avanços científicos. Em letras pretas: Promover ações para disseminação e compartilhamento da informação e do conhecimento sobre a surdez. Em letras azuis: Advogar para que sua biblioteca promova momentos de discussão sobre a surdez. Em letras pretas: Coordenar atividades para mães e filhos surdos. Em letras azuis: Liderar a equipe da biblioteca e ser parceiro de outros profissionais e instituições, participar de redes e comissões com o objetivo de promover ações colaborativas e de apoio às mães de pessoas com surdez.

Exemplos de **atividades formadoras** para desenvolver as habilidades cognitivas são: exibição de filmes sobre as deficiências e com atores com deficiência, roda de conversa sobre os desafios para lidar com a informação, bate-papo com outras mães, psicólogos, advogados, professores, assistentes sociais, pessoas surdas, dentre outras, mesa redonda e mesa de discussão com outras instituições e profissionais especializados. Quando o bibliotecário desenvolve estas ou outras ações demonstra que a biblioteca é uma fonte inesgotável de informação, com a qual se pode contar.

O filme *E Seu nome é Jonas* (1979), já mencionado no decorrer deste estudo, trata das questões da maternidade (sem romantismo) sob a perspectiva de duas narrativas centrais: a mãe (Jenny) e o filho surdo (Jonas). Ele pode ser exibido para discutir diversas questões com ênfase nos desafios da maternidade real e conflitos da criança surda.

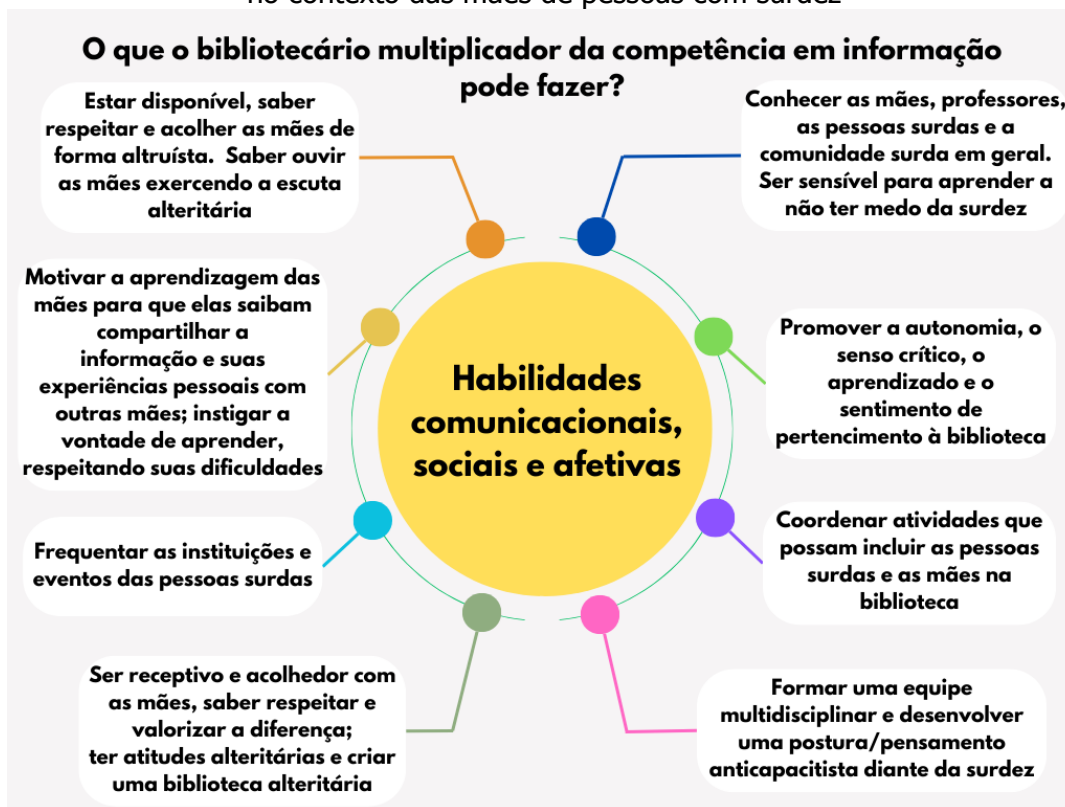
Quando a cultura, a Língua, a história e a arte Surdas são valorizadas e consideradas de fato legítimas, e, acima de tudo, quando são vivenciadas, a tendência é que o grupo ouvinte, que é dominante, ressignifique seus pressupostos, promovendo cada vez mais situações de inclusão (Muniz, 2016, p. 67).

Em sua dissertação "Ações culturais no processo comunicativo da Pessoa com Síndrome de Down", Faria (2019) explica que a inclusão das pessoas com Síndrome de Down ocorre quando os educadores, neste caso, os pais e professores, e a sociedade se atentam "[...] para as necessidades individuais do ser, sem comparações entre um e outro, já que a aprendizagem de um sujeito, se difere da de outro sujeito, pois ambos carregam consigo vivências e hábitos culturais e sociais distintos" (Faria, 2019, p. 37).

O tempo de aprendizado e a própria individualidade de cada aprendiz precisam ser respeitados, seja a pessoa com deficiência ou também a família. Por isso, o conjunto de habilidades sociais, comunicacionais e afetivas (Figura 23) se faz

necessário quando se pensa nos fatores que influenciam a competência em informação.

Figura 23 - Habilidades comunicacionais, sociais e afetivas para a inserção do bibliotecário no contexto das mães de pessoas com surdez



Fonte: Elaborada com base em Coneglian *et al.* (2021); Pereira, Miranda e Alcará (2021); Pereira, Miranda e Alcará (2022) e recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Na parte superior está escrito: O que o bibliotecário multiplicador da competência em informação pode fazer? Ao centro um círculo amarelo onde se lê: habilidades comunicacionais, sociais e afetivas. No entorno: estar disponível, saber respeitar e acolher as mães de forma altruísta. Saber ouvir as mães exercendo a escuta alteritária. Motivar a aprendizagem das mães para que elas saibam compartilhar a informação e suas experiências pessoais com outras mães; instigar a vontade de aprender, respeitando suas dificuldades. Frequentar as instituições e eventos das pessoas surdas. Ser receptivo e acolhedor com as mães, saber respeitar e valorizar a diferença; ter atitudes alteritárias e criar uma biblioteca alteritária. Conhecer as mães, professores, as pessoas surdas e a comunidade surda em geral. Ser sensível para aprender a não ter medo da surdez. Promover a autonomia, o senso crítico, o aprendizado e o sentimento de pertencimento à biblioteca. Coordenar atividades que possam incluir as pessoas surdas e as mães na biblioteca. Formar uma equipe multidisciplinar e desenvolver uma postura/pensamento anticapacitista diante da surdez.

No entender de Batista (2021, p. 73) "A utilização de recursos instrucionais tais como: jogos, software, livros com gravuras e outros proporcionam uma aprendizagem mais instigante, desafiadora e significativa [...] E, as bibliotecas

precisam ter esses recursos". Segundo o documento Fortalecimento de Bibliotecas Acessíveis e Inclusivas: manual orientador: "Uma biblioteca é um lugar de leitura, individual ou coletiva. É um lugar de acolhimento social, cultural e educativo. É um lugar de encontros, de aprendizado e de estudo. Uma biblioteca é um lugar, também, de arte, cinema, teatro e dança" (Fortalecimento [...], 2016, p. 55).

Quanto às **ações promovidas** é possível pensar na constituição de grupos de acolhimento e redes de apoio, mediação da leitura e da literatura, contação de história em Libras, dança, teatro, poesia, saraus, clube de leitura literária, concurso literário, concurso de desenho, jogos e brincadeiras.

Na mediação da leitura e da literatura infantojuvenil, os livros sem palavras são recursos que valorizam a experiência visual que é a surdez, além disso, o uso de histórias em quadrinhos (de autores surdos), teatro com sombras, jogo da memória, dobradura, desenho, entre outras, favorecem a interação entre mães e filhos surdos, pois são atividades que aproximam ao invés de distanciar.

As práticas do bibliotecário devem seguir o objetivo de exercer seu trabalho em prol do usuário, considerando que cada situação demanda habilidades e articulações específicas. O usuário e o contexto em que o mesmo está inserido influencia diretamente nas ações movidas pelo bibliotecário, a fim de desempenhar seu papel no compartilhamento de seus saberes (Okada; Alcará, 2021, p. 791).

Em se tratando do conjunto de habilidades comunicacionais, sociais e afetivas, ou seja, habilidades equivalentes aos comportamentos e atitudes do bibliotecário, Wellichan (2022, p. 135) entende que "[...] são as atitudes que precisam ser trabalhadas e orientadas para evitar o assistencialismo, o capacitismo e a discriminação". Além disso,

[...] as ações de competência em informação podem ser mais orientadas aos indivíduos conforme suas necessidades, observando-se os aspectos específicos e globais, as questões socioculturais e suas interações, auxiliando na promoção de uma sociedade mais justa, igualitária e empoderada (Mata, 2022, p. 52).

Para além de uma sociedade igualitária, buscamos com as ações multiplicadoras da competência em informação, uma sociedade mais equitativa informacionalmente e mais inclusiva. No entender de Lievrouw e Farb (2003)

[...] equidade informacional é a distribuição justa ou razoável de informações entre indivíduos, grupos, regiões, categorias ou outras unidades sociais, de modo que essas pessoas tenham a oportunidade

de alcançar o que é importante ou significativo para elas em suas vidas. Na medida em que a informação é distribuída injustamente, às pessoas são negadas tais oportunidades e existe desigualdade de informação (Lievrouw; Farb, 2003, p. 503, tradução nossa²⁵).

Concordamos com Mata (2022) quando afirma que as ações devem ser planejadas conforme as necessidades, desejos e demandas informacionais das pessoas. São elas que poderão nortear as propostas, dizendo o que serve e o que não corresponde à sua realidade. Pensando no contexto da surdez, antes de propor qualquer atividade é preciso conhecer e identificar quais são as necessidades reais e potenciais que as mães de pessoas com surdez apresentam, o que elas querem e desejam aprender e o que não desejam.

Neste ponto, ressaltamos que “O usuário precisa ser ouvido, [...] pois ele mesmo pode indicar em quais pontos as ações podem ser mais [acertadas], desde o planejamento de serviços até o atendimento cotidiano na biblioteca” (Wellichan, 2022, p. 131). Ou seja, trazendo para o contexto deste estudo, o bibliotecário precisa dialogar com as mães, pois é no diálogo que elas tendem a se sentir mais valorizadas, respeitadas e acolhidas, protagonistas de sua própria história. Com isso, a biblioteca passa a ser percebida como o melhor lugar para se estar. Além disso, “Unidos, pessoas com e sem deficiência, participando de debates, fóruns, mesas redondas, conversas informais, criação de projetos, blogs entre outras possibilidades, [disseminarão] a proposta [e objetivos] da Biblioteca Inclusiva [...]” (Silva; Bernardino, 2015, p. 34).

Para trabalhar e desenvolver ações formativas com populações em situação de vulnerabilidade, no caso das mães de pessoas com surdez por exemplo, é preciso que o bibliotecário seja proativo, esteja consciente de suas responsabilidades sociais e reflita constantemente sobre suas próprias atitudes, funções e habilidades informacionais e promover espaços “[...] onde todos sejam incluídos: usuários reais, potenciais, comunidade, colaboradores e todo aquele que buscar informação” (Wellichan; Manzini, 2021, p. 192). Silva e Bernardino (2015, p. 34) salientam que “É preciso que os bibliotecários promovam a reflexão dessas questões a fim de que se

²⁵ No original: “By the term ‘information equity,’ then, we mean the fair or reasonable distribution of information among individuals, groups, regions, categories, or other social units, such that those people have the opportunity to achieve whatever is important or meaningful to them in their lives. To the extent that information is unfairly distributed, people are denied such opportunities and information inequity exists” (Lievrouw; Farb, 2003, p. 503).

possa educar para a inclusão, tendo em vista que esta depende de todos que fazem a biblioteca”.

É válido assinalar que quando uma pessoa não se sente confortável e pertencente ao lugar, ela tende a não voltar a frequentá-lo nem recomendar seus serviços para outros, isso pode acontecer na biblioteca. Por isso, é importante que o bibliotecário ao propor ações formativas, pense também em estabelecer conexões, vínculos e laços afetivos a fim de que as mães de pessoas com surdez se sintam aceitas, inseridas e bem-vindas. E mais: “De nada adianta estruturar uma biblioteca acessível em todos os quesitos fundamentais – equipe treinada, acervo acessível, acessibilidade comunicacional e arquitetônica etc. – se as pessoas com deficiência não participarem de suas atividades” (Fortalecimento [...], 2016, p. 57).

É oportuno dizer que a teoria ora complementa ora se opõe à prática, assim só os bibliotecários atuantes poderão trazer relatos reais, dizendo se as habilidades e ações aqui apresentadas são possíveis ou não de serem aplicadas. Portanto, uma das limitações das discussões estabelecidas está no fato de que algumas das sugestões de ações presentes nas Figuras (21, 22 e 23) encontram-se no plano teórico o que dificulta sua constatação ou refutação. Só a prática poderá dizer se as ações funcionam ou não e se requerem adaptações. Além disso, é oportuno destacar a fala de Gama (2013): quando o profissional possui a competência em informação “[...] está apto para lidar com o atendimento das necessidades de informação com eficiência e eficácia, de forma inteligente, crítica e estratégica” (Gama, 2013, p. 121).

Como dito, a experiência da surdez inicialmente traz a sensação real de perdas: do filho perfeito e idealizado, das expectativas de presente e de futuro, em alguns casos do parceiro e pai da criança. O sentimento é de luto pela morte do filho ouvinte que inexistiu ou deixou de existir e também pela “morte” da própria mulher-mãe que deixou de ser uma mãe de uma pessoa ouvinte para renascer como mãe de uma pessoa com surdez.

Não raro elas são mães solas, isto é, “[...] aquelas cujos filhos foram negligenciados e abandonados de todas as formas pelos pais – [a situação] é de intensa desigualdade, vulnerabilidade e sobrecarga” (Kuhnen; Vitorino, 2021, p. [03]). São situações com as quais as mães ou quem vai exercer a maternidade vai se deparar. Do outro lado, há perspectivas de ganhos com uma nova oportunidade de aprendizado

que se abre com a maternidade.

Nos apropriando do dito popular, acreditamos que “se as mães não vão à biblioteca, a biblioteca deve ir até as mães”. Sem a sua presença o desenvolvimento das ações formadoras ficaria incompleto e inconsistente. E o que de fato dá sentido e pode nortear o fazer do bibliotecário é o papel de advogar e defender as pessoas com deficiência (a exemplo das pessoas surdas) e sem deficiência, como no caso das mães ouvintes. Novamente nos reportamos às palavras de Wellichan e Manzini (2021) para enfatizar que

Programas e serviços podem contribuir para um cenário mais inclusivo, porém precisam estar associados à capacitação dos recursos humanos de profissionais e do próprio público local, com ou sem deficiência, e que sejam de forma constante, pois podem ficar desatualizados ou ser esquecidos facilmente (Wellichan; Manzini, 2021, p. 174).

Uma biblioteca inclusiva e acessível é aquela que consegue transformar a vida de sua comunidade PcD. Se preciso for, “tirar leite de pedra” e fazer com que as pessoas gostem de sua biblioteca e se sintam inseridas em um lugar saudável, que aproxima ao invés de distanciar. Vale enfatizar que a formação da competência em informação poderá propiciar “[...] sob o viés informacional, a solução de demandas, acesso a cidadania e direitos. Assim como contribuir para que a vulnerabilidade social e em informação seja reduzida, proporcionando independência e autonomia das pessoas envolvidas” (Silva; Vitorino; Pissango, 2022, p. 294).

3.3.2 Ações/práticas educativas desenvolvidas em bibliotecas brasileiras no contexto da surdez

Consideramos necessário destacar ações desenvolvidas por bibliotecas brasileiras com o intuito de evidenciar o papel que exercem no contexto da surdez. Para tanto, fizemos um levantamento de ações no Brasil, realizadas por instituições em geral (escolas, universidades, institutos, prefeituras, entre outras) para ter uma ideia do todo e bibliotecas com elementos relacionados à surdez, a partir de buscas realizadas no buscador Google.

O período da coleta foi de dezembro de 2023 à fevereiro de 2024, sem recorte temporal das ações, com as palavras-chave combinadas com o operador

booleano AND: ação AND surdez AND família; ação AND surdo AND mãe; biblioteca AND surdo AND família AND atividade; biblioteca AND surdos AND mãe; biblioteca AND surdez AND família; biblioteca AND surdo AND ação; biblioteca AND surdo AND familiares; biblioteca AND surdez AND familiares; biblioteca AND ações AND surdo AND família. Com estas estratégias levantamos 59 ações. Desse total de ações e atividades, selecionamos apenas aquelas realizadas em bibliotecas. Com isso, obtivemos 28 ações (Quadro 6), tendo como critério a relação com as mães/familiares de pessoas com surdez e a competência em informação.

A maior parte dos resultados se refere a notícias das ações localizadas em sites de prefeituras. É provável que este número seja maior, porém outras ações não foram recuperadas porque muitas são compartilhadas ou estão sendo divulgadas nos sites e redes sociais das bibliotecas, por exemplo, e podem não ter sido recuperadas a partir das estratégias e do buscador utilizado.

Em geral, as ações/práticas formativas/educativas no âmbito da competência em informação visam a formação de diferentes habilidades, sejam técnicas, operacionais ou procedimentais, informacionais, cognitivas e comunicacionais e sociais (socioafetivas). No Quadro 6, apresentamos ações que podem ser contextualizadas e aplicadas ao desenvolvimento da competência em informação das mães.

Quadro 6 – Ações e práticas desenvolvidas pelas bibliotecas brasileiras no contexto da surdez

	Ação	Descrição: o que é/objetivo	Local	Palavras-chave da relação com a competência em informação
1	Clube do livro	Projeto "LiteraSurda: um Clube do Livro em Libras". Mãe e filha, ambas com surdez, compartilham as experiências da página "O Diário da Fiorella".	Biblioteca do Sesc Avenida Paulista (São Paulo)	Compartilhamento de informações e experiências (habilidades social e afetiva) de mãe e filha surdas (fontes de informação humanas)

Fonte: https://www.fmetropolitana.com.br/mae-surda-divide-a-experiencia-de-criar-a-filha-tambem-surda-em-bate-papo-no-sesc-avenida-paulista/				
2	Lançamento de livro e exposição	Lançamento do livro <i>Surdo em Vitória</i> , do cartunista e desenhista Lucas Ramon Alves de Lima Maciel (Tikinho) para comemorar o Dia Nacional dos Surdos e o Setembro Azul. Exposição "Uma viagem ao mundo da Libras".	Espaço de Leitura da Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (Minas Gerais)	Fonte de informação. Dimensão estética da competência em informação
Fonte: https://www.ufmg.br/online/arquivos/045382.shtml				
3	Curso de Libras	Curso de Libras ofertado por militantes da inclusão de pessoas com surdez desde 2016.	Biblioteca Padre José de Anchieta da cidade de São Paulo (São Paulo)	Aprendizagem (habilidade comunicacional) e pertencimento à cultura surda
Fonte: https://capital.sp.gov.br/web/cultura/w/bibliotecas/acessibilidade/19720				
4	Simpósio do Dia Nacional dos Surdos	Evento para promover reflexões sobre os direitos e inclusão das pessoas com surdez na sociedade comemorado em 26 de setembro. Com o intuito de promover compartilhamento de conhecimento, informações e experiências importantes para a comunidade surda. Pessoas surdas, familiares e profissionais da área compartilharam suas experiências para inspirar e fortalecer a comunidade.	Biblioteca Municipal Mário de Andrade de Araraquara (São Paulo)	Compartilhamento de conhecimentos, informações e experiências de surdos, familiares e profissionais (habilidades social e afetiva). Pertencimento
Fonte: https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/saude/biblioteca-mario-de-andrade-recebe-o-simposio-do-dia-nacional-dos-surdos				

5	Exposição Língua de Sinais	Exposição com livros e filmes que permitem conhecer mais sobre o histórico da surdez retratado da antiguidade até a fase contemporânea. Foi desenvolvida em parceria com a Comissão de Diversidade, Comissão de Acessibilidade e alunos do Grupo de Ação Social (GAS).	Biblioteca Telles (São Paulo/São Paulo)	Compartilhamento de informações sobre a surdez (habilidade social). Fontes de informação e parcerias
Fonte: https://www.insper.edu.br/pt/noticias/2019/11/exposicao-na-biblioteca-telles-aborda-a-cultura-surda				
6	Roda de conversa "Como a comunidade surda interage com a cidade: barreiras e facilitadores"	A Prefeitura de Caraguatatuba promoveu ações para informar e sensibilizar a população sobre as características da comunidade surda, sua Língua e cultura, e fomentar melhores condições de participação social: trabalho, educação, saúde, dignidade e cidadania.	Parceria com a Biblioteca Afonso Schmidt – Fundação Educacional e Cultural de Caraguatatuba (FUNDACC) (Caraguatatuba/São Paulo)	Parceria entre instituições. Compartilhamento de informações sobre a comunidade surda (habilidade social)
Fonte: https://www.caraguatatuba.sp.gov.br/pmc/2019/04/prefeitura-de-caraguatatuba-promove-acoes-alusivas-ao-dia-nacional-de-educacao-para-o-surdo/				
7	1ª Mostra de Artes e Cultura Surda	Desenvolvida pela Prefeitura de Volta Redonda, em parceria com a Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência (SMPD), e a Secretaria Municipal de Cultura (SMC). Os visitantes contemplaram obras de arte como por exemplo, pinturas, desenhos e esculturas elaborados por artistas com surdez.	Biblioteca Municipal Raul de Leoni (Volta Redonda/Rio de Janeiro)	Valorização da arte das pessoas surdas. Dimensão estética da competência em informação
Fonte: https://www.voltaredonda.rj.gov.br/noticias/5413-volta-redonda-abriga-1%C2%AA-mostra-de-artes-e-cultura-surda/				
8	Bate-papo "Libras em Família", exibição do filme "E Seu Nome é Jonas"	O bate-papo "Libras em Família" abordou a importância dos familiares aprenderem Libras para a comunicação em família.	Biblioteca Anísio Teixeira (Pelourinho/Bahia)	Compartilhamento de informações. Experiência estética. Aprendizagem

	e workshop sobre Libras	<p>Exibição do filme “E Seu Nome é Jonas”, que narra os desafios de uma família, com destaque para a mãe que precisa aprender a lidar com a surdez do filho.</p> <p>Workshop com objetivo de conscientizar e promover a comunicação, respeitando as características individuais. Foram trabalhadas noções de saudação, apresentação e cumprimento com a pessoa com surdez.</p>		sobre Libras na família (habilidades comunicacional/social)
<p>Fonte: http://www.fpc.ba.gov.br/2015/09/01/bibliotecas-publicas-celebram-mes-da-acessibilidade-com-programacoes-culturais/</p>				
9	Palestra “Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – se você não conhece o excluído é você”	<p>Esta lei se refere à inclusão da pessoa com deficiência. Ministrada pela coordenadora da Associação Baiana para Cultura e Inclusão (ABACI), em parceria com superintendente da Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos (SJCDH/BA), e com a promotora de justiça do Grupo de Atuação Especial em Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência (Gedef-MP/BA).</p>	Biblioteca Pública do Estado da Bahia (Salvador/Bahia)	Aprendizagem. Dimensão política da competência em informação
<p>Fonte: http://www.fpc.ba.gov.br/2015/09/01/bibliotecas-publicas-celebram-mes-da-acessibilidade-com-programacoes-culturais/</p>				

10	Mostra "Arte pelas mãos"	Estudantes com surdez da Associação de Surdos de Florianópolis, com idades entre 7 e 70 anos produziram releituras de obras de Miró que ficaram em exposição na biblioteca pública. A mostra "Arte pelas Mãos" apresentou uma coletânea de quadros considerando a identidade, Língua e a Arte.	Biblioteca Pública de Santa Catarina (Florianópolis/Santa Catarina)	Dimensão estética da competência em informação. Pertencimento e valorização da cultura visual (habilidade social)
Fonte: https://cultura.sc.gov.br/noticias/18370-18370-alunos-surdos-fazem-releitura-de-obras-de-miro-em-exposicao-na-biblioteca-publica				
11	Contaçõ de histórias em Libras e oficina	Contaçõ de histórias sobre o tema natureza em Libras, com uma professora da Associação do Amor Inclusivo (AAI), promovida pela Prefeitura de Sorocaba e Secretaria de Cultura (Secult). Durante a contaçõ de histórias, foi realizada uma oficina sobre Libras. O objetivo foi ofertar uma agenda cultural ao público para atrair as famílias e promover o gosto pela leitura.	Biblioteca Municipal Jorge Guilherme Senger de Sorocaba (São Paulo)	Dimensão estética da competência em informação (habilidade comunicacional). Fortalecer o pertencimento e estreitar laços na família (habilidade social)
Fonte: https://noticias.sorocaba.sp.gov.br/biblioteca-municipal-de-sorocaba-tem-contacao-de-historias-em-libras-e-oficina-nesta-sexta-feira-1/#gsc.tab=0				
12	2º Seminário de Surdez e Educação	A Associação Terapêutica de Estimulação Auditiva e de Linguagem (Ateal) em parceria com a Prefeitura de Jundiaí e a Coordenadoria dos Direitos das Pessoas com Deficiência promoveu na biblioteca o 2º Seminário de Surdez e Educação com tema "Linguagem e surdez: concepções teóricas, o olhar da família e a perspectiva do próprio sujeito". Participaram do seminário pesquisadores, educadores, pessoas com surdez e ouvintes.	Biblioteca Municipal Professor Nelson Foot (Jundiaí/São Paulo)	Parceria entre instituições. Aprendizagem e compartilhamento de informações sobre a família

Fonte: https://jundiai.sp.gov.br/noticias/				
13	Sarau do Corpo/Slam do Corpo	Sarau do Corpo é um evento de poesia falada e sinalizada. Poetas com surdez e ouvintes, e demais artistas declamam poemas de outros autores, para se expressar ou manifestar artisticamente em Libras e em Português.	Várias bibliotecas de São Paulo ²⁶ (São Paulo)	Dimensão estética da competência em informação (habilidade comunicacional)
Fonte: https://capital.sp.gov.br/web/cultura/w/bibliotecas/noticias/33992				
14	Curso de Libras – módulo intermediário	O curso intermediário de Libras objetiva ensinar Libras com mais profundidade ao apresentar aprendizados da cultura e convivência com a comunidade surda. As aulas foram ministradas com professores ouvinte e surdo, metodologia bilíngue Libras-Português.	Biblioteca de São Paulo (São Paulo)	Aprendizagem sobre Libras (habilidade comunicacional). Pertencimento à cultura surda (habilidade social)
Fonte: https://www.cultura.sp.gov.br/biblioteca-de-sao-paulo-reune-atividades-para-toda-a-familia-contacoes-de-historias-e-encontros-sobre-literatura-em-setembro/				
15	Evento comemorativo do Dia Nacional do Surdo	Olhos que leem e mãos que falam é a filosofia da Biblioteca que também celebrou o Dia Nacional do Surdo convidando uma palestrante para abordar o tema: teoria de educação para pessoas com surdez.	Biblioteca Anísio Teixeira (Bahia)	Aprendizagem e pertencimento (habilidade social)
Fonte: http://www.cultura.ba.gov.br/2012/09/5126/Bibliotecas-publicas-da-Bahia-desenvolvem-atividades-voltadas-para-acessibilidade.htm				
16	Experiência de mediação de leitura em Libras: aproximando pelos sinais	Uma educadora surda atua na biblioteca e é responsável pelo projeto “Experiência de mediação de leitura em Libras: aproximando pelos sinais”.	Biblioteca do Colégio Marista Santa Maria (Rio Grande do Sul)	Aprendizagem sobre Libras (habilidade comunicacional)

²⁶ Biblioteca Thales Castanho de Andrade; Biblioteca Professor Arnaldo Magalhães Giacomio, Biblioteca Adelpha Figueiredo, Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda, Biblioteca Roberto Santos, Biblioteca Paulo Setúbal, Biblioteca Pedro Nava, Biblioteca Marcos Rey, Biblioteca Paulo Sérgio Duarte Milliet, Biblioteca Viriato Corrêa.

		Durante a contação, a história é lida em voz alta e narrada em Libras.		
Fonte: https://colegios.redemarista.org.br/santa-maria/projetos/hist%C3%B3rias-em-libras				
17	Contação de história em libras	Em comemoração ao Dia Nacional dos Surdos, uma estudante surda (que cursa teatro) foi convidada pela Secretaria Municipal de Cultura para contar histórias em Libras.	Biblioteca Pública/ Municipal Bairro Fundinho (Uberlândia/Minas Gerais)	Aprendizagem e apropriação da leitura em Libras (habilidade comunicacional)
Fonte: https://www.uberlandia.mg.gov.br/2019/09/23/biblioteca-municipal-realiza-contacao-de-historia-em-libras/				
18	Oficina de Iniciação a Libras	Curso de Libras gratuito para familiares e profissionais da área de saúde, segurança, servidores públicos, bancários, entre outros.	Biblioteca Malba Tahan (São Bernardo do Campo/ São Paulo)	Aprendizagem da Libras em família e na sociedade (habilidades comunicacional/social)
Fonte: https://www.saobernardo.sp.gov.br/ca/web/cultura/inicio?p_p_id=15&p_p_lifecycle=0&p_p_state=pop_up&p_p_mode=view&_15_groupId=915728&_15_struts_action=%2Fjournal%2Fpreview_article_content&_15_articleId=945603&_15_version=1.9				
19	Oficina "Libras pra que te quero"	Oficina ministrada gratuitamente para familiares, estudantes e servidores. Foram abordados aspectos antropológicos da surdez, gramática e situações de utilização da Língua de Sinais. Estudantes com surdez participaram com seus relatos.	Biblioteca Waldyr Diogo de Siqueira e Núcleo de Acessibilidade às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (Napne) (Fortaleza/Ceará)	Aprendizagem da Libras em família e na sociedade (habilidade comunicacional). Compartilhamento de experiências de pessoas surdas
Fonte: https://ifce.edu.br/fortaleza/noticias/fortaleza-encerra-oficina-sobre-cultura-surda				
20	Projeto Leitura Inclusiva: Cine Inclusão e exposição "Mãos que movem o mundo"	Projeto Leitura Inclusiva buscou despertar por meio de ações, reflexões sobre as diferenças. Uma média de 135 crianças e adolescentes com deficiência participaram do Cine Inclusão que possui	Bibliotecas Públicas de Uberaba (Minas Gerais)	Dimensão ética. Dimensão estética. Pertencimento à biblioteca

		um acervo de filmes em Libras, doado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Foram promovidas visitas à exposição "Mãos que movem o mundo". Além disso, estudantes da Escola para Surdos Dulce de Oliveira fizeram as carteirinhas de usuários da Biblioteca.		(habilidade social)
Fonte: http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,42804				
21	Oficina de contação de histórias em Libras	A oficina foi realizada em parceria com o Instituto Poesis, e teve o intuito de orientar profissionais sobre como planejar uma contação de histórias em Libras pensando na cultura surda e na visualidade da Língua de Sinais. Foram apresentados alguns conceitos de modo prático, utilizando trechos de contos brasileiros. A oficina foi destinada para pessoas com surdez, contadores de histórias, pedagogos, psicólogos, professores, tradutores e intérpretes de Libras e familiares.	Biblioteca Interativa de Inclusão Nogueira (Diadema/São Paulo)	Aprendizagem da Libras (habilidade comunicacional). Pertencimento à cultura surda (habilidade social)
Fonte: https://portal.diadema.sp.gov.br/diadema-realiza-oficina-de-contacao-de-estorias-em-libras/				
22	Doação de livros	O acervo da Biblioteca foi ampliado com doações de uma mãe de estudantes do Colégio Rio Branco e do escritor Jonas Ribeiro com a obra: "Mãos tagarelas, bocas sorridentes", que conta a história de Maria, José e seus pais, uma família surda que nasceu com as "bocas para sorrir e as mãos para falar".	Biblioteca do Centro de Educação para Surdos Rio Branco (estado de São Paulo)	Fonte de informação

Fonte: https://www.ces.org.br/site/leitor.aspx?id=4635&Centro-de-Educacao-para-Surdos-Rio-Branco-recebe-doacoes				
23	Curso de Libras	Curso de Libras básico. Na última aula professora e contadora de história narrou o conto "A gata que entrou em casa" em Libras.	Biblioteca de São Paulo (São Paulo)	Aprendizagem da Libras (habilidade comunicacional)
Fonte: https://bsp.org.br/noticia/curso-bsico-de-libras-termina-no-dia-do-surdo				
24	Visitação na biblioteca	O Centro de Memória Dr. José de Magalhães Pinto e a Biblioteca promoveram uma visita com interpretação em Libras para a comunidade surda de Santo Antônio do Monte. Realizada pela Secretaria Municipal de Cultural e Turismo em parceria com a Associação dos Surdos e projeto Café com Libras para comemorar o Dia Nacional do Surdo. A comunidade surda, familiares e estudantes do curso de Libras tiveram a oportunidade de conhecer a Biblioteca e visitar o acervo do Centro de Memória.	Centro de Memória Dr. José de Magalhães Pinto e a Biblioteca Municipal Bueno de Rivera (Santo Antônio do Monte/Minas Gerais)	Pertencimento à biblioteca. Acolhimento
Fonte: https://samonte.mg.gov.br/noticia/secretaria-de-cultura-e-turismo-e-cafe-com-libras-celebram-o-dia-nacional-do-surdo				
25	Lançamento de livro	Lançamento do livro "Trabalho Docente no século XXI – A inclusão do aluno surdo sob a perspectiva da psicopedagogia e neurociência", de autoria de Daniela Botti Hayashida e Paulo Roberto Francisco.	Biblioteca Municipal Professor Nelson Foot (Jundiaí/São Paulo)	Fonte de informação
Fonte: https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2015/12/04/biblioteca-tem-atividade-especial-para-familia-neste-sabado-5/				
26	Oficina de Libras	Oficina gratuita de Libras promovida pela Secretaria Especial dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SEDPD). Objetivo: preparar o participante em nível	Biblioteca Inclusiva Jairo Amorim (Avaré/São Paulo)	Aprendizagem da Libras (habilidade comunicacional)

		básico e promover a inclusão da pessoa com surdez. Público-alvo: servidores municipais, familiares de pessoas surdas e a adultos surdos não alfabetizados em Libras.		Pertencimento e parcerias entre instituições
Fonte: https://www.avare.sp.gov.br/noticias/oficina-gratuita-de-libras-esta-com-inscricoes-abertas-ate-3-de-junho/				
27	Palestra "Literatura surda em quadrinhos"	A palestra foi ministrada por Lucas Ronan, surdo, cartunista, autor e ilustrador de livros infantis para literatura surda. Ele compartilhou suas experiências com ações inclusivas.	Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais (Belo Horizonte/Minas Gerais)	Pertencimento à cultura (literatura) surda Compartilhamento de experiências
Fonte: https://www.bibliotecapublica.mg.gov.br/biblioteca-publica-estadual-de-minas-gerais-promove-atividades-de-acessibilidade-e-inclusao-na-bienal-mineira-do-livro/				
28	Doação de livro	O professor de Libras Luiz Albérico Barbosa Falcão doou para biblioteca o livro "Surdez, Cognição Visual e Libras: estabelecendo novos diálogos", de sua própria autoria.	Biblioteca Central (BC) da Universidade Estadual de Londrina (UEL)	Fonte de informação
Fonte: http://www.uel.br/com/agenciaueldenoticias/index.php?arq=ARQ_not&FWS_Ano_Edicao=1&FWS_N_Edicao=1&FWS_N_Texto=9348&FWS_Cod_Categoria=2				

Fonte: Resultados do levantamento elaborado e adaptado com base em compilação dos sites.

A iniciativa do Clube do Livro com a participação de mãe e filha surdas relatando suas experiências, cursos e oficinas de Libras e a experiência de vivenciar uma contação de história em Libras são relevantes porque tendem a aproximar e criar vínculos entre as mães e seus filhos com surdez, a biblioteca e a comunidade surda. Isso é benéfico e favorável a formação da competência em informação e a necessidade de pertencimento.

Um clube do livro dessa natureza é uma ocasião para compartilhar informações e experiências e um momento de socialização entre as mães, onde cria-se a oportunidade de estabelecer laços entre mães e filhos surdos, entre mães e mães,

mães e bibliotecários e mães e bibliotecas e, conseqüentemente, desenvolver habilidades que integram a competência em informação. Nestas circunstâncias é possível utilizar livros com personagens surdos ou de autores surdos garantindo maior visibilidade da surdez. Em outras palavras, o bibliotecário “[...] deve estar disposto a ampliar seu conhecimento acerca do usuário a ser atendido e ser flexível à novas experiências.” (Okada; Miranda; Alcará, 2023, p. 4).

A contação de histórias em Libras valoriza a cultura da pessoa surda em termos de Língua e identidade, criando um momento de leitura em família de uma forma mais acolhedora e agradável. Utilizar a Língua de Sinais na mediação é uma estratégia recomendada na literatura. A biblioteca, pode ser um lugar de partilha de textos onde mães e filhos podem participar juntos, sinalizando trechos da narrativa ou personagens.

Ações oportunas para criar ou estabelecer redes de apoio podem ser promovidas por meio das seguintes ações identificadas no Quadro 6: palestras, rodas de conversa e bate-papo. Em relação à proximidade das mães com a comunidade surda, destacamos as ações: sarau de poesia, exposições de arte produzidas por pessoas surdas, exibição de filmes sobre a surdez e oficinas de Libras que tendem a contribuir nesta relação e no desenvolvimento de habilidades informacionais, culturais e atitudinais, voltadas para valores, atitudes e comportamentos, ou seja, o agir.

Uma biblioteca exibiu a narrativa fílmica “*E seu nome é Jonas*” (1979). Como já mencionado anteriormente, este filme retrata a relação entre uma mãe ouvinte e o filho surdo. É significativo no contexto das mães, pois quando a pessoa se vê representada na história contada, pode se identificar com os personagens e ser sensibilizada de uma maneira diferente.

Também foram promovidas visitas à biblioteca, doação e lançamento de livros sobre a surdez e desenvolvimento de projetos. Reforçamos que frequentar uma biblioteca é o primeiro passo para conhecer as atividades que ela desenvolve. E para além disso, a biblioteca precisa dispor de um acervo sobre a surdez para que as mães sintam que: “Aqui tem livros pra mim!” Isso pode ocorrer quando há ações ou acervos disponíveis e planejados em conformidade com as necessidades das mães e de seus filhos. E quando possível as próprias mães poderão organizar ou participar do planejamento das atividades, o que valorizará seu protagonismo. É oportuno salientar

que para além dos acervos, produtos e serviços, impactam mais as atitudes. Assim,

[...] o papel do bibliotecário e sua equipe é preponderante ao tornar uma biblioteca inclusiva, trazendo ao debate as práticas de acessibilidade atitudinal, que extrapolam a adequação do espaço e dos produtos da biblioteca, mas focam na mobilização das pessoas para tornar os ambientes mais inclusivos e acolhedores. (Okada; Miranda; Alcará, 2023, p. 7).

Pensar e promover ações com as mães ou pessoas com deficiências não é algo tão complexo quanto parece. As próprias mães de pessoas com surdez podem ser livros humanos contando suas experiências. A título de exemplos, as Bibliotecas Públicas de Londrina por meio do projeto “Livro Aberto: convite para ler pessoas” oportunizaram o encontro com um pai de crianças com autismo e uma mãe de uma adolescente com deficiência intelectual. Também agrega-se valor quando há uma pessoa surda na equipe da biblioteca colaborando no desenvolvimento das ações para pessoas com deficiência, como constatamos na Biblioteca Pública do Paraná em 2024. Na referida biblioteca a servidora com surdez além de ensinar algumas frases em Libras, “presenteava”²⁷ os usuários com um sinal (que representa e identifica a pessoa em Libras) para comemorar o Dia 26 de Setembro (Dia Nacional dos Surdos). É importante ressaltar que as ações das bibliotecas para pessoas com surdez e/ou familiares não devem se limitar ao mês de setembro. Elas precisam ser desenvolvidas durante o ano todo.

A competência em informação propicia a independência e a autonomia do aprendiz, mas isso não significa que estamos sozinhos e desconectados neste processo. Finalizamos esta seção enfatizando que as mães tendem a se sentir valorizadas, respeitadas e aceitas quando se identificam com um lugar (no caso com a biblioteca), quando percebem que possuem uma conexão com as pessoas (bibliotecários e demais usuários), que as faz se sentir parte do espaço e pertencidas/pertencentes aquela comunidade. Em relação a este último e considerando a importância deste aspecto, na próxima seção iremos explanar a necessidade de pertencer atrelada à competência em informação.

²⁷ Só um surdo pode atribuir um sinal que represente a pessoa. É como se fosse um batismo em Libras e um presente, onde cria-se o sinal com base em uma característica mais marcante com o intuito de criar uma “identidade” na Língua de Sinais. Toda vez que a pessoa se apresentar deve revelar seu nome e seu sinal. Ação similar foi desenvolvida na disciplina de Libras ministrada pelo professor André Coneglian na Universidade Estadual de Londrina em 2016.

4 A MOTIVAÇÃO E A NECESSIDADE DE PERTENCIMENTO DAS MÃES DE PESSOAS COM SURDEZ

"Mas tudo ainda é tão novo e tão diferente pra todos nós. Na maior parte do tempo ficamos perdidos, flutuando em nossos próprios planetas. Mas estamos juntos no mesmo universo, pelo menos" (A surda absurda, 2019, p. 33)

"Percebendo a aproximação dos colegas, Daniel começou a se sentir parte da turma" (Daniel no mundo do silêncio, 2011, p. 30)

Esta seção tem o intuito de discutir aspectos motivacionais e de pertencimento das mães de pessoas com surdez. Nesta parte da pesquisa pretendemos discorrer sobre como a motivação, o pertencimento e a competência em informação estão relacionadas e qual o papel exercem na trajetória de aprendizado das mães de pessoas com surdez.

O pertencimento ou necessidade de pertencer pode ser estudado sob contextos variados, aqui optamos por compreendê-lo com base na Psicologia e na sua Teoria da Autodeterminação (TAD), mais especificamente a Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas (Deci; Ryan, 2000; Boruchovitch, 2008; Crow, 2009). Fazendo uma comparação, é como se a TAD fosse a mãe e a Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas, uma de suas quatro filhas (**Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas**, Teoria da Avaliação Cognitiva, Teoria da Integração Organísmica e Teoria das Orientações Causais).

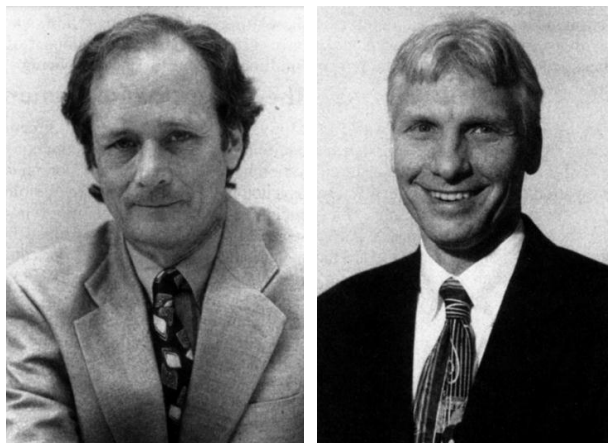
Em linhas gerais, "A Teoria da Autodeterminação tem como premissa que os seres humanos possuem uma tendência geral para o crescimento e necessidades psicológicas inatas para a motivação autônoma" (Boruchovitch, 2008, p. 128) ou também denominada de motivação intrínseca. Ao passo que "[...] a autodeterminação representa um conjunto de comportamentos e habilidades que concedem à pessoa a capacidade para ser o agente causal do seu futuro" (Miranda; Almeida; Boruchovitch, 2014, p. 37). Considerando esta explanação dos autores, a autodeterminação tem pontos em comum com a competência em informação, pois esta última também representa um conjunto de habilidades (neste caso, informacionais) que quando desenvolvidas permitem que a pessoa tenha condições de conduzir a sua vida e não ser conduzida por ela, ou seja, ao contrário do que diz a música, "não deixando a vida lhe levar".

Alves (2021) em sua tese intitulada “Memórias escolares e trajetórias de vida de pessoas com deficiência visual à luz da Teoria da Autodeterminação”, explica que a Teoria da Autodeterminação foi elaborada na Psicologia com o objetivo “[...] de compreender os fatores motivacionais do [ser] humano, frente aos diversos contextos sociais que atraem ou repelem o desenvolvimento de necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e vínculos sociais ou pertencimento” (Alves, 2021, p. 35), dito de outra forma: “[...] o senso de autonomia, o senso de competência e a experiência de vínculo” (Guimarães; Bzuneck, 2003, p. 17).

4.1 A TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO (TAD)

A Teoria da Autodeterminação ou *Self-Determination Theory* (STD) (em inglês) foi proposta em 1985 por Edward L. Deci e Richard M. Ryan (Igbinoia; Solanke, 2016). Ela é “Uma das teorias da motivação mais proeminentes e testadas [...] resultado de muitas décadas de trabalho de Edward Deci, colega de Richard Ryan e outros da Universidade de Rochester e uma ampla comunidade de acadêmicos” (Arnone; Reynolds; Marshall, 2009, p. 117, tradução nossa).

Figura 24 – Deci e Ryan: proponentes da Teoria da Autodeterminação



Fonte: Joe Gawlowicz²⁸

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Dois homens, sendo que o primeiro é parcialmente calvo e está usando terno e gravata. O segundo homem está usando terno e gravata e sorrindo.

Segundo a Teoria da Autodeterminação

²⁸ Disponível em: https://selfdeterminationtheory.org/SDT/documents/2000_RyanDeci_SDT.pdf. Acesso em: 26 abr. 2024.

[...] existem três necessidades psicológicas (autonomia, competência e relacionamento) que quando satisfeitas irão melhorar a automotivação, sensação de integração, bem como o bem-estar de um indivíduo e quando não realizadas resultam na diminuição da motivação e do bem-estar (Igbinovia; Solanke, 2016, p. [6], tradução nossa).

Trata-se de uma macroteoria (porque se subdivide em outras quatro microteorias) segundo a qual a motivação intrínseca e a motivação extrínseca influenciam as ações e os relacionamentos dos indivíduos (Reeve; Deci; Ryan, 2004 *apud* Miranda; Almeida; Boruchovitch, 2014). Na motivação intrínseca a “[...] atividade é o fim em si mesma, com resultados positivos em termos de persistência, criatividade, aprendizagem duradoura, entre outros, e a motivação extrínseca, cujo envolvimento na atividade é um meio para obter resultados externos” (Machado; Guimarães; Bzuneck, 2006, p. 5).

A pesquisa de Igbinovia e Solanke (2016) sinaliza que a motivação intrínseca pode afetar o uso de fontes e serviços de referência na biblioteca que aumentaria o sucesso acadêmico dos estudantes de graduação. Estabelecendo uma relação com as mães, tanto a motivação intrínseca quanto a extrínseca podem levá-las a buscar fontes e frequentar bibliotecas o que ampliaria as possibilidades de desenvolver a competência em informação.

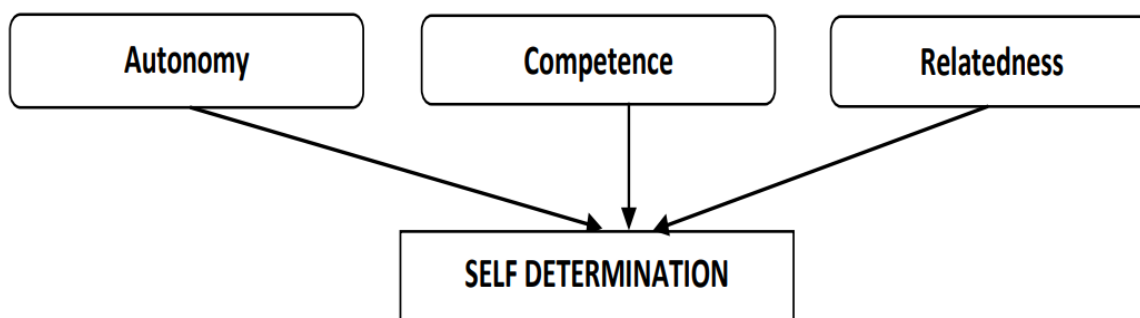
Salientam Guimarães e Bzuneck (2003, p. 17) que em sala de aula para “[...] conseguir esse tipo ideal de motivação, o ambiente educacional deve propiciar que os alunos experimentem liberdade para iniciar e regular o comportamento e que os faça sentirem-se competentes, emocional e pessoalmente ligados às pessoas.” Estendendo para as unidades de informação, compreendemos que o espaço físico precisa fazer com que as pessoas que a frequentam se sintam também competentes e vinculadas “afetivamente” aos profissionais e demais usuários.

Na perspectiva da TAD “[...] as pessoas tendem a buscar objetivos, domínios e relacionamentos que permitem ou apoiam a satisfação de suas necessidades. Uma vez que elas são bem sucedidas em encontrar tais oportunidades, terão resultados psicológicos positivos” (Deci; Ryan, 2000, p. 230, tradução nossa). Associando à competência em informação, é psicologicamente benéfico quando a pessoa sente que teve sua necessidade informacional atendida. Aliás, “Pode-se dizer que a necessidade de informação, assim como as demais necessidades e demandas

humanas são oriundas da motivação, de um estado interno do ser em busca da satisfação da necessidade [...]” (Righetto; Vitorino, 2019, p. 119).

A Teoria da Autodeterminação objetiva entender como elementos motivacionais se conectam com outros componentes. Conforme já evidenciado na seção da introdução desta pesquisa, dentre as quatro microteorias que integram a TAD, tomaremos como apoio a Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas (*Basic Needs Theory*, em inglês). Alcará (2021), ao se basear em Deci e Ryan (2000), explica que a Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas apresenta a necessidade de autonomia (*autonomy*, em inglês), a necessidade de competência (*competence*, em inglês) e a necessidade de pertencimento (*relatedness*, em inglês) (Figura 25) como sendo as três necessidades psicológicas básicas do ser humano.

Figura 25 - Modelo da Teoria da Autodeterminação



Fonte: Igbinovia e Solanke (2016, p. [7]).

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Palavras *autonomy*, *competence* e *relatedness* cada uma com setas em direção ao termo *Self Determination*.

Em outras palavras, as necessidades psicológicas de **autonomia, competência e pertencimento ou relacionamento** são necessidades da existência humana. E a “[...] teoria afirma que necessidade de competência (para ser eficaz), autonomia (para ter escolha e controle sobre a própria vida) e relacionamento (sentir-se conectado com os outros, amado e cuidado) está na base do comportamento humano [...]” (Arnone; Reynolds; Marshall, 2009, p. 117, tradução nossa). Acreditamos que quando a pessoa se sente cuidada, valorizada e respeitada ela consegue atender as outras duas necessidades (autonomia e competência).

Segundo Igbinovia e Solanke (2016)

[...] a autonomia representa o desejo inerente dos indivíduos de se sentirem volitivos e experimentar uma sensação de escolha e liberdade

psicológica ao realizar uma atividade. A competência é definida como um desejo inerente do indivíduo de se sentir eficaz na interação com o meio ambiente, e o pertencimento é a satisfação derivada quando as pessoas experimentam um sentimento de comunhão ao desenvolver um relacionamento próximo e íntimo com outros (Igbínovia; Solanke, 2016, p. [3], tradução nossa).

Isso significa que a pessoa precisa atender essas três necessidades psicológicas básicas para existir e sobreviver, uma vez que são necessidades “universais, inatas e psicológicas” (Igbínovia; Solanke, 2016, tradução nossa). Buscaremos definir cada uma, a seguir:

a) **necessidade de autonomia**: envolve as ações, atitudes e comportamentos conscientes e autodeterminados, cuja concretização depende da crença das pessoas de que podem fazer escolhas e realizar determinada atividade por vontade própria. Pode ser “[...] definida como sentimento de escolha dentro de uma estrutura, em que as pessoas sentem que as ações emanam delas” (Righetto; Vitorino, 2019, p. 98). Isso quer dizer que “[...] o ser humano é livre para escolher um determinado curso de ação e, assim, pode atingir determinados objetivos” (Miranda; Almeida; Boruchovitch, 2014, p. 37);

b) **necessidade de competência**: está relacionada à percepção da pessoa quanto a ser capaz de realizar determinada atividade e o quanto ela pode fazê-la de forma autônoma, portanto, ao executar uma tarefa ela se sente independente. Righetto e Vitorino (2019, p. 98-99) acreditam que a competência em informação pode ser definida a partir da maneira que a pessoa compreende um conteúdo e no seu potencial “[...] de desenvolvimento das habilidades relevantes para o êxito”; e

c) **necessidade de pertencimento**: se refere ao estabelecimento de vínculos e relações mais duradouras com os outros, o que promove o sentimento de fazer parte de um determinado contexto, estar integrado, ligado, de constituir e estreitar laços. Em outras palavras, é “[...] um sentimento de pertença e conexão com os demais, assim como com o conteúdo do assunto” (Righetto; Vitorino, 2019, p. 98).

Vale destacar que “Todas as três necessidades psicológicas devem ser satisfeitas para um desempenho psicológico ideal e saudável. Os indivíduos geralmente perseguirão objetivos que permitam que essas necessidades sejam atendidas” (Arnone; Reynolds; Marshall, 2009, p. 117, tradução nossa).

Para a própria competência em informação é importante que a pessoa

se sinta autônoma, competente e pertencente. Isso significa que ela pode fazer escolhas quando está aprendendo (exemplo: escolher uma fonte de informação para explorar); sentir que é autônoma e independente (exemplo: ao fazer uma busca sozinha) e estabelecer uma relação com alguém (pode ser um bibliotecário ou um professor, por exemplo). Aplicamos ao contexto das mães de pessoas com surdez na Figura 26.

Figura 26 - As necessidades psicológicas básicas no contexto das mães de pessoas com surdez



Fonte: Elaborada com base em Deci e Ryan (2000); Alcará (2021); Pereira e Alcará (2021) e recursos do Power Point.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Fluxo alternativo. No primeiro quadro com contorno verde se lê: necessidade de autonomia: ações e comportamentos que dependem da crença das mães de que podem fazer escolhas e realizar as atividades informacionais por vontade própria. No segundo quadro com contorno amarelo: Necessidade de competência: quando as mães percebem que são capazes de realizar as atividades informacionais e que podem fazê-las de forma autônoma e independente. No terceiro quadro com contorno rosa se lê: necessidade de pertencimento: significa estabelecer vínculos, laços e relações com os outros, o que promove o sentimento de que as mães fazem parte de um grupo ou comunidade. Do quadro necessidade de pertencimento sai uma seta amarela em direção a necessidade de competência. Do quadro necessidade de competência sai uma seta verde em direção ao quadro necessidade de autonomia.

Ryan e Deci (2000b, p. 57, tradução nossa) admitem que “[...] a satisfação das necessidades psicológicas básicas resulta, em parte, do envolvimento em atividades intrinsecamente interessantes”. Pensando no contexto de uma biblioteca, como promover atividades interessantes para as mães? Especialmente em relação à necessidade de pertencimento, como fazer com que elas se sintam de fato pertencentes e mais do que isso, acolhidas e valorizadas?

Apesar de discutir isso na seção anterior, não temos uma resposta definitiva para estas questões, pois tudo vai depender de uma série de fatores: as atitudes do bibliotecário, o espaço da biblioteca, o envolvimento das mães, os recursos disponíveis, entre outros. O que podemos afirmar é que às vezes algo simples pode fazer a diferença, se comparado com o desenvolvimento de uma ação muito elaborada. As vezes uma conversa informal, a indicação de um livro ou filme pode ser de grande valia. Arnone, Reynolds e Marshall (2009, p. 117-118, tradução nossa) defendem que “O clima da biblioteca e a abordagem do bibliotecário, além de outras influências sociais, como família, amigos, professores, membros da igreja, e assim por diante, contribuem para o apoio à autonomia percebida e um sentimento de relacionamento”.

Em relação ao trabalho das igrejas, no Brasil a Pastoral da Criança além de divulgar informações úteis no rádio sobre o distúrbio de processamento auditivo central por exemplo, entrevistando especialistas, busca se aproximar das famílias criando laços através da amizade. Em muitas igrejas evangélicas a presença do intérprete de Libras no culto pode fazer com que a pessoa com surdez se sinta valorizada e mais próxima daquela comunidade. Esta sensação também pode ser experimentada com a presença de intérpretes em programas de televisão²⁹.

Levamos em consideração a necessidade de pertencimento porque ela age como se fosse uma base para as necessidades de autonomia e competência (Alcará, 2021). Ryan e Deci (2000b, p. 64, tradução nossa) complementam dizendo que “[...] a base para facilitar a internalização é propiciar um sentimento de pertencimento e conexão às pessoas, grupo ou cultura que disseminam um objetivo, ou o que na TAD chamamos de senso de relacionamento.” Esta sensação de pertença ou senso de relacionamento pode ser traduzido como uma habilidade para criar e estreitar laços com outras pessoas e ambientes, que não se desfazem com o tempo. Ressaltam Righetto e Vitorino (2019, p. 98) que ambientes e profissionais que apoiam as necessidades psicológicas “[...] têm efeitos positivos sobre a dedicação, o engajamento e a realização das pessoas.” Na Figura 27 exemplificamos com situações

²⁹ Segundo o Art. 67 da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (2015) “Os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros: I – subtitulação por meio de legenda oculta; II – janela com intérprete de Libras; III – audiodescrição.” A título de exemplo, a TV Cultura apresenta janela com intérprete de Libras em vários programas de sua grade e alguns desenhos animados.

cotidianas das mães em busca de pertença.

Figura 27 – Buscando fortalecer o pertencimento



Fonte: Elaborada com recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Na parte superior em letras na cor preta em maiúsculo se lê: As mães em busca de pertencimento. No primeiro quadrinho uma mulher com uma das mãos no rosto e no balão de fala: São tantas coisas para fazer e aprender! Preciso buscar apoio, conhecer outras mães! No segundo quadrinho no canto esquerdo está escrito: Pouco tempo depois. Uma mulher com uma criança lê um livro e diz: Gosto de frequentar a biblioteca. Lá me sinto respeitada e acolhida! No terceiro quadrinho pessoas sentadas conversando e um balão de fala onde se lê: Me sinto integrante do grupo de pais e mães de pessoas com surdez. No último quadrinho uma mulher e um menino com camisetas verdes conversam em Língua de Sinais e um balão de fala onde está escrito: Aprender Libras me faz sentir parte da comunidade surda.

Novamente pensando nas mães: elas precisam se conectar com pessoas, grupos (grupos de mães) e cultura (cultura surda) conforme apresentamos mais adiante, para que não se sintam sozinhas e isoladas. O pertencimento indica a experiência “[...] de vínculo e cuidado, e o indivíduo fica satisfeito por se conectar e se sentir significativo para os outros. A frustração do pertencimento vem com um senso de alienação social, isolamento e solidão” (Vansteenkiste; Ryan; Soenens, 2020, p. 3, tradução nossa). São dois extremos: ou a pessoa se sentirá próxima ou distante. A

seguir apresentamos a necessidade de pertencer ou pertencimento.

4.2 A NECESSIDADE DE PERTENCER E AS MÃES

Como dito, neste estudo nos debruçamos na terceira necessidade, ou seja, a necessidade psicológica de pertencimento (*relatedness*). Segundo Crow (2009, p. 93, tradução nossa) "A TAD postula que embora as necessidades de autonomia e competência são os mais influentes na manutenção da motivação intrínseca, o relacionamento também desempenha um papel importante". Exemplificando, da mesma forma que uma pessoa tem a necessidade biológica de se alimentar para se nutrir, se sentir bem e sobreviver, pensando na necessidade de pertencimento, ela tem a necessidade psicológica de estar vinculada à um grupo para existir no mundo sendo também um modo de sobrevivência, de identidade e de fortalecimento.

Crow (2009, p. 93-94, tradução nossa) citando Baumeister e Leary (1995) argumenta que os teóricos sugerem que a necessidade de pertencimento tem duas características essenciais: "a) ter contatos frequentes, principalmente positivos, com outra pessoa (ou pessoas), e b) possuir vínculos interpessoais que são caracterizados pela estabilidade e preocupação afetiva". Dito de outra forma, a relação precisa ser benéfica e ter uma frequência e ser estável com características de afetividade.

Cabe pontuar que na Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas:

[...] os seres humanos são ativos, organismos orientados para o crescimento e naturalmente inclinados em direção à integração de seus elementos psíquicos em um senso unificado de integração de si mesmos em estruturas sociais maiores. Em outras palavras, [ela] sugere que faz parte do projeto adaptativo do organismo humano envolver-se em atividades interessantes, exercitar capacidades, buscar conexão em grupos sociais, e integrar experiências intrapsíquicas e interpessoais em uma unidade relativa (Deci; Ryan, 2000, p. 229, tradução nossa).

Portanto, as pessoas para se desenvolverem e crescerem, buscam (geralmente de modo natural) se integrar e se conectar com outras pessoas ou grupos. Isso é inato, segundo os autores. Nesse sentido, os indivíduos teriam "[...] uma propensão natural para a realização de suas atividades que desafia as habilidades já existentes" (Alcará, 2011, p. 19). Sob esse prisma, a busca por informação desafiaria

as habilidades informacionais que cada indivíduo já possui ou não tem, levando-o a desenvolver novas estratégias.

Tomando como exemplo as mães, quando buscam informações sobre a surdez com outras mães ou outras pessoas podem criar laços com estas, fazendo com que se sintam mais próximas e por consequência fortalecendo o sentimento de pertencer. Isso levará no desenvolvimento de novas habilidades, já que tendem a aprender aquilo que não sabem e potencializar aquilo que já conhecem.

Para Barros (2007, p. 57) a motivação para aprender continuamente “[...] é um desafio interior e que faz parte da construção da autonomia dos indivíduos”. É algo intrínseco que impulsiona o aprendizado, incluindo o aprender a lidar e trabalhar com a informação de modo autônomo, independente e em grupo, por se tratar de habilidades e conhecimentos que podem ser construídos com a coletividade.

Autonomia no sentido de não dependência do outro, mas ao mesmo tempo a formação e o desenvolvimento de habilidades que pode ser partilhadas, socializadas e compartilhadas, ao multiplicar as habilidades aprendidas com outras pessoas. As mães de pessoas com surdez, por exemplo, podem ensinar e aprender com outras mães, de modo que se sintam motivadas a continuar aprendendo por toda vida. O aprender a aprender ao longo da vida é um dos pilares da competência em informação. No contexto acadêmico, Uribe Tirado (2014, p. 13) explica que é possível

Melhorar a motivação dos estudantes para a formação de competências em informação, não somente a partir de temas de interesse acadêmico, mas também de temas de interesse pessoal e social que gerem mais motivação inicial para buscar aprender essas competências e, assim, ressaltar sua importância não somente para a vida profissional, científica e acadêmica, mas também para os outros papéis desenvolvidos como pessoa e cidadão.

Com base nessas ideias, entendemos que é necessário despertar e potencializar e assim também aumentar a motivação das mães para a competência em informação indo muito além da vida escolar de seus filhos, levando-as a interessar-se por outros aspectos, mesmo após eles concluírem o ensino fundamental, médio ou superior. O que queremos dizer com isso, é que as mães precisam de motivação para a competência em informação não somente para auxiliar os filhos surdos nas atividades escolares, mas que possam ter condições de apoiá-los como sujeitos sociais e políticos, tornando-se pessoas mais ativas na sociedade, em busca da garantia

efetiva de seus direitos e de inclusão, trazendo-lhes qualidade de vida e dignidade.

Acreditamos que quanto mais desenvolvidas as habilidades informacionais da competência em informação, maior será a motivação para continuar aprendendo e assim também maior será o sentimento de pertencer, considerando a competência em informação como um processo contínuo de aprendizagem.

Do mesmo modo, quanto maior a motivação, maiores serão as chances de formar e desenvolver diversas habilidades informacionais. Por outro lado, quanto mais desmotivadas as pessoas se sentem, as probabilidades de desenvolverem habilidades diminuem. Assim sendo, a motivação influencia a competência em informação e vice-versa. E o pertencimento é o primeiro eixo desse processo, já que pessoas com a necessidade de pertencimento satisfeita tendem a se sentirem mais motivadas.

A motivação é vista então como a combinação de esforço e de desejo para alcançar um alvo, mais atitudes favoráveis em relação ao mesmo e ao próprio esforço. Refere-se também a quanto a pessoa trabalha ou se empenha para alcançá-lo em função do seu desejo de atingi-lo e da satisfação vivenciada por isto. Não basta o esforço, é preciso que ele esteja orientado para um objetivo. Também só o desejo de alcançar o alvo não constitui por si só motivação. É preciso que haja comportamento presente compatível com a busca do mesmo. (Giacometti, 1990, p. 14).

No âmbito da surdez e da competência em informação, é imprescindível que as mães associem o desejo de aprender, de conhecer e de multiplicar a informação e as habilidades com ações e atitudes concernentes a tais propósitos. Tais ações e atitudes que levem a busca por informação com vontade de aprender, e de descobrir, ao longo do processo de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades, como sendo algo satisfatório e benéfico para si, para os filhos surdos, para outras mães e outras pessoas. Nesse sentido, um indivíduo que desenvolveu a competência em informação deve ser “[...] capaz de gerar resultados com elevado grau de qualidade, associando os conhecimentos de forma estratégica e inovadora na solução de problemas, além de manter o aprendizado auto motivado e auto dirigido ao longo da vida” (Gama, 2013, p. 90).

Entendemos que “[...] a satisfação da necessidade de pertencimento facilitará a criação de condições favoráveis às relações e o fortalecimento das necessidades psicológicas básicas de autonomia e competência, desenvolvendo o

sentido de bem-estar” (Alves, 2021, p. 38). Em contrapartida, pessoas que se sentem “despertentes”, ou seja, não integradas e não inseridas, ou excluídas do todo, tendem a sentir que seus relacionamentos estão enfraquecidos e prejudicados.

Como não existe ausência de motivação, estando os seres humanos sempre motivados para a evitação ou para a aproximação com o mundo e seus objetos [...], é importante refletir sobre o fenômeno, considerando as possibilidades que o conhecimento sobre ele pode contribuir na criação de um clima motivacional propício para o ensino e a aprendizagem. (Schwartz, 2014, local. p. [12]).

Compreendemos que mães motivadas e pertencentes podem se aproximar da informação com mais facilidade podendo aprender, se fortalecer e assim ensinar outras mães de pessoas com surdez. No contexto da surdez, podemos dizer que é na relação da motivação para aprendizagem das mães que a necessidade e a vontade de aprender podem ser impulsionadas pela potencialização das habilidades informacionais e conseqüentemente o sentimento de pertencimento tende a ser fortalecido.

A necessidade de *pertencer, de estabelecer vínculos ou de se sentir parte de um contexto* é base para a competência e autonomia no processo de aprendizagem escolar (Alcará, 2011, p. 21) e em outras situações da vida.

[...] em escolas, a facilitação de uma aprendizagem mais autodeterminada em sala de aula requer condições que permitam a satisfação das três necessidades humanas básicas – ou seja, que apoiam as necessidades inatas de se sentir conectado, eficaz e autônomo por estar exposto a novas ideias e exercitar novas habilidades (Ryan; Deci, 2000b, p. 65, tradução nossa).

Realmente, a escola é um lugar que oportuniza diferentes experiências. Porém, Arnone, Reynolds e Marshall (2009, p. 116, tradução nossa) alertam para o fato de que

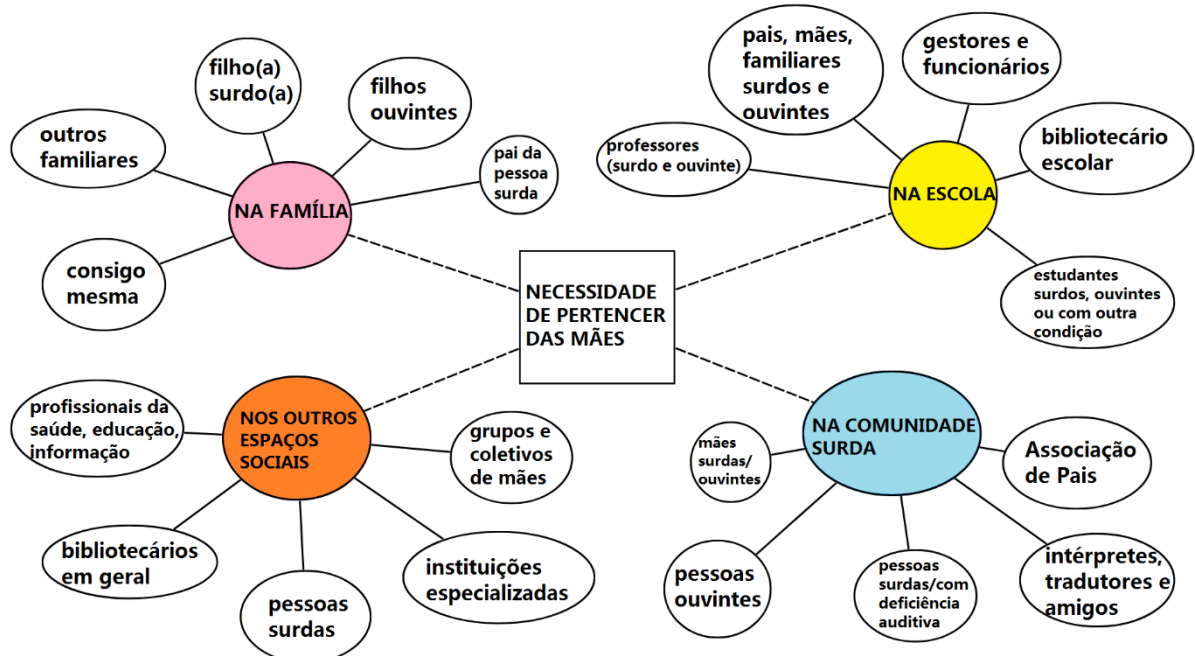
Os novos padrões indicam que as habilidades informacionais por si só não são suficientes para o sucesso acadêmico; os estudantes também devem valorizar essas habilidades, usá-las de maneira produtiva e responsável, e ter as ‘disposições em ação’, isto é, disposições motivacionais para apoiar pesquisas e a aprendizagem independente ao longo da vida.

Concordamos com os autores quando dizem que só as habilidades não bastam, é preciso valorizá-las e reconhecê-las, porque isso impacta na aprendizagem e na motivação. É imprescindível que a pessoa esteja consciente nesse processo, e

que saiba o que fazer com tais habilidades: que elas tem um porquê e para que de ser.

No caso das mães, acreditamos que existem basicamente quatro grupos ou circunstâncias nas quais elas precisam se sentirem pertencentes e compartilhar informações. Estes grupos ou circunstâncias podem ser: a família, a escola, a ampla sociedade e a comunidade surda. Mas podem existir outras situações e outros indivíduos com os quais elas podem estreitar vínculos e laços, ou seja estabelecer relacionamentos para poder lidar com a surdez, conforme evidencia a Figura 28.

Figura 28 – Pertencimento das mães de pessoas com surdez: com quem e onde elas precisam criar laços?



Fonte: Elaborada com base na fundamentação teórica e recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Mapa de relações da necessidade de pertencimento. No centro se lê: necessidade de pertencer das mães. No círculo rosa que se refere a família vinculam-se as palavras: consigo mesma, outros familiares, filho(a) surdo(a), filhos ouvintes e pai da pessoa surda. No círculo amarelo onde está escrito na escola, estão associadas as palavras: professores (surdo e ouvinte), pais, mães, familiares surdos e ouvintes, gestores e funcionários, bibliotecário escolar e estudantes surdos, ouvintes ou com outra condição. No círculo azul onde está escrito: na comunidade surda, as palavras ligadas são: mães surdas/ouvintes, pessoas ouvintes, pessoas surdas/com deficiência auditiva, intérpretes, tradutores e amigos e associação de pais. No círculo laranja se lê: nos outros espaços sociais e as palavras vinculadas são: profissionais da saúde, educação, informação, bibliotecários em geral, pessoas surdas, instituições especializadas e grupos e coletivos de mães.

Para Ryan e Deci (2000a) a motivação é ou deveria ser “[...] de preeminente preocupação para aqueles que ocupam funções como gerente, professor,

líder religioso, treinador, prestador de cuidados de saúde e pais que envolve mobilizar outros para agir” (Ryan; Deci, 2000a, p. 69, tradução nossa). Pensando neste argumento e com base nas relações apresentadas, é possível fazer um *link*, já que a necessidade de pertencimento além de atuar como base para as necessidades de competência e autonomia, impacta na motivação para aprendizagem e na própria competência em informação.

Ao analisar a Figura 28, notamos que ao criar vínculos com estes quatro grupos ou núcleos, a mãe de uma pessoa com surdez pode se fortalecer e estabelecer uma relação de apoio com a qual ela mesma se identifica como mãe de uma pessoa com surdez. Se isso não acontece, dificilmente ela vai buscar mais informações sobre a surdez ou querer aprender algo novo que lhe seja pertinente. Da mesma forma, ela pode compartilhar informações e experiências de vida com cada uma dessas pessoas ou grupos de modo que suas habilidades informacionais possam ser formadas, ao aprender algo na relação estabelecida com elas (pertencimento). É importante destacar que estes quatro grupos podem se conectar e se fortalecer mutuamente.

No filme “E seu nome é Jonas” (1979) é possível notar que a mãe de Jonas busca esse sentido de pertencer. Ela encontra o apoio de uma parcela da família (avós); busca apoio profissional, apesar de inicialmente tornar-se uma experiência frustrante por tentarem “curar” seu filho; na sociedade, especialmente na amizade com outra mãe de surdo e finalmente na comunidade surda participando de seus eventos. O próprio Jonas já demonstra se sentir mais pertencente e feliz conforme vai aprendendo a Língua de Sinais e na escola especializada, convivendo com outras crianças surdas.

Miranda, Almeida e Boruchovitch (2014, p. 27) ressaltam que “As necessidades de pertença ou vínculo social originar-se-iam pela procura de relacionamentos com outras pessoas, grupos ou comunidades.” Em geral, as pessoas buscam se relacionar umas com as outras. Ainda levando em consideração a Figura 21, as mães podem e precisam se relacionar com outros grupos seja na **família** onde ela poderá se conectar com o cônjuge (quando este não abandona o filho), com seus irmãos (tios da criança) ou seus pais (avós), na **escola** com os professores e outros pais, nos **outros espaços sociais** vinculando-se à profissionais e grupos de mães e na **comunidade surda**, aproximando-se de outros surdos, intérpretes e amigos dos

filhos.

E qual a importância do pertencimento nestas relações para a competência em informação? A importância está no fato de desenvolver/aprimorar habilidades e aprender com as relações que são estabelecidas. Exemplos: a mãe que compartilha informações com outras mães no grupo de mães das redes sociais, em uma conversa informal na escola a professora que indica uma fonte de informação, a biblioteca pública do município desenvolve uma ação específica para familiares de pessoas surdas, na unidade básica de saúde a mãe conhece um grupo de acolhimento para mães que divulga informações sobre saúde, entre outras. São momentos em que o pertencimento está sendo criado ao mesmo tempo que existe um compartilhamento de informação.

No contexto acadêmico uma maneira de satisfazer a necessidade de pertencimento e de autonomia

[...] é através de um ensino que ofereça um clima de aprendizagem favorável [...]. Além disso, as próprias atividades que os estudantes realizam dentro do contexto da biblioteca (pesquisando, encontrando e usando informalmente recursos para apoiar necessidades e interesses individuais de informação) podem contribuir fortemente para a sua satisfação global (Arnone; Reynolds; Marshall, 2009, p. 117-118, tradução nossa).

Primeiro: o ambiente precisa ser favorável. Segundo: as atividades de pesquisa, busca e uso de recursos que apoiam as necessidades de informação já contribuem para as necessidades de pertencimento e autonomia. Estas situações simples do dia a dia são oportunidades para aprender e estreitar laços pois (novamente relacionando com o contexto da surdez) nestes casos as mães sempre estarão vinculadas à outras pessoas ou lugares. Uma mobilizando e motivando as outras, como propõem Ryan e Deci (2000a). Os referidos autores respondem a questão: Por que as pessoas tendem a realizar ações?

[...] a principal razão pela qual as pessoas inicialmente executam ações é porque os comportamentos são motivados, modelados ou valorizados por outras pessoas significativas para quem eles se sentem (ou quer se sentir) apegado ou relacionado. Isto sugere que o relacionamento, a necessidade de se sentir pertencente e conectado com os outros, é de importância central para a internalização. (Ryan; Deci, 2000a, p. 73, tradução nossa).

A Teoria da Autodeterminação nos leva a crer que as pessoas realizam ações quando são motivadas por indivíduos com os quais elas mantêm uma relação e estes acabam influenciando seu comportamento, o que resulta na internalização/interiorização. Num grupo de mães em que existe a sensação de pertencer, há grandes chances de que elas realizem ações como por exemplo buscar outras informações, tentar aprender algo novo porque são valorizadas pelas demais. Isso faz com que percebam a importância de desenvolver uma determinada habilidade e, por consequência, de internalizá-la.

Pereira e Alcará (2020) explicam que a competência em informação poderá contribuir para a necessidade de pertencer dos pais e por consequência na inclusão dos filhos surdos, pois conforme conseguem sanar suas necessidades de informação e conhecem outras pessoas surdas e outros familiares “[...] vão aprendendo a lidar com a surdez, ao mesmo tempo em que apoiam os filhos e fortalecem o sentimento de pertencimento. Igualmente, ao sentirem-se pertencidos e com vínculos estabelecidos a competência em informação tende a ser potencializada” (Pereira; Alcará, 2020, p. 218) porque eles podem nesse processo aprender ou desenvolver habilidades.

Pesquisas indicam “[...] a necessidade de pertencimento, ou o desejo de vínculos interpessoais, como uma necessidade humana fundamental” (Crow, 2009, p. 93, tradução nossa). Nesta seção, focamos no sentimento de pertencimento das mães, mas é preciso enfatizar que os filhos surdos também precisam se sentir pertencentes de alguma forma. Vários filmes discutem a questão do pertencimento. Aqui escolhemos citar os filmes “Viva – a vida é uma festa” (2017) e “Hotel Transilvânia” (2012) para exemplificar que às vezes um filho não se sente pertencente à família, não se identifica com ela. Embora estas narrativas fílmicas não tratem da surdez, esta sensação é comum especialmente nas crianças e adolescentes, fases da vida em que estão buscando seu lugar no mundo. Já no livro “Daniel no mundo do silêncio” (2011) o autor Walcyr Carrasco evidencia o isolamento do personagem surdo em uma escola de ouvintes.

[...] ainda há muito a ser realizado, adaptado, adequado e disponibilizado para que a pessoa com deficiência se sinta pertencente a uma sociedade realmente inclusiva, que ainda busca conhecer suas necessidades, habilidades e potencialidades (Wellichan; Manzini, 2023, p. 2).

Finalizamos esta seção ressaltando que tanto as mães quanto os filhos surdos precisam buscar criar estes laços, primeiro entre si mesmos e posteriormente com outros grupos. É nestas relações que habilidades tendem a ser desenvolvidas, inclusive as habilidades da competência em informação.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa procurou analisar a contribuição da necessidade de pertencimento para a competência em informação das mães de pessoas com surdez. Como já ressaltado na introdução, estudos com esse público ainda são pouco realizados na Ciência da Informação e nas lentes do campo da competência em informação. Levando em consideração este aspecto, esta pesquisa foi desenvolvida a partir de uma pesquisa de campo, de caráter descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa.

5.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA E *LÓCUS* DA PESQUISA

Os estudos descritivos buscam

[...] caracterizar uma determinada realidade a ser estudada. Dependendo da pergunta de pesquisa, é possível descrever características sociodemográficas, epidemiológicas, problemas, entre outros, bem como relações e variáveis entre eles. Cabe a este tipo de pesquisa responder questões como "O que?", "Onde?" e "Quando?". [...] Comumente, são utilizadas de forma complementar às pesquisas exploratórias, cabendo a elas o aprofundamento do conhecimento a cerca do objeto de estudo na realidade pesquisada [...] (Sampaio, 2022, p. 26).

É também uma pesquisa exploratória. Segundo Sampaio (2022, p. 26) o objetivo da pesquisa exploratória é

[...] ampliar o conhecimento do pesquisador sobre uma determinada problemática. É um tipo de pesquisa essencial no início de investigações, pois compreendendo melhor a problemática a ser estudada, será possível refinar de maneira mais adequada a pergunta de pesquisa, escolher de forma mais [acertada] os instrumentos de coleta de dados e organizar o uso do tempo e dos recursos.

Com a pesquisa exploratória foi possível ampliar os conhecimentos sobre a contribuição do pertencimento para a competência em informação das mães. E conseqüentemente da influência da competência em informação para a necessidade de pertencer desse grupo.

Nesse sentido, objetivamos identificar as necessidades informacionais das mães de pessoas com surdez, onde buscaram informações ao longo da vida, quais fontes de informação utilizaram, se compartilham o que aprenderam com outras mães

ou outras pessoas, e igualmente, analisar se elas se sentem integradas, aceitas e vinculadas a instituição e como isso reflete na sua necessidade de pertencer e na competência em informação.

Optamos pelo estudo de campo porque tínhamos o intuito de entender como os fenômenos informacionais ocorrem na realidade dessas mães, não apenas em nível teórico, mas também prático. Cruz Neto (1994, p. 51) explica que “[...] o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo”.

Em relação à abordagem qualitativa, julgamos relevante buscar essa forma de abordagem, pois ela permitiu o aprofundamento, de forma mais subjetiva, uma vez que

[...] desenvolver uma pesquisa qualitativa não se trata somente de adotar um método de pesquisa em detrimento de outro, mas pressupõe uma visão paradigmática também diferente. Assim, outra característica fundamental desta modalidade de pesquisa é o papel dos participantes e, sobretudo, do próprio pesquisador, o qual interpretará os dados de maneira indutiva (Castro; Oliveira, 2022, p. 30).

Para Bufrem (2011, p. 8) uma característica marcante da pesquisa qualitativa “[...] é a busca de entendimento de um objeto ou fenômeno específico em profundidade. São priorizadas descrições, comparações e interpretações, em detrimento de estatísticas, regras e outras generalizações”.

A pesquisa denominada qualitativa é mais participativa e, portanto, menos controlável. Os participantes da pesquisa podem direcionar o rumo da pesquisa em suas interações com o pesquisador. [É] mais adequada quando se deseja obter informações refratárias às medidas estatísticas, conservando-se a forma literal dos dados, o que enseja a percepção dos elos lógicos e das relações entre fenômenos. Além de facilitar a percepção das relações de sentido entre as unidades ou as categorias que as unem, a pesquisa com enfoque qualitativo, pode penetrar em coisas concretas, mas ocultas, pois facilita a visão de elementos nem sempre notados ao primeiro olhar [...] (Bufrem, 2011, p. 8-9).

A pesquisa qualitativa requer mais participação de todos os envolvidos. Quem vai conduzir os rumos da investigação são os participantes, a depender de como se dará e qual o conteúdo de seus relatos. Minayo (1994, p. 21-22) completa dizendo

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não

pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos [...]

O universo desta pesquisa foi composto por mães de pessoas com surdez, profissionais que atuam em uma instituição especializada na área da surdez e em Associação de Pais e amigos dos surdos, ambas localizadas em um município do norte do Paraná. Tal escolha se justificou pela proximidade com a instituição que estabelecemos na pesquisa de dissertação, onde encontramos abertura e apoio, para a continuidade nas investigações e, também, porque entendemos que as mães pertencentes a esta instituição tendem a possuir uma relação com a cultura e a comunidade surdas, uma vez que seus filhos estudam neste centro de caráter educacional que atende pessoas com surdez.

Quanto a caracterização do local do estudo, segundo o seu Regimento Escolar (2022, p. 6)

§ 1º O Atendimento Educacional Especializado - AEE no município [...] iniciou suas atividades em outubro de 1986 por meio da Deliberação nº 020/86, em uma das salas da Escola Estadual Rotary Club como Sala Especial na Área da Deficiência Auditiva. Em 02 de outubro de 1989 por meio da Resolução nº 2.707/89 foi autorizado seu funcionamento [...].

§ 2º Em janeiro de 2006 por meio do Decreto Municipal nº 401/2006 a Secretaria Municipal de Educação por meio da Prefeitura Municipal cedeu um espaço novo para o funcionamento do AEE. (Regimento [...], 2022, p. 6).

Atualmente, a instituição atende 14 estudantes entre 4 e 40 anos de idade. Ela oportuniza aos seus estudantes:

§ 6º igualdade de condições para acesso e permanência na escola inclusiva, liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber, gratuidade de ensino, valorização dos profissionais, gestão democrática, colegiada e garantia de uma educação básica unitária (Regimento [...], 2022, p. 7).

Tendo em vista estes elementos, os objetivos da instituição são:

§ 8º [ofertar um] ensino de qualidade às pessoas com necessidades especiais na área da surdez. Oferecer também a chance de recuperar o atraso do desenvolvimento cognitivo por meio de planejamento com propostas pedagógicas que contemplem o domínio progressivo e significativo, das duas línguas (Libras e Língua Portuguesa) como base à formação bilíngue do aluno. Oportuniza sempre o ensino da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) por ser um direito adquirido a partir da luta de comunidades de surdos que se organizam em associações, instituições e por meio da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, no qual ocorreu a oficialização da LIBRAS, conforme consta na Lei Federal nº 10.436 de 24/04/2002. (Regimento..., 2022, p. 8).

A Associação de Pais e Amigos dos Surdos, do mesmo município, trabalha em parceria com a instituição especializada na área da surdez. Seu propósito é constituir um

[...] espaço de convivência, formação para a participação e cidadania, desenvolvimento do protagonismo e da autonomia das pessoas com surdez do município [...], a partir dos interesses, demandas e potencialidades de cada usuário, uma vez que seu objetivo é a prevenção de ocorrência de situações de risco social, a garantia do acesso aos direitos, **fortalecer os vínculos familiares e comunitários**, promover a autonomia, a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida dos usuários do serviço (Plano..., 2020, p. 3, grifo nosso).

Quanto aos critérios de inclusão para a constituição da amostra de participantes, foram incluídas na pesquisa as mães (surda ou ouvinte) de pessoas com surdez, com idade a partir dos 18 anos e que tinham filhos(as) atendidos(as) pela instituição especializada na área da surdez, que atualmente perfazem um total de aproximadamente 14 mães, porém deste total, participaram da pesquisa duas mães.

Com vistas à complementar os dados da pesquisa, convidamos para compor a amostra os quatro profissionais atuantes na instituição especializada e os dois profissionais da Associação de Pais, contemplando diferentes funções exercidas nas instituições (tais como: direção, coordenação, docência, secretaria e zeladoria), pois cada um a seu modo possui experiências e vivências no convívio com as mães. Com isso, ao todo, a pesquisa contou com oito participantes (duas mães e seis profissionais).

5.2 TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

A primeira técnica de coleta de dados empregada foi a entrevista semiestruturada com as mães participantes da pesquisa. Na “[...] entrevista semiestruturada, caracterizada como semi-diretiva ou semiaberta, [...] o pesquisador se guia por um roteiro de perguntas, mas não necessariamente se atém a um questionário” (Castro; Oliveira, 2022, p. 35). Ou seja,

[...] o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada (Cruz Neto, 1994, p. 57).

Segundo os autores Castro e Oliveira (2022) em uma pesquisa qualitativa que utiliza a entrevista, o pesquisador pode investigar os relatos dialogicamente, já que “[...] tal método de pesquisa permite analisar relações humanas no uso da linguagem e ainda, não conta com um desenho de pesquisa pré-estabelecido, mas com um plano investigativo suscetível à análise” (Castro; Oliveira, 2022, p. 30-31). Portanto, a entrevista

[...] enquanto conversação pessoal entre um investigador que sabe o que deseja e um ou mais entrevistados que conhecem ou dispõem da fonte ou da informação desejada, [...] favorece o aparecimento de sentimentos subjacentes a uma opinião expressa, assim como a obtenção de informações tanto complexas como emocionalmente carregadas (Bufrem, 2011, p. 9).

Assim, por meio da entrevista foi possível conhecer as experiências das mães em relação à surdez, bem como os desafios vivenciados. Os dados provenientes da entrevista foram organizados, categorizados e analisados a partir da literatura científica.

A entrevista permite que se observem também as atitudes dos entrevistados, para que possam ser analisados profundamente, além das informações, a expressão de sentimentos, sensações, percepções, pensamentos, intenções, os comportamentos passados, entendimento de razões, significados e motivações dos sujeitos em relação ao objeto de pesquisa (Bufrem, 2011, p. 9).

Em uma entrevista semiestruturada “O pesquisador organiza um conjunto de questões sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo

como desdobramentos do tema principal” (Pádua, 2004, p. 70). Esta técnica foi escolhida porque

Por meio da entrevista, é possível, por exemplo, coletar dados a respeito do que as pessoas fazem, como fazem e os motivos pelos quais fazem o que fazem; é possível investigar o que as pessoas sentem e as circunstâncias sob as quais sentem o que sentem; é possível identificar tendências de se comportar de determinada forma, entre tantas outras possibilidades (Guazi, 2021, p. 2).

Como já dito, a entrevista seguiu um roteiro que “[...] consiste em um conjunto de questões que deverão ser realizadas durante a coleta de dados e serão feitas a todos os participantes (Guazi, 2021, p. 3). Em outras palavras, o roteiro é “[...] uma lista dos tópicos que o entrevistador deve seguir durante a entrevista. Isso permite uma flexibilidade quanto à ordem de propor as questões, originando uma variedade de respostas ou mesmo outras questões.” (Pádua, 2004, p. 71).

O roteiro da entrevista (Apêndice A) contemplou 11 questões, dentre as quais buscamos indagar sobre informações que a mãe necessitou no decorrer da vida do filho, onde buscou essas informações, exemplos de informação que precisou buscar e em quais situações precisou utilizá-las, as ações que realizou para acessá-las e usá-las, as dificuldades que encontrou e se acredita que a informação favorece o sentimento de pertencimento à instituição e à comunidade surda. Assim como, se o fato de se sentir pertencente, tem contribuído para buscar mais informações e, conseqüentemente, para seu aprendizado.

Quanto aos procedimentos para a entrevista com as mães, com o apoio e autorização da Secretaria Municipal de Educação e da diretora da instituição e aplicando os critérios de seleção da amostra, as mães foram convidadas a participar da entrevista que foi realizada nas dependências da própria instituição, no dia 19 de junho de 2024 às 9 horas da manhã (agendada previamente com a ajuda da diretora da instituição). A diretora nos orientou na elaboração de um bilhete (Figura 29) convidando as mães para entrevista.

Figura 29 – Bilhete (convite para entrevista com as mães)



Maternidade, 1938
Tarsila do Amaral
Óleo sobre tela, c.l.d.
100,00 cm x 80,00 cm

Prezada mãe,
Gostaria de convidá-la para participar da pesquisa de doutorado com o tema: "A competência em informação e a necessidade de pertencimento das mães de pessoas com surdez". Será realizada nesta instituição com início em 19 de junho de 2024 às 9 horas por meio de uma entrevista. Sua participação é valiosa para nós e vai enriquecer nosso estudo.

Muito obrigada

Ana Paula Pereira – Estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Orientadora: Adriana Alcará

Fonte: Elaborado pela proponente da pesquisa.

Audiodescrição (Descrição da imagem): Bilhete convidando as mães para a entrevista. Apresenta a obra de arte "Maternidade" (1938) de Tarsila do Amaral. Representa uma mulher que está sentada e segura um bebê com uma criança ao lado que a abraça. Contém as informações: Prezada mãe, gostaria de convidá-la Prezada mãe, Gostaria de convidá-la para participar da pesquisa de doutorado com o tema: "A competência em informação e a necessidade de pertencimento das mães de pessoas com surdez". Será realizada nesta instituição com início em 19 de junho de 2024 às 9 horas por meio de uma entrevista. Sua participação é valiosa para nós e vai enriquecer nosso estudo. Muito obrigada. Ana Paula Pereira – Estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Orientadora: Adriana Alcará.

No dia da entrevista, um dos professores, que é uma pessoa surda, da instituição, com auxílio da diretora, de uma professora ouvinte e da secretária fez uma dinâmica, nos apresentando em Libras para as pessoas surdas e ouvintes. Ele explicou um pouco sobre o nosso objetivo com este estudo, e cada uma das envolvidas, ou seja, a proponente desta pesquisa e mais as duas auxiliares³⁰, que se apresentaram também em Português.

Antes de iniciar a entrevista julgamos necessário oferecer um café da manhã para as mães e demais pessoas e ao final entregamos uma lembrancinha para as participantes, no caso, um porta-moeda com frases típicas de mãe, como forma de agradecimento (Figuras 30 e 31).

³⁰ As duas auxiliares que nos ajudaram no processo de aplicação das entrevistas com mães são membros do grupo de pesquisa "Competência em Informação e Sociedade" (e são mães).

Figura 30 – Dois ângulos da mesa do café da manhã para as mães no dia da entrevista



Fonte: Instituição Especializada (2024).

Arquivo de Sandra Sanches da Cunha (auxiliar na coleta de dados das entrevistas).

Audiodescrição (Descrição das imagens): Fotos da cozinha da instituição especializada no dia da entrevista. Mesa com uma toalha xadrez, salgados, pão de queijo, bolos, suco e refrigerantes.

Figura 31 – Lembrancinhas para as mães (porta-moedas)



Fonte: Arquivo pessoal da proponente da pesquisa.

Audiodescrição (Descrição das imagens): Fotos de dois porta-moedas amarelos ilustrados com desenhos Flork meme (popular meme do bolo) e as frases: "Se correr vai ser pior" e "Campeã em arremesso de chinelo".

No dia e horário da entrevista, conforme já mencionado, apenas duas mães puderam participar. Esta quantidade reduzida de participantes se justifica porque outras mães da instituição teriam dificuldades por diversos motivos, como por

exemplo, trabalho, distância, horário, entre outros. Além disso, constatamos que nesta instituição existem mães surdas com filhos ouvintes e mães surdas com idade inferior à 18 anos.

Contamos com o apoio e trabalho de um intérprete de Libras³¹ para mediar a conversa com a mãe surda. Nos foi cedida uma sala para entrevista e assim primeiro conversamos com a mãe surda e na sequência com a mãe ouvinte. O tempo estimado para a aplicação de cada entrevista foi em torno de 40 minutos.

Para complementar os dados e com base nas entrevistas, pouco tempo depois de sua realização, solicitamos que as mães respondessem a um questionário com questões abertas (Apêndice C) por escrito. Lembrando que as perguntas dos questionários foram elaboradas contemplando elementos específicos dos próprios depoimentos das mães nas entrevistas.

As autoras Marconi e Lakatos (2003, p. 201) explicam que o

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo.

Segundo Hora, Monteiro e Arica (2010, local. [9]) com base em Mattar (2008) "Nas questões abertas, os respondentes ficam livres para responderem com suas próprias palavras e não se prendem a escolhas de alternativas." Nesse sentido, as perguntas abertas

[...] permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante. Nelas poderá ser utilizada linguagem própria do respondente. Elas trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreverá aquilo que lhe vier à mente. (Chaer; Diniz; Ribeiro, 2011, p. 262).

Outra fonte de evidência adotada durante a pesquisa foi a entrevista gerativa de narrativa, que foi aplicada aos seis profissionais. As entrevistas narrativas se "[...] caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional." (Muylaert *et al.*, 2014,

³¹ O intérprete de Libras foi contratado pela própria pesquisadora deste estudo.

p. 194). Esta foi realizada por meio da seguinte questão gerativa de narrativa aplicada para os profissionais:

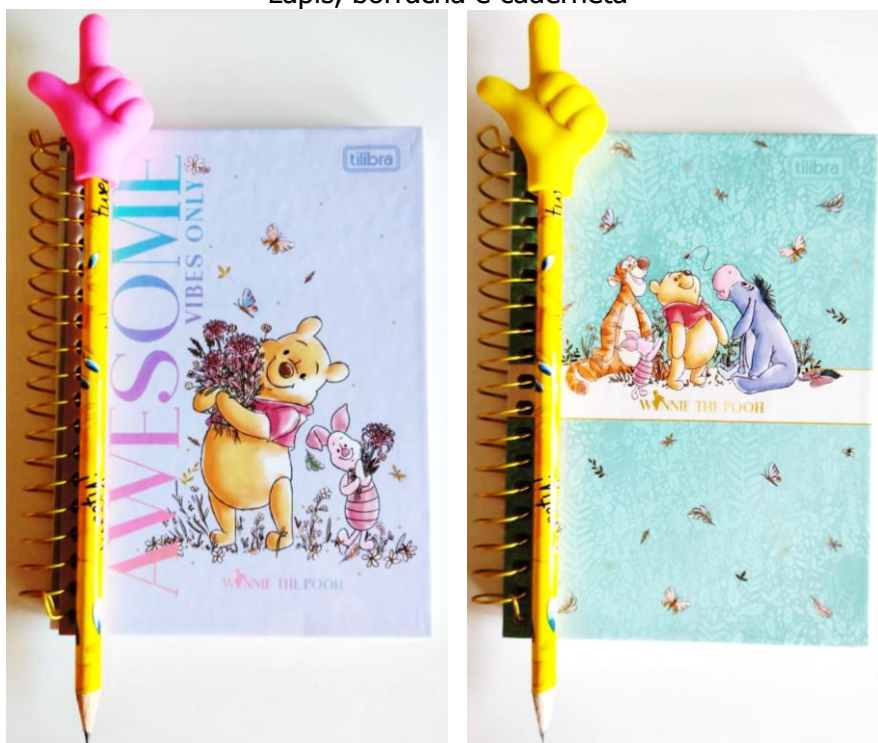
Para Batista (2006, p. 48) "São as mães que buscam conciliar as tarefas de dona de casa e cuidadora, que mantém a ordem familiar e zelam pelo filho surdo e suas demandas". Você acredita que as mães, tanto ouvintes quanto surdas, tem dificuldades para lidar com a surdez do filho? Você compartilha informações ou desenvolve atividades com elas? Você percebe que as mães criam laços com esta instituição? Gostaria que você relatasse sua experiência com as mães de pessoas surdas da instituição que você atua.

Fonte: Elaborada pela proponente da pesquisa.

A questão gerativa de narrativa foi dividida em cinco partes: Uma sentença afirmativa, problematizando e contextualizando a situação das mães, três perguntas sobre as percepções destes profissionais e uma sentença aberta para narrarem suas experiências e vivências.

Tempos depois da aplicação da questão gerativa e pensando no significado da Libras, apresentamos cada um dos profissionais que participaram da entrevista gerativa de narrativa com uma caderneta e um lápis de escrever com borracha ponteira em Libras (Figuras 32 e 33):

Figuras 32 e 33 – Lembrancinhas para os participantes da questão gerativa de narrativa: Lápis, borracha e caderneta



Fonte: Arquivo pessoal da proponente da pesquisa.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Foto de duas cadernetas com ursinho Pooh nas capas e lápis de escrever do Piu-Piu com borracha ponteira em Libras.

Ainda, com vistas à complementariedade dos dados, aproveitamos um evento organizado pela instituição especializada e Associação de Pais, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação para realizar uma observação. O evento foi comemorativo do Dia Nacional dos Surdos, celebrado em 26 de setembro de 2024. Para a aplicação da observação, seguimos um roteiro (Apêndice G) com os seguintes aspectos: 1) Participantes envolvidos; 2) Conteúdo e atividades do evento; 3) Informações compartilhadas e 4) Ações para promoção do pertencimento.

A observação foi registrada de forma escrita e imagética (fotos). Na concepção de Marconi e Lakatos (2003, p. 190) "A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar." Ao optarmos pela observação buscamos

[...] identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. [A observação] Desempenha papel importante nos

processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social. (Marconi; Lakatos, 2003, p. 190).

Considerando as diferentes formas de coleta de dados relatadas, vale ressaltar que todos os objetivos específicos (a, b, c e d) estão contemplados nas quatro fontes de evidência (entrevista, questionário, questão gerativa de narrativa e observação). No próximo tópico apresentamos a técnica e estratégia para a análise dos dados.

5.3 TÉCNICA E ESTRATÉGIA PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Para analisar os dados utilizamos a técnica de análise categorial da análise de conteúdo. Para Bardin (2016, local. p. [23], grifo da autora) “A intenção da análise de conteúdo é **a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).**” Alves, Bortolin e Alcará (2018, 61) coadunam dizendo que a “[...] intenção da análise de conteúdo é obter indicadores para se fazer inferências”.

A análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social. Nela o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem (Alves; Bortolin; Alcará, 2018, p. 61).

Segundo Bardin (2016), a análise de conteúdo é um agrupamento de técnicas para analisar as comunicações com o intuito e por meio de “[...] **procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens**” (Bardin, 2016, p. [25], grifo da autora).

Assim sendo, tendo em vista a análise categorial, criamos categorias temáticas com base nos objetivos da pesquisa, a saber: 1) Habilidades informacionais das mães de pessoas com surdez; 2) Variáveis que implicam na satisfação da necessidade de pertencimento das mães de pessoas com surdez; 3) Relação das

variáveis com a competência em informação das mães de pessoas com surdez e 4) Princípios para promoção da competência em informação e do pertencimento das mães de pessoas com surdez. Essas categorias nos permitiram interpretar e comparar os relatos dos participantes estabelecendo semelhanças e divergências. Portanto, os dados obtidos foram organizados, analisados e interpretados, seguindo as três etapas da análise de conteúdo – pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial.

Na primeira etapa - pré-análise - organizamos e estudamos o material coletado, isto é, as respostas das mães às questões da entrevista e do questionário, as narrativas dos profissionais e os dados da observação foram transcritos e organizados, seguindo os objetivos da pesquisa e as categorias estabelecidas. A segunda etapa, isto é, a descrição analítica, “[...] funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo da mensagem” (Bardin, 2016, p. [39]). Os dados foram submetidos de acordo com Triviños (1987, p. 161) “[...] a um estudo aprofundado, orientado este, em princípio pelas hipóteses e referenciais teóricos”. O autor complementa afirmando que “Os procedimentos como a codificação, a classificação e a categorização são básicos nesta instância do estudo” (Triviños, 1987, p. 161). Na sequência, realizamos a interpretação inferencial, em que os dados foram interpretados, analisados e relacionados aos objetivos, questão de pesquisa e hipótese. Nessa etapa também buscamos refletir sobre os dados coletados com base no referencial teórico, para estabelecer as relações existentes com a competência em informação e as etapas para formação da necessidade de pertencimento, conforme propõe a Teoria da Autodeterminação.

Seguindo esta linha de raciocínio, na análise das entrevistas, categorizamos as perguntas e respostas, conforme o Quadro 7.

Quadro 7 – Estrutura de análise das entrevistas com as mães

Categorias de análise	Questões da entrevista
1) Habilidades informacionais das mães de pessoas surdez	2, 11
2) Variáveis que implicam na satisfação da necessidade de pertencimento das mães de pessoas com surdez	4, 5, 6, 10
3) Relação das variáveis com a competência em informação das mães de pessoas com surdez	1, 3, 7, 8, 9

4) Princípios para promoção da competência em informação e do pertencimento das mães de pessoas com surdez	Ações e atividades realizadas pelas instituições (especializada e Associação de Pais). Práticas educativas desenvolvidas por bibliotecas ou outros espaços informacionais (referencial teórico)
--	---

Fonte: Elaborado pela proponente da pesquisa.

Ao elaborar a questão gerativa de narrativa também buscamos abranger as categorias de análise, conforme a lógica exemplificada no Quadro 8.

Quadro 8 – Estrutura de análise das narrativas dos profissionais das instituições

Questões da questão gerativa de narrativa	Categoria (s) de análise	Relação
Você acredita que as mães tanto ouvintes quanto surdas tem dificuldades para lidar com a surdez do filho?	1, 2 e 3	Dificuldades ou facilidades influenciam no desenvolvimento de habilidades, na necessidade de pertencer e na competência em informação
Você compartilha informações ou desenvolve atividades com elas?	3 e 4	O compartilhamento da informação é uma variável que pode implicar na necessidade de pertencer e/ou na competência em informação. As atividades ou ações desenvolvidas são princípios para promover a competência em informação.
Você percebe que as mães criam laços com esta instituição?	2	A criação de laços é base para o pertencimento
Gostaria que você relatasse sua experiência com as mães de pessoas surdas da instituição que você atua.	1, 2, 3 e 4	A experiência dos profissionais foi considerada porque eles direta e indiretamente são multiplicadores da competência em informação

Fonte: Elaborado pela proponente da pesquisa.

Com base na proposta dos Quadros 7 e 8, as narrativas dos participantes foram sendo agrupadas e organizadas conforme seu conteúdo, e inseridas nas quatro categorias de análise.

Por fim, vale salientar que no que se refere aos procedimentos éticos da pesquisa, mediante a autorização da instituição envolvida, o projeto de pesquisa tramitou no Comitê de Ética da Universidade Estadual de Londrina. E só após sua aprovação (CAAE: 78429424.4.0000.5231), é que os participantes foram contatados para a coleta de dados. Todos os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndices B, D e F) com os esclarecimentos e objetivos de nossa pesquisa, (no caso das mães acompanhado de um convite para participar da

pesquisa).

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme já mencionado nos procedimentos metodológicos, o total de participantes da pesquisa foi oito, sendo duas mães (participantes 1 e 2) e seis profissionais da instituição e Associação de Pais (participantes 3, 4, 5, 6, 7 e 8). Ao longo da análise e discussão dos resultados vamos nos referir às mães da seguinte maneira: mãe surda (participante 1) ou mãe ouvinte (participante 2). Seus filhos estão estudando na rede regular e no contraturno frequentam a instituição especializada na área da surdez, que é um centro para complementar o aprendizado escolar.

Durante a análise faremos menção aos dados da entrevista, questionário, questão gerativa e às atividades registradas durante a coleta da observação do Dia Nacional dos Surdos. Vale salientar que as atividades observadas durante o evento consistiram em: recepção/acolhida aos participantes do evento, oração, abertura com a fala da presidente de honra da Associação de Pais, teatro, apresentações em Libras e relatos de uma palestrante surda e de uma intérprete de Libras (Figura 35, mais adiante). Antes de iniciarmos a discussão dos resultados nas seções 6.1, 6.2, 6.3 e 6.4 é importante destacar que o agrupamento e a análise dos dados com base nas quatro categorias foram feitos para todas as fontes de coleta (entrevistas, questionários, questão gerativa de narrativa, observação).

6.1 HABILIDADES INFORMACIONAIS DAS MÃES DE PESSOAS COM SURDEZ EM RELAÇÃO À COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Nesta categoria intitulada “Habilidades informacionais das mães de pessoas com surdez em relação à competência em informação”, buscamos reunir as habilidades, mas também ações ou atitudes que as mães realizam para lidar com a informação, com a surdez e com suas próprias necessidades mencionadas. Reforçamos que os resultados descritos são oriundos das entrevistas e questionários aplicados para as duas mães, assim como da questão gerativa de narrativa respondida pelos profissionais da instituição e da Associação e dos registros da observação das atividades do Dia Nacional do Surdos (também utilizamos as reflexões do levantamento de ações em bibliotecas do referencial teórico).

Na entrevista, abordamos sobre as necessidades informacionais. A mãe surda (participante 1) confirmou que precisou de informação sobre: saúde, escola (educação), direitos da filha, Libras (para aprender mais) e a respeito da Associação e da instituição. Nas palavras de Santos e Cavalcante (2023, p. 22) "O acesso à informações confiáveis e de fácil compreensão a essas mulheres é a garantia de que suas necessidades informacionais serão supridas." Portanto, a probabilidade de que as mulheres surdas atendam suas necessidades aumenta quando elas acessam fontes de informação confiáveis e descomplicadas.

Quanto a Libras, a mãe surda afirmou estar em fase de aprendizado, pois ao longo da vida foi oralizada. Isso explica o fato de que ela não usou muito a Libras durante nossa conversa. Nesse sentido, no questionário julgamos importante indagar sobre a comunicação, se ela consegue conversar com pessoas ouvintes quando vai em uma consulta médica da filha ou quando a leva na escola, por exemplo: "*Sempre acompanha usando celular, vídeo, Whats[app]. Minha mãe e cunhados às vezes acompanham pessoalmente, [é] difícil não usando intérprete.*" Percebemos que agora ela está aprendendo a Língua de Sinais para poder auxiliar a filha surda.

Considerando estes aspectos, perguntamos no questionário se ela sabe Libras e se acha fácil ou difícil e ela explicou: "*Fácil, porque vive [a] comunicação.*" Ela salientou que o marido e a filha são surdos, e na comunidade tem amigo surdo.

Em relação a mãe ouvinte (participante 2) também perguntamos sobre as possíveis necessidades de informação e quando apresentamos alguns exemplos, ela afirmou que precisou de informação ou aprender sobre saúde e tratamentos, Libras, escola. Em relação às questões de saúde, a mãe explicou que para receber o atendimento de um fonoaudiólogo, ela foi direcionada para outro município. Ou seja, como não tinha este profissional no posto de saúde de sua cidade, ela encontrou atendimento somente em uma instituição localizada em outro município, à aproximadamente 17 km de distância. Isso representou um desafio para mãe ouvinte, era difícil ela se deslocar até lá, porque segundo ela:

[...] ia de ônibus, [...] pegava dois ônibus e ele era bebezinho e os horários que ele tinha pra mim era muito ruim porque ele chegava dormindo, o horário dele era uma hora da tarde. [...] E até eu chegar lá ele dormia durante o atendimento, então quer dizer [...] (Mãe ouvinte).

As vezes a mãe é direcionada para um determinado lugar, porém aquele local não tem o que ela precisa de forma satisfatória, no caso, o posto de saúde não disponibilizava atendimento com fonoaudiólogo. O que aconteceu então: ela recebeu orientação para ir buscar auxílio ou atendimento em um lugar que é mais distante, de difícil acesso e com horário incompatível com o desenvolvimento e as necessidades de um bebê. Isso também pode ter feito com que ela optasse pela Libras. Para agravar a situação naquele tempo ela afirmou que tinha que custear o transporte de ônibus. Uma mãe que sem recursos financeiros, não conseguiria chegar até outro município. Este resultado reflete uma realidade e em relação a tal aspecto, o ODS 11 da Agenda 2030 busca garantir o acesso a sistemas de transporte de forma segura, acessível, sustentável e com preço acessível para pessoas em situação de vulnerabilidade, mulheres, crianças e pessoas com deficiência (ONU, 2015) Dependendo da situação, o transporte municipal e intermunicipal poderia ser gratuito.

Em relação a Língua de Sinais, a mãe ouvinte lembrou que as primeiras palavras do filho surdo foram todas em Libras. Ela concordou que para nós ouvintes é diferente: *“É diferente. [A gente] quer que o filho fale mamãe, papai, primeiro, né! [...] Isso ele não falou né, então, foi tudo por sinais né, e até ele aprender demorou.”* Aprender a Língua de Sinais leva um tempo, muitas vezes demora mesmo, pois os sinais mudam assim como as palavras. Ela inclusive demonstrou como o filho a chama: *“Mas ele chama assim. [...] Mamãe assim, quando ele chama.”* (Mãe ouvinte). Podemos perceber que as oportunidades de oralizar o filho foram limitadas por diferentes razões (ausência do profissional, distância entre os municípios-mobilidade, despesas com transporte, entre outros).

Neste contexto consideramos que aprendizagem da Libras foi imprescindível. Além disso, sua utilização “[...] pelos surdos vai além de uma simples comunicação: ela representa o meio pelo qual as pessoas surdas expressam suas subjetividades e identidades.” (Silva; Voss; Santos, 2022, p. 113). É também um direito e uma escolha da pessoa surda, de se comunicar na sua própria Língua, como enfatizou a palestrante surda³² (profunda e oralizada) no Dia Nacional dos Surdos realizado em 26 de setembro de 2024 e promovido pela instituição especializada, pela

³² Palestrante surda presente no evento observado (Dia Nacional dos Surdos, 2024).

Associação de Pais e Secretaria de Educação do município (Figuras 34 e 35).

Figuras 34 e 35 – Convite e Programação do Dia Nacional dos Surdos (instituição especializada em surdez, Associação de Pais e familiares de surdos e Secretaria Municipal de Educação)

Convite

Caríssimos(as)

A comunidade Surda e seus familiares em nome da ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS SURDOS tem a honra em convidar você e seus familiares a partilhar conosco da comemoração no dia 26 de setembro o **Dia Nacional da Pessoa com Surdez**. Venha celebrar conosco esta data tão significativa.

Dia: 26/09/2024
Horas: 8h as 11h30
Local: IPRI

Contamos com a presença de todos(as).

Dia Nacional dos
SURDOS

EVENTO EM COMEMORAÇÃO
PROGRAMAÇÃO

- Recepção, café e Abertura;
- Hino do Brasil, e Oração do Pai Nosso (LIBRAS);
- Palavra da Presidente de Honra e autoridades;
- Apresentação do Teatro A árvore Surda,
- Apresentação em Libras da turma dos Servidores 2024;
- Apresentação da turma do Pré I (aluna com surdez profunda);
- Fala da Professora (surda);
- Fala do Interprete de Libras,
- Apresentação final: Alunos

CONHEÇA AS PALESTRANTES

Fonte: Instituição Especializada, Associação de Pais e Secretaria Municipal de Educação (2024).

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Imagem do convite e da Programação do Dia Nacional dos Surdos promovido pela instituição especializada, Associação de Pais e Secretaria Municipal de Educação.

No questionário para as duas mães, ao perguntarmos sobre a importância de saber Libras, a mãe ouvinte respondeu: “*Sim, muito importante porque é muito bom saber se comunicar com os surdos, ajudar em um atendimento em banco, consulta ou em qualquer dificuldade na rua.*”

Em relação a escola a mãe ouvinte destacou na entrevista que precisou de informação para matricular o filho assim que descobriu a surdez dele: “[...] *ele já assim, nem ficou na fila de espera, ele já foi com prioridade.*” Porém quando perguntamos se a escola regular tem intérprete de Libras para o filho, ela observou que: “*Agora, ele já teve. Agora como tem que ser, eles falam que tem que ser estagiários, eles estão com dificuldade de encontrar estagiários que tenham a Libras, né.*” Esta é mais uma evidência da realidade de várias pessoas surdas: a ausência de

intérpretes em sala de aula, o que impacta na aprendizagem do estudante surdo. No entender de Santos *et al.* (2022, p. 186)

Outro fator que interfere no desenvolvimento de alunos surdos é a ausência de um intérprete em sala de aula, que tem como função, não apenas interpretar, mas criar uma ponte de comunicação entre surdo e ouvinte, facilitando assim a inclusão [...] em todo o ambiente escolar.

Silva, Voss e Santos (2022, p. 112) completam dizendo que a presença de intérpretes de Língua de Sinais “[...] para os estudantes e outras pessoas surdas que estão nas escolas regulares [...] favoreceria sua comunicação, podendo melhorar sua aprendizagem e interações sociais.” No Dia Nacional dos Surdos, a palestrante surda destacou que até hoje já em nível de pós-graduação não tem intérpretes em uma universidade federal onde cursa mestrado e por isso vai precisar recorrer à justiça. Ela tem vivenciado muitas dificuldades para acompanhar as aulas. Por isso, evidenciou que a luta dos surdos é uma luta contínua.

[...] muitos direitos não conseguiram se efetivar no cenário nacional e nos sistemas básicos de ensino: faltam profissionais capacitados, como os tradutores e os intérpretes de Libras, professores bilíngues e de Libras, não se evidenciam mudanças curriculares e metodológicas de forma mais ampla nas escolas e as questões linguísticas, suas características e a importância de sua aprendizagem o mais cedo possível na vida da criança surda, não são consideradas. (Souza; Souza, 2022, p. 64-65).

Isso nos remete a outro momento do Dia Nacional dos Surdos, onde observamos uma ênfase na importância do profissional intérprete de Libras com o relato de uma intérprete com 25 anos de experiência e estudos sobre a Língua de Sinais. Segundo ela a Libras contribuiu para sua concentração e aprendizagem. Na ocasião, além de fazer a tradução (da Libras para a voz) do relato de uma surda adulta (comentaremos mais adiante), salientou que a Libras é uma aprendizagem diária porque os sinais evoluem constantemente, são vivos e precisam ser contextualizados com a Língua Portuguesa. A intérprete também citou como exemplo, a importância do trabalho desenvolvido durante um concurso em que um erro na interpretação (passar a mensagem para sinais), pode reprovar uma pessoa com surdez. Também comentou sobre a ausência de regulamentação para profissão até pouco tempo e reforçou que aprender Libras é possível, com motivação e persistência e que não devemos nos afastar da comunidade surda. Vale enfatizar que o evento em que fizemos a observação contou com intérprete de Libras do início ao fim.

Outro destaque na fala da intérprete foram as ações desenvolvidas pelo município, que segundo ela, está muito avançado em relação a outras cidades por ofertar uma capacitação, no caso, curso de Libras para os servidores do município. Torna-se importante destacar que no Dia Nacional dos Surdos, alguns professores da Rede Municipal que estão fazendo o curso de Libras fizeram uma apresentação em Libras de duas músicas: “24 horas” e “Não há Deus Maior” (Figura 36).

Figura 36 – Apresentação dos professores (turma dos servidores)



Fonte: Evento do Dia Nacional dos Surdos (2024).
Arquivo pessoal da proponente da pesquisa.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Foto dos servidores/professores do município apresentando uma música em Língua Brasileira de Sinais (Libras) no evento comemorativo do Dia Nacional dos Surdos.

Com base nestes resultados podemos notar que as necessidades informacionais das mães surda e ouvinte se assemelham. Isso porque a maternidade em si traz situações e demandas específicas para quem é mãe, seja ela ouvinte ou surda. Pensando nisso, “[...] com acesso às condições oportunas para satisfação de suas necessidades informacionais, sejam elas educacionais, culturais, sociais e/ou relacionadas à saúde.”, o estado de vulnerabilidade informacional destas mães pode ser alterado. (Santos; Cavalcante, 2023, p. 15).

6.1.1 Dificuldades para lidar com a informação

Nessa mesma linha, perguntamos se a mãe surda teve dificuldade ou facilidade de encontrar informação sobre a surdez. Ela respondeu que foi difícil. Assim, podemos inferir e reforçar que as pessoas surdas também tem dificuldades de encontrar informação sobre surdez. O fato de ser uma mulher surda não coloca esta mãe em situação de vantagem. Ao contrário, o processo de aprendizado pode se tornar mais desafiador, pois mesmo sendo surda em certas situações ela teve ou terá dificuldades. Percebemos que para a mãe ouvinte entre as dificuldades ou facilidades quando precisou buscar informação sobre a surdez ou aprender, está a dificuldade de conversar com outras mães. O maior desafio é fazer com que outras mães da instituição percebam a importância de se envolver nas demandas dos filhos. Mas ela não encontrou dificuldade de falar sobre a surdez com outras pessoas. Ela acrescentou que: *“Sempre conversa sobre a surdez.”* Considerando este resultado, notamos que a mãe ouvinte compartilha informações sobre a surdez. Ela foi exemplificando com situações cotidianas:

Porque assim num banco eles tem dificuldade, as vezes vai um surdo pedir nas casas em Libras aí eles dão aquele papelzinho [...] Aí a gente se comunica com eles. Daí eles ficam surpresos da gente saber Libras. Daí eles ficam questionando, eles ficam perguntando, testando a gente, né! [...] Pra ver se a gente sabe mesmo, né! Aí eu falo assim eu também tenho filho surdo, explico tudo, né. Daí eles falam assim: 'A legal, você sabe Libras!' (Mãe ouvinte).

Fica perceptível neste trecho que ela conversa sobre o filho e sobre a surdez com outras pessoas surdas, porque elas também tem outras experiências e outras formas de perceber o mundo. E isso é benéfico para todos: mãe ouvinte, filho surdo e pessoas surdas. Importante reforçar que

Na aprendizagem informacional, a experiência é todo o contexto em que a pessoa está inserida: caracteriza-se pelas situações práticas não previstas e/ou novas que requerem apreensão, articulação e reflexão da informação para atribuição de significado aos fatos e problemas, compreensão de conteúdos e construção de conhecimento para a intervenção na realidade. A experiência também traz em seu cerne conhecimentos prévios que foram construídos por outras experiências. (Santos; Santos, 2022, p. 281).

Em seu relato, na questão gerativa de narrativa, o participante 5 (professor surdo) explicou que: *“Antigamente não tinha muita informação sobre [pessoas com deficiência] e inclusão, eu sofri muito e minha mãe me ajudou.”* Este

dado, com base na própria experiência de vida do participante 5, indica que até pouco tempo (e ainda hoje) os familiares e as pessoas surdas sofriam com a falta de informações ou com determinadas atitudes de outros indivíduos. Este sofrimento em diferentes fases da vida foi explorado pela palestrante surda no evento comemorativo do Dia Nacional dos Surdos: desde a infância em casa e até hoje já na fase adulta ela encontra barreiras principalmente nas universidades pela ausência de intérpretes, como já foi mencionado.

A mãe ouvinte explicou que alguns familiares: “[...] *não gostam que o filho tenha amizade, já exclui.*” [...] *Não convida pra festinha.*” Nesta fala percebemos que a mãe sente que os surdos são excluídos do convívio social. E que isso acontece com frequência. Perguntamos se o filho sente este isolamento: *“Sente! Ele não tem amigos!”* Notamos que a ausência de amigos é prejudicial para ambos, causando sofrimento: *“Se não for os priminhos de casa, ele não tem amigos não.”* Ou seja, o filho não tem amigos fora do contexto familiar, então refletimos: Como esta pessoa poderá se sentir pertencente a sociedade no futuro? Comentamos se este afastamento seria em razão da dificuldade de comunicação e a mãe refletiu:

Não sei. Porque tipo assim a gente percebe que até na escola ele não tem amigos. Os alunos, eu já cheguei a comentar com a professora, com a diretora, de fazer uma... de reunir os alunos no pátio, fazer uma palestrinha, né, falando, explicando o que que é a surdez [...] (Mãe ouvinte).

A estratégia proposta pela mãe ouvinte de realizar uma palestra sobre a surdez na escola vai ao encontro do ODS 4 da Agenda 2030 que assegura uma educação inclusiva, equitativa, de qualidade e promove oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos (ONU, 2015) e do ODS 10 ao promover a inclusão social independentemente da idade e deficiência (ONU, 2015). Uma palestra seria um momento oportuno para os estudantes ouvintes aprenderem um pouco sobre a surdez. Nesta linha, Melo e Modesto (2022) compreendem que a escola deve ser

[...] uma rede formadora, desenvolvendo ações e encontros para o compartilhamento das práticas, problemas e experiências entre os educadores, coordenadores pedagógicos, pais e/ou responsáveis, oportunizando uma leitura crítica da realidade e assim fundamentar projetos e ações que tencionem à transformação do ambiente escolar. (Melo; Modesto, 2022, p. 105-106).

A mãe ouvinte visualizou que a surdez na escola regular: “[...] *representa*

assim, parece que é uma doença, né, que eles tem medo de chegar perto, tem medo de relar nele. [...] Né, é isso que eu penso.” Na percepção de Opolz (2022, p. 169) “[...] não se pode caracterizar a surdez pelo aspecto clínico de perda auditiva, configurando a ausência de audição como doença. É necessário compreender a surdez pelo seu caráter linguístico e cultural, possibilitando ao surdo valorização e respeito à sua identidade.”

Assim como em diversos setores da sociedade, na escola comum, o aluno surdo encontra poucos surdos com os quais possa interagir em sua língua; essa incompatibilidade de interação com os demais acaba transformando-o num ‘outro’, num ‘estranho’. Num espaço em que a cultura comum é a cultura do ouvinte, a cultura surda silencia. (Souza; Souza, 2022, p. 69).

Notamos novamente o esforço da mãe ouvinte para romper com preconceitos, discriminações, e com medo que os colegas tem da surdez. Ela tentou mobilizar a comunidade escolar apresentando alternativas e possibilidades para inclusão demonstrando-se consciente, articulando suas próprias habilidades de conversar e dialogar, entretanto não obteve apoio necessário para tal. Nesse sentido, nos apropriamos de Gertner (2023, p. 23) para reforçar que “[...] a busca pela inclusão das pessoas com deficiência e de todas as pessoas é a busca pela justiça, pelo imprescindível reconhecimento e aceitação de toda a diversidade humana e do direito de ser e estar de cada pessoa no mundo.”

Em relação a isso, Vicente e Campos (2023, p. 239, grifo nosso) enfatizam que “Há enraizado socialmente diversos estigmas, estereótipos e preconceitos relacionados à surdez, advindos principalmente da **falta de informação e orientação** sobre essa condição, que levam, recorrentemente, à prática de **exclusão social**.” Há uma iniciativa para mudar esta realidade evidenciada no evento comemorativo do Dia Nacional dos Surdos. Atualmente uma professora está aprendendo Libras, pois leciona para a uma criança surda com 4 anos de idade (ela é filha da participante 1). Assim também, outros servidores e professores da Rede Municipal, como já destacado anteriormente. No evento, a turma do Pré-I (turma da filha surda/mãe surda) desta professora fez uma apresentação em Libras da música “Aquarela” emocionando os participantes (Figura 37). Essa iniciativa da professora de aprender Libras e ensinar para as crianças fazerem uma apresentação no Dia Nacional dos Surdos reflete o ODS 4 da Agenda 2030 no sentido de propiciar um ambiente de

aprendizagem inclusivo e equitativo para todos (crianças surda e ouvintes) e ODS 10 por propiciar a inclusão social independentemente da idade e da deficiência da pessoa (ONU, 2015).

Figura 37 – Apresentação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) da turma da criança surda (filha surda da participante 1)



Fonte: Dia Nacional dos Surdos (instituição especializada, Associação de Pais e Secretaria Municipal de Educação, 2024).
Arquivo pessoal da proponente da pesquisa.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Foto das crianças fazendo uma apresentação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) na celebração do Dia Nacional dos Surdos.

Assim, visualizamos uma busca pela “[...] formação de um educador que compreende a escola da atualidade, tendo a inclusão como um princípio ético.” (Melo; Modesto, 2022, p. 105-106). Princípio este que dialoga com o ODS 4 da Agenda 2030 (ONU, 2015) e a dimensão ética da competência em informação, pois a professora mudou de atitude e foi aprender Libras. Para Vitorino e Piantola (2011, p. 105) “[...] o indivíduo que é efetivamente competente em informação é capaz de tomar posição, assumir uma postura crítica diante de determinadas informações [...]” e situações.

Já o filho surdo (16 anos) estuda em uma escola regular. Em relação ao aprendizado: “[...] algumas coisas eles estão adaptando.” No momento ele não lê e escreve palavras, como informou a mãe ouvinte: “*Não está alfabetizado ainda. [...] Tá bem devagar.*” E atualmente ele estuda (no ensino regular) com pessoas com diferentes faixas etárias: “[...] Agora por causa da faixa etária que ele tá, 16 anos, ele entrou no EJA (Educação de Jovens e Adultos). [...] Então ele tá assim... Tem várias

idades. Tem uma senhora de 84 anos na sala dele, tem de 50, tem várias idades.” Em relação aos estudantes adolescentes surdos, parece que o município precisa se mobilizar mais.

Somado à surdez, o filho também tem autismo. Porém, a mãe ressaltou que na atual conjuntura o município está com um projeto em parceria com um profissional: *“[...] especialista em autismo [...], então eles estão com um projeto, eles estão dando curso de ABA [Análise do Comportamento Aplicada] para os professores.”* (Mãe ouvinte). Uma iniciativa que para mãe está sendo muito bom: *“[...] ele tá acompanhando junto. Porque ele se interessou porque (meu filho é) autista e surdo. [...] Então ele tá ajudando, porque a professora, eles estão dando apoio para os professores que tem dificuldade, né!”* (Mãe ouvinte).

Em relação ao autismo o município está buscando novas possibilidades, alternativas para capacitação dos professores: *“Pra saber lidar com eles, né. Então ele tá dando ideias, estratégias de como trabalhar com ele em sala de aula, pra ele poder avançar. E tá funcionando.”* Outro ponto importante ressaltado pela mãe ouvinte é a dificuldade que os professores apresentam. Nesse sentido, é necessário destacar que

[...] o professor não precisa se apavorar quando houver a possibilidade de inclusão de aluno surdo em suas aulas, cabendo um exercício de empatia e tranquilidade e de adaptação de materiais e recursos pedagógicos, por meio da utilização de cartazes, impressões e/ou outros tipos de materiais sinalizados em Libras. (Matos, 2022, p. 146).

Este ponto merece ser destacado, pois é muito provável que a mãe do participante 5 e a mãe ouvinte tiveram que desenvolver diversas habilidades para auxiliar os filhos surdos em suas necessidades e dificuldades mesmo com a falta de informações sobre como lidar com a surdez. Assim também a mãe surda terá que desenvolver habilidades para auxiliar sua filha surda. Acreditamos que buscar, localizar e lidar com informações é uma das habilidades que a mãe do participante 5 e as mães surdas e ouvinte, que participaram da pesquisa, precisam desenvolver indo ao encontro da dimensão técnica da competência em informação. Gardin (2023, p. 52) salienta que *“A dimensão técnica costuma ser a primeira (não sendo isso uma regra) a ser despertada nesse processo. Ela permite que, por intermédio dos instrumentos tecnológicos, o sujeito busque, acesse e avalie a informação.”*

Este trecho do relato também representa uma realidade ainda atual das

mães, pois hoje o desafio é lidar ora com a ausência, ora com o excesso de informação e de fontes informacionais. Pedrosa, Alves e Santos (2022, p. 47) chamam a atenção para o fato de que “Desde a antiguidade, o preconceito e a falta de conhecimento [...] geram uma exclusão dos surdos na sociedade, podendo lhes dificultar a garantia de uma educação digna.” Podemos ir além, incluindo aqui a falta de informação relevante e concernente a realidade de cada pessoa. Isso é imprescindível porque “Os pais precisam ter informações para que descubram o mundo da surdez e possam aceitá-lo.” (Siqueira; Hubler, 2023, p. 94).

6.1.2 Compartilhamento de informações e habilidades das mães

O evento do Dia Nacional dos Surdos promovido pela instituição e Associação de Pais em parceria com a Secretaria Municipal da Educação está em sua 18ª edição. Neste dia várias informações foram compartilhadas com os participantes, tais como a importância de celebrar esta data para visibilidade, representatividade das pessoas com surdez e planejamento de ações. A comemoração também é fundamental para promover uma sensibilização em relação às acessibilidades atitudinal e comunicacional, perpassando por um breve histórico da surdez no Brasil (e no Mundo) e histórico do surgimento da instituição até os dias atuais com suas respectivas atividades (que explanaremos na Categoria 4). Entendemos que toda essa explanação foi significativa tanto para os familiares quanto para as demais pessoas presentes.

Vale pontuar a parceria entre a instituição, a Associação de Pais e a Secretaria Municipal da Educação para realizar este evento comemorativo. Na Agenda 2030, o ODS 17 valoriza a promoção de parcerias públicas (ONU, 2015) e comemorar data do Dia Nacional dos Surdos torna-se uma estratégia de mobilização significativa.

No intuito de conhecer as fontes informacionais utilizadas pelas mães, na entrevista perguntamos para a mãe surda onde ou com quem ela buscou informação para sanar suas necessidades informacionais e as ações que realizou para usar e acessar tais informações. Citamos alguns exemplos: Se ela buscou informações no hospital, no posto de saúde, na escola, na instituição, ou em alguma biblioteca. Ela respondeu: “*Mais ou menos, depende muito*” (Mãe surda). Assim, as experiências desta mãe variam conforme as circunstâncias. Isso não significa que ela não precise

de informação, mas a forma de perceber a surdez é outra, para além de uma vivência de ouvinte.

Fizemos a mesma pergunta para a mãe ouvinte, complementando se fez pesquisas na internet, e ela nos respondeu: “*Então, quando a gente recebeu o diagnóstico que ele era surdo mesmo, eu fui encaminhada para o posto, que ele foi e fez o acompanhamento de fono [fonoaudiólogo]*”. No caso desta mãe, ela foi direcionada para o posto de saúde para receber orientações. Isso pode indicar que o posto de saúde é uma das primeiras fontes de informação. Explicam Siqueira e Hubler (2023, p. 94): “[...] as ações educativas, nas maternidades e em outras instituições, são de suma importância. Cabe aos profissionais do SUS³³ transmitir todas as informações relacionadas à surdez [...]”.

Na tentativa de especificar um pouco mais, perguntamos se a mãe surda fez pesquisas sobre a surdez na Internet. Ela respondeu que não. Com base nesta resposta, inferimos que ela não utilizou a Internet como fonte de informação. Aliás, nenhuma das mães mencionou que fez pesquisas em bibliotecas ou na Internet. Em relação à Internet, este dado indica que as habilidades técnicas destas mães, assim como a dimensão técnica da competência em informação poderiam ser desenvolvidas para que elas pudessem aprender mais, conhecer ou compartilhar seus conhecimentos e experiências com outras mães nas redes sociais e ter contato com fontes informacionais disponíveis no ambiente digital. Isso também evidencia a importância das bibliotecas neste contexto, com a oferta de capacitações/cursos demonstrando os recursos tecnológicos existentes e disponíveis de modo que as mães surdas e ouvintes possam utilizá-los a seu favor.

Porém, notamos que instituição participante desta pesquisa não possui um espaço exclusivo para uma biblioteca e isso pode explicar o distanciamento das mães em relação a este ambiente, porque não faz parte de sua rotina e da instituição que frequentam. Com esses dados, reforçamos a importância da biblioteca e do bibliotecário e das diversas ações que poderiam ser realizadas para atender as demandas deste público caso esse espaço existisse na instituição como podemos notar na Figura 38.

³³ Sistema Único de Saúde (SUS).

Figura 38 – Exemplos de ações para desenvolver com as mães e filhos surdos na biblioteca



Fonte: Elaboração própria com base no Quadro 6 do referencial teórico.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Círculo colorido e dividido em 10 partes em formato pizza. Cada parte possui uma ação realizada em bibliotecas, onde se lê em sentido horário: visitação à biblioteca, contação de histórias em Libras, Sarau de poesia, clube do livro, exposições, lançamento e doação de livros, exibição de filme, palestras e projetos de leitura, roda e conversa e bate-papo e curso e oficina de Libras. Na parte exterior os desenhos de uma mulher com fantoches nas mãos, uma mulher e um menino lendo um livro, um livro aberto e uma mão sinalizando em Língua de Sinais.

A ausência de um lugar específico e idealizado para receber uma biblioteca na própria instituição é prejudicial para as mães e filhos surdos, porque um ambiente estruturado/organizado, dinâmico e vivo, com a presença de bibliotecário, poderia fazer a diferença na vida destas pessoas. Como vimos na fundamentação teórica e nas ações levantadas, as habilidades deste profissional e o convívio com ele tendem a beneficiar as mães e elas poderiam encontrar muito do que precisam em termos de informação, educação e cultura dentro da instituição. Além disso, uma biblioteca na instituição estudada seria um lugar a mais para promover o acolhimento e pertencimento de mães e filhos. Neste caso seria importante motivá-las a conhecer e frequentar bibliotecas públicas e escolares não só para conhecer materiais sobre a surdez, mas também literatura em geral.

Indagamos se a mãe surda buscou informação na comunidade surda,

ou na instituição especializada na área da surdez e ela respondeu que não. O que podemos dizer com base nesta resposta: provavelmente ela já sabia algumas ou várias coisas por ser surda, ou outras necessidades informacionais vão surgir mais adiante, conforme a filha vai crescendo e se desenvolvendo.

Também perguntamos se a mãe ouvinte precisou buscar informações sobre seus próprios direitos e os direitos do filho, e ela nos disse que sim. Em relação aos direitos do filho, como por exemplo benefícios do governo. Com isso o filho recebe o Benefício de Prestação Continuada (BPC), que, segundo ela, já auxilia como fonte de renda.

E também precisou de informação para saber sobre a instituição especializada na área da surdez e em Associação de Pais e Amigos dos Surdos: "*Aí a gente começou, eu e mais minhas duas irmãs, pra ajudar ele, a gente começou a fazer o curso de Libras.*" (Mãe ouvinte). E foi imediatamente (sem tempo para ficar amadurecendo os sentimentos), assim que percebeu que o filho precisava: "*[...] foi de imediato.*" Quando a mãe se disponibiliza a aprender Libras e consegue envolver a família neste processo, está contribuindo para sua própria formação também e com isso cria-se uma possibilidade de comunicação e de conexão com o filho na família.

A participante 3 (secretária) e irmã da mãe ouvinte também menciona sua experiência de vida tendo em vista que seu sobrinho é surdo: "*Conhecemos a [Associação e a instituição e] através disso, fomos fazer o curso de Libras para podermos nos comunicar com ele*". Este resultado revela que a participante 3 que é tia de uma pessoa surda, foi juntamente com a irmã-mãe, fazer o curso de Libras ao ter conhecimento da existência da instituição e da Associação de Pais. Sobre isso, a mãe ouvinte salientou que "*Já iniciou com a Libras e hoje ele só se comunica na Libras.*"

A participante 3 oferece elementos que se entrelaçam com o argumento de Vicente e Campos (2023, p. 241): "No caso de famílias com filhos surdos, é primordial, para o desenvolvimento desse indivíduo, que ele possa se comunicar facilmente com seus responsáveis. Para isso, há a necessidade da aprendizagem de Libras por toda a família." Neste caso, para além da mãe ouvinte, a tia também decidiu aprender a Língua Brasileira de Sinais. Entendemos que aprender Libras, muitas vezes, não é fácil, mas é imprescindível e se configura dentre o conjunto de habilidades da

competência em informação.

É uma habilidade comunicacional que promove a acessibilidade comunicacional, também ressaltada no Dia Nacional dos Surdos. De acordo com Kawabata, Miranda e Alcará (2024, p. 10) "O objetivo da acessibilidade comunicacional é garantir que a informação possa ser recebida, compreendida e utilizada por toda a sociedade, incluindo pessoas com diferentes capacidades sensoriais, cognitivas ou linguísticas." Foi destacado no Dia Nacional dos Surdos que a comunicação é a maior barreira que as pessoas com surdez enfrentam no dia a dia. Levando em consideração esta realidade e os argumentos das autoras, a acessibilidade comunicacional precisa "[...] ser priorizada também no que se refere ao processo de busca e disseminação da informação." (Kawabata; Miranda; Alcará, 2024, p. 9).

Percebemos que a participante 3 reconhece e valida a Língua de Sinais como meio de comunicação com o sobrinho surdo. Inclusive, em relação ao conhecimento da mãe ouvinte sobre Libras ela salientou que não sabia nada a respeito: "*Nem tinha ouvido falar.*" Souza e Santos (2022, p. 84) argumentam: "Em muitos casos, quando a família recebe o diagnóstico da surdez da criança, ela não possui nenhum conhecimento sobre o assunto [...]"

Este dado evidencia uma realidade: ainda existe uma parcela da população que não conhece a Língua de Sinais (compreendem-na por gestos), ou porque não conhecem pessoas surdas sinalizadoras ou porque não tem uma pessoa surda na família. Tomando como exemplo esta mãe ouvinte e a idade do filho, de fato há 16 anos a Libras não tinha essa visibilidade que estamos visualizando agora.

Como dito, a mãe ouvinte comentou que desconhecia a Língua de Sinais. Com base nesta fala, perguntamos se para ela foi fácil ou difícil aprender Libras. Ela comentou que foi fácil: "*[...] a gente aprende também bastante com ele né. Ele também estuda aqui. Ele estuda na escola e também vem aqui. Aqui é duas vezes na semana, a tarde, pra aprender Libras.*" É válido destacar que o aprendizado e o desenvolvimento das habilidades da Libras ocorrem também na relação mãe-filho surdo.

Nos apropriando da literatura infantojuvenil, no livro "Daniel no mundo do silêncio", "[...] a família também se dedicou a aprender aquela língua nova". (Carrasco, 2011, p. 6). A dedicação para aprender uma nova Língua em família é

significativa e faz toda diferença, pois a Língua de Sinais “[...] é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo por ser uma das peculiaridades da cultura surda.” (Perlin; Strobel, 2014, p. 26). Tal atitude confirma que

[...] se os pais considerarem que o filho deverá se comunicar por meio do uso de sinais, eles poderão optar por uma instituição na qual as crianças surdas sejam expostas à Língua de Sinais, e onde possam interagir com adultos surdos usuários desta língua (pares surdos) e ouvintes que também sinalizem, aprendendo a Língua Portuguesa, na modalidade escrita. (Barcellos, 2011, p. 29).

A participante 6 (fundadora da instituição e coordenadora da Associação) sinalizou que existem **mães ouvintes com filhos surdos, mães surdas com filhos ouvintes e mães surdas com filhos surdos**. Este dado demonstra que existem diferentes contextos, e cada uma destas mães possui necessidades específicas que vai depender da sua própria experiência e existência: se ela é ouvinte ou surda e se tem filho ouvinte ou surdo. Na sua perspectiva: “*[...] mães com surdez e filhos ouvintes, os chamados CODA, aprendem com as mães todos os comandos, inclusive em Libras desde bebês e ouvindo a família com integrantes ouvintes aprendem a falar a Língua oral.*” (Participante 6).

Novamente este dado reforça o argumento de que sendo a mãe ouvinte ou surda e sendo o filho ouvinte ou surdo, a Língua de Sinais se faz necessária no desenvolvimento de uma habilidade comunicacional que interfere na competência em informação por ser uma forma de aprendizado, de desenvolvimento humano (Vitorino, 2022) e de acessibilidade comunicacional e atitudinal tanto para as mães quanto para os filhos conforme a participante 3 e sua irmã fizeram. As acessibilidades comunicacional e atitudinal foram enfatizadas no Dia Nacional dos Surdos. Levando isso em consideração, acreditamos que aprender Libras é uma forma de oportunizar a acessibilidade atitudinal em casa, na própria família.

Quando a mãe surda foi questionada sobre quais aprendizados ou habilidades gostaria de ter ou se tem alguma coisa que não sabe e gostaria de aprender, ela afirmou que sim, porém não soube dar exemplos, considerou difícil. Este é um ponto significativo: ela sabe que precisa aprender mais, todavia não sabe identificar, ou seja, ela sabe que tem uma necessidade ou que precisa aprender mais, contudo não sabe expressar qual é essa necessidade ou aprendizado, não conseguindo identificar ou citar exemplos. Assim, o desenvolvimento da competência em

informação da mãe surda pode ser impactado por essa sensação de dificuldade, pois uma das primeiras etapas deste processo de aprendizagem é reconhecer suas necessidades de informação e externalizá-las. Entretanto, em relação à Libras, ela está buscando aprender mais.

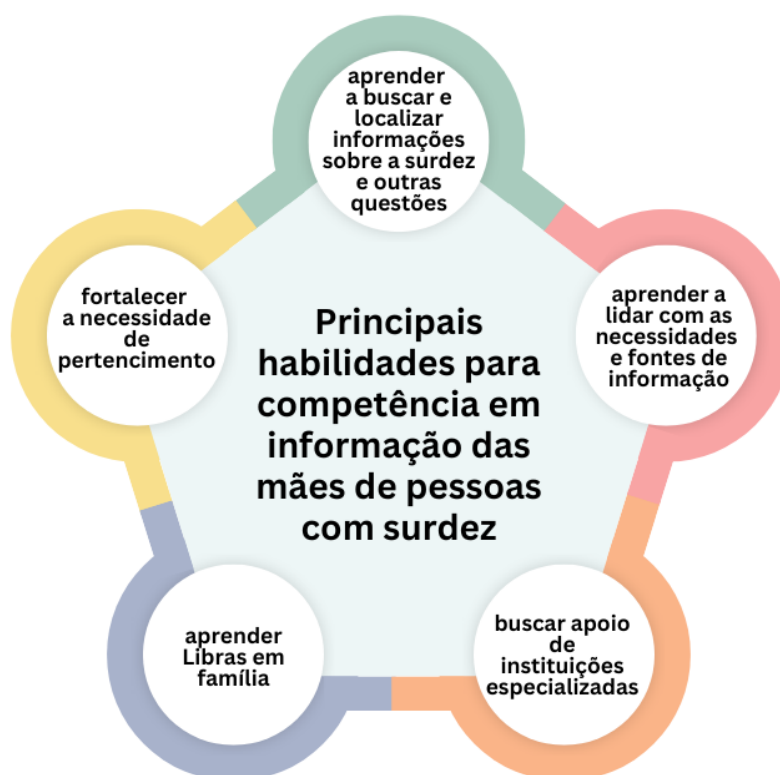
Sobre quais habilidades ou aprendizados que a mãe ouvinte gostaria de ter que ainda não tem para auxiliar o seu filho ou para si mesma, ela mencionou: "*Na parte da surdez, assim, a Libras, pra mim tá bom, porque ele domina bem. Assim, agora na parte que falta é mais a parte do autismo, mas esse daí é difícil.*" Portanto, são duas condições que o filho possui: a surdez e o autismo.

Durante a entrevista pedimos para a participante surda comentar algo mais sobre a sua experiência de mãe, se foi difícil ou fácil e se teve muitos desafios. Ela respondeu mais ou menos. Uma explicação para esta resposta pode ser o fato de que por ser surda, ela tem outra perspectiva pela própria experiência pessoal e real. Além disso, a filha é criança ainda, portanto alguns desafios estão em fase inicial. Em relação a esta mesma pergunta, a mãe ouvinte respondeu:

Não, pra mim assim, depois eu fiquei assim: E agora? Quando a gente recebe o diagnóstico, a gente fica: [O] que eu vou fazer? Aí assim... me apresentaram [a instituição] [e a] Associação [de Pais] e daí a gente começou a frequentar aqui [...] (Mãe ouvinte).

Na Figura 39 apresentamos uma síntese com as principais habilidades para a competência em informação das mães, que ficaram evidenciadas a partir dos depoimentos dos participantes desta pesquisa ao longo das seções 6.1, 6.1.1 e 6.1.2.

Figura 39 – Principais habilidades das mães de pessoas com surdez (mães surda e ouvinte participantes da pesquisa)



Fonte: Elaborada com base nos resultados da pesquisa e recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Ciclo pentagonal com as principais habilidades das mães. No centro as palavras: principais habilidades para competência em informação das mães de pessoas com surdez. Na parte externa, cinco círculos coloridos, onde se lê: aprender a buscar e localizar informações sobre a surdez e outras questões, aprender a lidar com suas necessidades e fontes informacionais, buscar apoio de instituições especializadas, aprender Libras em família e fortalecer a necessidade de pertencimento.

Com base nos resultados, observamos que as principais habilidades para a formação e o desenvolvimento da competência em informação das mães surda e ouvinte são: a) aprender a buscar e localizar informações sobre a surdez e outras questões (direitos, educação), aprender a lidar com suas necessidades (de pertencimento e de informação) e fontes informacionais (físicas e humanas), saber buscar o apoio/cuidado de instituições especializadas, aprender Libras em família (tias, marido) e fortalecer a necessidade de pertencimento para estreitar laços com outras pessoas (surdos, vizinhos, profissionais). Esta última será analisada na próxima categoria.

6. 2 VARIÁVEIS QUE IMPLICAM NA SATISFAÇÃO DA NECESSIDADE DE PERTENCIMENTO DAS MÃES DE PESSOAS COM SURDEZ

Nesta categoria buscamos reunir os relatos sobre aceitação ou negação da surdez, participação e envolvimento nas atividades e dificuldades das mães, pois acreditamos que são exemplos de variáveis ou intervenientes da satisfação ou não da necessidade de pertencimento deste grupo de mães.

6.2.1 Sentimentos das mães e necessidade de pertencimento

Chamamos a atenção para o relato da participante 6:

As mães ouvintes levam um determinado tempo para entender em como lidar com seu filho com surdez. E nesse período a criança já deveria estar recebendo comandos da mãe na Língua natural [dela] (Libras), mas o que acontece na maioria das vezes é a não aceitação da surdez do filho e do uso da Língua de Sinais na família e isso gera um atraso no desenvolvimento linguístico da pessoa com surdez. (Participante 6, grifo nosso).

Neste dado da participante 6 fica evidente que as mães ouvintes levam um tempo maior para reorganizar suas emoções e compreender como irão lidar com a surdez. As mães ouvintes vivenciam diferentes fases emocionais até a aceitação. Em contrapartida, as mães surdas se alegram por ter um filho surdo, conforme mencionou uma palestrante e mãe surda no evento do Dia Nacional dos Surdos.

O processo vivido pelas mães ouvintes pode ser longo e contínuo. É necessário compreender que

A aceitação da surdez faz parte do processo na descoberta de que o filho é surdo, e é, sem dúvida, um grande desafio. Assim sendo, é necessário que os pais busquem maiores informações e se mobilizem em favor do desenvolvimento da criança. (Siqueira; Hubler, 2023, p. 92).

A narrativa da participante 6 aponta que muitas mães demoram ou as vezes negam a surdez e o uso da Língua de Sinais. Aceitar ou não vai depender de cada contexto, da realidade de cada mãe, de aspectos emocionais, psicológicos, estruturais, econômicos, motivacionais, familiares, entre outros. Por isso, as mães “[...] precisam de apoio psicológico e todas as informações sobre a surdez e consequências das atitudes a serem tomadas para a garantia de que o bebê surdo será suprido em

suas necessidades físicas e linguísticas.” (Siqueira; Hubler, 2023, p. 90). No questionário perguntamos para as mães o que achavam que poderia ter na instituição investigada para contribuir com o seu aprendizado. Em relação a isso a mãe ouvinte respondeu: *“Clube de mães e atendimento de psicólogos”*.

É comum que no início a mãe ouvinte não aceite a surdez do filho e tanto ela quanto ele precisam aprender a viver a surdez. Com os relatos dos participantes, percebemos que aprender uma outra Língua (de Sinais) que não seja a Língua Portuguesa (no caso do Brasil, por exemplo) é uma das formas de aprendizado e de aceitação. Um aspecto que precisa ser salientado é que as mães também precisam aprender a lidar com as próprias emoções. No entender de Barcellos (2011, p. 27)

No início os pais ficam decepcionados, frustrados, revoltados, ansiosos e angustiados. Eles apresentam sensações de impotência, de incapacidade, insegurança e culpa, porque se sentem, em parte, responsáveis pela surdez da criança. Essas são as características da fase de reação ao diagnóstico da surdez, pois quando a família reage surgem diferentes mecanismos de defesa psíquica.

A participante 3 acrescentou: *“Pode-se afirmar, em razão de ter um filho com surdez, que as dificuldades serão diárias, pois a comunicação em casa quanto em outros lugares será um desafio.”* Com base nesta fala, constatamos que a forma de comunicação com o surdo é uma das principais dificuldades, tornando-se um desafio diário e constante para o qual as mães precisam encontrar alternativas e com isso conseguir se comunicar com o próprio filho e estabelecer um diálogo com ele. Encontramos uma explicação para este dado:

Quando pais ouvintes recebem o diagnóstico da surdez de seu filho, se deparam com uma situação nova e inesperada, na qual **desconhecem sobre o assunto e não se sentem preparados para lidar**, sentindo-se desafiados pela complexidade desse novo contexto. (Vicente; Campos, 2023, p. 240, grifo nosso).

As autoras concordam que trata-se de um contexto complexo. Nesse sentido, saber, aprender e dominar a Língua de Sinais ou outra forma de comunicação será para além de uma habilidade comunicacional, um fator que poderá **aproximar ou distanciar** a mãe do universo da surdez e, conseqüentemente, de seu filho.

Quando aproxima? Quando a mãe está conhecendo a Língua de Sinais por exemplo, ela tem a oportunidade de entender as dificuldades reais do filho em aprender uma Língua visual. É um exercício de empatia. Isso também pode despertar

o sentimento de fazer parte de um grupo, tanto do grupo de mães quanto da comunidade surda e estimular o gosto pela aprendizagem, podendo, inclusive, aumentar também sua motivação, conforme aprende um novo sinal. Vale lembrar que o relacionamento ou pertencimento é um elemento determinante na motivação individual e na dinâmica interpessoal. (Ryan *et al.*, 2021, p. 22, tradução nossa).

Na entrevista perguntamos se a mãe ouvinte participa de todos os eventos e atividades por vontade própria, ou por que foi motivada por outra pessoa, e ela respondeu: "*Não, por vontade própria em ajudar mesmo.*" Percebemos com esta fala, que isso pode representar um novo sentido para sua vida. O objetivo do aprendizado é também fazer com que a pessoa tenha novas perspectivas, concepções outras com novas possibilidades que surgem que é a vontade de aprender mais, de ajudar as outras pessoas. E ela reconhece que tudo o que faz é pertinente, tanto para si mesma quanto para o seu filho. Tanto a mãe surda quanto a mãe ouvinte estavam presentes no evento do Dia Nacional dos Surdos, auxiliando nas atividades e prestigiando os filhos. Observamos também a presença de outros familiares.

E quando distancia ou afasta? Quando a mãe sente dificuldade de aprender e desiste. Muitas vezes ela não se reconhece no papel de mãe de uma pessoa surda, o que a deixa desmotivada. Ou então encontra dificuldades de participar da vida do filho e das atividades promovidas pela instituição participante da pesquisa. A mãe ouvinte reforçou: "*Eu sou assim, a mãe que mais participa [das] coisas aqui. Porque as outras [mães] assim, elas [...] umas trabalham fora, umas não tem como vir, né.*" Algumas justificativas estão evidentes na fala da mãe: nem todas moram perto da instituição, então a distância é um impedimento, além disso, o trabalho, que na maioria dos casos exige dedicação por tempo integral. Ou seja, o horário fica incompatível com as atividades do centro. Mesmo que seja à noite, as mães que trabalham estarão cansadas ao final de um dia inteiro de trabalho. Portanto, a situação e condições econômicas e de trabalho impactarão no pertencimento, elas não podem deixar de trabalhar ou se ausentar para participar das atividades da escola. Por outro lado, o trabalho não deveria impedir as mães de comparecerem e se envolverem nas atividades da instituição, pois o ODS 8 da Agenda 2030 orienta para assegurar o emprego pleno e trabalho decente para todas as mulheres (ONU, 2015). E aqui podemos incluir as mulheres-mães. No plano ideal entendemos que o trabalho decente

precisa respeitar e levar em conta as condições, situações e contextos de vida das mulheres com filhos com deficiência.

Vale destacar que na perspectiva da mãe ouvinte a dificuldade de participação e envolvimento nas atividades não está no fato de uma parcela das mães serem surdas ou por não saberem Libras, porque a instituição conta com o apoio de intérpretes: “[...] aqui sempre tem intérprete pra elas. [...] Pra mães que não ouvem.” Existem outros motivos para a ausência das mães, não é por falta de intérprete.

A participante 8, que atua na direção da instituição, mantém um contato mais próximo com cada mãe, conhecendo cada história, cada realidade e reconheceu: “Infelizmente, muitas, ainda não superaram o luto da deficiência, se recusando em procurar especialistas por medo ou vergonha, neste caso quem acaba sofrendo é a criança que tem seu desenvolvimento atrasado.” Com efeito, a maternidade real em oposição à maternidade idealizada (ter um filho ouvinte) imobiliza e paralisa as mães, muitas não conseguem agir e vivem um luto eterno, conforme sintetiza a Figura 40.

Figura 40 – Questões emocionais e afetivas com o diagnóstico da surdez



Fonte: Elaborada com base nos resultados da pesquisa e recursos do Power Point.

Audiodescrição (Descrição da imagem): Dois extremos nas fases do diagnóstico da surdez. Na parte inferior os sentimentos negativos que levam a desistência dos propósitos. Na parte superior: a reformulação das emoções que resulta nos sentimentos positivos e na motivação para persistir e criar novos objetivos. Dois *emojis*: um feliz e outro triste.

Por essa razão, podemos dizer com base neste trecho da narrativa da participante 8 que estamos lidando com um grupo em situação de vulnerabilidade. À luz dos argumentos de De Lucca e Vitorino (2020, p. 39) as pessoas vulneráveis são oprimidas e excluídas porque “[...] estão em posição desfavorável na relação

assimétrica de poder”. Neste estudo, notamos que as próprias emoções como o medo, a vergonha e a insegurança colocam as mães com estes sentimentos em situação de desvantagem quando comparadas com às demais pessoas que não vivenciam o contexto da surdez. Portanto, as mães surdas também encontram-se em situação de vulnerabilidade em informação, isto é, um “[...] estado de fragilidade e propensão à perda de autonomia e cidadania por parte de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, causada pela falta de informação e conhecimento útil para seu bem viver.” (Santos; Cavalcante, 2023, p. 14).

O participante 5 (professor surdo) complementou dizendo que: “[A] Maioria [das mães] tem dificuldade sim, mas no meu caso como sou surdo, minha mãe não aceitava Libras e se comunicava oralmente comigo.” Partindo dessa experiência, ele mencionou uma situação que é comum de acontecer. A não-aceitação da Libras ou da condição em si, como mencionou a participante 8, afeta o sentimento de pertencimento da mãe à comunidade surda, ou seja, tanto a Língua de Sinais quanto a aceitação em si são fatores que interferem no pertencimento. Com base no que foi coletado podemos afirmar que não é impossível, porém dificilmente uma mãe que não aceita a surdez vai querer se envolver em outras atividades, aprender uma Língua nova, conversar com outras pessoas sobre o tema e buscar novas informações. É como se a surdez se tornasse um assunto proibido.

Se a mãe aceita que tem um filho surdo e decide aprender, é mais provável que ela aceite, ainda que paulatinamente, a própria surdez e suas características e, por consequência, vai se sentindo mais vinculada com outras pessoas que farão parte desse processo. A participante 6 explica que: “Para as mães com surdez e filhos com surdez a parte linguística com uso da Língua de Sinais flui naturalmente.” Ou seja, este dado mostra que a Língua de Sinais influencia no pertencimento, pois conecta a mãe ao filho, podendo se reconhecerem como membros integrantes do grupo de surdos.

6.2.2 Língua de Sinais e outras formas de comunicação e o pertencimento

Com isso, fica evidente que a Língua de Sinais é uma variável do pertencimento, pois se constitui em uma forma de criar laços com o outro. Além disso,

no entender de Souza e Souza (2022, p. 73) a Libras “[...] é de extrema importância para a construção identitária, a autonomia, comunicação e desenvolvimento cognitivo da pessoa surda [...]”, conforme salientou a palestrante surda no Dia Nacional dos Surdos: “Eu me sinto mais confortável com a minha Língua”. Em nossos resultados, verificamos o aprendizado da Língua de Sinais, tanto da mãe ouvinte quanto da mãe surda como caminho da criação e constituição de relacionamentos com outros professores, com outros familiares, surdos ou pessoas na mesma situação.

Quando perguntamos se a mãe ouvinte percebe que todas as informações e aprendizados fazem com que ela se sinta parte da comunidade surda, ela nos disse: “[...] eu acredito que sim, porque assim, quando a gente encontra um surdo na rua e as vezes assim, é legal se comunicar com ele, assim sabe, a gente fica, se sente bem porque eles ficam felizes de encontrar alguém que entende eles né.” Essa parte do relato indica que a mãe ouvinte para além de querer demonstrar seu aprendizado em relação a Língua de Sinais, busca conversar, compartilhar o que sabe e isso gera um bem-estar para si, conforme propõe a Teoria das Necessidades Básicas. Indica também empatia por parte da mãe ouvinte ao procurar entender as pessoas surdas quando as encontra. Neste ponto, ela procura demonstrar que integra e faz parte dessa comunidade.

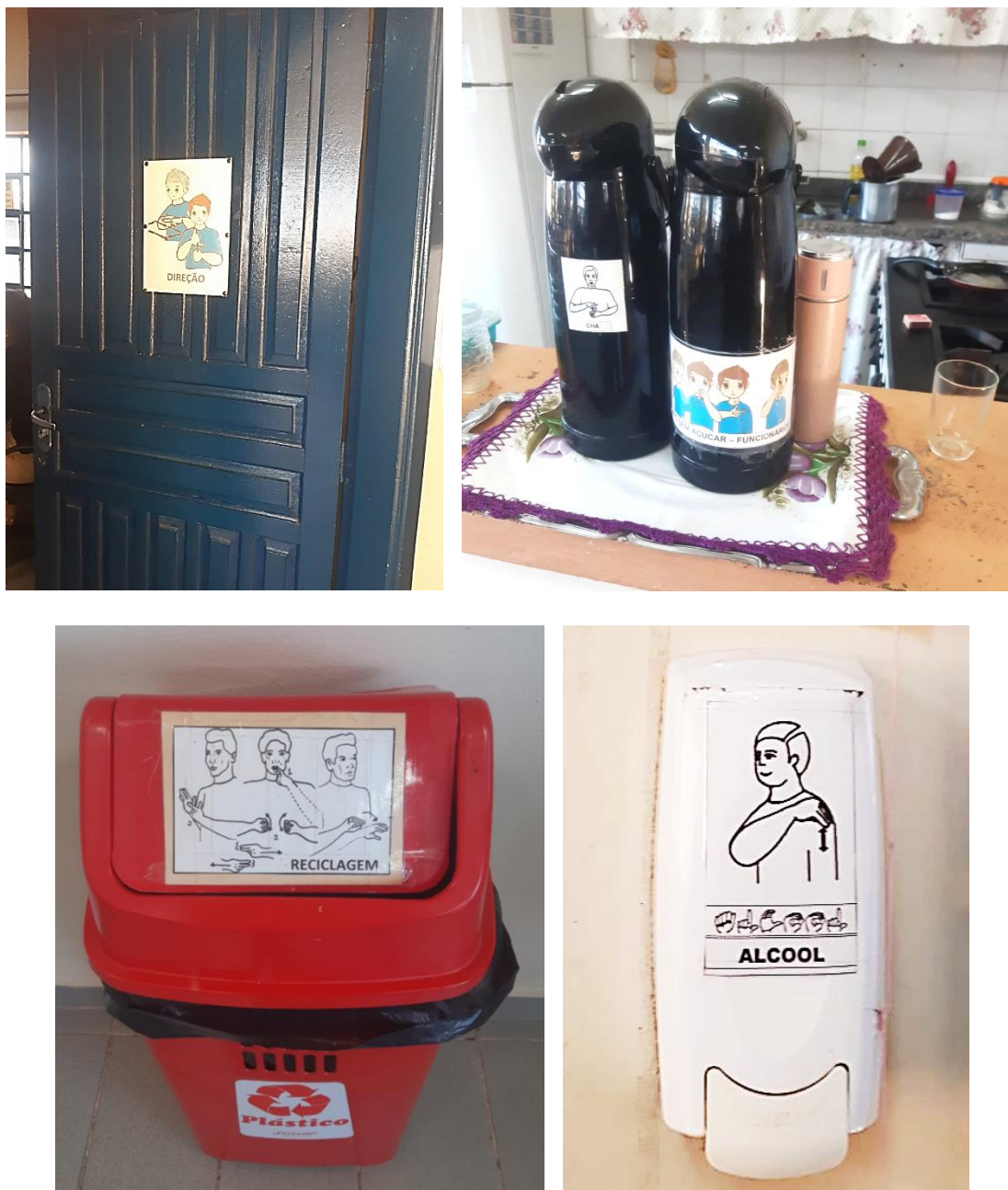
No caso da mãe do participante 5 que é ouvinte, apesar de não aceitar a Libras, ela desenvolveu a oralidade para se comunicar com o filho. Consideramos e reconhecemos a importância da Língua de Sinais, mas sabemos que ela não é a única forma de comunicação com o surdo. Portanto, mesmo que uma mãe não aceite a Língua de Sinais, é preciso então buscar outras formas para se comunicar com o filho, que neste caso foi o Oralismo. Na concepção de Nembri (2011, p. 16-17)

[...] o Bilinguismo impõe uma rotina maçante e muita determinação por parte do indivíduo surdo que quer integrar-se à Sociedade da qual ele já faz parte. Desta forma, a educação para a diferença, para a afetividade, criando afeto e empatia, precisa incorporar continuamente as mudanças e adaptações que poderão “render bons dividendos” futuramente.

A palestrante surda, durante o evento observado, lembrou que ficava com sede até conseguir oralizar a sua necessidade. E em sua casa era tudo etiquetado, o que ajudou muito na sua aprendizagem em relação ao Português, como já

mencionamos no referencial teórico. Na instituição, vários objetos são etiquetados, conforme demonstra a Figura 41.

Figura 41 – Objetos etiquetados da instituição especializada



Fonte: Instituição especializada (2024).

Arquivo de Sandra Sanches da Cunha (auxiliar na coleta de dados das entrevistas).

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Foto de uma porta da instituição. A porta é azul e possui um desenho de dois meninos sinalizando a palavra direção escrita também em Português. Foto de duas garrafas pretas, sendo uma com desenho de um menino sinalizando a palavra chá escrita também em Português. Foto de uma lixeira vermelha com desenhos sinalizando a palavra reciclagem escrita em Português. Foto de um recipiente para álcool. Possui um desenho sinalizando a palavra álcool em português e com respectivas as letras da palavra no alfabeto manual.

O participante 5 segue seu relato explicando como foi oralizado: *"Comecei a estudar com 1 [ano de] idade [em uma instituição especializada em outro município] até 9 anos, depois vim estudar aqui [neste município], na inclusão e me ensinou a falar, na época não era Libras e sim oralidade."* Muito provavelmente na época em que o participante surdo estudava, se valorizava a oralidade em detrimento da Língua de Sinais, o que pode ter influenciado a perspectiva da família. Na instituição especializada de outro município ele pode criar laços de pertencimento por conviver com outras pessoas surdas. Em sua primeira instituição de ensino, mesmo sendo especializada notamos que ele destaca a ausência do ensino da Língua de Sinais neste contexto, apesar de ser considerada um traço identitário da comunidade surda.

Podemos afirmar com base na narrativa do participante 5 que a pessoa surda precisa aprender uma Língua, seja a Língua de Sinais ou uma Língua oral. Tal constatação reforça que "Ainda são graves as situações de atraso no desenvolvimento de muitos surdos que chegam à idade adulta sem o domínio de uma língua. As consequências são desastrosas para sua vida acadêmica e pleno exercício da cidadania." (Souza; Santos, 2022, p. 80). Sobre isso a palestrante surda comentou que para sua formação foi essencial *"[...] se comunicar em Libras e escrever em Português"*.

Outro ponto a ser considerado é a presença de pessoas com experiências reais para compor a equipe da instituição que fez parte desta pesquisa: profissionais que são surdos ou que tem familiares surdos, como é o caso da participante 3: *"Tenho como experiência na minha família, pois meu sobrinho nasceu surdo."* A experiência de vida não pode ser desconsiderada, ao contrário, é de muita valia e faz toda diferença ser surdo e/ou conviver com surdos tanto na instituição, quanto em casa, na família (no caso dos participantes 1 e 3). A mãe ouvinte destacou que sua irmã fez os cursos da instituição (a título de exemplo, o curso de Libras como já mencionamos em outro momento) e hoje é secretária: *"Até a secretária aqui é minha irmã"*. Neste trecho da entrevista, o pertencimento fica evidente porque a irmã/tia se tornou parte da instituição ao se tornar funcionária.

Tais dados indicam que outras duas variáveis implicam no pertencimento: experiência e convivência ou vivência, pois leva as pessoas à

mobilizarem seus conhecimentos para aprender mais e poder auxiliar ou ensinar outros indivíduos. No entender de Lucca e Vitorino (2020, p. 42) “[...] a formação de conhecimentos – missão da competência em informação – está intrinsecamente relacionada às vivências e experiências.” No caso da participante 3, ela pode apoiar a irmã que é mãe de uma pessoa com surdez com base nas suas vivências e por conhecer mais de perto outras mães e outras realidades da instituição onde trabalha. Este resultado mostrou que a rede apoio na própria família (ou a ausência dela) é outro fator que interfere no pertencimento e na aprendizagem, pois mães com pertencimento e relacionamentos no ambiente familiar não desistam diante dos desafios. Além disso, notamos que as mães com apoio familiar se sentem mais fortalecidas.

6.2.3 Convivência e o pertencimento

Estas inferências estão apoiadas em Ryan e Deci (2017, p. 11) quando explanam: “As pessoas sentem o pertencimento mais evidente quando se sentem cuidadas pelos outros. No entanto, o pertencimento também é sobre fazer parte e se sentir significativo entre os outros. (Ryan; Deci, 2017, p. 11, tradução nossa). Nessa direção, na entrevista quando questionamos se a convivência foi fundamental para a mãe ouvinte, ela nos disse: *“Foi. Essa convivência aqui.”* Lembrando novamente que assim que recebem o diagnóstico da surdez, as mães ouvintes não sabem o que fazer e para onde ir, conforme lembrou: *“É então, a gente fica perdida.”* Além da questão do desconhecimento: *“É! Depois de nunca ter ouvido falar. Aí eu fiquei sabendo. Eles me apresentaram aqui, né. Eles me encaminharam pra cá, aí que a gente foi conhecendo aos poucos, né.”* É algo novo e ao mesmo tempo complexo, por isso a importância de que as famílias sejam orientadas a buscar uma instituição especializada que possa acolhê-las e promover a aproximação, o convívio e o pertencimento.

Ressaltando a importância dos laços de afeto, a participante 4 (zeladora e merendeira) disse: *“As mães na minha percepção criam laços pois necessitam da ajuda do [da instituição e da Associação de Pais] para compreender [as] limitações e comunicação com seus filhos”*. Com base nesta fala, podemos concluir que a criação de laços afetivos é uma outra variável que implica na necessidade de pertencimento.

A participante 4 justifica que criar laços é significativo, pois possibilita que as mães recebam o auxílio das duas instituições, e, conseqüentemente, compreendam a surdez. Esta perspectiva está em harmonia com o argumento de Siqueira e Hubler (2023, p. 90)

Há necessidade de que os pais e familiares sejam informados sobre as possíveis dificuldades da surdez. A partir dos esclarecimentos, poderão buscar os recursos ofertados pelas instituições governamentais, assim minimizando futuros problemas acarretados pela falta de uso da Libras no contexto familiar, escolar e social.

Portanto, este dado da participante 4 demonstra que criar laços é também uma habilidade, uma forma de aprender e se desenvolver coletivamente, tendo como base as próprias instituições que atuam tanto como fonte de informação quanto multiplicadoras da competência em informação. Para além de constituir os laços, eles precisam ser mantidos. De que forma? Na convivência quase que diária e no envolvimento com as atividades oferecidas.

Nos apoiamos em Ryan *et al.* (2021, p. 18, tradução nossa) ao defenderem que "O pertencimento, uma das três necessidades psicológicas básicas da TAD, é fundamental para explicar a motivação das pessoas para estar perto, abrir-se e cuidar dos outros." Para a mãe ouvinte, a instituição e a associação se constituem em "[...] *uma segunda família pra nós, né.*" Esta fala representa a essência do pertencimento porque indica que a mãe criou laços afetivos e fraternos com a instituição que produz a sensação de fazer parte de uma família, de um grupo (com os profissionais, os pais e os estudantes surdos).

O participante 5 reportando-se a sua mãe ressaltou que "*Na época não tinha associação e por isso ela não participava*". Com base neste relato, podemos inferir que a ausência de uma associação de pais pode prejudicar o envolvimento e o pertencimento da mães. Isso reflete na necessidade de pertencer ao grupo de pais e mães como também pode ser prejudicial para competência em informação. No grupo de pais é possível aprender junto e trocar ou compartilhar informações e experiências. No entender da palestrante surda a informação é relevante porque nos permite aprender e ensinar e "[...] caracteriza-se como subsidiária do pensar e das ações instituintes de novos conhecimentos e saberes" (Gomes, 2020, p. 9). Além disso, as pessoas podem se sentir acolhidas principalmente quando há oportunidade de escuta.

Percebendo esta lacuna, a mãe do participante 5: "[...] *começou [a frequentar] quando criou a [Associação de Pais] em 2006.*" Com base neste dado, depreendemos que frequentar e participar assiduamente ou mesmo criar uma associação de pais, parceira da instituição especializada na área da surdez é mais uma variável do pertencimento, pois permite o contato e relacionamento com pessoas vivenciando situações similares e que vão trabalhar juntas por seus filhos. É oportuno destacar a iniciativa da mãe do participante 5 ao criar uma associação de pais percebendo a ausência, necessidade e importância de formar um grupo de pais.

Indagamos se a mãe ouvinte participa de todas as atividades que são desenvolvidas e ela respondeu: "*Eu participo de todas (atividades).*" Isso demonstra que ela percebe a importância de participar, de se fazer presente sempre, de se envolver. Sentir-se integrado(a)/vinculado(a) a um grupo ou algo é parte do pertencimento (Ryan; Deci, 2000b; Arnone; Reynolds; Marshall, 2009; Ryan; Deci, 2000b), e também valoriza o empenho dos profissionais e do município quando preparam e planejam diversas ações. Além disso, este trecho reforça a atuação da mãe ouvinte. Ela participou e continua participando de cursos e eventos promovidos pela instituição pesquisada e outras instituições. São momentos em que ela pode fortalecer laços e aprender.

Isso vai ao encontro da proposta de Barcellos (2011, p. 27) "É necessário, que os pais saibam como lidar com [a surdez] e partilhem suas inquietações e dúvidas com outras pessoas que também passam pelas mesmas fases." Ou seja, que pais e mães compartilhem suas dificuldades mas também suas conquistas com outros pais e outras mães. Compreendemos que quanto mais as mães se envolvem na vida do filho surdo e nas atividades das instituições especializadas e externalizam suas emoções, experiências e saberes, maiores as chances de fortalecer o pertencimento, a motivação e a competência em informação.

Quando perguntamos se a mãe surda frequenta a Associação de Pais ela respondeu que sim. Pedimos para ela justificar a resposta, por que participa, se acha importante e ela respondeu que sim. Notamos que ela compreende a importância da Associação e isso explica sua frequência. Outra pergunta foi se a mãe surda acha que o aprendizado que ela obteve faz com que ela se sinta parte da comunidade surda e acolhida por esta comunidade. Ela nos disse que sim. Observamos o acolhimento

refletido no Dia Nacional dos Surdos. Fomos recebidas com um abraço e um bom dia em Libras. Na sequência, todos os participantes receberam um Laço Azul para colocar na blusa e um marca-página (Figura 42) com a frase: “Se o surdo não pode ficar esperando que a Sociedade faça tudo por ele, também não pode lutar sozinho e competir com os ouvintes, como se fosse ouvinte.” O laço azul tem todo um significado para os surdos (é um símbolo de luta e resistência) e no verso do marca-página havia um número para participar de um sorteio ao final do evento. As pessoas sorteadas receberam um kit com lembrancinhas. Todos os participantes estavam com o laço azul. Antes da abertura, havia uma mesa com café da manhã onde todos estavam socializando. Estes elementos fazem toda diferença e promovem o acolhimento e a sensação de pertencimento.

Figura 42 – Laço azul e marca-página: lembranças do Dia Nacional dos Surdos realizado pela instituição especializada, Associação de Pais e Secretaria Municipal de Educação



Fonte: Evento comemorativo do Dia Nacional dos Surdos (Instituição especializada, Associação de Pais e Secretaria Municipal de Educação, 2024).
Arquivo pessoal da proponente da pesquisa.

Audiodescrição (Descrição da imagem): Foto do laço azul e marca-página. Lembrancinhas do Dia Nacional dos Surdos.

Precisamos levar em conta o acolhimento para fortalecer o pertencimento e também como parte da competência em informação, conforme

discutiremos mais adiante. Na perspectiva de Gomes (2020, p. 14) as pessoas

[...] precisam transitar com 'conforto emocional' no 'ambiente' informacional que, mais do que consistir em um espaço fisicamente geográfico, precisa se constituir em uma ambiência que se abre ao outro, acolhendo-o e colocando-se com disponibilidade à construção de laços de pertencimento.

Questionamos se o fato da mãe ouvinte se sentir parte da comunidade surda, da comunidade escolar, enfim se tudo isso ajuda quando ela precisa tomar uma decisão. E a mãe ouvinte confirmou que esse aprendizado todo se aplica e o fato de se sentir parte da instituição, favorece sua vontade de aprender mais. Neste trecho percebemos que quanto mais a mãe ouvinte se sente pertencente, maiores as chances de aprender cada dia mais e aplicar esse aprendizado que se torna útil.

Perguntamos se conforme a mãe surda se sente parte da instituição, se tem vontade de aprender mais, buscar outros conhecimentos e se isso ajuda no dia a dia. Ela respondeu: "*Ajuda. É difícil.*" Percebendo que ela ficou em dúvida, reformulamos a questão, contextualizando com um exemplo a respeito do aprendizado sobre Libras promovido pela instituição e então ela salientou a importância disso para o seu pertencimento.

O Relatório de Tendências da IFLA (IFLA *Trend Report*, 2024) indica na tendência 7 que as pessoas estão procurando se conectar com sua comunidade. Esta é uma evidência e tendência que ressalta a importância do pertencimento. No âmbito deste estudo foi possível observar que instituição especializada na área da surdez é um lugar em que a pertença pode ser fortalecida. Conforme destaca o relatório

As comunidades locais proporcionam um senso de pertencimento, identidade compartilhada e coesão social que podem estar ausentes em comunidades maiores devido a maiores divisões políticas e sociais [...]. As atividades no local podem criar coesão social, conexões entre gerações e criar histórias compartilhadas que incluem uma maior diversidade de vozes locais. (IFLA *Trend Report*, 2024, p. 42).

Em síntese, com base nos resultados coletados podemos afirmar que as principais variáveis que implicam no pertencimento das mães são: estado emocional e psicológico para aceitação ou negação, experiências de vida (ser surdo) e de convívio com pessoas surdas, criação de laços afetivos com outras pessoas, frequência e participação nas ações promovidas pela instituição.

Na próxima seção, buscamos entender como essas diferentes variáveis

influenciam direta ou indiretamente na formação da competência em informação das mães de pessoas com surdez.

6.3 RELAÇÃO DAS VARIÁVEIS DO PERTENCIMENTO COM A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DAS MÃES DE PESSOAS COM SURDEZ

Para relembrar: em geral se uma mãe aceita a surdez, tende a seguir em frente e buscar mais informação. A busca por informação a partir de uma necessidade é uma das primeiras etapas da competência em informação. Se ela participa das ações que a instituição realiza, a tendência é que busque mais informações para aprender tendo como base as atividades desenvolvidas na instituição. Como consequência, ela se sentirá motivada. São momentos também para conhecer outras pessoas e trocar/compartilhar informações e experiências.

Conforme já apresentado, a mãe ouvinte informou que o filho: “[...] *é surdo profundo e severo e tem autismo.*” É um adolescente com 16 anos de idade. Já a mãe surda tem uma filha surda de 4 anos de idade. Portanto, é uma criança. Isso significa que em se tratando da maternidade e da relação mãe-filha surdas, ambas estão em fase inicial de aprendizagem. E o fato da mãe ser surda faz com que ela tenha uma experiência diferente, se comparada com mães ouvintes.

Santos e Cavalcante (2023, p. 5) constataram “[...] uma lacuna nesse processo de cuidar, em que a mulher surda se depara com dúvidas e dificuldades para desempenhar o papel materno. A participante 4 declarou: *“Na minha opinião, toda mãe tem sim dificuldades em relação a surdez de seus filhos, pois é algo inesperado e que necessita de conhecimento para lidar com cada situação.”* Este resultado indica que a primeira dificuldade é ter que lidar com um diagnóstico que não se está esperando, ou seja, o diagnóstico da surdez. A esse respeito, na entrevista a mãe ouvinte concordou que o começo (desde o diagnóstico) é muito difícil. Inclusive ela manifestou que também se preocupa com o dia em que não estiver aqui, de que forma ou com quem o filho vai ficar sem a sua presença: *“Isso também é a nossa preocupação!”*

6.3.1 Necessidades de informação e habilidades em situações cotidianas

Outra dificuldade serão as necessidades de informação e de conhecimento para lidar com diferentes situações do dia-a-dia do filho surdo e das demandas do papel de mãe. São dois desafios a serem enfrentados pelas mães ainda que estejam emocionalmente abaladas. Em se tratando do presente estudo constatamos que o estado emocional “[...] pode impedir a compreensão e a assimilação das informações ou, pior, aumentar a insegurança e ansiedade.” (Motti, 2005, p. 16). A autora destaca que os fatores afetivos e emocionais podem bloquear a apropriação da informação e até mesmo impedir que a pessoa tente desenvolver novas habilidades porque se sente insegura e ansiosa.

Valendo-nos de Neves e Borges (2020, p. 18) com base em Mackey e Jacobson (2014) levamos em conta o conceito de *metaliteracy*. Na *metaliteracy* considera-se para

[...] além dos aspectos cognitivos, aqueles de ordem comportamental, afetiva e metacognitiva. O domínio cognitivo, em geral, se concentra em compreender como se aprende, enquanto o metacognitivo se refere a como nós vemos nossa própria aprendizagem. O domínio comportamental relaciona-se àquilo que se está apto a fazer após uma atividade de aprendizagem particular, enquanto o domínio afetivo se refere a **como nos sentimos em uma situação de aprendizagem**. (Neves; Borges, 2020, p. 18, grifo nosso).

Pensando no estado emocional das mães de pessoas com surdez, este é um fator que implica no desenvolvimento ou não das habilidades para a competência em informação, considerando que sentimentos positivos ou negativos podem oscilar o tempo todo e acompanhá-las nas situações em que estão aprendendo. Por isso é necessário levar em conta como as pessoas se sentem quando estão diante de oportunidades de formar o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para lidar com a informação. No entanto não só isso, pois

[...] o conceito e o papel social da competência em informação vão além-mundo de se configurar numa simples reunião de habilidades para acessar e empregar adequadamente a informação. Trata-se de uma competência sociopolítica essencial para a construção e a manutenção de uma sociedade de pensamentos e culturas-outros, verdadeiramente democrática, em que as pessoas fazem escolhas conscientes e são capazes de determinar o curso de suas vidas. (Righetto; Karpinski; Vitorino, 2021, p. 15).

Com base nos autores, identificamos que a ideia e a função da competência em informação na sociedade é muito mais ampla. No caso das mães, elas desenvolverão habilidades não somente para saber acessar uma informação, mas com o intuito de utilizar informações que as levem a fazer escolhas que podem mudar o rumo de suas vidas, tornando-se autoras de suas próprias histórias. Segundo Dudziak (2005, local. [01]):

No domínio do senso comum, a competência é compreendida como um saber ou fazer qualquer coisa bem. Observa-se que a competência, mais que uma soma de atributos, é um processo que se renova constantemente e implica na mobilização adequada de conteúdos interligados, quais sejam, conhecimentos, habilidades e atitudes.

Por ser também um processo de aprendizagem, a mãe precisará aprender e ter acesso à um conjunto de conhecimentos para agir, que nada mais é, do que as atitudes que ela terá diante da surdez. Dito de outra forma, as mães precisam desenvolver habilidades com base nos conhecimentos que favoreçam as atitudes que terão em relação ao filho ou a si mesmas. Para isso elas precisam ter “[...] acesso a informações, para que possam aproveitá-las em benefício do desenvolvimento global da criança surda e da sua própria dinâmica cotidiana.” (Motti, 2005, p. 28).

E “Assim que a família recebe um número maior de informações a respeito da surdez e passam a encarar o filho real entram na fase da adaptação em que buscarão formas de lidar com a criança.” (Barcellos, 2011, p. 60). Em relação às informações recebidas e busca de formas para lidar com as crianças surdas e pensando no processo de aprender junto, questionamos se a mãe ouvinte faz alguma leitura com o filho surdo ou se brinca com ele e ela mencionou que: “*Eu tento assim brincar. Jogo sim.*” Como exemplos de brincadeiras ou jogos ela citou: “[...] *Jogo de dominó, ele gosta muito de...aquele de...ai como que chama aquele joguinho de...que é...é a mesma figura, tem que encontrar o par...*” A mãe recordou que é o jogo da: “*Memória! Jogo da memória! É isso. Ele ama esse jogo.*” Domingues, Motti e Palamin (2008, p. 40) pensam que

[...] a criança, com base em ações sobre os objetos que usa para brincar, passa a ter consciência dos mesmos, a se relacionar ativamente com eles e a imitar situações do mundo adulto, criando um mundo de faz-de-conta, como norteador das suas experiências. As situações abstratas de mundo que ela cria proporcionam um meio para

o desenvolvimento do pensamento e a constituição dos comportamentos.

Com base neste comentário da mãe ouvinte, passados alguns dias do término da coleta de dados, escolhemos três jogos para presentear o filho, como uma forma de agradecimento pela participação na pesquisa. Sendo dois jogos da memória e um quebra-cabeça, conforme constam nas Figuras 43 e 44.

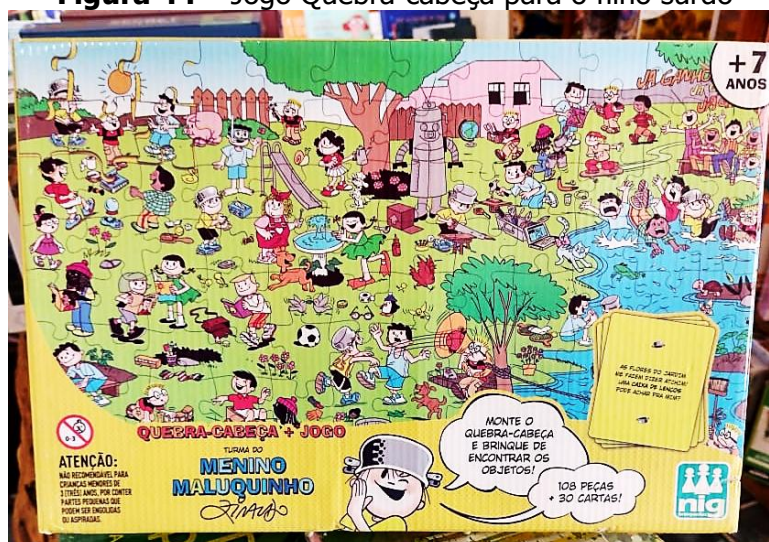
Figura 43 – Jogos da memória para o filho surdo



Fonte: Arquivo pessoal da proponente da pesquisa (2024).

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Foto das caixas do jogo da memória da Turma da Mônica e jogo da memória do filme *Toy Story*.

Figura 44 – Jogo Quebra-cabeça para o filho surdo



Fonte: Arquivo pessoal da proponente da pesquisa (2024).

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Foto da caixa do quebra-cabeça da Turma do Menino Maluquinho.

Como podemos notar nas Figuras 43 e 44, escolhemos estes jogos para de alguma forma valorizar a leitura e a literatura. Dessa forma, um dos jogos da memória e o quebra-cabeça são brinquedos de personagens da literatura infantojuvenil, respectivamente: Turma da Mônica e Turma do Menino Maluquinho. O outro jogo da memória contém personagens do filme "Toy Story". Cabe destacar que o jogo da memória da Turma da Mônica possui peças com personagens com deficiência.

Da mesma forma, perguntamos para a mãe surda se ela brinca com sua filha e quais brincadeiras e ela nos respondeu: *"Brinca [de] bonecas, cavalinho, levo [no] parque na praça, jogos cai cai, andar [de] bicicleta."* Observamos que cada criança a sua maneira tem suas preferências de brincadeiras. E tanto a mãe surda quanto a mãe ouvinte participam destes momentos de brincar com os filhos. Nessa direção, como forma de gratidão pela participação na pesquisa também presenteamos a filha da participante surda com uma boneca Mônica e uma bolsinha (Figura 45), após alguns dias da conclusão da coleta de dados.

Figura 45 – Boneca Mônica e bolsinha para a filha surda



Fonte: Arquivo pessoal da proponente da pesquisa (2024).

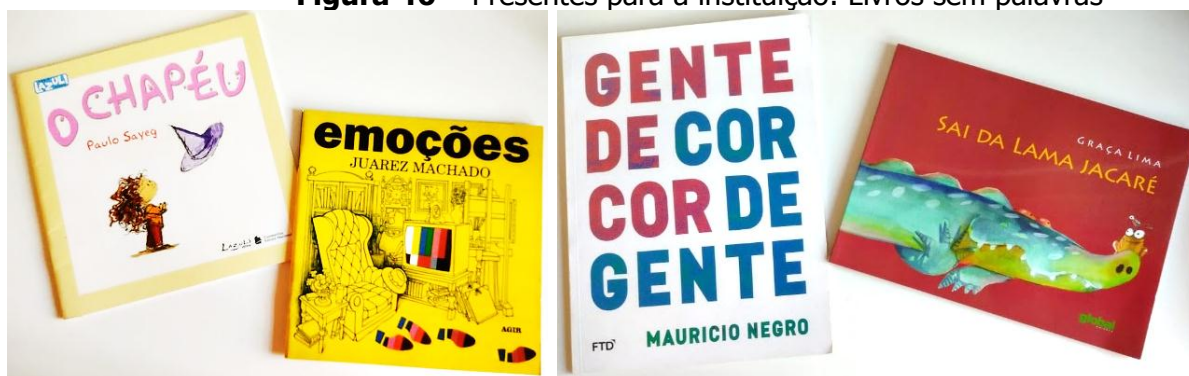
Audiodescrição (Descrição da Imagem): Foto da Boneca Mônica da Turma da Mônica e bolsinha.

Com base nos relatos das mães surda e ouvinte, acreditamos que é fundamental criar esses momentos lúdicos, de brincadeiras entre mãe e filho, porque, segundo Furtado (2008) e Honora e Frizanco (2008), o brincar contribui para o desenvolvimento e aprendizado da pessoa surda, além de fortalecer os laços afetivos na família.

[...] o brincar pode ser considerado fonte de aprendizagem de regras sociais. Para os pais, além de proporcionar oportunidade de conhecer as potencialidades e limites da sua criança, ao se depararem com o real estágio de desenvolvimento da mesma, podem adequar sua atuação, favorecendo o processo de desenvolvimento. (Domingues; Motti; Palamin, 2008, p. 40).

Consideramos relevante desenvolver tais aspectos também na instituição especializada, onde é possível brincar com outras crianças surdas ou ler. Em nossos estudos notamos que os livros sem palavras valorizam a experiência visual da surdez (Pereira; Bortolin, 2016; Pereira *et al.*, 2021; Pereira; Alcará, 2024). Nas palavras de Alexandre e Branco (2020, p. 100): “Os livros ilustrados podem evocar temáticas próximas da realidade do leitor, mas de forma divertida e criativa, quer seja para entender o outro ou a si mesmo, os sentimentos, os problemas, na busca por soluções.” Pensando nisso, também após a finalização do processo de coleta de dados, presentamos a instituição com quatro livros sem palavras intitulados: “O Chapéu”, “Emoções”, “Gente de Cor Cor de Gente” e “Sai da Lama jacaré” e o jogo da memória da Turma da Mônica (Figuras 46 e 47).

Figura 46 – Presentes para a instituição: Livros sem palavras



Fonte: Arquivo pessoal da proponente da pesquisa (2024).

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Fotos das capa dos livros sem palavras: “O Chapéu” (autor: Paulo Sayeg), “Emoções” (autor: Juarez Machado), “Gente de Cor Cor de Gente” (autor: Mauricio Negro), “Sai da Lama jacaré” (Autora: Graça Lima).

Figura 47 – Presente para a instituição: jogo da memória com personagens com deficiência



Fonte: Arquivo pessoal da proponente da pesquisa (2024).

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Foto do jogo da memória da Turma da Mônica.

Em relação aos jogos no computador a mãe ouvinte explicou que o filho “[...] gosta, mas ele trabalha mais aqui [na instituição especializada em surdez]. Eles trabalham essa parte mais aqui. Que eu não tenho computador em casa.” Quanto a televisão o filho: “Assiste! Domina aquele controle [...] Ele gosta de desenhos. Caçar desenhos no Youtube.”

Perguntamos se o conteúdo que ele assiste tem legenda. No caso seria imprescindível a presença de janela de Libras também. A mãe respondeu: “Não. Ele assim, só de olhar a imagem. As vezes ele não sabe o nome do desenho, daí ele quer que eu coloco. Aí eu falei: ‘Mas que desenho você quer?’ Vou contar até uma historinha rapidinho.”

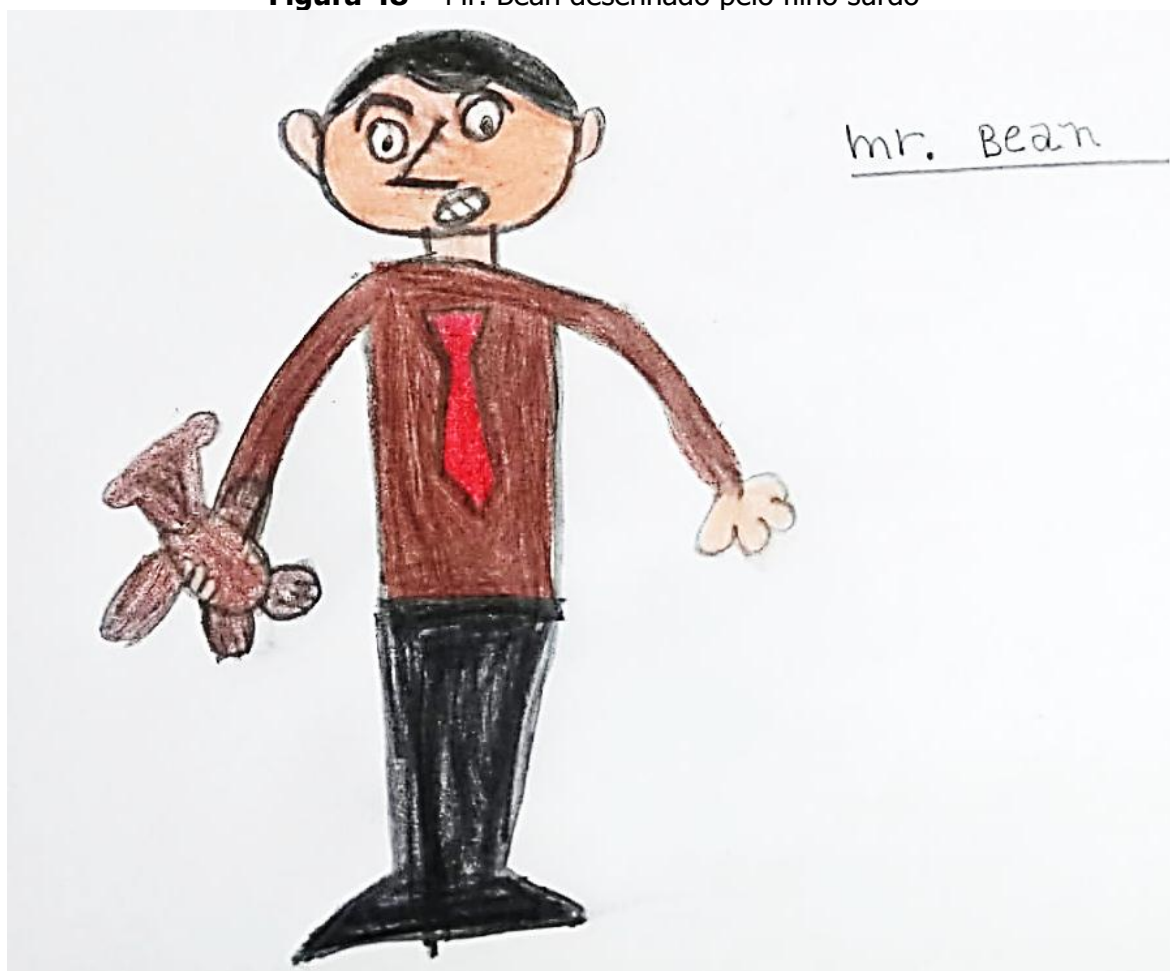
Aí ele queria assistir o [desenho do] Mr. Bean. E eu não sabia. Ele ama o Mr. Bean. [...] O Charlie Chaplin ele gosta. Aí ele falava assim: ‘Coloca o homem doido’. E eu: ‘Que homem doido? Eu não sei que desenho que é.’ Eu nunca tinha percebido que ele gostava do Mr. Bean, né. Daí eu tive uma ideia: Peguei um papel e falei assim: ‘Desenha o que você quer!’ Aí ele desenhou o Mr. Bean perfeito! Perfeito, perfeito! Olha eu vou até mostrar a foto do Mr. Bean que ele desenhou pra vocês. Deixa eu ver se eu consigo achar aqui. Ele gosta, aqui! Foi aí que eu descobri que ele queria assistir o Mr. Bean. (Mãe ouvinte).

Neste momento da entrevista, a mãe ouvinte procurou a foto do desenho no celular e nos mostrou com muito orgulho. Esta estratégia que ela desenvolveu encontra eco no estudo de Rocha, Santos e Souza (2024) onde há o relato de uma

situação similar em que uma mãe utiliza o recurso do desenho para se comunicar com o filho com Síndrome de Jacobsen. É possível fazer uma relação com a dimensão estética da competência em informação (Vitorino; Piantola, 2011), pois tanto a mãe ouvinte quanto o filho surdo utilizaram a criatividade e a imaginação para lidar com uma questão cotidiana, criando uma informação nova que se materializou no desenho (Figura 47).

A Figura 48 evidencia que o filho possui muita habilidade para desenhar. O Mr. Bean foi representado com uma riqueza de detalhes:

Figura 48 – Mr. Bean desenhado pelo filho surdo



Fonte: Arquivo pessoal da participante entrevistada (mãe ouvinte).

Audiodescrição (Descrição da imagem): Foto do desenho do Mr. Bean. O Mr. Bean é um homem que veste calça preta, terno marrom e gravata vermelha e está segurando um urso marrom em uma das mãos.

O filho teve uma necessidade que foi querer escolher e assistir um desenho animado específico na TV e a mãe precisou usar de toda sua criatividade para

estabelecer uma forma de comunicação. A solução encontrada foi pedir que o filho desenhasse o “homem doido”, no caso o Mr. Bean (Figura 48). Notamos que o filho tem um grande talento artístico que precisa ser valorizado. Sob a perspectiva de Rêgo, Dantas e Nascimento (2023, p. 179) As “Pessoas surdas têm habilidades, talentos e capacidades cognitivas tão diversas quanto as pessoas ouvintes.”

Esse talento apareceu em uma situação comum do dia a dia. Sem essa estratégia desenvolvida pela mãe ouvinte seria difícil descobrir o desejo do filho. E ela salientou as características e os detalhes do desenho:

O ursinho, a roupa e a cor igualzinha! [...] E o cabelo igualzinho, né! [...] Eu falei: 'Meu Deus, como que eu vou descobrir que desenho que ele quer?' Que quando ele, os desenhos que ele gosta ficam gravados ali né, e ele não sabe, ele pede pra [eu] escrever lá. [...] E esse dia foi né, eu pedi pra ele desenhar: 'Desenha!' (Mãe ouvinte).

Levando esse relato em conta, no questionário perguntamos a mãe ouvinte sobre o que poderia ter na instituição para contribuir com o aprendizado de seu filho e ela mencionou: *"Poderia ter aula de desenho e esportes. Como basquete que ele gosta."* Complementamos se no seu dia a dia, a mãe ouvinte utiliza o que aprende na instituição e ela nos disse: *"Eu faço isso. Aí [...] eu até procuro saber o que ele tá aprendendo aqui pra [...] dar o reforço em casa."* Ou seja, ela aprende junto com o filho. Isso exige muita dedicação e envolvimento da mãe com o aprendizado escolar. E uma motivação ainda maior para continuar aprendendo.

No questionário pedimos para mãe surda citar exemplos de aprendizados para auxiliar a filha surda: *"Eu sempre [auxilio nas] tarefas mais [fáceis], [outra] tarefa [que] eu não sei [as] palavras, [acho] tarefa difícil"*. Ela completou dizendo que em certas situações precisa da ajuda de familiares e amigos.

Nestas situações de aprendizagem acreditamos que as mães surda e ouvinte precisam se sentir motivadas e pertencentes para continuar aprendendo e desenvolvendo habilidades informacionais e não desistir, a fim de que cada ação realizada para aprender seja concebida como prazerosa e necessária, tanto para si, quanto para os filhos.

É um processo também que depende das necessidades informacionais que cada mãe apresenta. A participante 3 lembrou sua experiência pessoal: *"Na época foi um choque para todos, pois não tínhamos conhecimento e nem contato com*

surdos. “O desconhecimento em relação a surdez e a ausência de contato com pessoas surdas são outros aspectos que estão vinculados com a competência em informação das mães. Primeiro lidar com o choque, para depois buscar informações, conhecimentos e conhecer pessoas surdas. Este dado está próximo da reflexão de Siqueira e Hubler (2023, p. 88, grifo nosso)

O momento da descoberta de que o bebê é surdo torna-se ainda mais difícil **pela falta de informações**. É necessário que os órgãos governamentais responsáveis tragam todas as informações possíveis para que as mães **façam escolhas [acertadas] no enfrentamento das dificuldades**, desde o teste da orelhinha até a futura vida escolar.

Em relação ao diagnóstico do filho, a mãe ouvinte lembrou

[...] quando ele nasceu, ele nasceu no mês de agosto, aí em dezembro, foi [tempo de] festas de rojão, aqueles fogos, aquele tudo, e assim os vizinhos soltaram fogos e ele não [...] não reagia nada, não se assustou. Eu falei: 'Alguma coisa tá errada!' Aí a gente foi fazendo uns testes em casa de barulho e nada. Aí eu marquei médico, né, marquei pediatra. Daí a pediatra pediu o teste da orelhinha. Para ser mais rápido eu paguei o teste da orelhinha que foi o BERA³⁴.

Neste trecho, percebemos a angústia da mãe quando notou que o filho não reagia aos sons e estímulos e chama a atenção o fato de que precisou arcar com as despesas do teste da orelhinha para agilizar. A Triagem Auditiva Neonatal ou teste da orelhinha só se tornou obrigatória e gratuita no Brasil em 2010, com a Lei nº 12.303, de 2 de agosto de 2010 (Brasil, 2010). Ela explicou que o diagnóstico foi surdo “[...] profundo e severo.”

A participante 7 (Professora ouvinte) complementou afirmando que: “Uma mãe nunca espera gerar um filho com deficiência, portanto eu acredito que as mães surdas ou com filhos surdos apresentam sim dificuldades para lidar com seus filhos”. Com base neste dado podemos dizer que a possibilidade de ter um filho surdo é real, mas mesmo assim, tanto mães surdas quanto ouvintes terão dificuldades para maternar uma pessoa com surdez.

Ao mesmo tempo, são estas dificuldades que podem fazer com que elas busquem informações para conhecer a surdez e com isso desenvolvam a competência em informação procurando apoio nos relacionamentos que estabelecem (o pertencimento) ou com base nestas mesmas dificuldades, elas podem desistir. Por

³⁴ *Brainstem Auditory Evoked Response* (BERA)

isso, Motti (2005, p. 34-35, grifo nosso) entende que se as informações sobre a surdez estivessem disponíveis em qualquer momento, os pais poderiam “[...] sanar suas dúvidas e se orientarem, [colaborando] para melhorar a qualidade de vida da família, dando-lhe mais segurança, tranquilidade e **motivação** na tomada de decisões e condutas favoráveis [ao desenvolvimento da] criança.”

6.3.2 Fontes de informação e pessoas da rede de apoio

Na entrevista indagamos sobre com quem a mãe surda teria obtido informações, buscando compreender quais pessoas compõem sua rede de relacionamentos para o aprendizado dando-lhes as seguintes opções: professores, família, Associação de Pais, amigos ou outra mãe, e ela nos respondeu: “*Com a minha mãe*”. Isso novamente reforça a importância do apoio familiar. Porém, quando perguntamos sobre o que elas conversam ela não soube informar. Independente do conteúdo de suas conversas, sua mãe e avó da criança surda atua como fonte de apoio e informação quando precisa. Motti (2005, p. 23) compreende que [...] é importante dividir responsabilidades entre vizinhos, babás, tios, avós, madrinhas, sempre orientados pelos terapeutas, dando continuidade ao trabalho de aprendizagem diário. Como já mencionado anteriormente a mãe ouvinte recebeu apoio de suas irmãs e a mãe surda de membros da família (Figura 49).

Figura 49 - Relações de pertença das mães ouvinte e surda



Fonte: Elaborada com base nos resultados da pesquisa e recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Figura representando as relações de pertença da mãe ouvinte: Filho surdo, família (irmãs), surdos e vizinhos e as relações de pertença da mãe surda: filha surda, família (a própria mãe, cunhados e marido surdo) e surdos. Ambas (mãe ouvinte e mãe surda) relacionam-se com a professora ouvinte, zeladora/merendeira, diretora, professor surdo, secretária e presidente de Honra da Associação de Pais.

Estas relações de pertença, evidenciadas na Figura 49, são importantes porque com estas pessoas as mães fortalecem laços e vínculos e compartilham informações. Perguntamos se a mãe ouvinte conversa sobre a surdez com alguém, se compartilha experiências ou é amiga de outras mães ou de outros pais. Ela salientou: *"[...] a gente sempre discute assim com vizinhos, porque assim, tem surdos que eles são muito assim comunicativos, assim [outros não são comunicativos], gosta de ter amizades, né."* Neste trecho, foi possível observar que os relacionamentos para compartilhamento de experiências ocorre mais com vizinhos e com a própria família, do que com outras mães ou pais. Portanto, o pertencimento para competência em informação da mãe ouvinte se dá no próprio lugar em que vive. Ela explicou sobre o que conversam: *"[...] tem pessoas que eles [surdos] gostam e tem pessoas que ele não gosta. Então a gente fica discutindo, fulano se dá bem com alguém, umas eles não gostam. Essa parte, né."* Nesta fala notamos que não são conversas sobre suas próprias dores de mãe, ela se concentra em assuntos sobre as características da pessoa com surdez ou das famílias.

Nesse sentido, para compreender que tipo de informação a mãe surda compartilha com outras pessoas e se o pertencimento facilita essa troca, perguntamos novamente se ela conversa sobre a surdez do filha com alguém, se compartilha experiências ou é amiga de outras mães. Sobre isso, ela respondeu que sim. Então questionamos sobre o que conversam (escola, aprendizado do filho, eventos), e ela respondeu que sim. Para sair do contexto escolar mencionamos alguns exemplos cotidianos: se conversam sobre novela ou um filme e ela respondeu sim.

Esta pergunta foi feita porque atualmente notamos um aumento na produção de filmes sobre as deficiências inclusive com atores PcDs. Notamos também a presença de personagens PcDS nas telenovelas brasileiras. A título de exemplo podemos citar a telenovela infantil "A infância de Romeu e Julieta" (SBT, 2024) com uma personagem surda sinalizadora interpretada por uma atriz surda. Outra novela com uma personagem surda foi "Malhação – Toda forma de amar" (Rede Globo, 2019),

esta interpretada por uma atriz ouvinte. Só para exemplificar, outras telenovelas com personagens com deficiência são: "Todas as Flores" (Globoplay exibida pela Rede Globo, 2022) com uma personagem com deficiência visual, "Elas por Elas" com um personagem cadeirante (Rede Globo, 2023), "Caras e Bocas" (Rede Globo, 2009) com uma personagem com deficiência visual interpretada por uma atriz com deficiência visual e "Páginas da Vida" (Rede Globo, 2006) com uma personagem com Síndrome de Down interpretada por uma atriz com Síndrome de Down.

Não adentramos nestes exemplos nas entrevistas, no entanto estas produções podem chegar ao alcance das mães. Segundo Almeida Júnior (2021, local. 1) as bibliotecas poderiam promover uma "[...] reflexão sobre o que ocorreu na novela. O que todos acham da atitude de um determinado personagem? O que cada um faria no lugar dele? Seria a forma escolhida pelo personagem a única para resolver o problema? Tais discussões poderiam fazer parte de encontros de familiares na instituição especializada (em um Clube de Mães, como mencionou a mãe ouvinte).

Com base nos dados, percebermos que as mães recebem ou compartilham amplas informações. Em geral, estas informações devem esclarecer suas dúvidas e incertezas, e no futuro elas terão chances de fazer escolhas e tomar decisões mais acertadas (Siqueira; Hubler, 2023). Esta perspectiva é reforçada por Barcellos (2011, p. 27, grifo nosso)

Assim que a família começa a enxergar a surdez por meio de um novo olhar, pois já receberam maiores informações e foram esclarecidos sobre a surdez pelos profissionais (médicos, fonoaudiólogos, professores, entre outros) e até por outros pais, já podem encarar a surdez do filho como algo real. Podem trocar os sentimentos negativos por positivos. Inicia-se, então, a fase de adaptação em que os pais começam a **buscar mais informações** sobre o filho e como lidar com a surdez da criança.

Outro aspecto que merece ser salientado porque interfere na formação da competência em informação é a condição econômica destas mães, pois conforme destacou a participante 8: "*As mães são as gerenciadoras do lar, em alguns casos a própria mantenedora, tendo que lidar com muitas tarefas e aceitar a deficiência do seu filho e buscar ajuda.*" A maioria das mães é responsável pelo sustento da família e com tantas tarefas e funções para cumprir, porque o trabalho por si só já ocupa todo tempo da mãe, não há espaço para promover suas habilidades para competência em informação na instituição, já que se torna muito difícil participar das ações e da rotina

na instituição. Rotina esta que direta e indiretamente alimenta a pertença e, por consequência, a competência em informação.

Para além das culturas, os contextos econômicos e políticos em que as pessoas estão inseridas podem afetar as suas capacidades para o pleno funcionamento. Por exemplo, a pobreza e a desigualdade podem muito bem ter seus efeitos negativos sobre a motivação e o bem-estar em um grau significativo **porque diminuem as oportunidades** de experimentar autonomia, competência e relacionamento, e levar a conflitos sociais. (Ryan *et al.*, 2021, p. 23-24, tradução nossa, grifo nosso).

É preciso levar em conta que "Dentre as dificuldades que as famílias de crianças com deficiência auditiva enfrentam, além das emocionais, encontram-se a falta de tempo e as financeiras, para os atendimentos e recursos necessários." (Motti, 2005, p. 24). Esta realidade se alinha com os propósitos da Agenda 2030 cujo objetivo principal é "[...] fomentar o desenvolvimento sem que nenhum indivíduo seja colocado à margem da sociedade [pensando] em três dimensões chave: 1) enfrentamento da pobreza; 2) busca da inclusão e 3) enfrentamento das desigualdades" (Gertner, 2023, p. 85). O referido Documento mantém estreita relação com a competência em informação, uma vez que

A Agenda 2030 destaca, dentre os principais compromissos, aquele que se apoia no pressuposto de que todas as pessoas, independentemente do sexo, idade, raça, etnia, e pessoas com deficiência, migrantes, povos indígenas, crianças e jovens, especialmente **aqueles em situação de vulnerabilidade**, devem ter acesso a **oportunidades de aprendizagem ao longo da vida** que os ajudem a **adquirir os conhecimentos e habilidades** necessários para explorar oportunidades e participar plenamente da sociedade. (Belluzzo, 2018, p. 20, grifo nosso).

Sobre estes aspectos, a participante 7 salientou que: "*A maioria das mães demonstram-se interessadas e prestativas pelas informações da instituição, às vezes, não estão muito presentes pois trabalham, mas sempre entram em contato via [Whatsapp] e telefone.*" Este resultado indica que mesmo trabalhando, elas têm interesse pelas informações divulgadas e encontram formas alternativas de se fazerem presentes utilizando outros meios para seu o compartilhamento que é o *Whatsapp* e o telefone.

Perguntamos se a mãe ouvinte trabalhava quando o filho nasceu, ela nos disse que não, mas explicou: "*Sim. Eu trabalhava. Eu [estava] fora do país. Aí quando*

eu vim embora, eu engravidei dele. Aqui no Brasil eu não trabalhava, mas eu trabalhava fora (do país).” Esta é outra situação onde a mãe deixa a vida que tinha antes para cuidar do filho.

Com base nos dados, percebemos que basicamente existem duas realidades: mães que precisam se dedicar integralmente a uma profissão para garantir o sustento da família e mães que não podem exercer uma função no mercado de trabalho porque precisam cuidar dos filhos. É o caso da mãe ouvinte, pois seu filho é surdo e autista. Nessas circunstâncias, ela teve que deixar a vida que tinha antes para cuidar e se dedicar integralmente ao filho: *“Parei [a vida]”*. Isso porque as condições do filho impedem que ele fique sozinho:

O meu (filho), ele é assim, além da surdez, ele tem o autismo, ele tem as estereotípias dele, então não é qualquer lugar que ele pode ficar, sabe. [...] Então é assim [...] eu não posso trabalhar por causa dele. (Pra) cuidar 100%, se dedicar 100% pra ele.

Ela sabe que por não trabalhar fora de casa recebe críticas e julgamentos por parte de outras pessoas: *“Sim, recebe.”* Como mencionado anteriormente o filho não fica sem a presença da mãe em determinados ambientes: *“Fica, só na escola.”* (Mãe ouvinte). Ela explicou:

Só na escola. Porque tipo assim, eu conectada com a professora o tempo todo. Porque qualquer coisa ela já me manda um áudio, [ele] tá desse jeito, [ele] tá assim. Aí tem vezes que ele entra 7h30min, tem vezes que 8h30min eu estou na escola. (Mãe ouvinte)

Quando necessário ela vai na escola para buscar o filho ou orientar em relação aos cuidados. Outra característica do filho foi lembrada pela mãe ouvinte: *“O meu filho tem 16 [anos] mas assim, a mentalidade dele é de criança de [...] uns 7 ou 8 anos.”* O que exige um cuidado ainda maior e persistência, saber esperar o tempo do desenvolvimento, pois em algumas situações do dia a dia ela: *“Tem que ficar ali em cima, não é por falta de incentivo, de ensinar.”* Esse trecho demonstra que a mãe ouvinte se faz presente continuamente e persiste, incentivando e ensinando o filho surdo. Então de certa forma, ela precisa de um conjunto de habilidades para lidar com questões cotidianas e se manter motivada.

A participante 8 reforçou que quando as mães decidem se envolver

[...] é por que a escola obrigou, mas mandam só o filho com receio de serem cobradas. Ao encontrar em ambiente acolhedor, onde são orientadas a buscar seus direitos, elas ficam mais tranquilas e se

motivam a se comunicar, a aprender e valorizar a relação com eles.
(Participante 8).

Esse dado está em conformidade com o que diz Aragão (2023) sobre a importância do acolhimento no ambiente escolar. Notamos neste trecho que as mães ficam receosas com a cobrança da escola. Porém, quando encontram um ambiente que as acolhe, orienta em relação ao seus direitos, por exemplo, isso desperta a motivação para a comunicação, a aprendizagem e o relacionamento com o próprio filho. Indagada sobre o acolhimento, a mãe ouvinte confirmou: *"Sim. Mas graças a Deus a gente foi bem acolhido aqui. E estamos até hoje aqui."* Esta fala denota que a mãe ouvinte quer permanecer na instituição, reforçando também importância de ter sido acolhida.

Assim, com base nestes resultados, podemos inferir que ambientes acolhedores, agradáveis, receptivos e empáticos são favoráveis ao desenvolvimento da competência em informação, pois tem o potencial para propiciar a satisfação do pertencimento, já que a pessoa se sente aceita e valorizada. Ambientes assim são ideais para o compartilhamento de informações sobre os direitos das mulheres-mães e cenário para aumentar a motivação. Perguntamos se a mãe ouvinte se sente acolhida pela instituição especializada e ela respondeu: *"Sim, muito acolhida."* Indagamos também se isso é importante: *"E cada dia assim, a gente vai aprendendo mais coisas, né! Qualquer dificuldade que eu tenho eu corro aqui, eles me ajudam."* (Mãe ouvinte). De acordo com este trecho, o aprendizado é um processo contínuo e constante, isso revela o aprender a aprender e o aprendizado ao longo da vida e a instituição exercendo o papel de fonte de informação e de apoio diante das dificuldades.

Quanto aos direitos, observamos uma relação com a dimensão política da competência em informação. Esta dimensão permite, segundo De Lucca (2019, p. 71), "[...] a utilização da informação para [a pessoa] sensibilizar-se de seus direitos e deveres na sociedade e lutar pela construção da cidadania em conjunto, no momento em que participa da esfera social." Uma situação vivenciada pela mãe ouvinte ilustra essa questão. Ela buscou o apoio de outras instâncias quando percebeu que faltava fonoaudiólogo no município: *"A gente entrou no Ministério Público né, pra eles terem um atendimento. [...] Pra eles terem um atendimento aqui, ter uma fono [fonoaudióloga] aqui, para o município contratar. [...] Só que foi arquivado, né! [...]"*

Até hoje a gente não tem resposta. "Fica evidente nesta fala uma consciência da mãe ouvinte em relação aos seus direitos e do filho, mobilizando as dimensões política e ética da competência em informação, inclusive pensando no bem-estar e na qualidade de vida de outras crianças surdas. Porém, a falta de aderência e apoio dessa iniciativa por parte de outros (as) pais/mães pode ter levado à percepção por parte do Ministério Público de que era uma necessidade individual e não coletiva. Mais pessoas cobrando e exigindo seus direitos, geralmente causa um impacto maior e chama a atenção, inclusive para lutarem juntas.

Percebemos que com base na sua própria experiência, a mãe ouvinte precisou buscar ajuda e informação no Ministério Público (MP), contudo o fato de estar sozinha não gerou o efeito desejado. Em relação à este acontecimento, o ODS 10 da Agenda 2030 prevê a garantia de que a legislação, as políticas e as ações sejam promovidas em benefício das pessoas com deficiência (ONU, 2015), porém, no relato citado pela participante da pesquisa, isso não ocorreu, pois foi arquivado. Complementarmente, o ODS 16 orienta para o direito ao acesso à justiça para todas as pessoas, com vistas à construção de sociedades inclusivas (ONU, 2015). Assim sendo, o direito de ter um fonoaudiólogo no município deveria ser garantido. Perguntamos se ela buscou o MP sozinha ou com outras mães e ela respondeu: *"Praticamente eu fui sozinha né, porque eu convidei várias mães mas ninguém foi. [...] Porque assim, eu falo que eu não fui buscar só para o meu filho. Eu fui...Pelos outros alunos também, né!"* Ainda em relação a esta experiência, a mãe demonstrou ter uma consciência de seu papel social, com muita criticidade e reflexão: *"Por isso que se as mães não buscarem o direito deles, né, quem que vai? A gente tem que fazer por eles!"*

Vale destacar, neste contexto, a explanação de Ferreira e Dudziak (2004, local. [2]): "O aprendizado é o nível mais elevado de apropriação informacional, onde reside o poder de mudança e a possibilidade de adoção de novas posturas enquanto sujeito (ator social / cidadão)." Perguntamos se a mãe ouvinte (participante 2) tentou conversar com outras mães, em todo esse percurso, se foi conversando com outras pessoas. Ela comentou: *"Eu fui sim com a [atual coordenadora da Associação de Pais] (participante 6), com os professores junto. [E] Com o Ministério Público."* Para ir no Ministério Público, a mãe ouvinte tentou conversar com outras famílias, porém

acabaram não contribuindo muito. O apoio maior veio de outras pessoas, no caso, os professores e instituições. Podemos inferir que ela recebeu apoio dos participantes da questão gerativa desta pesquisa, que pertencem à instituição especializada na área da surdez e em Associação de Pais e Amigos dos Surdos.

Nas falas da mãe ouvinte observamos que nem todas as famílias se envolvem nas demandas dos filhos como deveriam. Elas poderiam tentar participar e se interessar um pouco mais: "*É, eu sinto falta dessa parte deles aqui. Porque assim, a maioria não participa.*" A ausência nas atividades é um fator prejudicial para o pertencimento e a competência em informação, porque laços e habilidades podem ser fortalecidas e desenvolvidas nestes momentos. A ausência de participação não acontece somente nesta situação específica. A mãe completou dizendo: "*É muito raro vir numa reunião.*" Neste contexto, segundo Barcellos (2011, p. 68) "As vivências, experiências e informações que as mães vão recebendo acerca da surdez irão moldando suas percepções e, conseqüentemente, as representações das possibilidades linguísticas do filho surdo." Estas possibilidades são ampliadas em outras circunstâncias da vida, como por exemplo inserção no mercado de trabalho com a formação em nível superior, que ficou destacado na fala da palestrante surda do evento observado durante a coleta de dados, que é concursada e tem graduação e pós-graduação. Do outro lado, as perspectivas se limitam quando as mães deixam de receber informações pela ausência de participação e vivência em eventos como o Dia Nacional dos Surdos.

Em se tratando do compartilhamento de informações, o participante 5 salientou: "*Hoje eu divulgo as informações e ajudo os demais surdos em viver e conviver em sociedade.*" No entender de Gesueli (2006, p. 286-287) "[...] o contato das crianças com professores surdos desde muito cedo possibilita o uso efetivo da língua de sinais e dá perspectivas de tornar-se um sujeito pertencente à comunidade surda."

Este resultado reflete o argumento de Strobel (2008, p. 61, grifo nosso):

Os sujeitos surdos que tem acesso à língua de sinais e **à participação da comunidade surda** tem maior segurança, auto-estima e identidade surda. Por isto, é **importante que as crianças surdas convivam com pessoas surdas adultas** em quem se identificam e **tem acesso às informações e conhecimentos no seu cotidiano.**

Essa fala também vai ao encontro de Motti (2005, p. 8) quando afirma que os pais devem propiciar o contato da criança com surdos adultos, porque conforme defendem as pesquisadoras surdas Perlin e Strobel (2014, p. 26) “Para o sujeito surdo ter acesso a informações e conhecimentos e para estabelecer sua identidade é essencial criar uma ligação com o povo surdo o qual usa a sua língua em comum: a língua de sinais.” Daí a importância da presença da palestrante surda no evento do Dia Nacional dos Surdos.

[...] atualmente, procura-se o reconhecimento e a valorização social e política do surdo como um indivíduo que deve ter ressaltada a sua diferença, não como algo com força limitadora, mas como algo que o leva a ser conscientemente concebido como alguém que, diferentemente, demonstra seus sentimentos, seus anseios, seus sonhos e sua fome de liberdade (Nembri, 2011, p. 19-20).

Por outro lado, “Se a família negar-lhes esta participação das crianças ao povo surdo, poderá fazer com que as crianças acreditem que é ruim ser surdo, e isto prejudica o desenvolvimento sadio de identidade das mesmas [...]” (Strobel, 2008, p. 64).

Este dado também mostra que o participante 5 e a palestrante surda exercem o papel de mediadores e multiplicadores da competência em informação ao compartilhar informações com base nas suas próprias existências, de ser surdo/surda, além de auxiliar outras pessoas surdas a viver em sociedade. Para compreender a importância e o significado da atitude do participante 5 e da palestrante surda trazemos reflexões fundamentadas em Bertúlio (2012). Segundo este autor, o multiplicador é

[...] àquele indivíduo responsável pela transmissão de determinado conhecimento e/ou informação a outrem, através de cursos, treinamentos, palestras, e demais eventos semelhantes, ou até mesmo aquela pessoa responsável pelo ensinar em sala de aula, em todos os níveis de escolaridade. (Bertúlio, 2012, p. 37).

Observamos que as atitudes dos participante 5 e da palestrante surda são positivas e estão em conformidade com Miranda (2020, p. 56, grifo nosso), já que os multiplicadores da competência em informação “[...] além de serem capazes de utilizar suas próprias habilidades para o trato com a informação, ainda **podem colaborar para o processo de formação do outro.**”

Já a participante 4 afirmou: *"Eu compartilho informações cotidianas na hora do meu trabalho."* Com base nesta fala, ela também pode ser considerada uma multiplicadora da competência em informação, pois compartilhar informações cotidianas também pode ser de grande valia para as mães. Inclusive, o compartilhamento de informação é uma variável que implica no pertencimento, porque possibilita a criação de um laço afetivo, fazendo com que as mães mantenham uma relação com esta profissional, o que poderá influenciar continuamente na competência em informação de ambas.

Para a participante 6 (Coordenadora da Associação de Pais): *"[...] tanto as mães com surdez e mães ouvintes enfrentam barreiras de natureza comunicacional e atitudinal e necessitam da rede de apoio que visem práticas de mobilização de facilitadores na relação escolar e social."* Com base neste dado, inferimos que a rede de apoio pode ser formada por todos os profissionais da instituição, porque cada um com seus conhecimentos e experiências poderá auxiliar as mães.

Acreditamos também que as barreiras comunicacionais e atitudinais evidenciadas no Dia Nacional do Surdo impactam negativamente no pertencimento, por outro lado, redes de apoio quando estabelecidas fortalecem o pertencimento e por consequência a dimensão política da competência em informação. No entender De Lucca (2019, p. 71, grifo nosso) a dimensão política favorece "[...] o compartilhamento de informações e experiências com pessoas da rede de convívio e a ajuda aos próximos em diferentes contextos para o **enriquecimento da bagagem de conhecimentos e incorporação de novas experiências de vida**".

A participante 6 salientou: *"Sou professora especialista na área da surdez e hoje coordenadora geral [da Associação de Pais], e desde meu começo de carreira na área da surdez sempre tive e tenho um bom relacionamento com as mães dos surdos atendidos tanto na [Associação] quanto na [instituição especializada em surdez]."* É imprescindível que os profissionais que atuam na instituição estabeleçam um relacionamento sadio e saudável com as mães, porque isso refletirá no quanto as mães podem se sentir mais pertencentes. É essencial que a equipe busque capacitação, e isso está em consonância com a competência em informação, já que pessoas que buscam o aprendizado tendem a desenvolver novas habilidades ou aprimorar aquelas que já possuem. No dia Nacional do Surdo, a participante 6 salientou

que possui 35 anos de experiência na área da surdez.

Reforçamos que a participante 6 também pode ser considerada uma mediadora/multiplicadora da competência em informação, porque além de se relacionar com as mães de forma positiva, foi em busca de capacitação e aprimoramento com a especialização na área da surdez. Bertúlio (2012, p. 39) considera que os especialistas “[...] ao dominar determinado assunto, possuem um indispensável pré-requisito para tornarem-se Multiplicadores.” Miranda (2020, p. 18-19) acrescenta que

[...] o processo de formação de multiplicadores deve englobar além das habilidades técnicas para lidar com a informação, também uma **formação concernente a sua atuação pedagógica**, como suas habilidades interpessoais, didáticas, sociais e humanas [...]

Reafirmamos com base em Miranda (2020) que a participante 6 fez uma especialização na área da surdez compatível com seu trabalho nas instituições. Ela poderia ter feito um curso em outra área, entretanto, optou pela surdez e isso faz (e fez) toda diferença pois complementa seus conhecimentos, habilidades e atitudes. Este aprendizado será útil e aplicável em algum momento.

Nesse sentido, Dudziak (2007, p. 93) nos lembra que “A construção da competência nunca termina, pois é um processo dinâmico de auto-renovação e transformação pessoal proporcionado pelo aprender a aprender e pelo aprendizado ao longo da vida.” Quando indagamos se a mãe surda percebe que o aprendizado é benéfico para a filha, ela nos respondeu: “*É bom*”. Com o objetivo de complementar, no questionário pedimos para ela comentar se consegue ensinar a filha surda, por exemplo, ensinar alguns sinais: “*Todo dia, tem sempre [alguma coisa], é comunicação [em] Libras. É, ela sempre pergunta, sempre curiosa, realiza [novos] sinais, é [um] novo vocabulário.*”

Ainda em relação a busca por capacitação e aperfeiçoamento, com o relato da participante 6 percebemos que

[...] é primordial que o docente, principalmente no que diz respeito aos aspectos inclusivos, tenha uma formação base **e continue buscando conhecimentos teóricos para aprimorar sua prática e desenvolver habilidades necessárias** para favorecer a aprendizagem desses alunos. (Melo; Modesto, 2022, p. 100-101).

O argumento das autoras indica que a busca por formação complementar por parte dos profissionais que atuam com pessoas surdas pode refletir tanto na sua própria competência em informação, quanto no desenvolvimento de habilidades das outras pessoas, ou seja, das pessoas com surdez ou das mães, uma vez que eles podem compartilhar seus conhecimentos na própria instituição. Levando isso em consideração, "A formação docente pautada em um olhar inclusivo pode tornar o professor sensível para enxergar as particularidades de cada aluno e a partir delas mediar o processo de aprendizagem." (Melo; Modesto, 2022, p. 103). Isso também vai ao encontro das dimensões ética e estética da competência em informação (Vitorino; Piantola, 2011) que envolvem uma percepção mais humanizada e uma ação direcionada pensando no outro.

As participantes 3, 6 e 7 também mencionaram a parceria entre a instituição especializada em surdez e a Associação de Pais. Quando questionamos se a mãe surda (participante 1) já participou de algum curso de Libras ou evento promovido pela instituição investigada ou outra ela respondeu: a Associação de Pais. O que reforça a importância da parceria já evidenciada. Complementarmente, a participante 3 explicou que "*A [Associação de Pais] tem um papel muito importante na vida delas orientando e auxiliando em todas as áreas que necessitam*". Este resultado revelou que a existência de uma associação de pais que está diretamente vinculada com a instituição especializada e é parceira, funciona como rede de apoio e fonte de informação.

A participante 6 pontuou que a Associação de Pais tem um papel social muito relevante no sentido da afirmação de direitos e atendimentos, ao prevenir isolamentos e se constituir em um espaço de convivência que favorece o protagonismo da pessoa surda. Promove ainda acolhimento, orientação, acesso à serviços, saúde, educação, assistência social e oficinas. Portanto, ela contribui com as mães ao atender suas necessidades, orientar e auxiliar em diversas situações. Isso corrobora para a competência em informação no sentido de constituição e formação de redes ou grupos de aprendizagem e de parcerias com outras instituições, neste caso, a parceria entre a instituição e a associação. Dudziak (2005, local. [4]) ressalta que quando se pensa no desenvolvimento de programas de competência em informação "Envolver-se com a comunidade é a chave do sucesso [...]. Estabelecer parcerias e co-responsabilidades,

estar disponível e ter tempo para o diálogo, saber ouvir e ouvir realmente.”

A participante 7, se referindo a parceria entre a instituição e a associação, enfatizou: *"Nessa instituição temos a Associação de Pais e Alunos surdos que dá todo suporte para essas mães sanando todas as suas dificuldades inclusive ofertando curso de Libras para a família de pessoas surdas"*. Este dado evidencia novamente que a parceria é muito relevante, porque além de apoiar as mães em suas necessidades, oferece o curso de Libras para os familiares e comunidade em geral. Isso reforça novamente o sentimento de pertencer, neste caso, de que as mães possam se sentir parte da instituição e como consequência da comunidade surda, mas também favorece a competência em informação com a oportunidade de que elas desenvolvam e aprendam novas habilidades (comunicacionais e atitudinais), no caso, com a Libras.

Para além do curso de Libras, a participante 3 mencionou que a Associação de Pais promove oficinas para as mães *"Na [Associação] desenvolvemos oficinas com mães surdas para que elas possam ter um convívio social e aprender coisas novas"*. É um fator que favorece a necessidade de pertencer por meio da convivência com outras mães e da aprendizagem, e ao mesmo tempo está ligado à dimensão estética da competência em informação, pois observamos o uso da criatividade para elaborar e desenvolver estas atividades. Em relação a tal aspecto, Vitorino (2018, p. 81) reflete: "Num olhar sob a dimensão estética, o sensível, a criação, a inovação e a autonomia devem se fazer presentes e instigados na formação inicial e contínua das pessoas."

Todos estes aspectos fazem com que a aprendizagem seja desenvolvida na convivência por meio de práticas educativas formais ou informais com as oficinas. No entender de Souza e Alcará (2023, p. 11) "O olhar e perceber o outro, demanda sensibilidade da dimensão estética e isso é possível por meio da aproximação e estreitamento das relações." Em conformidade com este resultado, Ferreira e Dudziak (2004, local. [12]) sinalizam que "O convívio social também é fator motivacional." Isso é imprescindível, pois conforme Righetto, Karpinski e Vitorino (2021, p. 18) "[...] a competência em informação deve se configurar nos mais variados lugares, como, por exemplo, em bibliotecas, instituições de ensino, universidades, bairros, comunidades, residências, na rua, movimentos e organizações." E aqui podemos incluir as instituições especializadas na área da surdez, a exemplo da instituição participante do nosso

estudo.

A fala da participante 3 é similar à narrativa da participante 8: "*Na associação as mães se reúnem, conversam, trocam experiências, angústias e [entendem] que não estão sozinhas.*" (Participante 8). Ou seja, são momentos em que as mães não só convivem, o que já é fundamental para se conhecerem, estreitar os laços afetivos do pertencimento e também um momento para poder conversar, trocar experiências ou angústias e perceber que não estão sozinhas, mas que podem contar umas com as outras e com os profissionais da instituição. Na entrevista quando questionamos se a participante surda acredita que quando ela se sente aceita e vinculada com as outras mães ou pais isso contribui para o aprendizado dela e por que, ela respondeu: "*Sim, porque precisa de ajuda*". Dessa forma, ela percebe que necessita da ajuda de outras pessoas, no caso, outros pais, mães ou profissionais.

Essa dinâmica influencia a competência em informação. Cada vez mais acreditamos que a competência em informação é um processo coletivo que a pessoa não realiza sozinha e de modo isolado, mas nas relações que estabelece com outras pessoas. Dudziak (2007, p. 87) infere que "[...] a existência de cidadãos emancipados e socialmente incluídos depende da capacidade de todos (coletividade), e de cada um, de desenvolver continuamente a competência em informação, o aprender a aprender e o aprendizado ao longo da vida." Quando indagada sobre o fato de se sentir parte da instituição especializada ou da comunidade surda, se isso contribui para que busque outras informações, a mãe surda respondeu: "*Às vezes*".

6.3.3 Pessoas multiplicadoras da competência em informação no contexto da surdez

A participante 7 destacou que a instituição "*[...] Também possui a assistente social para ajudar e auxiliar as dificuldades dessa[s] família[s]*". Este resultado mostra a importância de fazer parcerias com outros profissionais que é também um aspecto favorável ao desenvolvimento da competência em informação. A assistente social pode apoiar as mães em suas dificuldades e com seus próprios conhecimentos, torna-se uma mediadora e multiplicadora. Françoze (2003, p. 77) pontua que "Diferentes profissionais, hoje, atuam com a família: o fonoaudiólogo, o

psicólogo, o terapeuta ocupacional, o assistente social. Cada um toma para si determinado corpo de conhecimentos que orienta sua ação.” Com base no resultado e na afirmação de Françoze (2003) é possível afirmar que cada profissional mobilizará sua própria competência em informação para auxiliar as mães.

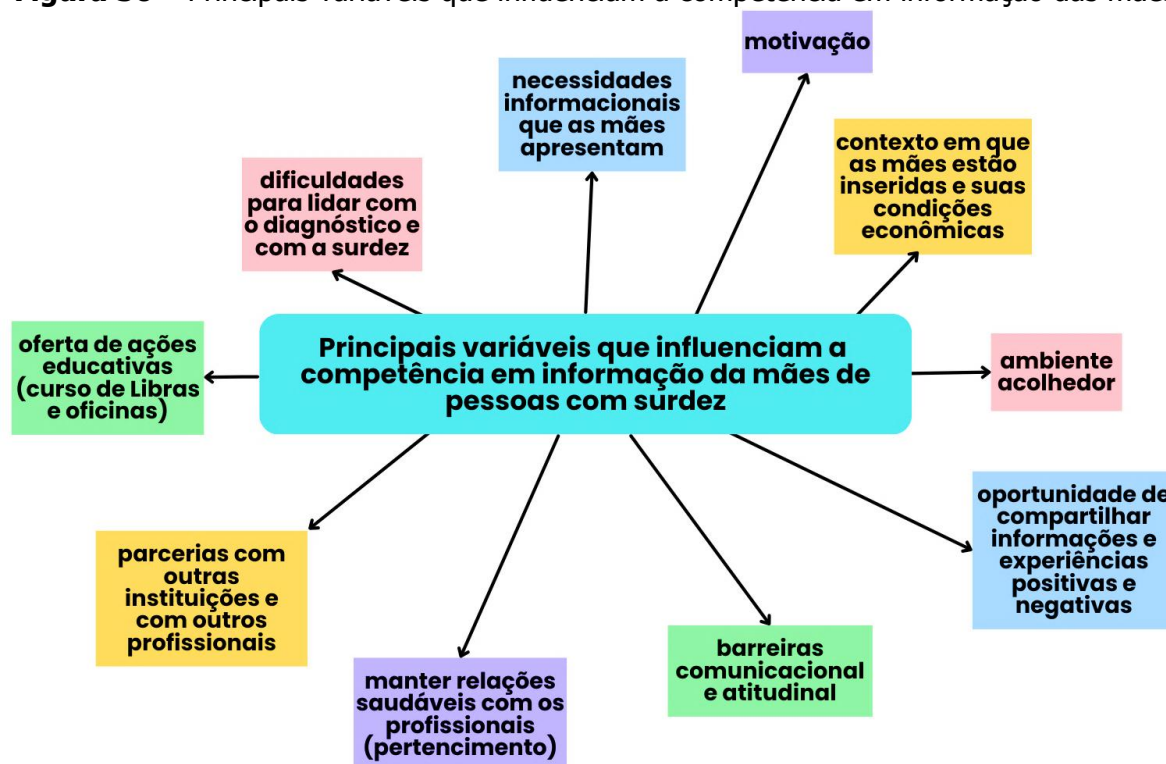
Os elementos identificados nos resultados são importantes para que durante ou ao final do processo, as mães consigam se apropriar da informação.

Considerando que a apropriação informacional emerge do processo de aprendizado, ela deve englobar além de uma série de habilidades e conhecimentos, a noção de valores e atitudes ligados à dimensão social e situacional, incluindo a ética, a autonomia, a responsabilidade, a criatividade, o pensamento crítico e o aprender a aprender [...] (Ferreira; Dudziak, 2004, p. 5).

Os dados aqui analisados nos permitem afirmar que todos os profissionais da instituição são multiplicadores da competência em informação. Eles compartilham informação com as mães de acordo com sua realidade e contexto da função que desempenham: seja em sala de aula, na secretaria, em reuniões, ou na cozinha, enquanto tomam um café. Este ponto se destaca, porque para as mães é necessário também conversar sobre outros assuntos mais informais, isso traz um alívio, diminui a sobrecarga da rotina do dia a dia.

Com base nos resultados, podemos dizer que as variáveis que mais influenciam a competência em informação das mães neste estudo encontram-se na Figura 50 a seguir:

Figura 50 – Principais variáveis que influenciam a competência em informação das mães



Fonte: Elaborada com base nos resultados da pesquisa e recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da imagem): Figura com os dizeres centralizados: principais variáveis que influenciam a competência em informação das mães. Ao redor ligadas por setas: dificuldades para lidar com o diagnóstico e com a surdez; necessidades informacionais que as mães apresentam; motivação; contexto em que as mães estão inseridas e suas condições econômicas; ambiente acolhedor; possibilidade de compartilhar informações e experiências positivas e negativas; barreiras comunicacional e atitudinal; manter relações saudáveis com os profissionais (pertencimento); parcerias com outras instituições e com outros profissionais e oferta de ações educativas (curso de Libras e oficinas).

Em suma, as principais variáveis que influenciam a competência em informação das mães são: a) dificuldades para lidar com o diagnóstico e com a surdez; b) necessidades informacionais que as mães apresentam; c) motivação; d) contexto em que as mães estão inseridas e suas condições econômicas; e) ambiente acolhedor; f) possibilidade de compartilhar informações e experiências positivas e negativas; g) barreiras comunicacional e atitudinal; h) manter relações saudáveis com os profissionais (pertencimento); i) parcerias com outras instituições e com outros profissionais e j) oferta de ações educativas (curso de Libras e oficinas).

Neste contexto, julgamos necessário propor alguns princípios para promover ações educativas e a competência em informação deste público, seja nas bibliotecas ou nas instituições especializadas. Explanaremos na próxima categoria

algumas reflexões a esse respeito.

6.4 AÇÕES E PRINCÍPIOS PARA PROMOÇÃO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E DO PERTENCIMENTO DAS MÃES DE PESSOAS COM SURDEZ

Nesta categoria apresentaremos as ações desenvolvidas pelas instituições participantes desta pesquisa e ao final elencamos princípios para promover a competência em informação das mães. Para promover a competência em informação e o pertencimento das mães de pessoas com surdez precisamos estabelecer princípios fundantes, que darão base para o planejamento e execução das ações.

A própria instituição realiza atividades que de uma forma ou de outra refletem na competência em informação. Já citamos o curso de Libras ofertado pela Associação de Pais, e no dia da entrevista observamos os preparativos para uma Festa Junina. Esta última mantém uma ligação direta com o pertencimento, favorecendo o convívio, conexões e relações entre as pessoas em uma festa típica do mês de junho. Nas redes sociais da instituição especializada observamos que outras datas são comemoradas como por exemplo: o Dia das crianças e Dia das mães. Esta última é significativa, pois faz com que as mães sejam lembradas e valorizadas.

Na entrevista com as duas mães, quando perguntamos se a instituição promove eventos, a mãe ouvinte comentou: "*Tem eventos.*" E salientou os eventos para comemorar e lembrar da surdez: "*A gente faz. Dia 26 de setembro a gente comemora o dia do surdo. A gente faz um movimento lá na praça, faz caminhada.*" Não conseguimos, durante o processo de coleta de dados, participar dessa caminhada, entretanto, pelo relato da mãe ouvinte e pelas fotos disponíveis nas redes sociais da Associação de Pais, notamos que é uma mobilização que envolve a equipe da instituição e da Associação de Pais participantes desta pesquisa com a presença de familiares e dos próprios estudantes surdos, levando uma mensagem (e as bandeiras das duas instituições) pelas ruas do centro do município. Em 2024, a caminhada até a Praça da região central fez parte das ações da Semana da Deficiência.

A caminhada pelo centro do município espelha o ODS 17 da Agenda 2030. Este objetivo de desenvolvimento sustentável incentiva e promove parcerias públicas e com a sociedade civil a partir desta estratégia de mobilização (ONU, 2015).

Além das atividades no mês de setembro (Setembro Azul) a mãe ouvinte lembrou da "[...] *Semana da Pessoa com Deficiência que inclui as três entidades [do município]. Que é a [Associação de Pais de Pessoas com Surdez], a APAE aqui e [a instituição] da visão. [...] a gente se reúne [e] faz um movimento também.*" Em 2024 elas fizeram uma caminhada pelo centro da cidade com cartazes: "*A gente faz caminhada, distribui panfletos na avenida.*" (Mãe ouvinte). Portanto, essa participação da mãe ouvinte na caminhada é favorável ao seu pertencimento.

Quando perguntamos durante a entrevista se a instituição especializada desenvolve atividades para aconselhar as famílias e para conversar sobre a surdez, a mãe surda respondeu que sim. Complementamos tal questionamento, perguntando para a mãe ouvinte se na escola que o filho estuda são desenvolvidas atividades para aconselhar e auxiliar as famílias e se tem alguma atividade específica para as mães. Ela explicou que na instituição as ações são "[...] *mais para os alunos mesmo, né*".

As ações desenvolvidas não são organizadas pelos próprios pais, no sentido de planejamento, porém percebemos, durante a observação no Dia Nacional dos Surdos, que as mães se envolvem bastante, ajudando em todos os detalhes do início ao fim. Segundo a mãe ouvinte quem fica responsável pela organização das atividades do mês de setembro é: "*O município*". Tal iniciativa do município foi enaltecida pela intérprete em sua fala.

Em outras ocasiões a mãe ouvinte destacou que: "[...] *eles abrem espaço no Cine Teatro que a gente tem aqui e daí, os professores se reúnem lá, aí tem palestra, tem apresentação deles em Libras. [...] Tem teatro.*" No Dia Nacional do Surdos, evento do qual participamos, a peça teatral apresentada foi "A árvore surda" (Figura 51).

Figura 51 – Cena da Peça de teatro: “A árvore surda” produzida e adaptada pela instituição especializada e a Associação de Pais



Fonte: Dia Nacional dos Surdos (2024).
Arquivo pessoal da proponente da pesquisa.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Foto de uma cena da peça teatral “A árvore surda”.

Notamos que a maioria do elenco foi composta por os atores surdos (crianças e adultos) que pertencem à própria instituição especializada e à Associação de Pais, ou seja, professores e estudantes. Os filhos das participantes ouvinte e surda desta pesquisa atuaram na peça e as mães (surda e ouvinte) participantes desta pesquisa estavam lá prestigiando os filhos. O primeiro (filho surdo) era o protagonista, interpretando a árvore surda e a segunda (criança surda) interpretou uma borboleta. Suas atuações foram destaque na peça. No questionário quando pedimos para a mãe ouvinte citar exemplos de atividades desenvolvidas que ela participa, a resposta foi: *“Sim, participo da Semana da Surdez, eles apresentam teatro.”*

O texto da encenação deixou uma mensagem e tocou em questões sobre o diagnóstico da surdez, as características da condição e a importância do intérprete e da Libras. Para além das informações técnicas ressaltadas na apresentação, observamos novamente o desenvolvimento da dimensão estética da competência em informação (Vitorino; Piantola, 2011), pois a equipe mobilizou a imaginação e a criatividade quando produziu o figurino dos personagens e o cenário, assim também adaptando o texto.

No entendimento de Santos (2022, p. 165) a pessoa surda ou ator surdo consegue se comunicar dentro e fora do teatro com qualquer público. Por isso “[...] é preciso problematizar a necessidade de disseminação de um teatro feito por surdo e que possa ser apreciado por toda a sociedade, uma teatralidade que esteja alinhada às características das pessoas com surdez.” Os eventos comemorativos do Dia Nacional dos Surdos realizados pela instituição especializada em surdez e associação de pais, em parceria com a e Secretaria da Educação, oportunizam estes momentos e experiências, tanto para os atores quanto com o público que contempla sua atuação. Foi salientado no evento que a experiência teatral ajuda a promover as habilidades motoras e sociais das pessoas surdas.

[...] o surdo quando se utiliza da sua gestualidade, dos seus movimentos cênicos, das suas enunciações vibrantes com o corpo, no seu olhar, respirar, andar em cena, em suma, ao se mostrar como sujeito comunicante, engendra uma maneira particular de ação dramática. (Santos, 2022, p. 157).

Vale frisar que em 2024, o evento do dia 26 de setembro (Dia Nacional dos Surdos) aconteceu em uma igreja evangélica que fica localizada próxima da instituição especializada. O pastor presente fez uma fala valorizando a surdez, não no sentido de cura, mas de que Deus se manifesta de diferentes maneiras. Na sequência foi feita uma oração e quem sabia rezou em Libras.

Em relação à Associação de Pais, a participante 6 comentou na questão gerativa de narrativa: *"A [Associação de Pais] desenvolve várias oficinas para interação em diversos temas relevantes com as mães de pessoas com surdez de maneira que criam laços com a [instituição especializada em surdez] e se prontificam a participar das ações determinad[a]s."* Já comentamos anteriormente, contudo vale reforçar que o desenvolvimento de ações, no caso, das oficinas permite que laços sejam fortalecidos, implicando na satisfação do pertencer: *"Criei o Clube de mães que atuam nas oficinas de bordados, costura em artesanato, culinária (panificação, ovos de chocolate) e outros, chaveiros em pedrarias e artesanatos diversos"* (Participante 6). O desenvolvimento das ações mencionadas pela participante 6 tende a promover a competência em informação e o pertencimento porque: *"Nesses encontros elas se interagem trocando experiências e se socializando"* (Participante 6).

Quanto à oficina de bordados, uma ação similar foi desenvolvida pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), com a oficina "Transbordados: Encontro entre Gestos e Arte" para pais e responsáveis de estudantes surdos estreitarem laços por meio da técnica do bordado, que funciona também como oportunidade de convivência e acolhimento. (INES, 2023).

No Dia Nacional dos Surdos (2024) a participante 6 citou as principais ações desenvolvidas, conforme ilustra a Figura 52:

Figura 52 - Principais ações desenvolvidas pela instituição especializada e a Associação de Pais



Fonte: Elaborada com base nas informações compartilhadas no Dia Nacional dos Surdos (2024) e recursos do Canva.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Figura colorida com as ações desenvolvidas pela instituição especializada e pela Associação de Pais: Projeto Libras Socializa; Projeto Informa; Canto e Grupo de Teatro; passeios e eventos em geral; Corrida dos Surdos e Oficina de Arte, Artesanato e Culinária (Laboratório Gastronômico).

Compreendemos que estas ações fundamentam a formação da competência em informação tanto das mães quanto dos filhos. O Projeto Libras Socializa é um projeto de Libras para pessoas surdas de outras cidades que chegam no município; o Projeto Informa promove a inclusão dos surdos tanto no ambiente digital quanto no mercado de trabalho. Com propósitos de interação e vivência social são realizados eventos, como por exemplo a Corrida dos Surdos e passeios, além do

Grupo de Teatro “Surdos, mas não mudos” e canto. Complementarmente, são ofertadas as oficinas de arte, artesanato e culinária. Esta última conta com Laboratório Gastronômico, que está aberto para outras escolas. Sobre isso, a mãe ouvinte comentou no questionário: “[...] eles tem aula de informática, as vezes de culinária.”

No questionário, ao indagarmos a mãe ouvinte sobre a importância da instituição especializada em surdez e de como teria sido sua vida sem esta instituição, ela explicou: “Pra mim foi muito importante porque meu filho aprendeu Libras para se comunicar, sem [a instituição] ele não teria nenhum tipo de comunicação.” Foi possível notar que a aprendizagem da Libras se constituiu como um dos aspectos mais pertinentes, alinhada com outros aprendizados mencionados nesta análise igualmente necessários para mãe e filho.

Na última apresentação do Dia Nacional dos Surdos de 2024, os estudantes da instituição e da Associação de Pais apresentaram uma faixa com a mensagem: “Fazemos barulho para que nos ouçam!” (Figura 53):

Figura 53 – Apresentação final do Dia dos Surdos



Fonte: Dia Nacional dos Surdos (2024).
Arquivo pessoal da proponente da pesquisa.

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Foto da apresentação final com estudantes da instituição especializada e da Associação de Pais.

Por fim, constatamos que a instituição, por meio das ações desenvolvidas pode transformar a vida das mães e dos filhos, dando-lhes as condições necessárias para aprender, formar e aprimorar as habilidades da competência em informação

tornando-as multiplicadoras com novos objetivos de vida. Mas para isso acontecer elas precisam se sentir pertencentes, estabelecer vínculos e criar uma rede de colaboração e aprendizagem sobre a surdez.

Em resumo, as chances de desenvolver a competência em informação e fortalecer o pertencimento das mães e dos filhos surdos aumentam conforme a variedade de ações disponíveis, seja nas instituições especializadas ou nas bibliotecas. Ações que precisam ser divulgadas amplamente e de alguma forma tornar a vida dessas pessoas melhor e mais digna. Para isso precisamos refletir sobre alguns princípios norteadores da competência em informação e faremos isso a seguir.

6.4.1 Princípios para competência em informação das mães de pessoas com surdez

Conforme citado anteriormente as ações para a promoção da competência em informação e pertencimento precisam ser pautadas e ter como “pano de fundo” alguns princípios. Princípios para o desenvolvimento da competência em informação podem ser entendidos “[...] como um conjunto de proposições ou conhecimentos fundamentais que podem servir como subsídio para a elaboração de estratégias, ações ou programas de competência em informação [...]” (Pellegrini, 2022, p. 206). Corroborando com Pellegrini (2022), Righetto (2022, p. 220) afirma

Esses princípios são considerados oportunos de serem delineados para servir de subsídio para ações, projetos e programas para o desenvolvimento da competência em informação de grupos em vulnerabilidade social/minorias sociais, partindo tanto do arcabouço teórico-conceitual exteriorizado quanto das manifestações evidenciadas, oferecendo solidez à construção efetivada.

Assim sendo, alguns **princípios que podem ser norteadores para as ações de formação da competência em informação e fortalecimento do pertencimento das mães** são:

- 1) Garantia de acesso à informação e fontes que apoiem as necessidades e demandas informacionais das mães, incluindo informações sobre a surdez, recursos educacionais, legislação e direitos, como lidar com os sentimentos da maternidade, assim como demais serviços disponíveis no âmbito da surdez;

- 2) Educação e formação continuada, com espaços e oportunidades para que as mães aprendam a buscar, avaliar, interpretar e usar a informação nos mais diferentes contextos, inclusive nos ambientes digitais e situações cotidianas;
- 3) Ações com viés educativo, social e psicológico onde as mães possam desenvolver as dimensões ética, estética, política e técnica da competência em informação;
- 4) Diferentes formas de comunicação e expressão entre mães e filhos surdos;
- 5) Valorização e desenvolvimento de habilidades artísticas, culturais e informacionais das pessoas surdas e das mães;
- 6) Condições para que as mães possam conviver com outras pessoas surdas e seus familiares;
- 7) Apoio emocional e psicológico para lidar com os desafios e fortalecer seu senso de pertencimento e comunidade;
- 8) Envolvimento e participação com vistas a promover a inclusão ativa das mães em grupos de apoio, fóruns, coletivos de mães e redes sociais onde possam compartilhar vivências e experiências e obter apoio mútuo;
- 9) Demonstração da importância das atitudes das mães, evidenciando que elas são mediadoras e multiplicadoras de informação e de conhecimento;
- 10) Valorização da participação e do envolvimento das mães nas diversas atividades promovidas e pertença na comunidade surda;
- 11) Ambientes mais acessíveis, acolhedores, confortáveis e inclusivos onde mães e filhos possam aprender, brincar e se divertir juntos e com isso promover o bem-estar e o sentimento de pertença;
- 12) Sensibilização e formação de diferentes profissionais (psicólogos, psiquiatras, terapeutas, médicos, enfermeiros, fonoaudiólogos, professores, advogados, assistentes sociais, bibliotecários, intérpretes e tradutores de Libras, entre outros) para que compreendam as necessidades e realidades dessas mães e possam oferecer suporte e apoio; evidenciando e valorizando o papel e a relevância desses profissionais e das instituições que atuam na área da surdez.
- 13) Sensibilização para a criação de uma equipe multidisciplinar para ouvir as dores; sofrimentos; lutos e lutas das mães, onde elas possam chorar e se abrir sempre que precisarem;

- 14) Sensibilização de outras mães do mesmo grupo ou da comunidade, possibilitando o contato e convívio até mesmo com outras pessoas com deficiências e suas famílias;
- 15) Sensibilização da sociedade em relação aos desafios vividos por mães e filhos surdos (nas escolas e nas empresas).

Portanto, ações e atividades com as mães surdas e ouvintes devem ser promovidas levando em conta esses princípios. Alguns exemplos de ações para promover a competência em informação e o pertencimento das mães de pessoas com surdez são: a) Formar parcerias com outras instituições, tanto especializadas quanto de ensino (universidades); b) Planejar cursos com mães e filhos surdos conforme suas necessidades, exemplos: cursos de desenho, teatro, esporte, informática e outros; c) Promover e visitar eventos sobre a surdez em espaços culturais com exposições/ações no mês de Setembro e no Dia Nacional dos Surdos, assim como em demais ocasiões em que se fazem necessários esses eventos; d) Criar e ampliar os acervos e, quando necessário, criar uma biblioteca nas instituições especializadas com obras de autores surdos, sobre a surdez e com literatura infantojuvenil, jogos e brinquedos; e) Oportunizar o diálogo com as mães de pessoas com surdez em outros ambientes para além dos espaços das instituições especializadas (mercado, igreja, posto de saúde, ambiente de trabalho); f) Oportunizar momentos para as mães expressarem suas próprias demandas de mulher; g) Incentivar que as bibliotecas públicas municipais e escolares se mobilizem para fazer exposições de obras e desenhos produzidos pelas pessoas surdas e o artesanato das mães; h) Convidar as mães surdas e ouvintes para integrar projetos de livros humanos/livro aberto; i) Articular vagas de trabalho para que profissionais surdos e familiares possam atuar em diferentes ambientes informacionais; j) Convidar as mães para integrar a equipe da instituição e ouvi-las antes de propor qualquer ação; k) Ofertar curso gratuito de Libras aberto para comunidade externa nas universidades e demais instituições; l) Ofertar cursos e oficinas de formação sobre a surdez para professores e servidores municipais; m) Escolher atividades onde as mães possam compartilhar suas habilidades informacionais com outras pessoas para que se sintam mais valorizadas, representadas, respeitadas e reconhecidas; n) Apresentar as bibliotecas como fontes e espaços de informação, conhecimento e cultura; o) Convidar as mães e familiares

de pessoas com surdez para conversar com outros pais e professores nas escolas regulares; p) Promover eventos de conscientização nas escolas regulares sobre atitudes preconceituosas e respeitadas com as pessoas surdas e/ou com outras deficiências; q) Possibilitar o contato e promover debates sobre produções que apresentam personagens com deficiência (surdez) ou de autores com deficiência (autores/atores surdos): filmes, teatro, séries, desenho animado, livros (com e sem palavras), telenovelas; obras de arte, histórias em quadrinhos, entre outros.

Muitas das ações que identificamos em bibliotecas, dentre as quais: cursos e oficinas de Libras, contação de história em Libras e clube do livro, sarau de poesia, lançamento e doações de livros, exposições, exibição de filmes, palestras, visita à biblioteca, projeto de leitura, roda de conversa e bate-papo, fortalecem os princípios aqui propostos e podem contribuir com as habilidades informacionais e o pertencimento das pessoas surdas e seus familiares.

Para Pellegrini, Herrera e Vitorino (2023, p. 24) propostas assim tem como resultado um aprendizado mais atrativo. Desse modo “[...] programas de competência em informação podem ser contextualizados em termos de casa, família, comunidade, direitos sociais e civis, bem como incorporar o uso das tecnologias e de mídias sociais [...]”. Outros princípios poderiam ser elencados aqui. Acreditamos que todo princípio precisa estar vinculado com a sensação de acolhimento. Concordamos com Pellegrini (2022, p. 211) quando diz que o acolhimento influencia positivamente no aprendizado, pois “[...] pode representar a obtenção de melhores resultados de aprendizagem.” E, conseqüentemente, ampliará o sentimento de pertencer refletindo na competência em informação. Do contrário, quando a pessoa não se sente acolhida, sentimentos depreciativos podem surgir fazendo com que ela se distancie cada vez mais. E sem pessoas nada fará sentido.

Os princípios fundamentam as ações. Práticas educativas e ações são desenvolvidas para promover habilidades e o aprendizado, entre outros aspectos. Com base nos resultados desta pesquisa e tomando como apoio os Quadros 3, 4 e 5 do referencial teórico identificamos habilidades das mães surda e ouvinte. Estas habilidades para competência em informação foram agrupadas em: a) habilidades técnicas e operacionais; b) habilidades cognitivas e c) habilidades comunicacionais, sociais e afetivas (Figura 54).

Figura 54 - Habilidades que as mães surda e ouvinte estão desenvolvendo

Habilidades técnicas e operacionais (recursos tecnológicos e informacionais)	Habilidades cognitivas (conhecimentos técnicos e científicos)	Habilidades comunicacionais, sociais e afetivas
<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a lidar com recursos informacionais tecnológicos (Exemplo: WhatsApp) • Saber localizar e usar a informação disponível em fontes informacionais (físicas e humanas) • Saber compartilhar informações com outras pessoas • Participar das atividades promovidas pela instituição e Associação de Pais para refletir e se apropriar da informação, do conhecimento e da cultura surda compartilhados nestas ocasiões • Aprender a Língua de Sinais ou outras formas de comunicação (desenho) com a pessoa com surdez • Saber como buscar atendimento médico e jurídico • Frequentar as instituições especializadas na área da surdez, entre outras • Conversar sobre a surdez com os profissionais das instituições especializadas, familiares, vizinhos e professores 	<ul style="list-style-type: none"> • Buscar conhecimento (cultural e local) sobre a surdez • Ter acesso à estudiosos, especialistas e profissionais na área da surdez • Manter contato com a comunidade surda • Conhecer as leis para compreender os direitos dos filhos surdos • Buscar aprender continuamente para promover a sua própria motivação, suas habilidades e o aprendizado de seus filhos surdos • Compreender, relacionar, compartilhar e multiplicar as informações e os conhecimentos sobre a surdez com seu filho surdo, demais familiares, com pessoas surdas, profissionais da instituição e Associação de Pais, na escola e na sociedade em geral (vizinhos) • Saber lutar e exigir seus direitos • Buscar e participar de palestras, atividades artísticas e culturais, encontros e eventos sobre a surdez • Ser parceira de pessoas surdas, profissionais e instituições (escola, instituição especializada, Associação de Pais, entre outras) • Buscar aprender para auxiliar os filhos nas atividades escolares 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber ouvir e ser solidária com outros surdos • Motivar sua própria aprendizagem • Saber compartilhar suas experiências pessoais com outras pessoas • Fortalecer o próprio sentimento de pertencimento à Associação de Pais e Mães e a instituição especializada • Criar um ambiente familiar receptivo e usar a informação para auxiliar e para participar da vida dos filhos surdos • Conhecer e conviver com outras pessoas surdas e fortalecer o sentimento de pertencimento à comunidade surda • Viver a experiência visual com os filhos surdos • Frequentar e participar das atividades promovidas pelas instituições especializadas na área da surdez, pela comunidade surda e pela Associação de Pais de Surdos no mês de Setembro • Buscar incluir o filho surdo na própria família, na escola e na comunidade surda • Estar aberta a dialogar com diferentes profissionais • Saber como combater a discriminação e o preconceito que envolvem a surdez • Criar e fortalecer os laços do pertencimento entre mães e filhos surdos, outras famílias e outras pessoas • Brincar com os filhos surdos

Fonte: Elaborado com base nos Quadros 3, 4 e 5 do referencial teórico e nos resultados da pesquisa.

Vale salientar que as mães de pessoas com surdez também podem manifestar habilidades para tornarem-se resilientes, pertencentes e aprenderem a aprender ao longo da vida. É preciso despertar a necessidade de pertencimento das mães, pois a sensação de pertença e a criação de vínculos mais duradouros tende a fortalecê-las, contribuindo para que não desistam do aprendizado e, de seus filhos surdos. Isso significa ter uma orientação e um objetivo para ação que as leve a se sentir parte de um todo e por isso mesmo se identificar e perceber a importância de desenvolver suas próprias habilidades.

Os 15 princípios para competência em informação aqui mencionados, quando associados aos exemplos de ações no contexto da surdez servem como base para ampliar, nortear e potencializar estas ou outras habilidades de mães surdas e ouvintes. No decorrer da pesquisa enfatizamos a biblioteca, porém, segundo Righetto (2022, p. 225), os princípios “[...] devem se configurar além das bibliotecas e das instituições de ensino formais, ou seja, em bairros, comunidades, residências, na rua, em movimentos e nas organizações [...]”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa novos horizontes para os estudos da competência em informação se revelaram, tomando como base as questões afetivas, emocionais (psicológicas), educacionais, informacionais e sociais atreladas a necessidade de pertencimento de mães de pessoas com surdez. O estudo refletiu uma realidade e a apresentou as dores, alegrias e lutas da maternidade que é influenciada por contextos pessoais (ser mãe surda ou ser mãe ouvinte).

Retomando nosso objetivo geral, foi possível analisar as relações e conexões entre a competência em informação e a necessidade de pertencimento das mães de pessoas com surdez. De fato, quando as pessoas se sentem mais pertencentes, isto é, aceitas, vinculadas e conectadas com outras, as possibilidades de aprender e desenvolver a competência em informação se ampliam, tanto em termos individuais, quanto coletivamente.

Quanto ao objetivo específico A, averiguamos que as principais habilidades para a formação e o desenvolvimento da competência em informação das mães são: aprender e saber buscar e localizar informações sobre a surdez e outras questões (educação, direitos), aprender e saber lidar com necessidades e fontes informacionais (e humanas), aprender e saber buscar o apoio de instituições especializadas na área da surdez, aprender Libras em família e outras formas de comunicação e com isso fortalecer ainda mais o pertencimento.

Identificamos também as habilidades dos profissionais de uma instituição especializada na área da surdez e uma Associação de Pais e amigos dos surdos, que buscam capacitação continuamente, ofertam e administram diversas atividades e não desistem de seus propósitos, tornando-se multiplicadores da competência em informação, o que pode ser associado aos sete papéis (do bibliotecário) estabelecidos pela ACRL (2017): ao defender/advogar os direitos das mães e dos filhos, coordenar as atividades, instruir as pessoas surdas e as mães, aprender continuamente sobre a surdez, liderar a comunidade surda local, ensinar e fazer parceria com outras pessoas e instituições (como por exemplo a Prefeitura e os professores da Rede Municipal com a oferta do curso de Libras e participação no Dia Nacional do Surdos).

Em relação ao objetivo específico B, constatamos que as principais

variáveis que implicam no sentimento de pertencimento das mães são: o estado emocional e psicológico, variando da aceitação ou negação, as experiências profissionais e de vida (ser surdo, ser mãe ouvinte ou surda, ter familiar surdo, atuar em uma instituição especializada), convivência com pessoas surdas, saber criar e manter laços afetivos com outras pessoas, frequência, participação e envolvimento nas ações promovidas pela instituição.

O objetivo específico C, que se referia às variáveis do pertencimento que influenciam a competência em informação das mães, notamos que estão intrinsicamente ligados: as dificuldades para lidar com o diagnóstico e com a surdez; as necessidades informacionais e dificuldades que as mães possuem; a motivação; o contexto (entorno) em que as mães estão inseridas e suas condições econômicas; ambientes acolhedores; oportunidades de compartilhar informações e experiências positivas e negativas; barreira comunicacional e barreira atitudinal; habilidade para manter relações saudáveis com os profissionais e outros familiares; formação de parcerias com outras instituições ou com outros profissionais e oferta de ações educativas como por exemplo curso de Libras e oficinas.

Quanto ao objetivo específico D, relativo aos princípios para promoção da competência em informação das mães de pessoas com surdez, foi possível idealizar, com base nos resultados da pesquisa de campo, assim como no referencial teórico, princípios que podem ser norteadores e orientadores para ações de formação da competência em informação e fortalecimento do pertencimento em diferentes contextos.

Mediante o exposto, realçamos o significado de estudos e pesquisas à nível local ou regional visto que: "É no plano local, onde ocorrem as experiências e o verdadeiro capital social, aquele que nasce e se alimenta da solidariedade como valor humano." (Pellegrini, 2022, p. 202). Ao fazer o levantamento de práticas educativas no âmbito da surdez, também percebemos outras instituições promovendo ações como por exemplo: escolas, instituições especializadas, universidades e museus. Portanto, entendemos que os objetivos foram alcançados.

Respondendo a nossa questão norteadora: o pertencimento influencia e impacta a competência em informação das mães (e vice-versa) direta e indiretamente, às vezes de forma simples (e mais acolhedora), ou de uma forma complexa: quando

a mãe é recebida na instituição com um café quentinho logo pela manhã e conversa sobre situações rotineiras ou quando descobre e desenvolve uma habilidade sozinha que nem sabia possuir (podemos citar como exemplo a estratégia de pedir para o filho surdo desenhar). Com base nos resultados obtidos percebemos a mãe ouvinte manifestando um sentimento de pertença à instituição um pouco maior quando comparada à mãe surda. Contudo, não é possível chegar a essa conclusão apenas com base nos resultados, pelo fato da interação com a mãe surda ter sido menor.

Em relação à hipótese do estudo diretamente associada com a nossa questão, ou seja, a competência em informação sendo influenciada pela necessidade de pertencimento e o pertencimento impactado pela competência em informação compreendemos que a pesquisa trouxe algumas evidências de que as mães de pessoas com surdez precisam se sentir pertencentes, ou seja, integradas e inseridas no universo da surdez e com isso se sentirem motivadas para continuar aprendendo com a informação e assim formar e desenvolver as habilidades para competência em informação e, posteriormente, orientar os filhos, etc. Além disso, os participantes da pesquisa estão fortalecendo sua necessidade de pertencer ao mesmo tempo que desenvolvem habilidades em grupo ou dentro de suas realidades. Porém, considerando a amostra reduzida de participantes desta pesquisa, julgamos necessário mais estudos para fortalecer e ampliar essas evidências.

De forma geral, os resultados desta pesquisa estão contextualizados com a linha 2 (a qual integramos) do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (PPGCI/UEL): Compartilhamento da Informação e do Conhecimento. Os resultados revelam que lidar com a informação e o conhecimento sobre a surdez ou com seus próprios sentimentos e demandas de mulher-mãe ou de profissional, conduz a uma mudança e melhoria das condições de vida.

Quanto às pesquisas futuras, percebemos que ainda é preciso conhecer o universo e as necessidades de mães surdas com filhos ouvintes. Assim também, ampliar os princípios para competência em informação das mães, investigar as ações desenvolvidas nas bibliotecas (em relação à acessibilidade e inclusão) ou outras instituições para pessoas surdas, compartilhadas em sites e redes sociais no contexto nacional e internacional. É fundamental estudar as habilidades informacionais das

peças surdas e dos profissionais da área da surdez, conhecer outras instituições especializadas no Brasil e no mundo, e estudar a competência em informação das mães, associada com outras necessidades psicológicas básicas (autonomia e competência). Pesquisas sobre a criação de aplicativos que conectem as mães e forneçam fontes de informação confiáveis também são necessárias.

Pensando nos resultados deste estudo podemos questionar: Será que mães de pessoas com surdez frequentam bibliotecas assiduamente? Será que elas participam das ações desenvolvidas? Que outras ações poderiam ser desenvolvidas com este público para promover acolhimento, cuidado, acessibilidade e pertença? São elementos para serem investigados e aqui trazemos alguns indicativos. Nesse sentido, considerando a relevância destes espaços, a instituição investigada poderia ter uma biblioteca com bibliotecário. Ambos seriam um diferencial na vida de mães e filhos surdos.

Dentre as principais limitações encontradas estão: a quantidade reduzida de mães participantes pode não ter revelado outros tipos de habilidades dessa população. O fato da proponente da pesquisa não dominar Libras, pode, de certo modo, ter prejudicado o diálogo com a mãe surda. Também sentimos que as questões da entrevista estavam um tanto rebuscadas, o que fez com que tivéssemos que adaptá-las constantemente durante a nossa conversa com as mães, procurando exemplificar e detalhar um pouco mais a temática abordada. Levando em conta as experiências e vivências de cada mãe (surda e ouvinte) o roteiro da entrevista poderia ser elaborado considerando o contexto de cada mãe, tal como fizemos no questionário. Neste caso, pessoas em situações diferentes necessitam de perguntas específicas, portanto as questões do roteiro não poderiam ser similares.

É possível observar que as falas da mãe surda são mais sucintas quando comparadas com a mãe ouvinte. De nossa parte encontramos dificuldades para interagir com a mãe surda em razão da comunicação, que ocorreu em partes na Língua de Sinais e em outros momentos de forma oralizada. Durante a vida, a mãe surda foi oralizada e atualmente está ampliando seus conhecimentos em Libras. Assim sendo, não conseguimos avançar/explorar algumas questões durante a entrevista, mesmo com o apoio, mediação e trabalho do intérprete de Libras. Sentimos que ela também teve dificuldades para compreender algumas perguntas. Ou seja, a barreira

comunicacional limitou o volume de resultados da mãe surda. Em relação a mãe ouvinte, por conta da Língua Portuguesa, conseguimos dialogar mais.

Para além disso, talvez o maior desafio foi tocar em questões doloridas de forma respeitosa e ética, sem ferir as memórias das mães. Entretanto, precisamos enaltecer as mães (surda e ouvinte) participantes da pesquisa que de modo especial se disponibilizaram e gentilmente compartilharam conosco suas histórias e os dilemas que lhes atravessam.

Poderíamos construir uma pesquisa bibliográfica ou de outra natureza. Porém, assumimos certos riscos quando escolhemos a pesquisa de campo. Após a qualificação e conforme o retorno que tivemos no dia da entrevista foi preciso repensar o contorno metodológico e ousamos ao buscar novos caminhos e fontes de evidência que só se tornaram possíveis com a coragem, reflexões, motivações e resiliência de nossa orientadora. Assim também com auxílio, apoio, autorização, abertura e aceite da instituição especializada.

Sozinhas (os) seria impossível desenvolver uma pesquisa à nível de tese. Especialmente no momento da coleta de dados. Por essa razão, salientamos o papel desempenhado pelas nossas auxiliares no dia da entrevista³⁵. Além de se deslocarem até a instituição especializada com recursos próprios, elas contribuíram em todos os momentos: ajudando a organizar o café da manhã, tirando fotos da instituição e, principalmente, colaborando na elaboração das questões com as mães e com suas próprias experiências de mãe. Os resultados mais surpreendentes são resultantes desse apoio. Nos faltam palavras para agradecer.

Notamos que as ações desenvolvidas pelas bibliotecas não precisam ser grandiosas, às vezes um evento mais simples ou uma atitude pode impactar mais (por exemplo, com surdos “batizando” os usuários com sinais ou um espaço para conversação em Libras). Também é significativo convidar as próprias mães de pessoas surdas a compartilhar seus relatos nos eventos, ou seja, tornando-as palestrantes (uma vez que elas mesmas são fontes humanas) e motivando-as para assumir o protagonismo. Todas as ações e práticas educativas planejadas precisam ter como

³⁵ Aurea Celeste Pires de Souza e Sandra Sanches da Cunha (Doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina-PPGCI/UEL. Integrantes do Grupo de Pesquisa: Competência em Informação e Sociedade).

base princípios para o desenvolvimento da competência em informação.

Acreditamos que os resultados obtidos nesta pesquisa podem contribuir para com a sociedade (composta por surdos e ouvintes) em termos sociais, psicológicos, educacionais, tecnológicos, econômicos, culturais e artísticos. Mas de que forma?

- **Contribuição social e psicológica:** está presente na possibilidade de desenvolvimento social e humano a partir do processo de criação de laços de pertença das mães, dos profissionais da instituição especializada em surdez e da Associação de Pais e da sociedade (evidenciada na caminhada e panfletagem pelo centro da cidade e na organização do evento do Dia Nacional dos Surdos);
- **Contribuição educacional:** se manifesta na ampliação de perspectivas para a aprendizagem e desenvolvimento das habilidades informacionais da competência em informação das mães e dos profissionais. Habilidades que elas e eles já possuem e aquelas que podem aprender, considerando que os participantes deste estudo são multiplicadores e mediadores. Além disso, os resultados reforçaram a necessidade de conhecer e instigar a importância das bibliotecas em suas vidas;
- **Contribuição tecnológica:** está vinculado à forma como as mães e profissionais podem utilizar os recursos tecnológicos para compartilhar suas habilidades e experiências ao entrar em contato com outras mães e outros profissionais;
- **Contribuição econômica:** se expressou nas relações que as mães estabelecem com o trabalho e como isso impacta no desenvolvimento da competência em informação. Lembrando que os resultados evidenciaram a existência de mães que trabalham e são chefe de família e aquelas que não podem trabalhar fora de casa para cuidar dos filhos;
- **Contribuição cultural:** nos resultados, ficou evidente a importância da valorização da cultura e da identidade surdas, especialmente a relevância de aprender Libras e de se conectar com a comunidade surda;
- **Contribuição artística:** se manifestou nos resultados relativos à apresentação teatral com apoio da mãe ouvinte e a possibilidade de estudantes e pessoas surdas no papel de protagonistas e as demais apresentações do Dia Nacional

do Surdos produzidas pela instituição especializada em surdez e da Associação de Pais, além das habilidades artísticas representada no desenho (Mr. Bean) do filho surdo e oficinas para as mães.

Para além destes impactos elencados, esperamos que os resultados desta pesquisa possam **contribuir cientificamente** com os estudos da competência em informação e da Ciência da Informação Social no contexto das populações vulneráveis e neste caso com as mães (surdas e ouvintes) de pessoas com surdez.

É importante destacar que os principais objetivos de desenvolvimento sustentável (e respectivas metas) da Agenda 2030 contemplados e identificados nos resultados desta pesquisa são os ODS 4, ODS 8, ODS 10, ODS 11, ODS 16 e ODS 17 (ONU, 2015).

Nestes anos de pesquisa sobre as deficiências notamos um avanço nas discussões e ações e nesse sentido, tanto as pessoas sem deficiência, quanto as pessoas com deficiência e suas famílias são beneficiadas. Esse movimento da sociedade embora pareça complexo ou de difícil execução é possível, e tem se mostrado processual, contínuo e constante com base na aprendizagem, assim como é a competência em informação.

Em 2024 o campo da competência em informação completa meio século de "vida". Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para os estudos que serão delineados nos próximos 50 anos. Assim também, desejamos que o conhecimento científico possa fazer a diferença, melhorando a realidade das pessoas. É a realidade social que traz subsídios para a ciência. E o conhecimento muda a prática.

Por fim, salientamos o caráter inovador desta pesquisa quando relacionamos uma necessidade psicológica básica de uma Teoria da Psicologia (Teoria da Necessidades Básicas), às questões da surdez advindas da Educação Especial e a Ciência da Informação. Isso nos possibilitou entender melhor a competência em informação e perceber que o pertencimento das mães e dos profissionais pode ser fortalecido em todas as áreas de suas vidas (familiar, institucionais, profissionais, educacionais e vizinhança), tornando-se chave para aprendizagem, sobrevivência, resistência e existência de mães e filhos surdos.

A motivação e o sentido ou sentimento de pertencer são fatores favoráveis para a competência em informação deste grupo, ao passo que, mães

desmotivadas e que se sentem “despertencentes”, isto é, sem pertencimento, tendem a desenvolver as habilidades informacionais com mais dificuldades, sem se envolver totalmente nas atividades ou interagir e compartilhar aquilo que sabem com outras pessoas. Sem a existência de uma relação harmônica, com confiança, amizade, afinidade, as mães não se sentirão motivadas ao diálogo, à troca e, conseqüentemente, ao compartilhamento de informações, experiências e aprendizados, o que pode ser desfavorável na criação e estabelecimentos de vínculos mais duradouros.

Assim, embora cientes da necessidade de novas investigações para aprofundar nossas constatações, foi possível observar que mães sem um sentido de pertencimento estabelecido, dificilmente encontrarão propósitos e objetivos, já mães com o verdadeiro sentimento de pertença estarão mais inclinadas para o aprender a aprender e o aprendizado ao longo da vida e, por conseqüência, desenvolver a competência em informação.

Obra “Los primeros pasos” (1943), de Pablo Picasso



Fonte: Google Imagens.

Disponível em: <https://museorui.picasso.tumblr.com/post/130359119581/juancap67-picasso-cubismo-arte>

Audiodescrição (Descrição da Imagem): Obra de arte de autoria de Pablo Picasso representando os primeiros passos de uma criança guiada por uma mulher (provavelmente uma mãe).

REFERÊNCIAS

ALCARÁ, Adriana Rosecler. Implicações da motivação no processo de aprendizagem escolar. *In: BERBEL, Neusi Aparecida Navas; ROSA, Wagner. Reflexões de professores.* (org.). Londrina: Grafcel, 2011. p. 19-24.

ALCARÁ, Adriana Rosecler. Relações entre a Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas e a competência em informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 346-369, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/105632/60673>. Acesso em: 11 jan. 2024.

ALCARÁ, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro; RODRIGUES, Jorge Luis; TOMAÉL, Maria Inês; PIEDADE, Valéria Cristina Heckler. Fatores que influenciam o compartilhamento da informação e do conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 170-191, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/VJCMFJ6VVZ378jGH7mxVnXS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 jan. 2024.

ALEXANDRE, Leila Rachel Barbosa; BRANCO, Eliana da Cruz Castelo. Leitura de livro ilustrado sem palavras por adultos surdos: possibilidades para a obra O Menino-Vazio. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 38, p. 95-112, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/cadernodeletras/article/view/19858/12591>. Acesso em: 13 mar. 2024.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Novela na biblioteca. **INFOhome**, fev. 2021. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1272. Acesso em: 10 out. 2024.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O que é informação. **INFOhome**, abr. 2019. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1177. Acesso em: 18 jan. 2024.

ALMEIDA, Tainá Mani. **Maternagem e Espectro do Autismo**: um estudo de caso com narrativas. 2021. 90 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/43028/1/2021_Tain%c3%a1ManiAlmeida.pdf. Acesso em: 09 jan. 2024.

ALVES, Gislene de Araújo. **Memórias escolares e trajetórias de vida de pessoas com deficiência visual à luz da Teoria da Autodeterminação**. 2021. 144 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/32763/1/Memoriasescolarestrajettori_a_Alves_2021.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

ALVES, Roberto. O bilingüismo: uma proposta para educação de surdos. *In*: REZENDE, Lucinea Aparecida de (org.). **Tramando temas na educação**. Londrina: Ed. UEL, 2001. 296 p. p. 189-206.

ALVES, Rosemari Pereira dos Santos; BORTOLIN, Sueli; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Técnicas de análise de dados empregadas no Programa de Pós-graduação de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 23, n. 51, p. 59-73, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2018v23n51p59/35510>. Acesso em: 18 mar. 2024.

ARAGÃO, Antônio Carlos Luiz. Além da sala de aula: parcerias entre professor, família e escola na Educação Inclusiva. **Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, [S. l.] v. 7, p. 218-232, 2023. Disponível em: <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/146/134>. Acesso em: 30 dez. 2024.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Abordagem interacionista de estudos de usuários da informação. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 4, n. 2, p. 2-32, set. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3856/3403>. Acesso em: 18 jan. 2024.

ARAÚJO, Isabela Correia de; MACHADO, Thamyle Vieira. Desenvolvimento de coleções acessíveis e interseccionada com foco no autor com deficiência: diagnóstico sobre acervo inclusivo na Biblioteca Pública Estadual do Ceará – BECE. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, n. esp., 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/39920/30646>. Acesso em: 05 jan. 2024.

ARMANDINHO. Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/139814057714/tirinha-original>. Acesso em: 18 jan. 2024.

ARMANDINHO. Sobre consumo de informação. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/125678645826023719/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

ARNONE, Marilyn P.; REYNOLDS, Rebecca; MARSHALL, Todd. The Effect of Early Adolescents' Psychological Needs Satisfaction upon Their Perceived Competence in Information Skills and Intrinsic Motivation for Research. **School Libraries Worldwide**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 115-134, Jul. 2009. Disponível em: https://selfdeterminationtheory.org/wp-content/uploads/2014/04/2009_ArnoneEtAl_SLW.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Framework for Information Literacy for Higher Education**. Chicago: ACRL, 2016. Disponível em:

<https://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/issues/infolit/framework1.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2024.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Roles and strenghts of teaching librarians**. Chicago: 2017. Disponível em: <https://www.ala.org/acrl/standards/teachinglibrarians>. Acesso em: 05 jan. 2024.

BARCELLOS, Carine Martins. **Língua e linguagem no diálogo mãe-ouvinte – filho surdo**. 2011. 118 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6509/BARCELLOS%2c%20CARINE%20MARTINS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 06 set. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016. Disponível em: <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2024.

BARROS, Daniela Melaré Vieira. Ambientes mediatizados para a formação continuada dos profissionais da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 56-66, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/70/59>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BATISTA, Cleide Vitor Mussini. In-forma-ação: crianças com autismo e com psicose e o uso da informação. *In*: CASARIN, Helen de Castro Silva. (org.). **Usuários da informação e diversidade**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. 250 p. p. 51-75. *E-book*. Disponível em: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/view/275/2895/5005. Acesso em: 05 jan. 2024.

BATISTA, Melissa França de Souza. **Ser mãe ouvinte de filho surdo: a construção da identidade na narrativa de mães de crianças surdas**. 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://www.btd.uerj.br:8443/bitstream/1/6630/1/MelissaDissertacao%29.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2024.

BELL, Cece. **A surda absurda**. Tradução: Maurício Muniz. Barueri: Novo Século Editora, 2019.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Competência em informação (CoInfo) e midiática: inter-relação com a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) sob a ótica da educação contemporânea. **Folha de Rosto**, v. 4, n. 1, p. 15-24, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://labirintodosaber.com.br/wp-content/uploads/2018/07/revista-folha-de-rosto-2018-artigo-regina-belluzzo.pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **Construção de mapas: desenvolvendo competências em informação e comunicação**. 2. ed. Bauru: Cá entre Nós, 2007. Disponível em: <https://labirintodosaber.com.br/wp-content/uploads/2019/06/Livro-Constru%C3%A7%C3%A3o-de-Mapas-Regina-Belluzzo-2007.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2024.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **Educação de usuários e competência em informação: enlaces e desenlaces**. 2020. Slides. Disponível em: http://repositorio.febab.org.br/files/original/51/6136/educacao_usuarios_competencia_informacao_enlaces_desenlaces_belluzzo.pdf. Acesso em: 08 jan. 2024.

BENTES, José Anchieta de Oliveira. Estudos da deficiência, educação de surdos e atribuições no trabalho docente. **Revista Cocar**, Belém, v. 6, n. 11, p. 87-96, jan./jul. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/216/187>. Acesso em: 20 abr. 2024.

BERNARD-WESSON, Mirriah Elphege. **Accessibility's Impact on the Information Literacy of the Deaf Community**. 2020. 144 f. Dissertation (Masters of Library and Information Studies) – Dalhousie University Halifax, Nova Scotia, 2020. Disponível em: <https://dalspace.library.dal.ca/bitstream/handle/10222/79027/Bernard-Wesson-Elphege-MLIS-SIM-April-2020.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 jan. 2024.

BERTI, Ilemar Christina Lansoni Wey. **Comportamento informacional de pais de crianças com Síndrome de Down**. 2014. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000195108>. Acesso em: 18 jan. 2024.

BERTÚLIO, André Luiz de Araújo. **Estudo e formação de multiplicadores em competência em informação**. 2012. 231 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

BETTO, Frei. Alteridade. **Frei Betto**, jul. 2014. Disponível em: <https://www.freibetto.org/alteridade/>. Acesso em: 01 jul. 2024.

BORGES, Carolina Oliveira; CAMPOS, Ana Emília Rosa. Sentimentos vivenciados por mães de crianças com deficiência. *In: SEMANA DE MOBILIZAÇÃO CIENTÍFICA (SEMOC)*, 18., 2015. **Anais [...]**. [S. l.: s. n.]: 2015. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/3921/1/Sentimentos%20vivenciados%20por%20m%C3%A3es%20de%20crian%C3%A7as%20com%20defici%C3%Aancia.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2024.

BORGES, Jussara. Competências infocomunicacionais: estrutura conceitual e indicadores de avaliação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 28, n. 1, p. 123-140, jan./abr. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/38289/19699>. Acesso em: 26 jan. 2024.

BORTOLIN, Sueli. A pena sempre a pequena: mesma angústia e novas respostas. **INFOhome**, out. 2020. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1252. Acesso em: 05 jan. 2024.

BORUCHOVITCH, Evely. Escala de motivação para aprender de universitários (EMA-U): propriedades psicométricas. **Avaliação Psicológica**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 127-134, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3350/335027184003.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BOSCOLO, Cibele Cristina; SANTOS, Teresa Maria Momensohn dos. A deficiência auditiva e a família: sentimentos e expectativas de um grupo de pais de crianças com deficiência da audição. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 69-75, abr. 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/dic/article/download/11683/8410/0>. Acesso em: 09 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.303 de 2 de agosto de 2010**. Dispõe sobre a obrigatoriedade de realização do exame denominado Emissões Otoacústicas Evocadas. Brasília, 2 de agosto de 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12303.htm. Acesso em: 11 out. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 6 de julho de 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 09 jan. 2024.

BUFREM, Leilah Santiago. Questões de metodologia - parte 1. **Atoz: Novas Práticas em Informação e Conhecimento**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 4-10, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41279/25195>. Acesso em: 19 mar. 2024.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/9nQgbdkq5nXsNBLfv5MBHNm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 jan. 2024.

CAMPOS, Maynara Costa de. **Sinais-vivências**: o potencial criativo da literatura surda na ressignificação de experiências e narrativas surdas. 2021. 150 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2021. Disponível em: <https://saberaberto.homologacao.uneb.br/server/api/core/bitstreams/4aa81ba1-b598-457d-94da-aab670c28580/content>. Acesso em: 22 jul. 2024.

CAMPOS, Sandra Regina Leite de. O papel da Língua de Sinais na constituição do surdo como estudante. *In*: GIROTO, Claudia Regina Mosca; MARTINS, Sandra Eli Sartoreto de Oliveira; BERBERIAN, Ana Paula (org.). **Surdez e Educação Inclusiva**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2012. p. 37-54. *E-book*. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/af-v7_obraindividual_giroto_martins_berberian_2012-pcg.pdf. Acesso em: 09 jan. 2024.

CANANÉA, Lílian Viana Teixeira; ROCHA, Maria Meriane Vieira; TARGINO, Maria das Graças. Maternidade em pauta: reflexões sobre ativismo digital e sua relação com a competência em informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 8, n. 3, p. 20-39, set./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/39777/21765>. Acesso em: 08 jan. 2024.

CARDOSO, Karen Guimarães. **Produção científica sobre surdos na Ciência da Informação**: uma análise bibliométrica nas bases de dados LISA e BRAPCI. 2014. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/10699/DISSERTA%c3%87%c3%83O_KAREN%20GUIMAR%c3%83ES%20CARDOSO.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 20 abr. 2024.

CARNEIRO, Bárbara Luisa Ferreira; NUNES, Jefferson Veras; CAVALCANTE, Lidia Eugenia; FARIAS, Maria Giovanna Guedes. Aprendizagem móvel, competência em informação e mediação: interlocução sob a ótica do paradigma social da Ciência da Informação. **Encontros Bibli: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da informação**, Florianópolis, v. 23, n. 52, p. 34-47, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v23n52p34/36457>. Acesso em: 18 jan. 2024.

CARRASCO, Walcyr. **Daniel no mundo do silêncio**. São Paulo: Ática, 2011. 40 p.

CARTA de Marília. *In*: SEMINÁRIO DE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO, 3., 2014, Marília. **Anais** [...] Marília: Unesp, 2014. Disponível em: https://ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=546. Acesso em: 08 jan. 2024.

CASTRO, Elaine de; OLIVEIRA, Ulisses Tadeu Vaz de. A entrevista semiestruturada na pesquisa qualitativa-interpretativa: um guia de análise processual. **Entretextos**, Londrina, v. 22, n. 3, p. 25-45, 2022. DOI: 10.5433/1519-5392.2022v22n3p25-45. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/46089>. Acesso em: 18 mar. 2024.

CHACÓN, Jorge Winston Barbosa; HERRERA, Juan Carlos Barbosa; VIVAS, Gloria Patricia Marciales; PEÑA, Harold Andrés Castañeda. Reconceptualización sobre competencias informacionales: Una experiencia en la Educación Superior. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 37, p. 121-142, Dic. 2010. Disponível em:

<https://revistas.uniandes.edu.co/doi/pdf/10.7440/res37.2010.07>. Acesso em: 23 jan. 2024.

CHACÓN, Jorge Winston Barbosa; VIVAS, Gloria Patricia Marciales; PEÑA, Harold Castañeda. **Investigación Bibliotecológica**, v. 29, n. 67, p. 47-76, Sep./Dic. 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0187358X1600037X>. Acesso em: 07 jan. 2025.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011. Disponível em: <http://ojs.uniaraxa.edu.br/index.php/evidencia/article/view/201/187>. Acesso em: 31 out. 2024.

CHARTERED INSTITUTE OF LIBRARY AND INFORMATION PROFESSIONALS (CILIP). Definição de alfabetização informacional de CILIP, 2018. **Anales de Documentación**, v. 23, n. 1, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.6018/analesdoc.373811>. Acesso em: 08 jan. 2024.

CONDURÚ, Marise Teles; MAUÉS, Lisandra Borges. Comportamento informacional de pais de crianças com distúrbio de processamento auditivo central (DPAC). **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 159-179, maio 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1166/1127>. Acesso em 09 jan. 2024.

CONEGLIAN, André Luís Onório. Apontamentos do membro da banca examinadora. Londrina: PPCGI/UEL, 13 dez. 2024.

CONEGLIAN, André Luís Onório. **Inserção da competência em informação em documentos prescritivos e normativos e a prática de professores do ensino fundamental – ciclo I, na cidade de Marília-SP**. 2013. 166 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/Coneglian_Andre_Luis_Onorio.pdf. Acesso em: 08 jan. 2024.

CONEGLIAN, André Luís Onório; PEREIRA, Ana Paula; SECO, Layara Feifer Calixto; ALCARÁ, Adriana Rosecler; BORTOLIN, Sueli. Os usuários da informação cegos, surdos e surdocegos nas bibliotecas. *In*: CASARIN, Helen de Castro Silva. (org.). **Usuários da informação e diversidade**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. 250 p. p. 113-145. *E-book*. Disponível em: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/view/275/2897/5007. Acesso em: 08 jan. 2024.

CORRADI, Juliana Adne Mesa. **Acessibilidade em ambientes informacionais digitais**: uma questão de diferença. São Paulo: Unesp, 2011. 246 p.

COSTA, Ana Caroline Alves; VALÉRIO, Erinaldo Dias. Formação acadêmica das/os bibliotecárias/os para a inclusão de pessoas surdas em unidades de informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 28, Dossiê Especial, p. 1-18, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/93208/53038>. Acesso em: 05 jan. 2024.

COSTA, Célia Revilândia. **A competência em informação (CoInfo) na perspectiva da educação inclusiva**. 2017. 223 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/24530/1/2017_CeliaRevilandiaCosta%e2%80%8b.pdf. Acesso em: 18 jan. 2024.

COSTA, Joice Dias; PAJEÚ, Hélio Márcio. Práticas informacionais de sujeitos surdos na Biblioteca Universitária Joaquim Cardozo da UFPE. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 8, n. 1, p. 299-326, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/834/626>. Acesso em: 05 jan. 2024.

CRISOSTOMO, Kelly Nunes; GROSSI, Fabiana Regina da Silva; SOUZA, Rafaela dos Santos. As representações sociais da maternidade para mães de filhos/as com deficiência. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 11, n. 3, p. 79-96, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6098/609863970006/609863970006.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2024.

CROW, Sherry R. Relationships that Foster Intrinsic Motivation for Information Seeking. **School Libraries Worldwide**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 91-112, Jul. 2009. Disponível em: http://selfdeterminationtheory.org/SDT/documents/2009_Crow_RelationshipsThatFosterIM.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 51-66. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2024.

DE LUCCA, Djuli Machado. **Princípios para o desenvolvimento da competência em informação do idoso sob o foco da dimensão política**. 2019. 423 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/206334/PCIN0205-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 set. 2024.

DE LUCCA, Djuli Machado; VITORINO, Elizete Vieira. Competência em informação e suas raízes teórico-epistemológicas da Ciência da Informação: em foco, a

fenomenologia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 22-48, set./2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/25503/19921>. Acesso em: 08 out. 2024.

DECI, Edward L.; RYAN, Richard. M. The “what” and “why” of goal pursuits: human needs and the selfdetermination of behavior. **Psychological Inquiry**, Londres, v. 11, n. 4, p. 227-268, 2000. Disponível em: https://selfdeterminationtheory.org/SDT/documents/2000_DeciRyan_PIWWhatWhy.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

DECLARAÇÃO de Maceió sobre a competência em informação. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 24., 2011. Maceió: FEBAB, 2011. Disponível em: http://febab.org.br/declaracao_maceio.pdf. Acesso em: 08 jan. 2024.

DOMINGUES, Angela Ferreira; MOTTI, Telma Flores Genaro; PALAMIN, Maria Estela Guadagnucci. O brincar e as habilidades sociais na interação da criança com deficiência auditiva e mãe ouvinte. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 37-44, jan./mar. 2008. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/41255418/a04v25n1-libre.pdf?1452910470=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DPlaying_and_social_skills_in_the_interac.pdf&Expires=1728910507&Signature=ZX76dtJVW6HDazXKGdMj8MfZOOfBec-omiCLGg-XXnJONLxOze1AGfY54fjTlqlx8eWkMqeMYd-itfTISsGTczNMd6aM-2ZwJMEHCg73L4qsNq0F0dQ03tZyiQaEC4VypDx-I5jYylgochc6YWKfGc5Z28SzPACwfc4My--CCBnae5fj8NP5SIW2tLR2IdOMxBOFEsu~Wm6u0IHUBqMb71InYSyfi~rSNApHFmolIsvFINfGbYgY9bMe95sft-aDxdIGiC7TJmqRAEb09Z6NXjOz41Rf4k5eLEQ8L8BQ3-uGIQJZXYopM5pYv7OjRg-mX~T6MjILf8~qzSIZTBXmDw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 14 out. 2024.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Bibliotecário como agente multiplicador da competência informacional e midiática. *In*: **Competência em informação: de reflexões às lições aprendidas**. São Paulo: FEBAB, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Elisabeth-Dudziak/publication/282576068_Bibliotecario_como_agente_multiplicador_da_competencia_informacional_e_midiatica/links/5612bfd208aec7900afaedcd/Bibliotecario-como-agente-multiplicador-da-competencia-informacional-e-midiatica.pdf. Acesso em: 08 jan. 2024.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Competência em informação: melhores práticas educacionais voltadas para a information literacy. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2005. **Anais [...]** Curitiba: 2005. Disponível em: http://eprints.rclis.org/6876/1/166_DUDZIAK_CBBBD_2005b.pdf. Acesso em: 08 set. 2024.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information Literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/xDBTqDKvmcsvMnmwLWprjmG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 jan. 2025.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. O bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 88-98, jun. 2007. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/73520813/878-libre.pdf?1635070912=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DO_Bibliotecario_Como_Agente_De_Transform.pdf&Expires=1725804024&Signature=XINWCpo1mVkkmox4zroKnIZ0uURGM~yQPRIrRbdiW62KMIDS1PCb5pPHk63ij5STQH~QBXNfr0ZeHP5LG~uSsdXrt8SV~LeWMzVL4iygPVv2lefxIf~VwtPW5QIwQ-FnRkwHettU-gwOJwSXuRN8NTEyqPDIMPjRInQZKqD4ThrcigrKufrsQUtCnIObtLO-e-dl4HdPX9dwJKDOTW-q0F-8YESG5HXv1nOprmEXvtDPE~Fv665p0wYNOyEURBwZ98SaJdQpo9iY~dp9ZutYLxmtzXbGQI4MANxgCKFpxQnAtXri~hv2EnstMZ0RKumrjsoWHclRVanPPuo9dB873A__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 08 set. 2024.

DULZAIDES IGLESIAS, María Elinor; MOLINA GÓMEZ, Ana Maria. La competencia informacional: concepción relevante a considerar en la Educación Superior. **MediSur**, Cienfuegos, v. 5, n. 1, p. 44-47, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2951074>. Acesso em: 08 jan. 2024.

E SEU nome é Jonas. Direção: Richard Michaels. Orion Pictures Corporation, 1979. (94 min), color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pc8mM0DHRB4&t=5s>. Acesso em: 11 jan. 2024.

ENCONTROS BIBLI. Competência em informação: um olhar para o seu protagonismo no mundo contemporâneo. [Florianópolis]: Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação (GPCIn), 16 ago. 2021. 1 vídeo (2h:21min). [Live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GdHKGWXMb7Q&t=168s>. Acesso em: 18 jan. 2024. Participação de Regina Celia Baptista Belluzzo e Elizete Vieira Vitorino.

FALKENBACH; Atos Prinz; DREXSLER, Greice; WERLER, Verônica. A relação mãe/criança com deficiência: sentimentos e experiências. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 2065-2073, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/TX4HTD7nGRhYkJbsVLRWjVN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2022.

FARIA, Keyla Rosa de. **Ações culturais no processo comunicativo da Pessoa com Síndrome de Down**. 2019. 162 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/teseserver/api/core/bitstreams/ca7f9b7c-0e2d-4f48-b025-54e4891d6e7a/content>. Acesso em: 05 jan. 2024.

FAZZIONI, Dilva Páscoa De Marco; VIANNA, William Barbosa; VITORINO, Elizete Vieira. O atual estágio conceitual da competência em informação em publicações de Língua Portuguesa. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 47, n. 3, p. 193-206, set./dez. 2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4228/3984>. Acesso em: 30 dez. 2024.

FEHER-PROUT, Terri. Stress and Coping in Families with Deaf Children. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 155-166, 1996.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; DUDZIAK, Dudziak, Elisabeth. A apropriação informacional para a cidadania sob o foco do usuário final de programas nacionais de informação e/ou inclusão digital: análise de algumas experiências brasileiras. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 2004. **Anais [...]**. [S. l.]: 2004. Disponível em:

https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/42074579/A_APROPRIAO_INFORMACIONAL_PARA_A_CIDADAN20160204-22322-1n9ikoq-libre.pdf?1454615051=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA_APROPRIACAO_INFORMACIONAL_PARA_A_CIDADAN.pdf&Expires=1725892526&Signature=X-GD~wlaFNCjrAOW7hGTQ4pIzLFZrORN5PwZYnqkAGm9~QqTmQDtHGpb-nc9cfxHtaNlpl3HElg1xdHlbeNLoF8UhYhvWZ1-vD34KDY49tJQfbqimM0EB7T6HRnz0j02XKI49GKO1uAhrAuOdKGGZKPG31mhd9qWJSolVMJ26wFR6MPqRrcPXgSd2~wwa0e~V--4LuWesSyDeFl4tb914GR~xy5a5y6~ZZKEYW3rsDkQJ93T9w1c29iTkydF9~l6qWfgH0ebX-IYe~UdRNnDt7Zfe1r4bTspcXbN5yBBiR50yMBz4IVzU2DFYcV3deFY6w7qCY2zWq-ktvuUcl8KjtQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 09 set. 2024.

FORTALECIMENTO de bibliotecas acessíveis e inclusivas: Manual orientador. São Paulo: Mais Diferenças, 2016. 152 p. Disponível em:

https://maisdiferencas.org.br/wp-content/themes/maisdiferencas/downloads/materiais/manual_orientador.pdf. Acesso em: 05 jan. 2024.

FRANÇOZO, Maria de Fátima de Campos. Família e surdez: algumas considerações aos profissionais que trabalham com as famílias. In: SILVA, Ivani Rodrigues; KAUCHAKJE, Samira; GESUELI, Zilda Maria (org.). **Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades**. São Paulo: Plexus Editora, 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=aW1eGAAIDM0C&oi=fnd&pg=PA13&dq=%22condi%C3%A7%C3%B5es+econ%C3%B4micas%22+AND+m%C3%A3e+AND+surdez&ots=Z1ARbgOKwl&sig=255wj1UoNRnuGTDQ5VIIINfeXUY#v=onepage&q=%22condi%C3%A7%C3%B5es%20econ%C3%B4micas%22%20AND%20m%C3%A3e%20AND%20surdez&f=false>. Acesso em: 08 set. 2024.

FREIRE, Isa Maria. Janelas da cultura local: abrindo oportunidades para inclusão digital de comunidades. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 227-235, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/XDBV9zPZMYNTSY5nntnhXJz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jan. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Pedagogia-da-indigna%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2024.

FURTADO, Rita Simone Silveira. **Surdez e a relação pais-filhos na primeira infância**. Canoas: Editora da ULBRA, 2008. 135 p.

GAMA, Ana Claudia Soares Cavalcante. **Competência informacional**: aprendizado individual ao longo da vida. 2013. 509 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

GAMA, Maria Eduarda Azevedo da. **Através do espectro**: Redes de apoio social na vivência da maternidade atípica. 2019. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31100/1/Atrav%c3%a9s%20do%20Espectro%20-%20TCC.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2024.

GARDIN, Daniela do Amaral Oliveira. **Dimensões da competência em informação nos processos educacionais para idosos da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) da UNICENTRO**. 2023. 268 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

GERTNER, Sônia Regina da Cunha Barreto. **Pessoas com Deficiência e seus direitos – visibilidades e invisibilidades**: estudo de caso da Fiocruz. 2023. 275 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2023.

GESUELI, Zilda Maria. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 277-292, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/3XVGL5KrfKmDVvvnRh5MXwL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2024.

GIACOMETTI, Maria Marta. Motivação e busca da informação pelo docente-pesquisador. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 12-20, jan./jun. 1990. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/371/371>. Acesso em: 11 jan. 2024.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa,

v.30, n.4, p. 1-23, out./dez. 2020. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57047/32516>. Acesso em:
 10 out. 2024.

GRANEIRO, Caio. **Diferenças entre vivência e experiência**. 2021. Disponível em:
<https://www.caiograneiro.com/post/diferen%C3%A7as-entre-viv%C3%Aancia-e-experi%C3%Aancia>. Acesso em: 17 jun. 2024.

GUALDA, Danielli Silva; BORGES, Laura; CIA, Fabiana. Famílias de crianças com necessidades educacionais especiais: recursos e necessidades de apoio. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 26, n. 46, p. 307-330, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3131/313128574007.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2024.

GUARINELLO, Ana Cristina; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. O grupo de familiares de surdos como espaço de reflexão e de possibilidades de mudança. *In*: SANTANA, Ana Paula; BERBERIAN, Ana Paula; GUARINELLO, Ana Cristina; MASSI, Giselle (org.). **Abordagens grupais em Fonoaudiologia: contextos e aplicações**. São Paulo: Plexus, 2007. p. 105-120. v. 1. Disponível em: <https://bit.ly/2DsQJuk>. Acesso em: 09 jan. 2024.

GUAZI, Taísa Scarpin. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, [S. l.], v. 2, p. 1-20, 2021. Disponível em:
<https://revista.ufrb.br/rep/article/view/e202114/pdf>. Acesso em: 18 mar. 2024.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini; BZUNECK, José Aloyseo. Estilos Motivacionais de Professores: Propriedades Psicométricas de um Instrumento de Avaliação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 19 n. 1, p. 017-024, jan./abr. 2003. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ptp/a/MPBGSPyKrxpSf4Dj7pbngGg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2024.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima; OLINTO, Gilda. Competência em informação: caminhos percorridos e novas trilhas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 20-34, jan./jun. 2008. Disponível em:
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/64/78>. Acesso em: 18 jan. 2024.

HJØRLAND, Birger. Epistemology and the Socio-Cognitive Perspective in Information Science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [S. l.], v. 53, n. 4, p. 257-270, Feb. 2002.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Esclarecendo as deficiências: aspectos teóricos e práticos para contribuir com uma sociedade inclusiva**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008. 192 p.

HORA, Henrique Rego Monteiro da; MONTEIRO, Gina Torres Rego; ARICA, Jose. Confiabilidade em Questionários para Qualidade: Um Estudo com o Coeficiente Alfa

de Cronbach. **Produto & Produção**, v. 11, n. 2, p. 85-103, jun. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ProdutoProducao/article/view/9321/8252>. Acesso em: 31 out. 2024.

HOTEL Transilvânia. Direção: Genndy Tartakovsky. Produção: Michelle Murdocca. EUA, Sony Pictures Animation, 2012.

IBIPORÃ. Secretaria Municipal de Educação. Encontro Surdez e Cidadania. 2016. Promovido pelo Centro de Atendimento Especializado na Área da Surdez do Município de Ibioporã e pela Associação de Pais e Amigos dos Surdos de Ibioporã (APASI). Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=1810771415863938&set=a.1810768122530934>. Acesso em: 25 abr. 2024.

IBIPORÃ. Secretaria Municipal de Educação. Palestra: "Você está de olho no seu filho (a)? A importância da identificação dos sinais de alerta do TEA". Ministrada pela professora Dra. Silvia Murari e pelo psicólogo especialista Leonardo Martins. 2024.

IGBINOVIA; Magnus Osahon; SOLANKE, Oluwayinka Esther. Measuring autonomy, competence and relatedness of users needs' satisfaction on use of reference sources and services by undergraduates. **Information Impact: Journal of Information and Knowledge Management**, [S. /], v. 7, n. 1, p. 150-162, 2016. Disponível em: <https://www.ajol.info/index.php/ijikm/article/view/144913>. Acesso em: 11 jan. 2024.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). DAY, John Michael (ed.). **Guidelines for Library Services to Deaf People**. 2. ed. 2000. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/hq/publications/professional-report/62.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2024.

Instagram: @Livroaberto.Londrina. Disponível em: <https://www.instagram.com/livroaberto.londrina/>. Acesso em: 17 out. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS (INES). Ministério da Educação. Oficina para responsáveis de alunos do INES estreita laços por meio do bordado. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/noticias/oficina-para-responsaveis-de-alunos-do-ines-estreita-lacos-por-meio-do-bordado>. Acesso em: 10 out. 2024.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). IFLA Trend Report 2024: facing the future of information with confidence. [S. /]: 2024. 134 p. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/ifla-trend-report-2024.pdf>. Acesso em: 01 out. 2024.

ISHIKAWA, Maria Inês Garcia; BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Práticas inclusivas para deficientes visuais, baseadas na informação e conhecimento: reflexões e ações. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 9, n. 2,

p. 147-164, jul./dez. 2013. Disponível em:
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/255/266>. Acesso em: 23 jan. 2024.

Jannayna. Minha filha é surda. *In*: MOREIRA, Paula Pfeifer. **Crônicas da surdez**. [S. l.], 01 nov. 2021. Disponível em: <https://cronicasdasurdez.com/minha-filha-e-surda/>. Acesso em: 09 jan. 2024.

KAWABATA, Giovana Satie; MIRANDA, Ana Maria Mendes; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Competência em informação e acessibilidade para pessoas com deficiência visual em bibliotecas universitárias. *In*: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (SECIN), 10., 2024. Londrina. **Anais** [...]. Londrina: UEL, 2024. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2024/secin2024/paper/viewFile/913/688>. Acesso em: 10 out. 2024.

KUHNEN, Simoni de Sousa; VITORINO, Elizete Vieira. **Vulnerabilidade em informação e mães solo**: possibilidades à competência em informação. 2021. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/228247/Vers%c3%a3o-final-TCC%202-Simoni-2021-PDFA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 jan. 2024.

LEMOS, Simone. Mais de 10 milhões de brasileiros apresentam algum grau de surdez. **Jornal da USP**, 21 ago.2023. Disponível em:
<https://jornal.usp.br/atualidades/mais-de-10-milhoes-de-brasileiros-apresentam-algum-grau-de-surdez/>. Acesso em: 26 jan. 2024.

LIEVROUW, Leah A.; FARB, Sharon E. Information and equity. **Annual review of information science and technology**, [S. l.], v. 37, n. 1, p. 499-540, 2003.

LIMA; Maria Cecília Marconi Pinheiro; FREDERICO, Michele. A comunicação de adolescentes e adultos surdos de acordo com relato da família. *In*: FRANÇA, Denise Maria Vaz Romano; BAGAROLLO, Maria Fernanda (org.). **Surdez**: a importância do diagnóstico para o desenvolvimento do surdo. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013. p. 91-117.

LONDRINA. Prefeitura de Londrina. Biblioteca Pública Municipal Professor Pedro Viriato Parigot de Souza. Projeto "Livro Aberto: convite para ler pessoas". 2024.

MACARENCO, Isabel; DAMIÃO, Maria de Lurdes Zamora. Inclusão da chave como estratégia na gestão de pessoas. **Liceu On-line**, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: https://liceu.emnuvens.com.br/LICEU_ON-LINE/article/view/851/662. Acesso em: 08 jan. 2025.

MACHADO, Amélia Carolina Terra Alves; GUIMARÃES, Sueli Edi Rufini; BZUNECK, José Aloyseo. Estilo motivacional do professor e a motivação extrínseca dos estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 27, n. 1, p. 03-13, jan./jun. 2006. Disponível em:

Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/28200/1/Quest%c3%b5esg%c3%aa%20nerovida_Marques_2019.pdf. Acesso em: 09 jan. 2024.

MATA, Marta Leandro da. Estudos de comportamento informacional e de práticas informacionais para o desenvolvimento da competência em informação.

Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 37-57, abr./jun. 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/40062/30699>. Acesso em: 05 jan. 2024.

MATA, Marta Leandro da; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Das iniciativas de formação de usuários aos programas de competência em informação: uma análise a partir do SNBU e CBB. *In: SEMINÁRIO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (SECIN)*, 6., 2016, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL/PPGCI, 2016. Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2016/secin2016/paper/viewFile/350/171>. Acesso em: 23 jan. 2024.

MATOS, Cristiane Ribeiro Batista. Atividades investigativas e inclusão de surdos: é possível incluir? *In: SOUZA, Rita de Cácia Santos; VITORINO, Anderson Francisco; SOUZA, Adriana Alves Novais (org.). Educação de surdos: representações e diálogos contemporâneos*. Aracaju: Criação Editora, 2022. 240 p. p. 141-150. *E-book*. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Educacao-de-surdos.pdf>. Acesso em: 25 set. 2024.

MATOS, Talita Stephany de. **"Esse é meu lugar no mundo"**: Maternidade e deficiência nas redes sociais. 2019. 93 p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, 2019. Disponível em:

<https://tede.ufrjr.br/jspui/bitstream/jspui/5511/2/2019%20-%20Talita%20Stephany%20de%20Matos.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2024.

MAUCH, Carla. O direito das pessoas com deficiência à leitura e aos bens culturais. *In: FEDATTO, Carolina P.; FARIAS, Fabíola; Daher, Juliana (org.). Primeiras leituras: arte e cultura na primeira infância*. Belo Horizonte: Ed. das Organizadoras, 2022. 302 p. *E-book*.

MELO, Gabriela Araújo Viana; MODESTO, Mônica Andrade. Formação docente com vistas à inclusão do aluno surdo: um estudo de caso do AEE ofertado em uma sala de recursos multifuncionais situada em Itabaiana/SE. *In: SOUZA, Rita de Cácia Santos; VITORINO, Anderson Francisco; SOUZA, Adriana Alves Novais (org.). Educação de surdos: representações e diálogos contemporâneos*. Aracaju: Criação Editora, 2022. 240 p. p. 93-108. *E-book*. Disponível em:

<https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Educacao-de-surdos.pdf>. Acesso em: 16 set. 2024.

MELLO, Anahi Guedes de. **O que é capacitismo?** 2016. Disponível em: <https://www.inclusive.org.br/arquivos/29958>. Acesso em: 05 jan. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência e cientificidade. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2024.

MIRANDA, Ana Maria Mendes. **Explanação sobre sociedade matriarcal**. Londrina: UEL, 2024.

MIRANDA, Ana Maria Mendes. **Feminismo e competência em informação: debates teórico-práticos a partir da Epistemologia Social**. 2024. 411 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/srv-c0003-s01/api/core/bitstreams/d7c18c66-f94d-46c7-bb5f-adbb0b859baa/content>. Acesso em: 03 jan. 2025.

MIRANDA, Ana Maria Mendes. **Multiplicadores da competência em informação e o uso da metacognição nas ações formadoras**. 2020. 171 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000232768>. Acesso em: 12 set. 2024.

MIRANDA, Lúcia; ALMEIDA, Leandro S.; BORUCHOVITCH, Evely. **Motivação para aprender: determinantes e sua avaliação**. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL COGNIÇÃO, APRENDIZAGEM E DESEMPENHO, 2., 2014. **Anais [...]**. [S. l.]: Universidade do Minho, 2014. p. 31-54. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/42016/1/ATAS-II-SEMINARIO-GICAD.pdf#page=32>. Acesso em: 11 jan. 2024.

MOTTI, Telma Flores Genaro. **Programa de orientação não presencial de pais de crianças deficientes auditivas**. 2005. 167 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2927/TeseTFGM.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 set. 2024.

MUNIZ, Joani de Mélo. **Mães de surdos: concepções em torno da pessoa surda e suas implicações para aquisição/aprendizagem da Língua de Sinais**. 2016. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9879/4/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2024.

MUYLAERT, Camila Junqueira; SARUBBI JR, Vicente, GALLO, Paulo Rogério; ROLIM NETO, Modesto Leite; REIS, Alberto Olavo Advincula. **Entrevistas narrativas: um**

importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p.193-199, dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/103125/101472>. Acesso em: 21 jul. 2024.

NASCIMENTO, Leandro dos Santos; PERROTTI, Edmir. Informação e educação: um estudo do relatório "The Information Service Environment: relationships and priorities", de Paul Zurkowski. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp., p. 36-40, set. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/4421>. Acesso em: 08 jan. 2024.

NASCIMENTO, Marcela Aguiar da Silva; MATA, Marta Leandro da. O comportamento informacional e a competência em informação: uma abordagem a partir do contexto das pessoas trans e travestis. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. esp. V Seminário de Competência em Informação, p. 01-19, jul. 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1657/1297>. Acesso em: 23 jan. 2024.

NEMBRI, Armando Guimarães. **O cotidiano escolar do curso bilíngue de pedagogia do instituto nacional de educação de surdos – INES**: um olhar avaliativo. 2011. 105 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Avaliação) – Fundação Cesgranrio, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/190858/NEMBRI%20Armando%20Guimar%3%a3es%202011%20%28disserta%3%a7%3%a3o%29%20CESGRANRIO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 set. 2024.

NEVES, Barbara Coelho; BORGES, Jussara. Por que as fake news têm espaço nas mídias sociais? Uma discussão a luz do comportamento infocomunicacional e do marketing digital. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 30, n. 2, p. 1-22, abr./jun. 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/211796/001115849.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 set. 2024.

NOGUEIRA, Micaela Maria Rocha da Graça. **O impacto da surdez nas famílias - envolvimento parental**. 2019. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2019. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/8934/1/DM_34478.pdf. Acesso em: 08 jan. 2024.

ODRUS. Instagram. 31 jul. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSAnrhtnigt/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

OKADA, Tamires Cassia Rodrigues; ALCARÁ, Adriana Rosecler. O bibliotecário como educador e multiplicador da competência em informação. **RICI: Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 14, n. 3, p. 786-807, set./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/36725/31354>. Acesso em: 08 jan. 2024.

OKADA, Tamires; MIRANDA, Ana Maria Mendes Miranda; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Reflexões iniciais sobre o bibliotecário multiplicador da competência em informação no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA). *In: COLÓQUIO EM ORGANIZAÇÃO, ACESSO E APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO*, 7., 2023, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: UEL, 2023. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/coaic2023/coaic23/paper/viewFile/840/675>. Acesso em: 17 out. 2024.

OLIVEIRA, Ronaldo Gonçalves; FERREIRA, Francisco Romão e; PRADO, Shirley Donizete; KRAEMER, Fabiana Bom; SEIXAS, Cristiane Marques. E seu nome é Jonas: cinema, surdez e comensalidade. *In: PRADO, Shirley Donizete et al. (org.). Estudos socioculturais em alimentação e saúde: saberes em rede. E-book*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2016. v. 5. p. 337-360. Sabor metrópole series. ISBN: 978-85-7511-456-8. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/37nz2/epub/prado-9788575114568.epub>. Acesso em: 09 jan. 2024.

OLIVEIRA, Taiza Maria Lozano de; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Mediação da informação, comportamento informacional e desinformação no Facebook. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 1-21, ago. 2022. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1832/1389>. Acesso em: 08 jan. 2024.

OPOLZ, Suellym Fernanda. Reflexões sobre aprendizagem da leitura e da escrita na educação de surdos. *In: SOUZA, Rita de Cácia Santos; VITORINO, Anderson Francisco; SOUZA, Adriana Alves Novais (org.). Educação de surdos: representações e diálogos contemporâneos*. Aracaju: Criação Editora, 2022. 240 p. p. 167-179. *E-book*. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Educacao-de-surdos.pdf>. Acesso em: 25 set. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU BRASIL). **Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Tradução: Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio). 2015. 49 p. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2024.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. Campinas: Papirus, 2004.

PAIVA, Juliana Cavalcante Marinho; SILVEIRA, Thaís Becker Henriques; LUZ, Joseane de Oliveira. Dinâmicas da participação política e estudos da deficiência: representatividade e políticas públicas. *In: GESSER, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; LOPES, Paula Helena (org.). Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social*. Curitiba: CRV, 2020. 248 p. p. 95-111. Disponível em: https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPID/publicacoes/14609_livro-estudos-sobre-deficiencia-2020.pdf. Acesso em: 08 jan. 2024.

PAIVA, Rodrigo Oliveira de; CHALHUB, Tania; BENCHIMOL, Alegria. "Nada sobre nós, sem nós": o surdo como mediador no Repositório Huet. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB)*, 20., 2019, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/493/468>. Acesso em: 05 jan. 2024.

PALAMIN, Maria Estela Guadagnucci; GUILHERME, Arnaldo; MOTTI, Telma Flores Genaro; RAFACHO, Marina Bigeli. A ansiedade materna durante o diagnóstico da deficiência auditiva: contribuição da intervenção psicológica. **Revista Brasileira Educação Especial**, Marília, v. 20, n. 4, p. 569-580, out./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/LByGDWk5nTG3YsMGVFvRtzS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 jan. 2024.

PANTALEÃO, Edson; EMÍLIO, Renato Júnior Dias. A garantia dos direitos dos estudantes público-alvo da Educação Especial no município da Serra (ES). **Revista Cocar**, Belém, v.19, n. 37, p. 1-20, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7134/3119>. Acesso em: 01 set. 2024.

PEDROSA, Cleide Emília Faye; ALVES, Juliana Barbosa; SANTOS, Ivy Beatriz Alves. Análise crítica dos discursos do povo surdo: reivindicações por direitos educacionais. *In: SOUZA, Rita de Cácia Santos; VITORINO, Anderson Francisco; SOUZA, Adriana Alves Novais (org.). Educação de surdos: representações e diálogos contemporâneos*. Aracaju: Criação Editora, 2022. 240 p. p. 41-62. *E-book*. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Educacao-de-surdos.pdf>. Acesso em: 16 set. 2024.

PELLEGRINI, Eliane. **Princípios para o desenvolvimento da competência em informação de mulheres rurais sob a perspectiva do empoderamento**. 2022. 322 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

PELLEGRINI, Eliane; HERRERA, Karolyna Marin; VITORINO, Elizete Vieira. Princípios para o desenvolvimento da competência em informação de mulheres rurais sob a perspectiva do empoderamento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 28, p. 1-31, Fluxo Contínuo, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/bHMCNHk4KTnjFmH6wG5tjqN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 out. 2024.

PELLEGRINI, Eliane; VITORINO, Elizete Vieira; HERRERA; Karolyna Marin. Competência em informação e empoderamento de mulheres. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 21., 2021. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: IBICT/UFRJ, 2021. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/viewFile/18/368>. Acesso em: 08 jan. 2024.

PEREIRA, Ana Paula. **A competência em informação dos pais de surdos**. 2020. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000232770>. Acesso em: 26 jan. 2024.

PEREIRA, Ana Paula; ALCARÁ, Adriana Rosecler. A motivação para competência em informação das mães de surdos. *In: COLÓQUIO EM ORGANIZAÇÃO, ACESSO E APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO (COAIC)*, 5., 2021, Londrina. **Anais [...]** Londrina: PPGCI/UDEL, 2021. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/coaic2021/coaic2021/paper/viewFile/676/561>. Acesso em: 11 jan. 2024.

PEREIRA, Ana Paula; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Competência em informação e necessidade de pertencimento dos pais de surdos. **Informação & Informação**, Londrina, v. 25, n. 2, p. 209-234, abr./jun. 2020. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/39896/pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.

PEREIRA, Ana Paula; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Competência em informação, necessidade de pertencimento e motivação dos pais de crianças e adolescentes surdos. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB)*, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/758/486>. Acesso em: 03 jan. 2025.

PEREIRA, Ana Paula; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Contribuições da competência em informação para os pais de surdos. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB)*, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2022. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxii/enancib/paper/viewFile/1023/566>. Acesso em: 09 jan. 2024.

PEREIRA, Ana Paula; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Os livros sem palavras e as pessoas surdas: estudo das produções. *In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 10., 2024, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2024. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2024/secin2024/paper/viewFile/907/734>. Acesso em: 11 out. 2024.

PEREIRA, Ana Paula; BORTOLIN, Sueli. O mediador e a mediação de literatura para crianças surdas. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 83-104, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/112384/116790>. Acesso em: 11 out. 2024.

PEREIRA, Ana Paula; CONEGLIAN, André Luís Onório; BORTOLIN, Sueli; ALCARÁ, Adriana Rosecler. O livro de imagem e a inclusão da criança surda na biblioteca

escolar. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 104-123, jun. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/BjhmQ3vsYYyZr4N3pr74CfM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 out. 2024.

PEREIRA, Ana Paula; MIRANDA, Ana Maria Mendes; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Mulheres-mães de surdos na Agenda 2030: contribuições da competência em informação. *In*: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (SECIN), 9., 2022, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: PPGCI/UEL, 2022. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2022/secin2022/paper/viewFile/746/583>. Acesso em: 08 jan. 2024.

PEREIRA, Ana Paula; MIRANDA, Ana Maria Mendes; ALCARÁ, Adriana Rosecler. O bibliotecário e as habilidades para a formação da competência em informação de pais de surdos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, p. 1-19, jul. 2021. ISSN 1980-6949. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1648/1296>. Acesso em: 08 jan. 2024.

PERLIN, Gladis T. T. **O ser e o estar sendo surdos**: alteridade, diferença e identidade. 2003. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5880/000521539.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 out. 2024.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 2, p. 17-31, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/qR5cDC7tgf5SyMtrSGvSVFC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2024.

PLANO DE TRABALHO. Ibioporã: APASI, 2020. 13 p. Disponível em: <https://www.ibipora.pr.gov.br/uploads/pagina/arquivos/PLANO-DE-TRABALHO-DO-3o-TERMO-ADITIVO-DO-TERMO-DE-FOMENTO-No-06-2017-APASI.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2025.

PORTER, Ann; EDIRIPPULIGE, Sisira. Parents of deaf children seeking hearing loss-related information on the internet: the Australian experience. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, [S. l.], v. 12, n. 4, p. 518-529, 2007.

REGIMENTO Escolar. Ibioporã: CAESMI, 2022. 93 p. Disponível em: <https://www.ibipora.pr.gov.br/uploads/pagina/arquivos/REGIMENTO-CAESMI-2022.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2024.

RÊGO, Karla Karina Abrantes; DANTAS, Maria Karoline Nobrega Souto; NASCIMENTO, Juscelino Francisco do. Letramento visual e surdez: desafios no Ensino Superior. **Revista Letra Magna**, Cubatão, v. 19 n. 34, 2023. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/magna/article/view/2422/1481>. Acesso em: 10 out. 2024.

RENNÓ, Regina Coeli. **Pela porta do coração**. São Paulo: FTD, 1999.

RESENDE, Ana Paula Crosara de. Conscientização. *In*: RESENDE, Ana Paula Crosara; VITAL, Flavia Maria de Paiva (coord.). **A Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência Comentada**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2008. Disponível em: <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/acessibilidade-digital/convencao-direitos-pessoas-deficiencia-comentada.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2024.

RIBEIRO, Natasha Coutinho Revoredo; MARTELETO, Regina Maria. Grupos de familiares de autistas na reivindicação de direitos: uma revisão sistemática da literatura. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 22., 2022, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2022. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxiiencib/paper/viewFile/1012/598>. Acesso em: 09 jan. 2024.

RIBEIRO, Sandra Fogaça Rosa; YAMADA, Midori Otake; TAVANO, Liliam D'Aquino. Vivência de mães de crianças com deficiência auditiva em sala de espera. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 91-106, jun. 2007. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/262/271>. Acesso em: 09 jan. 2024.

RIGHETTO, Guilherme Goulart. **Competência em informação às minorias sociais**: conjecturando princípios. 2022. 336 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/254934/PCIN0289-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 jan. 2024.

RIGHETTO, Guilherme Goulart. **Competência em informação de minorias sociais**: pessoas trans da região de Florianópolis, Santa Catarina. 2018. 280 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/186804/PCIN0174-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 jan. 2024.

RIGHETTO, Guilherme Goulart; KARPINSKI, Cezar; VITORINO, Elizete Vieira. Competência em informação como forma de pedagogia decolonial e intercultural: construindo significados. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 1-24, nov. 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5750/5390>. Acesso em: 10 set. 2024.

RIGHETTO, Guilherme Goulart; VITORINO, Elizete Vieira. **#TRANSLiteracy**: competência em informação voltada às pessoas trans*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. 253 p. *E-book*. Disponível em:

https://www.pimentacultural.com/_files/ugd/143639_71fee21fae9b430a85ecbf61e0e5fc89.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

ROCHA, Acrisonélia Medeiros de Sousa; SANTOS, Raquel do Rosário; SOUSA, Ana Claudia Medeiros de. O processo dialógico e a mediação da leitura na formação do sujeito leitor. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 30, e-135756, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/135756/91262>. Acesso em: 11 out. 2024.

ROCHA, Renata. Histórias de mãe: meu filho é surdo. E agora?. *In*: **SignumWeb**. [S. l.], 17 dez. 2018. Disponível em: <https://blog.signumweb.com.br/historias-de-mae/meu-filho-e-surdo-e-agora/>. Acesso em: 09 jan. 2024.

ROSA, Emiliana Faria. **Olhares sobre si**: a busca pelo fortalecimento das identidades surdas. 2009. 146. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/29793/1/Disserta%0c3%0a7%0c3%0a3o%20de%20Mestrado_Emiliana%20Rosa_2009.pdf. Acesso em: 08 jan. 2024.

ROSA, Mariana. Leitura universal, interpretações singulares: relato de experiência de uma mãe com uma filha com deficiência. *In*: FEDATTO, Carolina P.; FARIAS, Fabíola; Daher, Juliana (org). **Primeiras leituras**: arte e cultura na primeira infância. Belo Horizonte: Ed. das Organizadoras, 2022. 302 p. *E-book*.

ROZADOS, Helen Beatriz Frota. A Ciência da Informação em sua Aproximação com as Ciências Cognitivas. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 79-94, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/62/22>. Acesso em: 18 jan. 2024.

RYAN, Richard M.; DECI, Edward L. **Self-determination theory**: Basic psychological needs in motivation, development, and wellness. New York/London: Guilford Press, 2017. *E-book*. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Bc_DDAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&ots=QJhinchO2j&sig=4Nfj30veqfKIQQItgmDvfEZZCuk&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 10 out. 2024.

RYAN, Richard M.; DECI, Edward L. Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. **American Psychologist**, [S. l.], v. 55, n. 1, p. 68-78, 2000a. Disponível em: https://selfdeterminationtheory.org/SDT/documents/2000_RyanDeci_SDT.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

RYAN, Richard M.; DECI, Edward L. Intrinsic and Extrinsic Motivations: Classic Definitions and New Directions. **Contemporary Educational Psychology**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 54-67, 2000b. Disponível em: <https://repositorio.minedu.gob.pe/bitstream/handle/20.500.12799/2958/Intrinsic%20and%20Extrinsic%20Motivations%20Classic%20Definitions%20and%20New%20Directions.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 jan. 2024.

RYAN, Richard M.; DECI, Edward L.; VANSTEENKISTE, Maarten; SOENENS, Bart. Building a science of motivated persons: Self-determination theory's empirical approach to human experience and the regulation of behavior. **Motivation Science**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 1-47, 2021. Disponível em: https://selfdeterminationtheory.org/wp-content/uploads/2021/08/2021_RyanDeciVansteenkisteSoenens_BuildingAScience_Manuscript.pdf. Acesso em: 13 mar. 2024.

SAMPAIO, Tuane Bazanella. **Metodologia da pesquisa** 1. ed. Santa Maria: UFSM, CTE, UAB, 2022. 60 p. *E-book*. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/26138/MD_Metodologia_da_Pesquisa.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 19 mar. 2024.

SANTOS, Anaise de Santana. **Inclusão Digital na Biblioteca Universitária: desenvolvimento de competência informacional nos usuários cegos e com baixa visão do Espaço Acessibilidade da BICEN**. 2019. 122 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12341/2/ANAISE_%20SANTANA_SANTOS.pdf. Acesso em: 18 jan. 2024.

SANTOS, Antônio Marcos Alves dos; SANTANA, Helia Andressa Jesus; SANTOS, Milena Miranda dos; RODRIGUES JÚNIOR, Willian; SOUZA, Rita de Cácia Santos. Revisão sistemática: recursos inclusivos na educação de surdos em Sergipe. *In: SOUZA, Rita de Cácia Santos; VITORINO, Anderson Francisco; SOUZA, Adriana Alves Novais (org.). Educação de surdos: representações e diálogos contemporâneos*. Aracaju: Criação Editora, 2022. 240 p. p. 181-187. *E-book*. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Educacao-de-surdos.pdf>. Acesso em: 25 set. 2024.

SANTOS, Camila Araújo dos. **Competência em Informação na formação básica dos estudantes da educação profissional e tecnológica**. 2017. 286 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150036/santos_ca_dr_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 18 jan. 2024.

SANTOS, Camila Araújo dos; SANTOS, Vanessa Cristina Bissoli dos. Competência em Informação (CoInfo) como fator social de compreensão e inclusão ao mundo do trabalho sob as perspectivas de Guy Le Boterf e Christine Bruce: notas introdutórias, reflexões necessárias. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 268-296, abr./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/40063/30710>. Acesso em: 01 jan. 2025.

SANTOS, Ícaro Augusto; VALÉRIO, Erinaldo Dias. Acesso de pessoas surdas em bibliotecas: caminhos para equidade. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa**

Catarina, Florianópolis, v. 26, n. 3, p. 1-11, número especial, 2021. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1838/pdf>. Acesso em: 09 jan. 2024.

SANTOS, Lucas Wendel Silva. Reflexões acerca da educação teatral para surdos. *In*: SOUZA, Rita de Cácia Santos; VITORINO, Anderson Francisco; SOUZA, Adriana Alves Novais (org.). **Educação de surdos**: representações e diálogos contemporâneos. Aracaju: Criação Editora, 2022. 240 p. p. 151-166. *E-book*. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Educacao-de-surdos.pdf>. Acesso em: 25 set. 2024.

SANTOS, Mariana Augusta Martins; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. Comportamento informacional de mães surdas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 19, p. 01-25, 2023. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1897/1469>. Acesso em: 09 out. 2024.

SANTOS, Raimundo Nonato Ribeiro dos; LIMA, Gláucio Barreto de; FREIRE, Isa Maria. Interfaces sociais da Ciência da Informação: competência em informação por pessoas LGBTI+. *In*: FARIAS, Gabriela Belmont de; FARIAS, Maria Giovanna Guedes. (org.). **Competência e Mediação da Informação**: percepções dialógicas entre ambientes abertos e científicos. São Paulo: Abecin, 2019. 300 p. p. 130-143. E-book. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/218/193>. Acesso em: 26 jan. 2024.

SANTOS NETO, João Arlindo dos; BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. A concepção de apropriação da informação nos periódicos da área "Comunicação e Informação" e anais do ENANCIB. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: Unesp, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/192084>. Acesso em: 26 jan. 2024.

SCHWARTZ, Suzana. **Motivação para ensinar e aprender**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2014. *E-book*.

SILVA, André Luiz Avelino da; VITORINO, Elizete Vieira; PISSANGO, Luciana Pimentel da Silva. Casas de acolhimento no Brasil e a população LGBTI+: reflexões, contextos e vulnerabilidades. **Educação, Cultura e Comunicação**, [S. /], v. 13, n. 26, p. 289-304, jul./dez. 2022.

SILVA, Arlete Ferreira da. **Proposta de um programa para desenvolvimento da competência em informação em bibliotecas universitárias para estudantes cegos**. 2019. 224 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Unidades de Informação) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1438/Arlete_Ferreira_da_Silva_15724381520282_1438.pdf. Acesso em: 18 jan. 2024.

SILVA, Arlete Ferreira da; SPUDEIT, Daniela. **Bibliotecas inclusivas: o que posso fazer para a inclusão das pessoas com deficiência visual?** São Paulo: ABECIN Editora, 2020. 185 p. *E-book*. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/219/194>. Acesso em: 23 jan. 2024.

SILVA, Bárbara Vítor; MARTINS, Dinalva Andrade; FONSECA, Matheus Pessoa; SILVA, Priscila G. Martins. A história do Setembro Azul ou Setembro Surdo: lutas e conquistas da comunidade surda. **Espaço do Conhecimento UFMG**. [201?]. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/a-historia-do-setembro-azul-ou-setembro-surdo/>. Acesso em: 05 jan. 2024.

SILVA, Carlos Robson Souza da; NUNES, Jefferson Veras; TEIXEIRA, Thiciane Mary Carvalho. Do conceito de informação ao discurso sobre competência em informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 2, p. 185-205, set. 2020/ fev. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/158094/167495>. Acesso em: 18 jan. 2024.

SILVA, Cícero Carlos de Oliveira da; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues. Percepções Sobre Biblioteca Inclusiva. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 1, n. 1, p. 30-43, jul. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/5/4>. Acesso em: 05 jan. 2024.

SILVA, Cleusangela Barros Meira. Mães surdas e ouvintes, várias possibilidades. *In: SignumWeb*. [S. /], 08 maio 2022. Disponível em: <https://blog.signumweb.com.br/curiosidades/maes-surdas-e-ouvintes-varias-possibilidades/>. Acesso em: 09 jan. 2024.

SILVA, Daniele Nunes Henrique; ABREU, Fabrício Santos Dias de. Narrativas de jovens surdos sobre seus processos de escolarização no Distrito Federal. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.20, n.42, p. 325-344, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/lc/v20n42/v20n42a06.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

SILVA, Mariana Madalena da; VOSS, Lilian Kelly de Almeida Figueiredo; SANTOS, Noélia Rodrigues dos. O ensino de Libras na universidade: narrativas discentes sobre as interações com um docente surdo. *In: SOUZA, Rita de Cácia Santos; VITORINO, Anderson Francisco; SOUZA, Adriana Alves Novais (org.). Educação de surdos: representações e diálogos contemporâneos*. Aracaju: Criação Editora, 2022. 240 p. p. 109-126. *E-book*. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Educacao-de-surdos.pdf>. Acesso em: 16 set. 2024.

SILVA, Silvana Araujo. **Curso a docência e a Libras no contexto inclusivo**. Universidade Estadual de Londrina (UEL): Núcleo de Acessibilidade (NAC), 2022.

SILVEIRA, Maria do Carmo da. **A competência informacional no contexto do autista: um recurso para atenuar o estresse parental**. 2015. 47 f. Orientador: Raimundo Nonato Macedo dos Santos. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação

em Gestão da Informação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/34889/1/Maria%20do%20Carmo%20da%20Silveira.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2024.

SIQUEIRA, Sandra Mara Alves; HUBLER, Sonia Maria Packer. A descoberta da surdez de recém-nascidos: algumas orientações às mães. **Caderno Acadêmico Unina**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 81-96, 2023. Disponível em: <https://revista.unina.edu.br/index.php/cau/article/view/189/135>. Acesso em: 05 set. 2024.

SIMONE. Mãe de surdo que ouve: os desafios e sentimentos. *In*: MOREIRA, Paula Pfeifer. **Crônicas da surdez**. [S. /], 29 mar. 2022. Disponível em: <https://cronicasdasurdez.com/mae-de-surdo-que-ouve/>. Acesso em: 09 jan. 2024.

SIQUEIRA, Sandra Mara Alves; HUBLER, Sonia Maria Packer. A descoberta da surdez de recém-nascidos: algumas orientações às mães. **Caderno Acadêmico Unina**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 81-96, 2023. Disponível em: <https://revista.unina.edu.br/index.php/cau/article/view/189/135>. Acesso em: 05 set. 2024.

SKLIAR, Carlos; QUADROS, Ronice. Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos. **Estilos Da Clínica**, São Paulo, v. 5, n. 9, 32-51, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/60913>. Acesso em: 20 abr. 2024.

SMIT, Johanna W. A informação na Ciência da Informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 84-101, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/48655/52726>. Acesso em: 18 jan. 2024.

SMITH, Caroline A.; PARTON, Chloe; KING, Marlee; GALLEGOS, Gisselle. Parents' Experiences of Information-seeking and Decision-making regarding Complementary Medicine for Children with Autism Spectrum Disorder: A Qualitative Study. **BMC Complementary Medicine and Therapies**, [S. /], v. 20, n. 1, Jan. 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s12906-019-2805-0>. Acesso em: 09 jan. 2024.

SOARES, Alessandra Miranda Mendes; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Ser mãe de pessoa com deficiência: do isolamento à participação social. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13TH WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 2017, Florianópolis. **Anais** [...] Florianópolis: 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499482236_ARQUIVO_Ser_maedepessoacomdeficiencia.pdf. Acesso em: 09 jan. 2024.

SOUZA; Adriana Alves Novais; SANTOS, Verônica Fortuna. Privação de linguagem no processo de aprendizagem do aluno surdo: percepções de profissionais que atuam

na educação de surdos. *In*: SOUZA, Rita de Cácia Santos; VITORINO, Anderson Francisco; SOUZA, Adriana Alves Novais (org.). **Educação de surdos: representações e diálogos contemporâneos**. Aracaju: Criação Editora, 2022. 240 p. p. 79-92. *E-book*. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Educacao-de-surdos.pdf>. Acesso em: 16 set. 2024.

SOUZA, Adriana Alves Novais; SOUZA, Rita de Cácia Santos. Uma análise das políticas de acesso à educação de alunos surdos: avanços e desafios. *In*: SOUZA, Rita de Cácia Santos; VITORINO, Anderson Francisco; SOUZA, Adriana Alves Novais (org.). **Educação de surdos: representações e diálogos contemporâneos**. Aracaju: Criação Editora, 2022. 240 p. p. 63-78. *E-book*. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Educacao-de-surdos.pdf>. Acesso em: 16 set. 2024.

SOUZA, Aurea Celeste Pires de; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Dimensões da competência em informação em relatos de experiência de práticas educativas. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, v. 17, publicação contínua, p. 1-18, 2023. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/15233/15756>. Acesso em: 15 set. 2024.

SOUZA, Maria Isabel de Abreu; SANTOS, Elaine Marcílio; MALAVASI, Abigail. A surdez e a família: reflexões sobre as implicações da notícia da surdez e as perspectivas dos pais. **Revista da Faculdade de Educação**, Cáceres, v. 37, n. 1, p. 43-54, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/5048/7234>. Acesso em: 09 jan. 2024.

SPUDEIT, Daniela Fernanda Assis de Oliveira. **Diretrizes para o desenvolvimento da competência em informação em bibliotecas públicas com foco nas pessoas em situação de rua**. 2021. 424 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/231102>. Acesso em: 08 jan. 2023.

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: https://www.cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/06/Tesis_Strobel_20082.pdf. Acesso em: 15 set. 2024.

SUNDIN, Olof; JOHANNISSON, Jenny. Pragmatism, neo-pragmatism and sociocultural theory: Communicative participation as a perspective in LIS. **Journal of Documentation**, [S. l.], v. 61, n. 1, p. 23-43, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Olof-Sundin-2/publication/235313060_Pragmatism_neo-pragmatism_and_sociocultural_theory_Communicative_participation_as_a_perspectiv

e_in_LIS/links/02e7e51ffb21b94ccb000000/Pragmatism-neo-pragmatism-and-sociocultural-theory-Communicative-participation-as-a-perspective-in-LIS.pdf. Acesso em: 18 jan. 2024.

TAVARES, Rosana Carneiro. O sentimento de pertencimento social como um direito universal. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 15, n. 106, p. 179-201, jan./jun. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-8951.2014v15n106p179/pdf_7. Acesso em: 18 jan. 2024.

TEIXEIRA, Fernanda Felite. **As abordagens do campo dos estudos de usuários de informação na perspectiva da população de mães atípicas em rede social**. 2024. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/srv-c0003-s01/api/core/bitstreams/702062c7-7872-45ba-9ff0-ed78b2600856/content>. Acesso em: 30 out. 2024.

TEIXEIRA, Flávio Silva; SANTOS, Julia Schettino Jacob dos, MATA, Marta Leandro da. Desenvolvimento da competência em informação e combate à desinformação nos currículos de Biblioteconomia das universidades federais do Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 19, p. 01-28, 2023. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1791/1454>. Acesso em: 08 jan. 2024.

TORQUATO, Lehy Chung Baik. **O uso de jogos educacionais em crianças com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH): desafios da competência informacional**. 2020. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/14842/C%c3%b3pia%20de%20DISSERTA%c3%87%83O%20LEHY%20TORQUATO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 jan. 2024.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL). Núcleo de Acessibilidade (NAC). **Curso a docência e a Libras no contexto inclusivo**. 2022.

URIBE TIRADO, Alejandro. 75 lições aprendidas de programas de competência em informação em universidades da Ibero-América: 2009-2013. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 4-18, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.aacademica.org/alejandro.uribe.tirado/18.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.

URIBE TIRADO, Alejandro. Interrelaciones entre veinte definiciones-descripciones del concepto de alfabetización en información: propuesta de macro-definición. **ACIMED**,

[S. /], v. 20, n. 4, p. 1-22, 2009. Disponível em:
<http://scielo.sld.cu/pdf/aci/v20n4/aci011009.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2024.

VANSTEENKISTE, Maarten; RYAN, Richard M.; SOENENS, Bart. Basic psychological need theory: Advancements, critical themes, and future directions. **Motivation and Emotion**, [S. /], v. 44, p. 1-31, Jan. 2020. Disponível em:
https://selfdeterminationtheory.org/wp-content/uploads/2020/03/2020_VansteenkisteRyanSoenens_BPNSIntro_MOEM.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

VICENTE, Reginandréa Gomes; CAMPOS, Ana Luíza Valença. A comunicação entre famílias ouvintes e filhos surdos: um estudo exploratório. **Revista Psicologia e Saúde em Debate**, [S. /], v. 9, n. 1, p. 238-252, maio 2023. Disponível em:
<https://www.psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/965/577>. Acesso em: 05 set. 2024.

VITORINO, Elizete Vieira. A competência em informação e a vulnerabilidade: construindo sentidos à temática da "vulnerabilidade em informação". **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 47 n. 2, p.71-85, maio/ago. 2018. Disponível em:
<https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4187/3794>. Acesso em: 16 out. 2024.

VITORINO, Elizete Vieira. Indicadores para a competência em informação no Brasil: virtudes, tendências e possibilidades. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 7-36, abr./jun. 2022. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/39996/30698>. Acesso em: 08 jan. 2024.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. **Competência em informação: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2020. 205 p. *E-book*. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/212553/E-book%20Compet%caancia%20em%20informa%ca7%ca3o%2031ago20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 jan. 2024.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p. 130-141, set./dez. 2009. Disponível em:
<https://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a09>. Acesso em: 08 jan. 2024.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Dimensões da competência informacional (2). **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 40, n. 1, p. 99-110, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1328/1507>. Acesso em: 17 out. 2024.

VITORINO, Elizete Vieira; PINHO NETO, Júlio Afonso Sá de. Indicadores sociais e de vulnerabilidade social: características e possíveis usos na avaliação da Competência em Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 28, Fluxo Contínuo, p. 1-36, 2023: e-42513. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/42513/38077>. Acesso em: 08 jan. 2024.

VIVA - a vida é uma festa. Direção: Adrian Molina e Lee Unkrich. Estados Unidos da América: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2017.

WEBCONCIB. A biblioteca e a pessoa com deficiência. 22 jun. 2020. 1 vídeo (57min45s). [Live]. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=SM0h8gb7awM>. Acesso em: 26 jan. 2024.
Participação de Keyla Rosa de Faria.

WELLICHAN, Danielle da Silva Pinheiro. **Atendimento a usuários com deficiência**: contexto e formação de equipes em bibliotecas universitárias. 2022. 171 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2022. Disponível em:
https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/234516/wellichan_dsp_dr_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 05 jan. 2024.

WELLICHAN, Danielle da Silva Pinheiro; MANZINI, Eduardo José. Com a palavra, o usuário com deficiência e a realidade vivenciada nas bibliotecas. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 29, p. 1-25, 2023. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/126836>. Acesso em: 26 jan. 2024.

WELLICHAN, Danielle Silva Pinheiro; MANZINI, Eduardo José. Usuários da informação com deficiência em bibliotecas: uma análise da produção científica em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 172-203, jul./set. 2021. Disponível em:
<https://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/105894/61850>. Acesso em: 05 jan. 2024.

WORLD report on hearing. Geneva: World Health Organization; 2021.

YAMADA, Midori Otake; MORETTI, Cibelle Nunes; PRADO, Mariani da Costa Ribas do; BEVILACQUA, Maria Cecília. A relação mãe-bebê com deficiência auditiva no processo de diagnóstico. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 460-478, dez. 2014. Disponível em:
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9523.2014V20N3P460/8154>. Acesso em: 09 jan. 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista

Apêndice A- Roteiro da entrevista

Seu filho é: criança, adolescente ou adulto? Qual a idade dele?

1) Você precisou de informação sobre a surdez no decorrer da vida do seu filho? Cite exemplos de informações que necessitou.

Reformulando ou contextualizado a pergunta:

- () informação sobre saúde e tratamentos (implante coclear)
- () informação sobre Libras ou outras formas de comunicação
- () Informação sobre a escola
- () informação sobre os direitos de seu filho, direitos da família
- () informação sobre a Associação de Pais
- () informação sobre a Instituição Especializada na Área da Surdez

2) Onde ou com quem você buscou essas informações; e quais ações que realizou para acessar e usar a informação?

Reformulando ou contextualizado a pergunta:

Onde:

- () hospital
- () posto de saúde
- () escola
- () instituição especializada
- () biblioteca
- () livros
- () internet
- () redes sociais

comunidade surda

Quem? médico e enfermeiras, professores, família, associação de pais,
 amigos, outra mãe

Ações? conversou com alguém, usou redes sociais ou a internet, fez uma pesquisa

3) Explique as dificuldades ou facilidades que encontrou ao buscar informação sobre a surdez.

Reformulando ou contextualizado a pergunta:

Dificuldades:

dificuldade de conversar com outras mães

dificuldade de falar sobre a surdez

dificuldade de entender as informações

dificuldade de usar recursos tecnológicos

Facilidade:

foi fácil encontrar informações sobre a surdez

foi fácil conversar

foi fácil aprender mais sobre a surdez

4) Você já participou ou participa de algum curso de Libras ou eventos promovidos pela escola ou outra instituição? Dê exemplos. E a escola de seu filho desenvolve atividades para aconselhar e auxiliar as famílias das pessoas surdas?

Reformulando ou contextualizado a pergunta:

- a) A instituição especializada ou escola promove alguma reunião, grupo de mães, uma atividade no mês da surdez? Cite exemplos
- b) Você participa quando tem uma apresentação do seu filho?

- c) Tem alguma oportunidade para conversar sobre a surdez aqui na escola? Com quem? Outros pais, com as professoras?

5) Você participou de algum curso ou evento para aprender mais sobre a surdez por vontade própria e você frequenta a Associação de Pais? Por quê?

Reformulando ou contextualizado a pergunta:

- a) Você sentiu vontade de participar ou alguém te motivou, te convidou?
- b) Você frequenta a Associação de Pais porque...
- c) Você não frequenta a Associação de Pais porque...

6) Para você a informação ou o aprendizado pode fazer com que se sinta parte da comunidade surda? Explique como isso se dá? Quais os benefícios disso para o filho?

Reformulando ou contextualizado a pergunta:

- a) Essas informações ou tudo que você aprendeu até aqui te faz sentir parte do grupo de surdos, do grupo de pais, do grupo de mães?
- b) Você percebe que isso é bom para o seu filho e para você?

7) O fato de sentir-se parte desta comunidade escolar tem contribuído para que busque e use informações quando precisa tomar alguma decisão?

Reformulando ou contextualizado a pergunta:

- a) Conforme você se sente parte da escola, você tem vontade de aprender mais, você busca outros conhecimentos e isso te ajuda no dia-a-dia? Exemplo aqui na instituição eu aprendi que Libras é importante e eu defendo a Língua de Sinais...
- b) O que mais você aprendeu que usa no seu dia-a-dia?

8) Sentir-se aceita e integrada colabora para o seu aprendizado? Comente sobre isso.

Reformulando ou contextualizado a pergunta:

- a) Você acredita que se sentir vinculada e aceita pelas outras mães e pais ajuda no seu aprendizado? Por que?

9) Quais habilidades ou aprendizado que você gostaria de ter para melhor lidar com as informações?

Reformulando ou contextualizado a pergunta:

- a) Você gostaria de saber outras coisas que ainda não sabe, por exemplo gostaria de saber mais sobre Libras ou Português, gostaria de conhecer outras mães, gostaria de usar mais as redes sociais para compartilhar informações...

10) Você conversa sobre a surdez de seu filho com alguém? Compartilha experiências ou é amiga de outras mães ou pais?

Reformulando ou contextualizado a pergunta:

- a) Sobre o que vocês conversam, sobre a escola, sobre o aprendizado do seu filho, sobre os eventos, ou coisas do dia a dia...
- b) Você não conversa, por que?

11) Gostaria de comentar algo mais sobre sua experiência de mãe?

Reformulando ou contextualizado a pergunta:

Essa experiência de mãe de uma pessoa com surdez foi difícil, foi fácil, você gostaria de acrescentar algo que não comentamos

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DA
ENTREVISTA**

Apêndice B – Termo De Consentimento Livre E Esclarecido (Entrevista)*

A competência em informação e a necessidade de pertencimento das mães de pessoas com surdez

Prezada Senhora:

Gostaríamos de convidá-la para participar da pesquisa **A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E A NECESSIDADE DE PERTENCIMENTO DAS MÃES DE PESSOAS COM SURDEZ**, a ser realizada no **Centro de Atendimento Especializado na Área da Surdez do município de Iporã (CAESMI)**. O objetivo da pesquisa é analisar as relações entre a competência em informação e a percepção de pertencimento das mães de pessoas com surdez; caracterizar as habilidades informacionais das mães de pessoas com surdez em relação à competência em informação; identificar as variáveis que implicam na satisfação da necessidade de pertencimento das mães de pessoas com surdez; verificar a relação dessas variáveis com a competência em informação das mães de pessoas com surdez e propor princípios para promoção da competência em informação e do pertencimento das mães de pessoas com surdez. Sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma: **responder a uma entrevista**.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa (ou para esta e futuras pesquisas) e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. O tempo médio gasto para que você responda a entrevista será 40 minutos.

Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerada por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Os benefícios esperados consistem na identificação das necessidades informacionais e das dificuldades que as mães podem possuir no momento de buscar e usar a informação. Com isso, apontar como a necessidade de pertencimento contribui para a formação das habilidades para a competência em informação.

Quanto aos riscos, estamos conscientes e de acordo com a resolução 466/2012 e a complementar 510/2016, de que a pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. A pesquisa apresentada pode provocar alguns desconfortos ou riscos de gradação mínima. Os benefícios esperados superam os riscos mínimos. Desta forma, os pesquisadores comprometem-se em tomar providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar desconfortos ou riscos e, caso ocorram, providenciaremos o necessário para o atendimento do participante e estamos à disposição para sermos contatados por e-mail e telefone, conforme seguem: **Ana Paula Pereira, Rua Assaí, número 77, Jardim San Rafael, Iporã-Paraná; telefone (43) 99955-8093 e pelo e-mail appuel@yahoo.com.br**, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone (43) 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Iporã, ____ de _____ de 2024.

Ana Paula Pereira
RG: 10.757.500-6

_____, (NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

*Termo de Consentimento Livre Esclarecido apresentado, atendendo, conforme normas da Resolução 466/2012 de 12 de dezembro de 2012.

**APÊNDICE C – QUESTIONÁRIOS COMPLEMENTARES PARA AS MÃES SURDA
E OUVINTE**

Apêndice C- Questionário aplicado para mãe surda

- 1) Você sabe Libras? Acha fácil ou difícil?
- 2) Você brinca com a sua filha? Quais brincadeiras? Exemplo: jogos, boneca, entre outros que você gostaria de mencionar.
- 3) Você consegue conversar com pessoas ouvintes quando vai numa consulta médica da sua filha? E quando leva sua filha na escola, como é a conversa com as pessoas? Comente.
- 4) Cite exemplos de aprendizados para auxiliar sua filha surda. Exemplo: estou aprendendo mais Libras, entre outros que você gostaria de mencionar.
- 5) Você consegue ensinar sua filha surda? Exemplo: ensinar alguns sinais, entre outras coisas. Comente.

Apêndice C- Questionário aplicado para mãe ouvinte

- 1) O que você acha que poderia ter nesta instituição para contribuir com o aprendizado de seu filho? Exemplos: jogos, brinquedos, curso de desenho, entre outros que você gostaria de mencionar.
- 2) O que você acha que poderia ter nesta instituição para contribuir com o aprendizado das mães? Exemplo: curso, atendimento com profissionais: advogado, psicólogo, entre outros que você gostaria de mencionar.
- 3) Qual a importância desta instituição para você? Sem uma instituição especializada na surdez como teria sido sua vida?
- 4) Cite exemplos de atividades que esta instituição desenvolve e que você participa. Você dá sugestões de atividades? Exemplo: teatro, Semana da Surdez, entre outros que você gostaria de mencionar.
- 5) Você acha importante saber Libras? Por quê?

**APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(QUESTIONÁRIOS)**

Apêndice D- Termo De Consentimento Livre E Esclarecido (Questionário)*

A competência em informação e a necessidade de pertencimento das mães de pessoas com surdez

Prezada Senhora:

Gostaríamos de convidá-la para participar da pesquisa **A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E A NECESSIDADE DE PERTENCIMENTO DAS MÃES DE PESSOAS COM SURDEZ**, a ser realizada no **Centro de Atendimento Especializado na Área da Surdez do município de Ibiporã (CAESMI)**. O objetivo da pesquisa é analisar as relações entre a competência em informação e a percepção de pertencimento das mães de pessoas com surdez; caracterizar as habilidades informacionais das mães de pessoas com surdez em relação à competência em informação; identificar as variáveis que implicam na satisfação da necessidade de pertencimento das mães de pessoas com surdez; verificar a relação dessas variáveis com a competência em informação das mães de pessoas com surdez e propor princípios para promoção da competência em informação e do pertencimento das mães de pessoas com surdez. Sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma: **responder cinco questões**.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa (ou para esta e futuras pesquisas) e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. O tempo médio gasto para que você responda a entrevista será 40 minutos.

Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerada por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Os benefícios esperados consistem na identificação das necessidades informacionais e das dificuldades que as mães podem possuir no momento de buscar e usar a informação. Com isso, apontar como a necessidade de pertencimento contribui para a formação das habilidades para a competência em informação.

Quanto aos riscos, estamos conscientes e de acordo com a resolução 466/2012 e a complementar 510/2016, de que a pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. A pesquisa apresentada pode provocar alguns desconfortos ou riscos de gradação mínima. Os benefícios esperados superam os riscos mínimos. Desta forma, os pesquisadores comprometem-se em tomar providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar desconfortos ou riscos e, caso ocorram, providenciaremos o necessário para o atendimento do participante e estamos à disposição para sermos contatados por e-mail e telefone, conforme seguem: **Ana Paula Pereira, Rua Assaí, número 77, Jardim San Rafael, Ibiporã-Paraná; telefone (43) 99955-8093 e pelo e-mail appuel@yahoo.com.br**, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone (43) 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Ibiporã, ____ de _____ de 2024.

Ana Paula Pereira

RG: 10.757.500-6

(**NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA**), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

*Termo de Consentimento Livre Esclarecido apresentado, atendendo, conforme normas da Resolução 466/2012 de 12 de dezembro de 2012.

APÊNDICE E- QUESTÃO GERATIVA DE NARRATIVA

Apêndice E- Questão Gerativa de Narrativa

Para Batista (2006, p. 48) "São as mães que buscam conciliar as tarefas de dona de casa e cuidadora, que mantêm a ordem familiar e zelam pelo filho surdo e suas demandas". Você acredita que as mães, tanto ouvintes quanto surdas, tem dificuldades para lidar com a surdez do filho? Você compartilha informações ou desenvolve atividades com elas? Você percebe que as mães criam laços com esta instituição? Gostaria que você relatasse sua experiência com as mães de pessoas surdas da instituição que você atua.

**APÊNDICE F - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(QUESTÃO GERATIVA DE NARRATIVA)**

Apêndice F- Termo De Consentimento Livre E Esclarecido (Questão Gerativa de Narrativa)*

A competência em informação e a necessidade de pertencimento das mães de pessoas com surdez

Prezado (a) Senhor (a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar da pesquisa **A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E A NECESSIDADE DE PERTENCIMENTO DAS MÃES DE PESSOAS COM SURDEZ**, a ser realizada no **Centro de Atendimento Especializado na Área da Surdez do município de Ibiporã (CAESMI)**. O objetivo da pesquisa é analisar as relações entre a competência em informação e a percepção de pertencimento das mães de pessoas com surdez; caracterizar as habilidades informacionais das mães de pessoas com surdez em relação à competência em informação; identificar as variáveis que implicam na satisfação da necessidade de pertencimento das mães de pessoas com surdez; verificar a relação dessas variáveis com a competência em informação das mães de pessoas com surdez e propor princípios para promoção da competência em informação e do pertencimento das mães de pessoas com surdez. Sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma: **responder a uma questão gerativa de narrativa**.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa (ou para esta e futuras pesquisas) e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. O tempo médio gasto para que você responda a entrevista será 40 minutos.

Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerada por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Os benefícios esperados consistem na identificação das necessidades informacionais e das dificuldades que as mães podem possuir no momento de buscar e usar a informação. Com isso, apontar como a necessidade de pertencimento contribui para a formação das habilidades para a competência em informação.

Quanto aos riscos, estamos conscientes e de acordo com a resolução 466/2012 e a complementar 510/2016, de que a pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. A pesquisa apresentada pode provocar alguns desconfortos ou riscos de gradação mínima. Os benefícios esperados superam os riscos mínimos. Desta forma, os pesquisadores comprometem-se em tomar providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar desconfortos ou riscos e, caso ocorram, providenciaremos o necessário para o atendimento do participante e estamos à disposição para sermos contatados por e-mail e telefone, conforme seguem: **Ana Paula Pereira, Rua Assaí, número 77, Jardim San Rafael, Ibiporã-Paraná; telefone (43) 99955-8093 e pelo e-mail appuel@yahoo.com.br**, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone (43) 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Ibiporã, ____ de _____ de 2024.

Ana Paula Pereira
RG: 10.757.500-6

(NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

*Termo de Consentimento Livre Esclarecido apresentado, atendendo, conforme normas da Resolução 466/2012 de 12 de dezembro de 2012.

APÊNDICE G - ROTEIRO DA OBSERVAÇÃO DO DIA NACIONAL DOS SURDOS

Apêndice G- Roteiro da Observação do Dia Nacional dos Surdos

- 1) Participantes: quem são?
- 2) Conteúdo e programação do evento: atividades que foram desenvolvidas
- 3) Informações compartilhadas: tipo de informação e quem compartilhou
- 4) Relações com o pertencimento: as ações promoveram o pertencimento/acolhimento conforme foram sendo desenvolvidas?